
AN AGE GAP
MAFIA ROMANCE
DARKEST
PERFECTLY IMPERFECT SERIES
sins
NEVA ALTAJ

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PROIBIDA A VENDA DESTE LIVRO.

É PARA USO GRATUITO.

DE FÃS PARA FÃS



Warrior

Jewell Designs

Abril 2024

Série Perfectly Imperfect
Neva Altaj

(Ordem de Leitura e Enredos)

1. ***Painted Scars (Nina & Roman)***
   Herói deficiente, casamento falso, age-gap, atração de opostos, herói possessivo/ciumento
2. ***Broken Whispers (Bianca & Mikhail)***
   Heróis com cicatrizes/deficiente, heroína muda, casamento arranjado, age-gap, a bela e a fera, herói possessivo/ciumento acima da média
3. ***Hidden Truths (Angelina & Sergei)***
   Age-gap, herói quebrado, só ela o acalma
4. ***Ruined Secrets (Isabella & Luca)***
   Casamento arranjado, age-gap, herói possessivo/ciumento acima da média
5. ***Stolen Touches (Milene & Salvatore)***
   Casamento arranjado, herói deficiente, age-gap, herói sem emoções, herói possessivo/ciumento acima da média
6. ***Fractured Souls (Asya & Pavel)***
   Age-gap, ele a ajuda a se curar, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento, ele acha que não é bom o suficiente para ela
7. ***Burned Dreams (Ravenna & Alessandro)***
   Guarda-costas, amor proibido, vingança, inimigos para amantes, age-gap, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento
8. ***Silent Lies (Sienna & Drago)***
   Herói surdo, casamento arranjado, age-gap, herói taciturno, heroína otimista, atração de opostos, herói super possessivo/ciumento
9. ***Darkest Sins (Nera & Kai)***
   Heroína otimista, herói taciturno, atração de opostos, age-gap, herói perseguidor, só ela pode acalmá-lo, ele odeia todo mundo menos ela, toque nela e morra
10. ***Sweet Prison (Zahara e Massimo)***
    Age-gap, romance proibido, só ela pode acalmá-lo,
    atração de opostos, ele odeia todo mundo, menos ela, toca nela e morre,
    herói exageradamente possessivo/ciumento.

Sinopse

Nera

Numa noite de sangue e morte, o destino nos uniu.
Pensei que estava salvando a vida de um homem inocente,
um homem que nunca mais veria.
Estava errada.
Uma ligeira mudança no ar.
Um brilho de olhos prateados na escuridão.
Posso não vê-lo, mas sei que ele está lá.
Meu anjo da morte,
à espreita nas sombras,
cuidando de mim.
Protegendo-me,
Antes de desaparecer no ar,
Até nos encontrarmos novamente.
Um homem que levou um tiro por mim,
mas não me toca, não me ama,
nem mesmo compartilha seu nome.

Kai

Escuridão. Dor. Sangue.
É tudo que eu já conheci.
Uma casca vazia de um ser humano,
Sem coração. Sem alma. Sem sonhos.
Cercado pela morte, eu era um homem morto caminhando.
Mas então, a luz dela brilhou através da minha escuridão,
dando vida à minha alma morta.
Minha destemida tigresa,
Minha única razão para continuar vivendo.
Cada vez que tenho que deixá-la na luz,
Meu coração negro se parte e sangra,
Enquanto me retiro para as sombras,
Onde pertenço.

Não posso mudar o passado,
não posso retirar o que fiz.
Meu pecado mais sombrio.

Nota da Autora

Meu querido leitor,

Gostaria de pedir um favor a você. Ao deixar a resenha, por favor, mantenha-a livre de spoilers! Permita que outros leitores descubram por conta própria qual é o pecado mais sombrio de Kai. Como pode imaginar, esse é o elemento-chave que move a história, e revelá-lo antecipadamente pode influenciar o prazer de outros amantes de livros como você.

Muito obrigada.

Espero que ame a jornada de Kai e Nera tanto quanto eu.

Com amor,

Neva

Aviso de Conteúdo

Esteja ciente de que este livro tem conteúdo que alguns leitores podem achar perturbador, como sangue, violência, tentativa de agressão sexual (não pelos personagens principais), abuso, ferimentos autoinfligidos, crueldade contra animais (não pelos personagens principais, esse capítulo será indicado no livro caso você precise pular) e descrições gráficas de tortura.

Esta é uma obra de ficção. Não tente realizar nenhum dos procedimentos médicos descritos em casa. Se precisar de ajuda, consulte os serviços profissionais.

Prólogo

Dias Atuais

Leone Villa, Boston

(Kai 34 anos, Nera 24 anos)

Nera

Ele está aqui.

Meus olhos ainda não estão ajustados à escuridão circundante, então não consigo discernir nada, exceto as formas gerais dos móveis da minha sala de estar. Nada se move. Nenhum som, a não ser o da minha respiração.

Nada.

Mas sei que ele está aqui.

É um sexto sentido que se infiltrou em meus ossos anos atrás, desde o primeiro momento em que o conheci. Sua presença cria uma mudança imperceptível no ar, agitando os próprios átomos ao meu redor. Não preciso vê-lo ou ouvi-lo se mover para saber que ele está lá. Meu corpo e minha mente podem senti-lo. Sempre puderam.

Fecho os olhos e começo a me virar lentamente, sem ouvir nada além dos batimentos cardíacos. Está mais rápido do que o normal, mas constante. Estou quase completando a curva quando meu coração dispara. Lá. Quando abro os

olhos, a escuridão ainda é a única coisa que me recebe, mas isso não importa. Sei que ele está bem na minha frente.

Meu coração sempre sabe.

— Faz muito tempo que não nos vemos, tigresa. — A voz profunda e rouca me invade.

Ouvir isso é como ser envolvida por um cobertor grosso e fofo. Estou segura e protegida, em um lugar onde ninguém pode me fazer mal. Por algumas batidas rápidas, eu deixo que ele se afunde, absorvendo as vibrações de seu tom. O som é diferente da última vez que o vi, sua voz é mais crua de alguma forma, mas é ele. Quantas noites sem dormir eu passei enrolada em minha cama, tentando reviver o timbre específico dele? Provavelmente centenas.

A lâmpada de leitura na mesa lateral se acende e seu brilho fraco ilumina parcialmente a enorme estrutura masculina recostada na poltrona reclinável. Na maior parte do tempo, seu rosto permanece nas sombras; apenas dois olhos prateados parecem brilhar na escuridão ao redor.

É um soco no peito vê-lo novamente depois de todo esse tempo.

— Pensei que estivesse morto, — eu me engasguei.

Ele inclina a cabeça para o lado e mais luz incide sobre seu rosto, permitindo-me vislumbrar seus lábios apertados e mais... Uma cicatriz na bochecha esquerda - uma linha irregular de carne levantada, que começa no canto da boca e se curva em direção à orelha. Outra mancha a pele acima da sobrancelha esquerda e outras duas são visíveis no queixo, um pouco obscurecidas pela barba escura que cobre o maxilar. Nada disso marcava seu rosto na última vez em que o vi.

O desejo de correr até ele me domina, mas eu o elimino. Meus pés permanecem firmes no chão, meus olhos fixos no homem que já foi tudo para mim. Em muitas noites, fiquei deitada na cama imaginando como seria vê-lo novamente. Eu sabia que iria doer. Mas não esperava que fosse doer *tanto*.

O tempo é uma coisa complicada. Horas. Dias. Anos. O cérebro humano tem uma capacidade limitada de armazenar informações e, à medida que o tempo passa, lentamente e sem noção, ele se esquece das coisas. Sons. Cheiros. Palavras. Situações. As lembranças se desprendem e são varridas pelos ventos do tempo, como folhas secas esvoaçando na brisa pouco antes do início do inverno. E quando a primavera chega, a única coisa que resta é uma vaga consciência de sua existência passada.

Tempo.

Dizem que o tempo cura todas as feridas.

Tudo isso é mentira e um monte de besteira.

O tempo não tirou minhas lembranças dele, mesmo que eu tenha desejado isso em várias ocasiões. Ainda me lembro de tudo sobre esse homem.

— Sentiu minha falta? — ele pergunta com aquela voz rouca, o tom que me faz lembrar de uma tempestade que se aproxima, no instante anterior ao primeiro estalo do trovão.

Sentir falta dele? Não, essa palavra não descreve a angústia e o desespero dos últimos quatro anos. A esperança desesperada que senti ao vasculhar cada canto escuro, rezando para vê-lo de relance. E depois, a inevitável decepção e agonia ao descobrir que ele não estava lá. Como sempre senti seus olhos em mim, mesmo quando não podia vê-lo, a súbita certeza de que ele realmente havia partido foi esmagadora. O horror tomou conta de mim quando finalmente aceitei que ele havia morrido e que eu nunca mais o veria.

— É difícil sentir falta de um homem cujo nome eu nem sei. — Uma dor quase física aperta meu peito. Durante todo esse tempo, ele me deixou acreditar que estava morto.

Um canto de seus lábios se inclina para cima, tornando a nova cicatriz em seu rosto mais proeminente.

— Também senti sua falta, tigresa, — ele sussurra, levantando uma grande arma preta, equipada com um supressor. — Não se mova.

Minha respiração para.

O disparo abafado de uma arma ecoa pelo ar.

PARTE 1

Passado

Capítulo 1

5 anos atrás

(Nera 19 anos, Kai 29 anos)

Nera

— Minha querida Nera, você está deslumbrante esta noite. — A mulher em um vestido de seda vermelho-escuro se inclina para me dar um rápido beijo na bochecha. Seu perfume pesado invade minhas narinas, e eu me esforço para abafar uma tosse. — Simplesmente brilhante.

— Obrigada. — Dou um sorriso, que é tão falso quanto os sentimentos da mulher.

Fiquei menstruada ontem e passei a noite inteira me revirando, sem conseguir dormir porque as cólicas estavam me matando. Tenho olheiras que a base não conseguiu cobrir, e tenho certeza de que meu rosto ainda está inchado. Nós duas sabemos que estou parecendo um desastre, mas ninguém jamais ousaria dizer algo do gênero para a filha de Núncio Veronese.

— E adoro a blusa que está usando, — continua ela. — Quem é o estilista? Deve ser uma grife super cara.

— Minha irmã fez, — murmuro e dou uma olhada por cima do ombro, procurando minha amiga Dania, esperando que ela me salve.

— Oh. É adorável. — Ela sorri. — Eu estava dizendo a Oreste que vocês dois

formariam um casal perfeito. Vou dizer-lhe para ligar para você na próxima semana, Nera, minha querida. Ele acabou de comprar um carro novo, o último modelo da Tesla, e tenho certeza de que você gostaria de dar uma volta.

Eu me arrepio. Oreste é um conhecido devasso que usa muito gel no cabelo e praticamente toma banho de colônia, ainda pior do que a mãe dele.

— Estou ocupada na próxima semana. Talvez em outro momento.

— Perfeito. Tenho certeza de que Don Veronese aprovaria que vocês dois se encontrassem. — Ela sorri e se inclina para sussurrar em meu ouvido. — Seu pai gosta muito do meu filho, e tenho certeza de que ele está pensando em fazer de Oreste um capo.

E aí está. O verdadeiro motivo pelo qual ela está tentando me juntar à sua prole. Não porque ela goste de mim, ou porque acredite que realmente faríamos um bom par, mas porque o filho dela teria mais facilidade para subir na hierarquia com a filha do dono como namorada. Isso nem me surpreende mais.

— Tenho certeza de que sim. Ah, ali está Dania. Preciso ir cumprimentá-la. — Pego um copo de limonada gelada na mesa próxima e corro em direção à minha amiga do outro lado do jardim. Ela está tentando freneticamente chamar um garçom e está completamente alheia à minha lenta sufocação pela educação social. Mantenho o foco na minha melhor amiga enquanto me espremo entre os convidados da festa, esperando não ser pega por um contato visual indesejado com outra pessoa.

— Nera, querida! — Alguém de um grupo à minha esquerda roça meu braço quando passo por eles. — Seu cabelo está maravilhoso.

— Obrigada. — O rabo de cavalo no topo da minha cabeça não é nada impressionante, mas foi o máximo de esforço que consegui fazer depois de lavar o cabelo hoje de manhã.

— Oh, Nera, eu não sabia que estava aqui. — Um cara que parece vagamente

familiar se materializa bem na minha frente, fazendo-me parar de repente. Acho que ele é um dos sobrinhos do subchefe. — Isto aqui é muito chato. Que tal sairmos de fininho e irmos tomar um drinque em algum lugar?

— Hum, não. Obrigada. — Eu o contorno, mas fico cara a cara com Jaya, a prima de Dania.

— Sentimos sua falta no sábado. — Ela me dá um sorriso enorme e falso. — Melinda ficou desapontada quando você não apareceu.

Sim, tenho certeza de que a irmã dela ficou arrasada por eu não ter ido ao chá de bebê dela. Não porque ela quisesse que eu estivesse lá para compartilhar sua felicidade, mas porque agora ela não pode dizer que a filha do Don foi à sua festa.

— Eu só encontrei sua irmã uma vez, Jaya, — eu digo. — Você me convidou para o aniversário dela, mas quando cheguei, ela só pegou o presente e nem se deu ao trabalho de se apresentar para mim.

— Ela não sabia quem você era! Se soubesse, tenho certeza de que a teria tratado de forma diferente.

— Exatamente o que quero dizer. Por favor, transmita meus melhores votos.

Deixo Jaya olhando para minhas costas e corro para Dania. Ao que parece, ela está tentando convencer o pobre garçom a lhe trazer uma bebida alcoólica.

— Preciso sair daqui, — sussurro ao puxar seu braço. — Agora.

— Claro. — Ela pega uma taça de vinho branco da bandeja do garçom e deixa que eu a arraste pelo gramado em direção à fonte de pedra nos fundos do jardim.

— Isso deve funcionar. — Faço um gesto para o banco de ferro ao lado da fonte de água e me sento. A sombra de um grande carvalho nos esconde nesse local, apesar dos postes de luz próximos.

Dania dá uma olhada por cima do ombro para a multidão que está curtindo a noite do lado de fora da mansão em estilo colonial do outro lado da propriedade.

— Você acha que alguém vai notar nossa ausência?

— Algum figurão fará um discurso em breve. Todos estarão ocupados demais ouvindo suas divagações e batendo palmas como idiotas sem noção. — Tomo um gole de minha limonada. — Papai disse que eles conseguiram persuadir esse cara a aprovar um projeto de lei no Legislativo estadual que ajudará a família.

— Algo sobre cassinos?

— Pode ser. Não estou a par de todos os empreendimentos comerciais desde que saí de casa.

— Ainda não acredito que o Don deixou você sair de casa. — Ela se senta ao meu lado.

— Eu também não. — Dou de ombros. — Quando lhe disse que tinha comprado uma casa com o dinheiro que mamãe me deixou, ele teve um ataque. Recebi um longo sermão sobre como é ultrajante para a filha do Núncio Veronese morar sozinha, em um apartamento de merda. 'O que as pessoas diriam?'.

— Então, você conseguiu convencê-lo?

— Eu tentei. Ele ameaçou me arrastar de volta para casa se eu ousasse ir embora, depois me expulsou do escritório dele. Mas na semana seguinte, ele me disse que tinha pensado sobre o assunto e decidiu me deixar ter meu espaço.

— Gostaria que meu pai fosse mais parecido com o seu. — Dania toma um grande gole do copo e tosse. — Vou fazer vinte anos no mês que vem. Meu pai já começou a bancar o casamenteiro. No ano que vem, por esta época, estarei casada.

Eu me encolho. — Lamento.

— E quanto a você?

— Graças a Deus, não estamos fazendo nenhum casamento arranjado no momento. Eu disse ao meu pai que estou cansada de não fazer nada todos os dias e que quero ir para a faculdade, ou pelo menos fazer alguns cursos on-line, antes

de deixá-lo me prender em um casamento arranjado. Quando ele discordou, eu lhe disse que me despiria e sairia dançando pela City Hall Plaza, arruinando minha reputação e, possivelmente, todas as perspectivas de casamento futuro - para sempre.

— Acho que você ainda será um bom partido, mesmo depois de mostrar sua bunda nua. — Dania ri.

— Talvez. Mas você consegue imaginar o escândalo que isso criaria? Meu traseiro seria o assunto principal das fofocas da Cosa Nostra durante anos.

— Eu ainda não entendo por que você quer ir para a faculdade. Vocês são tão ricos que nunca precisará trabalhar um dia sequer na vida. E tenho quase certeza de que, quando se casar, seu marido não permitirá que tenham um emprego de qualquer maneira.

— Eu sei. Mesmo assim, fui aceite no programa de tecnologia veterinária on-line. Vou começar as aulas neste outono.

Dania se engasga com o vinho, cuspindo para todos os lados, e começa a rir. — A filha do Don, dando injeções em galinhas e ajudando a parir leitões?!

— Bem, acho que talvez eu tenha que passar por tudo isso em algum momento. — Eu também ri.

— Então, esse é o verdadeiro motivo pelo qual você começou a ajudar na clínica veterinária! Achei que estava apenas entediada.

— Digamos que eu precisava mudar de ares. E é divertido. Trouxeram um cachorro de rua na semana passada e eu pude ver o veterinário costurar um ferimento no estômago do pequeno malandro.

— Nera! Isso é nojento.

— Na verdade, não. Eu gosto bastante disso. Fingir ter uma vida normal e tudo mais. — Suspiro. — A mãe de Oreste me encurralou mais cedo. Ela quer me apresentar a ele. Acho que vou encerrar a noite e voltar para casa.

— E quanto à sua equipe de segurança?

Inclino a cabeça para o céu, contemplando as estrelas. Papai insiste que eu leve comigo os seguranças sempre que saio tarde para algum lugar, mas não estou a fim. É difícil agir como se estivesse levando uma vida normal quando se tem guarda-costas atrás de você. — Hoje não.

— O Don ficará furioso se descobrir.

— Com certeza. — Eu bufo. — Bem, vou embora, então. Preciso estar de pé às sete. Temos uma cesariana em uma gata marcada para amanhã de manhã.

— Eu a invejo, sabe. Brincando de médica de animais enquanto eu preciso começar a procurar um vestido de noiva perfeito.

— Não é preciso. Em breve, também estarei procurando por um. Papai me deu apenas alguns anos de graça, mas depois também estarei no mercado de casamentos. — Toda vez que vou aos almoços de domingo que papai ainda insiste que devo participar, fico com medo de que ele me diga que mudou de ideia. Desde que fiz dezenove anos, ele vem insinuando, não tão sutilmente, que estou pronta para me casar. — Eu só rezo para que ele mantenha sua palavra e me deixe em paz até que Massimo seja libertado.

— Sim, — diz Dania. — Você é um ativo valioso demais para não ser usado.

— Sim. Um ativo.

— Você tem alguma ideia de com quem pode acabar ficando?

Um arrepio percorre minha espinha. — Não. Só espero que não seja ninguém do Clã Camorra. Ouvi papai conversando com o subchefe e parece que houve negociações com eles recentemente.

— Deus, Nera. Espero que seu pai não escolha ficar do lado da Camorra e casá-la com Alvino. Dizem que ele bateu muito na garota com quem estava saindo. Ela foi parar em um hospital.

Sempre houve rumores de que Alvino era um valentão. Acho que isso não o

prejudica como líder do Clã Camorra. — Ainda bem que meu pai odeia Alvino e Camorra. Acho que ele nunca assinaria uma trégua com eles, mas mesmo que isso acontecesse, ele nunca me faria casar com aquele bastardo.

— Tem certeza?

— Claro que tenho certeza. — Dou um rápido beijo na bochecha de Dania, depois me levanto do banco e pego minha bolsa. — Vejo você na sexta-feira. Divirta-se.

Ao atravessar o gramado em direção ao estacionamento, dou outra olhada nos convidados da festa bebendo e rindo no quintal da casa da minha infância. Quando eu era pequena, adorava me esconder atrás do corrimão da escada com minha irmã mais nova, Zara, observando os homens e mulheres elegantemente vestidos enquanto circulavam pelo grande salão abaixo. Meu pai sempre gostou de dar festas e, quando o Don mandava um convite, ninguém se atrevia a recusar. Os preparativos geralmente levavam dias, e mamãe se certificava de que tudo, desde os talheres até à música, fosse organizado de acordo com seus altos padrões. Ela nunca foi fã de festas, mas sempre se destacou como a grande anfitriã. Manter os membros do alto escalão da família felizes era importante. Mantê-los próximos era crucial.

Lembro-me de olhar com admiração para aquelas pessoas lindas, desejando ser mais velha para poder estar entre elas. Imaginei o vestido que usaria em minha primeira festa - branco, com uma grande saia com babados. E saltos pequenos, talvez dourados ou prateados. Eu estava tão ansiosa para fazer parte do mundo deles.

Até aquela noite, há quatorze anos.

Era véspera de Ano Novo, e toda a casa estava decorada com lindas fitas douradas com pequenos detalhes vermelhos nas pontas que eu ajudei mamãe a escolher. Bem, na verdade ela era nossa madrasta, mas nem Zara nem eu a chamávamos assim. Nossa mãe morreu ao dar à luz Zara, e Laura foi a única

mãe que conhecemos.

Naquela noite, as mesas estavam cobertas por panos de cetim branco com grandes laços dourados presos nos cantos. Magníficos arranjos de flores serviam de centro de mesa em cada mesa. Nossos pais estavam de pé ao lado da grande árvore de Natal - papai em um terno preto elegante e mamãe em um lindo vestido de seda que combinava com o azul de seus olhos. A festa de Ano Novo era sempre muito importante e, além dos membros da família, muitos políticos e outros funcionários do governo estavam presentes. Eu não sabia quem era quem, mas me lembro de apontar para um homem com uma longa barba branca, que estava rindo de uma piada que nosso pai havia feito, e dizer a Zara que ele era um juiz, e não o sultão que vi no filme *Aladdin*. Papai me disse isso quando nos viu mais cedo naquela noite. Mas Zara disse que o homem parecia mais com o Papai Noel.

Massimo, nosso meio-irmão, estava no hall de entrada, logo abaixo da escada onde Zara e eu estávamos escondidas no último andar, em uma discussão séria com dois homens. Ele tinha vinte anos na época, mas sempre pareceu mais velho. Talvez porque estivesse sempre com a cara fechada e séria. Massimo nunca deu muita atenção a mim e a Zara, provavelmente éramos jovens demais para ele se preocupar, mas ele e nosso irmão mais velho, Elmo, eram inseparáveis.

Ao longo dos anos, sempre me perguntei como os dois se davam tão bem naquela época. A personalidade rabugenta e antissocial de Massimo era o completo oposto da personalidade alegre e franca de Elmo. Embora tivessem idades próximas, Massimo agia como se fosse pelo menos uma década mais velho do que o divertido e despreocupado Elmo.

Assim, enquanto meu meio-irmão se dedicava aos negócios, Elmo estava apoiado na coluna de mármore perto da entrada da frente, flertando com uma linda mulher de cabelos ruivos. Não que eu soubesse o que era ‘flertar’ quando

tinha cinco anos, mas ao me lembrar daquela noite, à medida que crescia, mais e mais detalhes se tornavam claros em minha mente.

Elmo tinha acabado de completar dezoito anos pouco tempo antes daquela festa, e lembro-me de pensar como ele parecia adulto em seu smoking preto. Ele estava provocando uma mulher com quase o dobro de sua idade, fazendo-a soltar uma risada engraçada que fazia Zara e eu rirmos. Provavelmente, ele deveria estar se misturando com os capos, como era esperado que o filho do patrão fizesse, mas não. Massimo era sempre aquele que fazia o que era esperado.

O cheiro de fumaça de charuto, álcool e comida chique chegava até ao andar superior, onde Zara e eu estávamos espiando as atividades lá embaixo. Minha irmã gritava cada vez que notava um novo vestido bonito, e eu tinha de lembrá-la a cada momento de ficar quieta para não sermos descobertas.

Eu gostaria de não ter feito isso.

Gostaria que alguém tivesse nos visto e nos mandado de volta para nossos quartos.

Era quase meia-noite, e todos estavam rindo. Um homem de terno branco tocava uma música no piano que havia sido trazido especialmente para a ocasião. Os garçons se movimentavam entre os convidados, carregando bandejas com delicados copos altos erguidos acima de suas cabeças. O champanhe para o brinde. Um evento verdadeiramente extravagante e festivo.

Mal percebi o tumulto na porta da frente quando dois homens começaram a discutir. Eu não conseguia ouvir o que eles estavam dizendo por causa do barulho da festa, mas parecia importante, porque as vozes elevadas de repente se transformaram em gritos. Quando os homens começaram a se empurrar, com os rostos corados e irritados, Elmo abandonou a senhora de cabelos vermelhos e correu em direção a eles. Sempre pacificador, meu irmão, sem dúvida, pretendia separá-los.

Ele não viu a arma que um dos homens sacou. Mas Massimo obviamente viu,

porque estava correndo em direção à entrada, gritando para Elmo voltar.

Um estrondo ensurdecedor explodiu dentro da sala decorada com ouro e vermelho quando a arma disparou. Elmo cambaleou para trás, levando a mão ao peito. As vozes e a música morreram de repente, como se alguém tivesse desligado um interruptor. O silêncio durou menos de um segundo antes que o rugido animalesco de Massimo preenchesse o vazio. Meu coração batia como um tambor enquanto eu apertava as colunas de madeira do corrimão, vendo Massimo pegar Elmo enquanto meu irmão caía. Instantaneamente, outros gritos ecoaram pela sala enquanto as pessoas começavam a correr para o saguão de entrada. E, em meio ao caos, meu meio-irmão pegou sua própria arma atrás das costas e a sacou.

Outro estrondo soou quando Massimo disparou contra o homem que atirou em Elmo.

Ouvi o eco daqueles tiros por horas. Nem mesmo a sirene estridente da ambulância que veio correndo para nossa casa ou o barulho do carro do legista que mais tarde levou Elmo embora conseguiu abafar aquele som. E ele ainda trovejava em minha cabeça, acima da batida ensurdecedora da porta do carro de polícia que dividia a quietude da noite, quando os policiais levaram Massimo.

Foi então que a noção idealista do mundo perfeito de minha família estourou como uma grande bolha de sabão.

— Quer que eu pegue seu carro, Srta. Veronese? — A voz do manobrista me tira da lembrança dolorosa, dispersando as imagens de fitas douradas e sangue.

— Sim, por favor. — Aceno com a cabeça e envolvo meus braços ao redor do corpo. — Obrigada.

Ele diz por cima do ombro: — Bela noite, não é?

Olho para o céu coberto de inúmeras estrelas cintilantes, cercando a grande lua cheia acima da linha de árvores à distância.

— Sim, — eu sussurro. — Realmente é.

Kai

O cascalho rangia sob as solas dos meus sapatos enquanto eu caminhava pelo estacionamento vazio, em direção ao prédio residencial de seis andares ainda inacabado. Os postes de iluminação pública ao redor do quarteirão estão apagados, mas a luz forte da lua cheia apresenta uma complicação indesejável, exigindo que eu me mantenha nas sombras.

No momento em que estou me aproximando das portas de serviço, que estão abertas, um ruído suave me chega do lado de dentro. Mantendo meu passo casual, pego minha arma e entro na escada.

— Posso ajudá-lo? — pergunta um homem de macacão do alto da escada. Um balde com material de limpeza está ao lado dele. Um zelador.

O quarteirão inteiro ainda está em construção e os inquilinos ainda não se mudaram, portanto, não deve haver nenhuma equipe de limpeza por perto a essa hora. Obviamente, a informação que recebi estava errada. Levanto minha arma, apontando para a cabeça do zelador.

— Por favor, — o homem se engasga. — Eu tenho uma família. Dois filhos e...

Aperto o gatilho antes que ele possa terminar a frase.

Há um baque alto quando o homem cai no chão, seu corpo desce as escadas e cai aos meus pés. O sangue escorre do grande buraco no centro de sua testa, enquanto seus olhos que não enxergam parecem estar me encarando. Algumas culturas acreditam que as almas dos mortos permanecem neste mundo e seguem a pessoa que acabou com sua vida por toda a eternidade. Assombrando-os. Ele é bem-vindo para se juntar ao exército que já está em minhas costas.

— Estou dentro, — digo em meu microfone Bluetooth e passo sobre o corpo. —

Tempo estimado para concluir a missão - quatorze minutos.

— Entendido. Iniciando o silêncio de rádio. — Com essa confirmação, a transmissão de áudio é silenciada.

Meu alvo deve estar em um dos apartamentos do terceiro andar, conduzindo uma reunião secreta com dois oligarcas do Oriente Médio. Se é sobre petróleo ou armas, ou qualquer outra coisa, não importa. O único aspecto que me interessa é o método preferido para eliminar a marca, se houver um. Os contratos emitidos por militares raramente têm esse detalhe especificado. Normalmente, a única exigência é que nada na cena do crime possa ser rastreado até eles. Os contratos privados, no entanto, geralmente vêm com um conjunto de solicitações específicas, que às vezes são bizarras demais para sequer pensar nelas. Felizmente, essa é uma ordem de morte do tipo ‘acertar e dividir, sem testemunhas’. Não é preciso se preocupar com solicitações idiotas. Gosto muito mais desse tipo de contratos.

Chego ao patamar do terceiro andar e sigo pelo corredor em direção a dois homens que estão na última porta à direita.

— Ei! — grita o primeiro, pegando uma arma dentro do paletó.

Levanto minha arma e disparo dois tiros em rápida sucessão. Os guarda-costas caem de onde estavam, exibindo buracos de bala idênticos entre os olhos.

A porta do apartamento se abre. Mesmo com o silenciador, o som de um tiro não pode ser completamente suprimido e chamará a atenção. Atiro no homem que está na soleira da porta e, em seguida, mudo minha mira para o próximo homem que está entrando pela porta. No momento em que minha bala encontra seu alvo, uma dor ardente explode em minha perna direita. O maldito conseguiu me acertar. Cerro os dentes, faço força para suportar a dor e entro. De costas para a parede e com a arma em punho, desço o corredor estreito em direção à porta do outro lado.

Um jato de balas perfura a superfície de madeira diante de mim, atingindo minha

parte superior do corpo com vários tiros. Cambaleio para trás, permitindo-me apenas um segundo para respirar e, em seguida, chuto a porta para abri-la. No meio da sala, um capanga está trocando o carregador de sua arma. Sem hesitar, atiro duas vezes em seu peito. Ele cambaleia para trás, com a arma batendo no piso de concreto. Outro tiro em sua testa e seu cadáver também cai no chão. Um de meus antigos colegas tinha um ditado: 'Nunca presuma que alguém está morto até que ele esteja com um buraco na cabeça'. É um mantra sólido.

Coloco a mão livre no quadril e olho em volta. O espaçoso estúdio está vazio, as paredes brancas, antes imaculadas, agora estão pintadas de vermelho e apresentam perfurações recentes. Não há sinal do meu alvo ou de seus parceiros em lugar algum. O cheiro de tinta fresca paira no ar, mas ainda sinto um leve odor de pólvora quando me dirijo ao banheiro e abro a porta com um chute.

Três homens de terno estão agachados ao lado do vaso sanitário - roupas elegantes para morrer no banheiro -, com o rosto pálido e olhos frenéticos. Atiro na cabeça do mais próximo e depois cuido dos outros dois no mesmo estilo. Ao verificar se os homens mortos eram realmente meu alvo e seus associados, toco o botão de comunicação no meu fone de ouvido.

— Vocês, seus idiotas, disseram que haveria apenas dois guarda-costas.

— O cliente... — uma voz trêmula vem pela linha. — ...o cliente nos garantiu que não mais do que dois seguranças estarão com o alvo.

— E quanto à maldita informação de vigilância?

— Hum... O capitão Kruger disse que não havia tempo para isso. — A voz do homem está atingindo um tom histérico. — Sinto muito. Foi um trabalho urgente, Sr. Mazur.

Idiota. — Diga a esse filho da puta que, se ele quer que eu morra, ele mesmo deve tentar me matar.

— Sim, eu o avisarei. — O cara limpa a garganta. — Pode me dizer qual é o

status da missão, Sr. Mazur?

— Realizado, porra! — Tiro o fone de ouvido e o coloco no bolso.

A natureza de meu relacionamento com Lennox Kruger, o chefe da unidade Z.E.R.O., sempre foi ambígua. Ele gosta de dizer que me salvou quando me retirou do centro psiquiátrico para jovens considerados perigosos demais para a sociedade. Na verdade, ele queria um animal de estimação que pudesse condicionar a matar pessoas sem remorso. Bem, ele conseguiu o que queria e muito mais. Tenho certeza de que ele já teria se livrado de mim se eu não fosse o único agente remanescente da unidade Z.E.R.O. original. Com a morte de Belov e Az, sou o último de seus lacaios psicopatas.

Era uma vez, nosso grupo disfuncional de irmãos que foi reunido com um único objetivo: matar alvos rapidamente e fazê-lo sem deixar rastros de quem cometeu o ato. Depois que Az desapareceu e, mais tarde, Belov também foi abandonado, Kruger decidiu deixar o exército e se tornar um empreiteiro independente. Ele montou novas equipes para assumir trabalhos governamentais e privados. Extorsões. Protegendo qualquer pessoa - até mesmo criminosos de alto nível - com bolsos fundos o suficiente para pagar a taxa que ele exigia por métodos inescrupulosos e sem fazer perguntas. Até mesmo derrubar senhores da guerra ou governos de países pequenos, se o preço fosse justo. E, é claro, assassinatos. Essas missões eram atribuídas principalmente a mim. Eu recebia 50% do valor do contrato por cada trabalho concluído - um grande incentivo para continuar trabalhando para o homem que me aterrorizou durante a maior parte de minha adolescência. Mas o fato é que, mesmo sem a conta bancária recheada, eu provavelmente teria continuado a fazer isso. Matar é a única coisa que eu sei fazer.

Gotas de sangue mancham a pia de cerâmica branca brilhante e o lado direito do espelho sobre ela. Quando olho para meu reflexo, uma grande mancha vermelha se agarra ao ponto alinhado com meus olhos no vidro. Que apropriado. Coloquei

minha arma no balcão e comecei a desabotoar o paletó.

— Droga, — gemo enquanto solto o Kevlar que estou usando por cima da camisa.

Várias balas me atingiram no peito, dificultando a respiração. Deixei o colete à prova de balas cair no chão e levantei minha camisa para inspecionar o ferimento próximo ao meu quadril. As fibras antibalísticas não pegaram essa. Cerro os dentes e sinto a pele ao redor do ferimento com meus dedos. A bala não parece ser tão profunda. O obstáculo combinado da porta e do meu equipamento de proteção definitivamente a desacelerou.

Não me preocupo em pegar o colete ou a jaqueta ao sair do apartamento. Meu DNA já está espalhado por todo o lugar comigo sangrando, mas não pode ser rastreado até minha identidade em nenhum banco de dados da polícia. Espero que a equipe de limpeza de Kruger possa cuidar dessa merda. Se não, que assim seja. Outra amostra desconhecida para fazer companhia a todos os outros casos não resolvidos.

O primeiro golpe passou de raspão pela minha coxa, causando um pequeno incômodo. No entanto, o outro, ao meu lado, pode ser um problema. Eu não planejava levar um tiro esta noite, por isso deixei meu carro a várias quadras de distância. Cobrir essa distância com uma bala alojada logo acima do meu osso do quadril vai ser um saco.

Não há ninguém por perto enquanto eu manco pelo estacionamento - somente eu, as estrelas e a lua cheia lançando sua luz sobre os arredores desertos.

Paro meu avanço por um momento e observo o céu. Quando eu era criança, sempre saía de fininho quando todos em meu lar adotivo dormiam e subia no telhado para observar o céu. Não era a extensão escura ou sua aparente infinidade que cativava minha atenção, mas sim os pontos cintilantes daquelas estrelas distantes. Elas pareciam tão pequenas, mas seu brilho penetrava na escuridão como se fossem faróis, iluminando o caminho de qualquer pessoa

perdida no escuro. Eu estendia a mão e imaginava capturar uma em meu punho, como se pudesse segurar aquela luz salvadora. Mas, ao abrir minha mão, ela se revelava vazia. A luz permanecia no céu, brilhando, tentando-me a tentar novamente, mas sempre fora de alcance.

A última vez que tentei pegar uma estrela, eu tinha oito anos de idade. Meu pai adotivo me encontrou no telhado e me arrastou para baixo pelos cabelos. Ele me levou para o porão, onde me deu uma surra. Depois disso, eu não conseguia nem ficar de pé. Ele me chamou de imbecil e me deixou deitado em uma poça do meu próprio sangue enquanto subia para pegar a lâmina de barbear. Eu já estava muito cansado para lutar com ele quando ele me agarrou pelos cabelos novamente e raspou tudo.

Dois dias depois, quando finalmente consegui andar, encontrei a mesma lâmina de barbear, entrei em seu quarto e cortei sua garganta. Depois daquela noite, nunca mais tentei pegar uma estrela. Acho que isso consolidou minha crença de que o brilho celestial não era para mim.

Viro o rosto para o globo brilhante no céu escuro e fecho os olhos, imaginando como seria bom nunca mais abri-los.

Nera

O semáforo muda para vermelho, então aumento um pouco o volume da música e dou uma olhada pela janela aberta. Papai não gosta que eu passe por essa parte da cidade, ele acha que é perigoso, mas é um caminho muito mais rápido. Venho por aqui com frequência porque a clínica veterinária fica no quarteirão seguinte e, de qualquer forma, não há ninguém por perto a essa hora da noite.

Estou cantarolando a música do rádio, tamborilando os dedos no volante, quando um movimento no beco do outro lado da rua chama minha atenção. Parece um homem, caminhando lentamente enquanto se apoia com a mão na parede. Ele para por um momento, depois dá mais dois passos antes de suas pernas cederem, dobrando-se sob ele.

Que merda. Devo ir até lá e ver se ele precisa de ajuda? Não, outra pessoa virá e lhe dará uma mão se precisar. Olho para o semáforo. Ainda está vermelho. Meus olhos voltam para o homem no beco. Ele está sentado no chão agora, apoiado na lateral do prédio, e sua cabeça está inclinada para cima. Provavelmente é apenas um bêbado que se perdeu ou está tão embriagado que não consegue nem andar direito. *Ele vai ficar bem,* digo a mim mesma, mas não consigo desviar meus olhos dele.

Ele parece estar olhando para o céu, assim como eu havia feito antes. Não era a primeira vez que eu olhava para a noite e me perguntava o que a vida tinha reservado para mim. Será que ele está fazendo o mesmo? Será que, como eu, ele também está se perguntando: ‘O que está me esperando lá fora?’

Talvez esse cara não tenha telefone. Se tivesse, ele já teria ligado para alguém pedindo ajuda, certo? *Droga*. Piso no acelerador assim que o semáforo fica verde e giro o volante, fazendo uma inversão de marcha, depois empurro o carro para a

calçada desolada, parando no vão entre os dois prédios.

Sair do meu veículo e entrar em um beco escuro para checar um cara aleatório é estúpido, mas não posso simplesmente ignorá-lo. Coloco a mão embaixo do banco para tirar a arma que escondi lá. Colocando-a no cós da calça na parte de trás, saio do carro.

A luz da rua do lado de fora da entrada do beco banha os arredores com um brilho amarelado. Mantenho a mão direita no cabo da minha arma, pronta para sacá-la a qualquer momento. Posso ser imprudente, mas não sou estúpida. Há dois anos, peguei um dos homens do meu pai comendo uma empregada enquanto ele deveria estar de guarda, então o chantageei para que ele ensinasse a mim e a minha irmã a atirar. No começo, Zara não queria, mas acabou se dando bem. Talvez eu não seja a melhor atiradora, mas me saio muito bem em distâncias curtas.

Eu me aproximo do homem e paro ao lado de suas pernas. Ele está usando calça preta e camisa preta, com os dois botões superiores abertos. A perna esquerda de sua calça parece molhada e há manchas de sangue na calçada abaixo dele. Meus olhos deslizam para seu peito enormemente largo, subindo e descendo lentamente a cada respiração difícil, depois continuam até seu rosto. O ar sai de meus pulmões.

Ele deve ser o cara mais gostoso que eu já vi. Definitivamente mais velho do que eu, e não como um dos pavões imaturos que deixei para trás na festa de papai. As linhas de seu rosto são nítidas como se estivessem gravadas em pedra. Maçãs do rosto altas. Uma mandíbula forte com barba por fazer e um nariz ligeiramente torto. Seus olhos fechados são emoldurados por grossas sobrancelhas pretas e vários fios de cabelo preto caíram sobre seu rosto, com as pontas chegando quase até à cintura. Nunca conheci um homem com cabelos tão longos.

— Precisa de ajuda? — Pergunto quando recupero o juízo.

O homem não responde. Dou uma olhada por cima do ombro. Ainda não há

ninguém por perto. Ótimo. Mantendo minha arma em punho, agacho-me e me aproximo dele.

— Ei. — Eu cutuco seu peito com meu dedo.

Eu nem sequer o vejo se mover. Em um momento, ele está encostado na parede como se tivesse desmaiado e, no momento seguinte, tem uma arma encostada na minha têmpora, com os olhos fixos nos meus. Meu corpo fica totalmente imóvel. O suor frio se espalha por minha pele, e um frisson de medo percorre minha espinha. Não há tempo para sacar minha própria arma, então fico apenas olhando para os olhos mais incomuns que já vi. Um tom de cinza tão claro que quase parece prata.

— Quem diabos é você? — ele pergunta com uma voz grave e rouca.

— Uma idiota, aparentemente.

Ele franze as sobrancelhas e examina minha blusa florida e minha calça branca. Seus olhos se movem para cima até parar no topo da minha cabeça, onde meu cabelo loiro escuro está preso em um rabo de cavalo alto e amarrado com um lenço de seda vermelho. O toque do metal frio em minha têmpora desaparece.

— Dê o fora daqui, tigresa, — ele diz e encosta a cabeça na parede novamente, fechando os olhos. — Garota estúpida.

Tiro minha arma de trás das costas e pressiono o cano em seu peito, logo acima do coração. — Estúpida, mas armada.

Aqueles olhos magníficos se abrem. Ele mantém meu olhar fixo enquanto coloca os dedos em volta do cano e gira a arma, encostando-a na ponte do nariz.

— Faça-me um favor. Não erre. — Sua voz é plana, indiferente, como se sua vida não significasse nada.

Olho fixamente para o lunático diante de mim, incapaz de quebrar o contato visual. Algumas pessoas podem dizer que não se importam se vivem ou morrem, seja qual for o motivo, mas quando confrontadas com uma situação real de

sobrevivência, elas farão o que for preciso para se salvar. A autopreservação é um instinto básico, independentemente das circunstâncias.

— Vamos, tigresa. Não tenho a noite toda. — Com essas palavras, ele solta minha arma e fecha os olhos novamente.

A coisa mais sensata a fazer seria voltar para o meu carro e deixar o gostoso com desejo de morrer por perda de sangue, mas não posso fazer isso. E já estabelecemos que sou uma idiota. Abaixo a arma e a coloco de volta na parte de trás de minha calça. Em seguida, puxo o lenço que segura meu cabelo.

A perna da calça do homem está rasgada no meio da coxa, revelando um longo corte que está escorrendo sangue. Enrolo meu cachecol em volta de sua perna, que parece um tronco, logo acima do ferimento, e dou um nó apertado.

— Meu carro está ali. Vou levá-lo a um hospital. — Eu me levanto e estendo minha mão para ele.

Os olhos prateados se encontram com os meus mais uma vez, depois descem para minha mão estendida, olhando-a como se fosse mordê-la. Lentamente, ele levanta o braço e envolve seus dedos com os meus. Empurrando o chão com a outra mão, ele começa a se levantar. Para cima, e para cima. Quando finalmente está na vertical, tenho que inclinar minha cabeça para o céu para conseguir manter seu olhar.

— Não há hospital, — diz ele, soltando minha mão. — Estou estacionado a várias quadras daqui, é só me deixar lá.

— Claro, — eu digo. — Hum.... Você precisa de ajuda?

Seus lábios se contorcem nos cantos enquanto ele examina todo o meu corpo de 1,65 e balança a cabeça. Posso ter uma altura média para uma mulher, mas ele tem mais de trinta centímetros de vantagem sobre mim.

— Esta não é uma noite de aula? — ele pergunta enquanto se dirige ao meu carro, apoiando-se na parede do prédio à sua direita.

— Não desde o meu baile de formatura, há mais de um ano, — respondo, correndo para abrir a porta do passageiro para ele.

Observo enquanto a montanha de um homem ferido se arrasta pela calçada e se agarra à borda da porta do carro. Seu rosto está pálido, e o lenço que amarrei em sua coxa está completamente saturado de sangue.

— Não há como você dirigir para qualquer lugar nessas condições. — Eu dou a volta no veículo enquanto ele praticamente cai no banco. — Luta com faca? — Pergunto, ligando o motor.

— Bala. — Ele joga a arma no painel. — Meu carro está a cerca de um quilômetro e meio da rua.

Faço o possível para manter meus olhos focados na estrada, mas eles continuam deslizando para o estranho ao meu lado. Que começa a desabotoar sua camisa!

— O que está fazendo?

Ele ignora minha pergunta e tira a camisa de botão, gemendo no processo.

— Meu Deus! — Eu grito, olhando para a bagunça sangrenta na lateral de seu tronco.

— Olhos na estrada, tigresa.

— Vou levá-lo a um hospital.

— Não, você não vai, — diz ele enquanto pressiona a roupa enrolada no ferimento sangrento acima do quadril. — Tenho um médico esperando por mim em casa. Só preciso chegar lá.

— Vou levá-lo para casa, então.

— Não.

Aperto o volante e dou uma olhada nele. Onde quer que seja sua casa, ele vai se esvair em sangue antes de chegar lá. Não é problema meu. Já atingi o limite de ‘extremamente estúpida’ ao permitir que um estranho armado e com ferimentos

de bala entrasse em meu carro. Fazer algo mais é atingir o nível de ‘astronomicamente idiota’. Praguejei baixinho e peguei a próxima à direita.

— Vou levá-lo para a clínica veterinária onde trabalho. Vou tentar estancar o sangramento e depois você pode seguir seu caminho.

* * *

— Você pode subir nisso? — Aceno com a cabeça para a mesa de metal no centro da sala.

Quando me viro, encontro meu estranho ferido apoiado no batente da porta com o ombro, segurando uma arma na mão enquanto examina o espaço com os olhos.

— Somos só nós, — eu digo. — A clínica só abrirá às oito da manhã de amanhã.

Ele avalia a sala mais uma vez e, em seguida, empurra o batente e manca em direção à mesa de cirurgia. Ele está quase chegando lá quando, de repente, para e se agarra ao armário à sua esquerda.

Corro até ele e agarro seu braço, colocando-o sobre meu ombro. — Vamos lá, mais alguns passos.

O calor de seu corpo se infiltra em mim enquanto atravessamos a sala. Minha palma da mão esquerda está pressionada em suas costas nuas, logo acima da arma que ele enfiou na cintura, enquanto eu seguro seu antebraço com a direita. Tenho vários amigos homens com os quais sou moderadamente próxima, e abraços aleatórios são uma ocorrência regular. Pode não ser um abraço de verdade, mas com o meu corpo basicamente enfiado no corpo do estranho, estou muito consciente de cada ponto de contato entre nossos corpos. O peso de seu braço em meus ombros. Um leve roçar do meu quadril em sua coxa. Os músculos do antebraço dele sob a ponta dos meus dedos. Seu hálito quente que faz formigamento no topo da minha cabeça. É como se ele estivesse me

cercando com sua presença, e todo o resto parece desaparecer. Certamente nunca senti *isso* com nenhum de meus amigos.

De alguma forma, conseguimos chegar à mesa. Eu o ajudo a se levantar e, em seguida, puxo o carrinho com os instrumentos e suprimentos cirúrgicos para mais perto.

— Ok. — Tentando reunir minha coragem, respiro fundo enquanto vasculho a primeira gaveta. — Vamos tratar do seu lado primeiro. Deve haver um pacote de bandagens de pressão em algum lugar por aqui. — Meus dedos finalmente se curvam em torno de uma forma tubular familiar e eu coloco o rolo em cima. Ao me endireitar, meus olhos se fixam em uma caixa de luvas de nitrila em um balcão próximo. Minhas mãos tremem enquanto pego duas e as coloco.

Loucura. Tudo em relação a isso é loucura. Essa ideia não parecia tão complicada quando a tive no carro, mas agora estou lentamente entrando em pânico. *Estúpida. Estúpida. Estúpida.*

— Você precisa remover a bala primeiro, tigresa.

Minha cabeça se inclina em sua direção e eu o encaro com horror. *O quê? Não há* como eu cavar em sua carne para tirar uma bala. Só pensei em fazer um curativo para ajudar a estancar o sangramento.

Um pequeno sorriso levanta os cantos de seus lábios. Ele parece achar a situação divertida. Minha pulsação dispara enquanto olho para os dois globos prateados que capturaram meu olhar. Não posso deixar de me perguntar que segredos estão escondidos em suas profundezas. Alguma coisa naquelas íris pálidas me faz sentir como se estivesse encarando a morte diretamente nos olhos, mas o batimento selvagem do meu coração não é por causa do medo.

Estou bem ciente de que estamos no meio da noite e que estou sozinha com um estranho - um homem que tem mais do dobro do meu tamanho e que, mesmo ferido, pode facilmente quebrar meu pescoço. Mas não, meus batimentos cardíacos frenéticos não têm nada a ver com medo.

Mais mechas de cabelo se soltaram de sua trança, os fios escuros emoldurando seu belo rosto. Agora, em plena luz, posso ver que ele não é tão perfeito quanto parecia. Há uma cicatriz em sua testa e outra em sua maçã do rosto esquerda, mas elas não o distraem de sua aparência.

— A bala está perto da superfície. — Ele pega os fórceps no carrinho e os coloca em minha mão. — Você vai se sair bem.

Aperto o instrumento e olho para o buraco em sua lateral. — Só temos anestésico animal aqui.

— Não gosto de drogas. Vamos fazer sem, — ele diz e se deita na mesa.

— Sem anestesia. Claro. — Eu engulo. Meu Deus, ele é louco.

Fazendo o possível para não surtar completamente, começo a limpar a pele ao redor do ferimento de bala. A única coisa que vejo é sangue, mas, de alguma forma, consigo fazer com que minha mão não trema ao aproximar a pinça do ferimento.

— Está a mais ou menos meio centímetro, — diz ele. — Você deve ser capaz de senti-la imediatamente.

Não desmaie. Não desmaie. A bile sobe pela minha garganta quando coloco a ponta do fórceps dentro do ferimento. Já observei animais sendo tratados inúmeras vezes, incluindo algumas lacerações bem desagradáveis, mas nunca presenciei alguém tirando uma bala. A vontade de fechar os olhos, de bloquear as imagens de sangue e carne dilacerada, é irresistível. Eu cerro os dentes para superar isso.

Dedos fortes envolvem meu pulso, movendo minha mão ligeiramente para a esquerda. A força por trás de seu aperto é inexistente, como se ele tivesse medo de me machucar.

— Pronto. — Eu o ouço, mas não me atrevo a desviar o olhar do ferimento. — Você pode sentir isso?

Aceno com a cabeça.

— Ótimo. Agora, tire-a para fora.

Prendo a respiração e aperto o pequeno objeto com a pinça. O corpo do estranho se retesa, mas ele não emite nenhum som. Suor frio escorre pela minha testa enquanto retiro lentamente a bala. Instantaneamente, o sangue começa a escorrer do buraco na carne. Jogo o fórceps e a bala no carrinho e pego uma toalha de mão, pressionando-a sobre o ferimento.

— E agora? — Eu me engasgo.

— Limpe o sangue primeiro. Em seguida, aplique um penso - talvez adicione alguns - e cubra-o com uma bandagem. Depois, use a fita para prender tudo.

Sigo suas instruções e, quando consigo prender a bandagem no quadril dele, agarro a borda da mesa e tento controlar minha respiração irregular. Há sangue por todas as minhas mãos e braços, até à metade dos cotovelos.

— Agora, a perna, — ele grunhe ao se sentar. — Você tem bandagens elásticas?

Acenando com a cabeça, tiro as luvas ensanguentadas e entro na gaveta para retirar dois pacotes. Meus dedos estão tremendo e mal percebo meus próprios movimentos quando coloco os pacotes em sua mão estendida. A pele de sua palma é áspera, e uma cicatriz grossa e saliente a divide diagonalmente.

— Tigresa.

Meu olhar salta de sua mão para seus olhos. Eles estão me observando atentamente. Há um leve toque em meu pulso direito quando seus dedos o circundam, exatamente como fizeram há alguns minutos. Ele levanta minha mão e encosta os lábios nas pontas dos meus dedos. E de repente me esqueço de como respirar.

— Você se saiu bem. — Sua voz rouca me envolve, quase como uma carícia, enquanto ele solta minha mão.

Atônita, fico parada enquanto ele arranca o invólucro do rolo e começa a enrolar

o curativo em sua coxa. Ele nem sequer se mexe. Meu pânico começa a diminuir, então finalmente consigo processar a visão dele em toda a sua bela glória masculina.

Deixo meus olhos vaguearem por seu enorme peito nu, com cada músculo tão perfeitamente delineado que ele daria um excelente objeto de estudo de anatomia. O quê? Sim, ‘estudar’, é exatamente o que estou pensando enquanto observo a forma como seus bíceps se flexionam enquanto ele trabalha para enrolar a perna. Essas coisas devem ser mais grossas do que minhas duas coxas juntas. O calor se espalha por minhas bochechas enquanto o observo sem um pingo de vergonha.

Assim como em seu rosto, há pequenas imperfeições na parte superior do corpo. Uma linha de uns doze centímetros de carne levantada em seu antebraço esquerdo. Provavelmente um ferimento antigo de faca. Há também várias cicatrizes pequenas na barriga e no peito, mas não tenho certeza do que poderia tê-las causado. A marca redonda em seu ombro, perto da clavícula direita, no entanto, é definitivamente de uma bala.

Quando termina, ele desliza para fora da mesa e, mais uma vez, preciso inclinar a cabeça para cima para poder encarar seu olhar.

— Da próxima vez que você encontrar um homem com um ferimento de bala, ou você corre ou o mata. — Ele se inclina até que seu rosto esteja a poucos centímetros do meu, e um dos fios de cabelo escuro solto roça minha bochecha. — Entendeu, tigresa?

— Sim, — eu sussurro.

Ele pega sua camisa arruinada, pega meu lenço de seda descartado sobre a mesa e o coloca no bolso da calça. No momento seguinte, ele está mancando pela sala, indo em direção à saída.

— Nenhum 'obrigado por salvar minha vida'? — murmuro.

Meu misterioso estranho para, mas não se vira para olhar para mim. — Você está viva, não está?

— Sim. E daí?

— Esse é o maior 'obrigado' que alguém já recebeu de mim, tigresa.

O sino acima da porta toca enquanto a porta se fecha em seu rastro.

Olho para a minha mão. A sensação de formigamento onde seus lábios tocaram as pontas dos meus dedos ainda está lá. Foi um beijo? Fico parada no meio da sala de cirurgia, olhando para a minha mão por quase cinco minutos. Quando finalmente me livrei da névoa de minha mente, corri para a porta, com medo de encontrar o cara de cabelos compridos caído de bruços no estacionamento.

Não há ninguém por perto quando saio. Viro-me, meus olhos procuram a figura alta, mas não encontram nada. Um jornal amassado, jogado por uma brisa, rola pela rua deserta. A lata de lixo no final do quarteirão chacoalha quando um gato de rua pula em sua tampa e depois salta para a varanda acima. Mas não há sinal *dele*. É como se ele tivesse simplesmente desaparecido.

Tiro o celular do bolso de trás e abro o aplicativo de notícias. Vários artigos com manchetes em negrito piscam na tela enquanto passo o dedo pelo conteúdo. Todos eles são sobre o tiroteio que aconteceu no início da noite, a apenas cinco quadras daqui. Clico no mais recente e dou uma olhada no texto. Nove vítimas, de acordo com a polícia. Um proeminente magnata do setor imobiliário e membros de sua equipe de segurança. Um repórter entrevistou os moradores próximos, mas ninguém viu ou ouviu nada. A única pista em potencial veio de uma mulher que trabalhava no turno da noite em uma loja de penhores próxima. Ela viu um homem indo em direção ao complexo inacabado onde ocorreu o tiroteio. Infelizmente, ela não viu o rosto dele, apenas as costas e o cabelo comprido, enrolado em uma trança.

Capítulo 2

Nera

— Como está indo o seu trabalho? Aconteceu alguma coisa interessante? — As palavras são ditas entre mordidas e no tom descontraído habitual de meu pai, mas Nuncio Veronese, o Don da Cosa Nostra de Boston, nunca diz ou faz nada sem um motivo.

Um pedaço de brócolis quase fica alojado em minha garganta, porque, por uma fração de segundo, acho que ele pode ter descoberto o meu estranho de cabelos compridos da semana passada.

— Hum... Está ótimo, papai. — Eu engulo. — Não. Apenas o mesmo de sempre, você sabe. Ah, mas um garoto trouxe uma tarântula outro dia.

— Meu Deus. — Ele suspira e se volta para minha irmã, que está sentada do outro lado da mesa: — Zara, por favor, me passe o pão.

Minha irmã aproxima a tigela de vidro dele e continua comendo em silêncio. Ela é sempre tão quieta que, às vezes, até esqueço que ela está na sala. Quando éramos crianças, Zara era tão alegre, sempre rindo e tagarelando sobre alguma coisa. Mamãe costumava dizer que se Zara não tivesse uma boca, ela criaria uma por pura vontade. Isso mudou depois da noite em que Elmo foi morto. Desde então, ela não tem sido mais aquela garotinha sorridente que adorava fazer travessuras.

— Sei que concordei que fosse em frente com essa sua ideia maluca, Nera, mas não quer reconsiderar? — continua meu pai. — Se quer estudar alguma coisa, por que não economia? Ou finanças? Algo que seria realmente benéfico e que você poderia usar no futuro?

— Não.

— Você entende que isso é apenas temporário, certo? Quando se casar, seu marido não permitirá que você passe o tempo inseminando cavalos ou algo assim. Isso é absolutamente impróprio para alguém com seu pedigree.

— Não há quase nenhum cavalo precisando de inseminação em Boston, pai. — Eu suspiro. É a mesma conversa todo domingo quando vou visitá-lo. — Tratamos principalmente de animais de estimação.

— Graças a Deus. — Ele pega seu vinho e toma um grande gole. — Eu deveria ter casado você no momento em que completou 18 anos, mas Massimo disse que eu deveria esperar.

Levantei uma sobrancelha. Eu não sabia que meu pai discutia meu futuro com meu meio-irmão. Massimo está cumprindo uma sentença de 18 anos por homicídio voluntário por matar o cara que atirou em Elmo, e papai o visita uma vez por semana. Toda quinta-feira de manhã, papai viaja para a instituição correcional nos arredores de Boston e fica lá por horas. Sempre me perguntei sobre o que eles conversam. Meu pai é a única pessoa que meu meio-irmão permite que o visite na prisão. Nem eu nem Zara vimos Massimo desde que ele foi preso. Até onde sei, ele nem mesmo deixou Salvo, seu amigo de infância que agora é um dos capos do meu pai, visitá-lo.

— Como ele está se saindo? — Eu pergunto.

— Muito bem, na verdade. Você conhece Massimo, nada o abala muito.

— Ele está preso em uma prisão de segurança máxima há mais de uma década e está 'bem'?

— Sim, — diz ele. — Ele tem perguntado sobre vocês duas.

Uma respiração aguda vem do outro lado da mesa. Olho para cima e vejo Zara olhando para seu prato, com o garfo a meio caminho de seu destino. Isso dura apenas um momento antes que ela volte a enfiar a comida na boca.

— Mas ele ainda não nos deixa visitar? — Olho de volta para meu pai.

— Ele tem seus motivos. — Papai dá de ombros e muda de assunto. — O filho de Tiziano será batizado neste outono, e haverá um grande almoço em família depois. Preciso que vocês duas compareçam e estejam com a melhor aparência possível. Comprem vestidos feitos sob medida, algo que nenhuma outra mulher terá. Minhas filhas precisam estar acima de qualquer esposa ou namorada de capo. Não quero passar vergonha na frente da família, estão me ouvindo?

— Que dia é hoje? Vou ter que verificar minha agenda na clínica.

— Não me importo com sua agenda de hobbies, Nera. Você vai estar lá, — ele diz, depois aponta o garfo para Zara. — Você também. Com uma roupa apropriada para o local e o clima. Entrarei em contato com você para marcar uma data.

Mantendo os olhos baixos, Zara coloca os utensílios no prato e se levanta lentamente. Ela não diz uma palavra enquanto se afasta e deixa a sala de jantar.

— Isso foi maldade! — sibilo assim que minha irmã sai do alcance dos ouvidos.

— Ela não é mais uma criança. Sua irmã tem quase 18 anos e precisa começar a prestar atenção em como se apresenta. Ela não pode sair por aí coberta da cabeça aos pés em um calor de cem graus, pelo amor de Deus. As pessoas vão falar.

— Então deixe-os falar, porra! — Joguei o guardanapo no meu prato e corri atrás de Zara.

Seu quarto fica no segundo andar, bem ao lado do meu antigo quarto. Eles são contíguos com uma porta de conexão e, como não passo mais tempo aqui, deixo Zara usar meu quarto de infância como seu estúdio de costura.

Encontro Zara sentada na beirada da cama, segurando a colcha com os dedos. Revistas de moda, esboços e vários pedaços de tecido estão espalhados por toda parte. Apoio o ombro no batente da porta e observo a bagunça.

— Meu quarto não é suficiente, não é? — Eu sorrio, tentando manter o clima

leve. — Vamos lá. Mostre-me no que está trabalhando.

Zara apenas dá de ombros, e seus ombros parecem ter caído ainda mais depois disso. Entro em seu domínio, fazendo o possível para não tropeçar ou desalojar nenhum dos padrões de costura que ela espalhou pelo chão.

— Isso parece incrível. — Eu me inclino e pego um esboço que mostra um vestido sem mangas com um corpete que se amarra ao redor do pescoço. — Eu poderia usar um vestido para aquele almoço com Tiziano, se você tiver tempo.

Os lábios de minha irmã se alargam instantaneamente em um sorriso. Ela se levanta da cama e corre pelo quarto, pegando a fita métrica e um bloco de anotações na poltrona reclinável.

— Você tem certeza sobre o design? — ela pergunta enquanto se agacha para pegar um lápis debaixo da cama. — Posso fazer alterações se você quiser.

— Nenhuma mudança. Vai ficar perfeito. Como todas as peças de roupa que você fez para mim.

Passo a mão sobre a manga bufante de sua blusa branca. Ela me disse que o estilo é conhecido como ‘lanterna’, em que o material se alarga em direção aos pulsos e os punhos são presos com botões de pérola. A gola da camisa é alta e justa, formando um grande laço em volta de seu pescoço. Ela é muito talentosa.

Pouco depois que nosso irmão foi morto, Zara desenvolveu vitiligo. Começou em seus dedos e pulsos, mas depois as manchas brancas apareceram em seu peito, pernas e braços. Por volta da época da morte de mamãe, o vitiligo progrediu e passou a incluir áreas ao redor dos olhos. Independentemente da temperatura externa, Zara sempre usa decotes altos e mangas compridas porque não gosta que as pessoas olhem para ela. No ano passado, ela tentou cobrir as partes descoloridas do rosto com uma base, mas sua pele não reagiu bem. Mesmo assim, ela continuou trocando as marcas, experimentando outras diferentes, até que desenvolveu uma erupção cutânea tão forte que tive de sentá-la e colocar um espelho em sua mão. Ela é absolutamente linda, e eu tentei fazê-

la ver isso. Não há uma única coisa que não seja bonita em minha irmã. Eu queria que ela percebesse isso sobre si mesma, que reconhecesse que é bonita e perfeita, exatamente como é. Ela não acreditou em mim, mas pelo menos parou de usar a base.

— Que tal seda lavanda? — Zara pergunta enquanto passa a fita métrica em volta dos meus quadris.

— Sim, lavanda parece ótimo. — Levanto meus braços para que ela possa medir meu busto. — Então... Conheci uma pessoa no consultório veterinário na semana passada.

Zara arqueia uma sobrancelha.

— Alto. Tipo, muito alto. Corpo incrível. Cabelos longos e pretos. Ele é provavelmente o homem mais gostoso que já conheci.

— Ele trouxe um animal de estimação para um check-up?

— Hum, não exatamente. — Eu ri. — Ele acabou sendo o paciente.

Conto a ela os detalhes do meu encontro com o estranho, começando por como o encontrei em um beco, mas pulo a parte da arma.

Ainda penso nele. Sua voz áspera e quebrada. A maneira como ele se deitou naquela mesa, totalmente imóvel, enquanto eu retirava a bala de sua carne. Há alguns anos, um dos guardas de meu pai foi alvejado apenas do lado de fora de nossos portões. Enquanto o bandido que foi estúpido o suficiente para fazer isso foi rapidamente tratado por nossos seguranças, o homem ferido foi trazido para dentro de casa. O médico da família chegou para tratá-lo e, embora eu tenha ouvido que o homem recebeu anestesia, ele ainda chorava alto o suficiente para que eu pudesse ouvi-lo em meu quarto. Provavelmente toda a vizinhança o ouviu.

Mas o que mais me impressionou foram os olhos do meu estranho. Tão bonitos. E tão vazios. Não havia nada naqueles dois globos prateados. Nenhum medo de

morrer. Nenhuma preocupação. Nada. Ao olhar para eles, parecia que eu estava olhando para uma alma feita de pedra.

Quando termino de contar sobre nosso encontro, Zara fica me olhando por alguns instantes, depois agarra meus ombros e grita na minha cara.

— O que se passa na porra da sua cabeça?!

Eu pisco para ela. Zara nunca fala palavrões. E não me lembro da última vez que a ouvi levantar a voz.

— Sozinha, — ela continua, sacudindo meus ombros. — No meio da noite. Tratando de ferimentos de bala em um estranho?

— Ouça. Sei que foi estúpido, está bem? Mas quando o vi naquele beco, apenas olhando para o céu escuro, lembrei-me de mim, de alguma forma. Eu não podia simplesmente deixá-lo lá para sangrar.

— Você poderia ter ligado para o 911.

— Eu sei. Mas não fiz isso. — Suspiro. — Isso não importa agora. De qualquer forma, não o verei nunca mais.

— Graças a Deus! — Zara balança a cabeça e vai até à cômoda.

Ela se ajoelha no chão e começa a remexer em uma pilha de tecidos coloridos empilhados no lado direito. Há outra pilha à esquerda, mas ela contém todas as cores neutras - bege, branco, marrom e preto. Não há tons vibrantes nem padrões de forma alguma. Esses são os tecidos que ela usa para fazer roupas para si mesma.

— Você tem lavanda suficiente para fazer algo para você também? — pergunto. — Poderíamos ir com roupas iguais, como costumávamos fazer quando éramos crianças.

Zara olha para o grande feixe de tecido dobrado em seu colo e acaricia carinhosamente a seda rosa-púrpura com as pontas dos dedos. Ela ficaria linda nessa cor, especialmente em um dos modelos que vi espalhados pelo chão - um

magnífico vestido de noite com um decote em V de ombro a ombro e uma fenda alta ao longo da perna.

— Não, — ela sussurra e se aproxima de mim, segurando o tecido em seus braços.

Ela coloca o lindo material em volta da minha cintura para ver como ele fluiria, depois verifica seu esboço e, enquanto observo minha talentosa irmã, meu coração se parte por ela pela milésima vez. Gostaria que ela se visse como eu - linda, por dentro e por fora - e usasse um dos surpreendentes vestidos que ela tanto gosta de criar, em vez de fazê-los apenas para mim e para nossas amigas.

— Como estão as coisas aqui, em casa?

— O mesmo, — diz ela enquanto anota os números em seu bloco de notas. — Batista Leone veio aqui outro dia, e ele e papai passaram quase três horas no escritório do papai.

Isso não é novidade. Como subchefe de papai, Leone passa bastante tempo em nossa casa. Ele também era o subchefe do antigo Don. Ouvi dizer que ele esperava assumir o controle da família em Boston quando o antigo chefe morresse. No entanto, durante a reunião em que os chefões e os maiores investidores empresariais se reuniram para discutir a sucessão, meu pai foi escolhido como o próximo Don. Foi nessa mesma reunião que o casamento entre meu pai e a viúva do Don anterior, Laura, foi arranjado. Elmo tinha dezesseis anos, eu tinha três e Zara mal tinha um ano quando nossa nova mãe chegou à nossa casa. Massimo, filho de Laura e do falecido Don, tinha 18 anos quando se tornou nosso meio-irmão.

— Você acha que papai deixou Batista permanecer como seu subchefe porque se sentiu mal pelo fato de o cargo de Don ter sido basicamente roubado dele? — pergunto.

— Talvez. Papai nunca foi talhado para ser um Don, e ele sabe disso.

— O quê?

— Hum.... Quero dizer, ele gosta de ser o centro das atenções e que as pessoas o procurem para pedir conselhos, mas seu temperamento não é adequado a um Don.

— O que você quer dizer com isso? Ele está cuidando das coisas para a Família e mantendo a ordem perfeita há mais de quinze anos.

— Sim, certamente parece que sim, — ela murmura. — Você quer o zíper na lateral ou atrás?

Eu estreito os olhos para minha irmã, imaginando o que ela quis dizer com seus comentários enigmáticos. Eu poderia sondar um pouco mais, mas não adiantaria nada. Quando Zara decide que um assunto está encerrado, é o fim da discussão.

— Na parte de trás está bom para mim, — eu digo.

Zara acrescenta outra nota ao lado de seu desenho, depois pega o tecido lavanda de minhas mãos e começa a dobrá-lo. — Preciso que você me prometa uma coisa, Nera.

— O quê?

— Se encontrar aquele homem que salvou novamente, você se afastará.

— Ele era apenas um cara gostoso aleatório. — Dou de ombros, fingindo desinteresse. — Eu o ajudei. Ele foi embora. Não vejo como poderíamos nos encontrar novamente.

— Aquele homem sabe onde você trabalha.

— Ele provavelmente já se esqueceu de mim, Zara. Não se preocupe.

Eu desvio com uma risada, mas a verdade é que, secretamente, estou esperando encontrar meu estranho de cabelos longos novamente.

Kai

Um homem de bermuda amarela e camiseta branca se move dentro do círculo da minha mira enquanto eu o rastreio com meu rifle. Todo esse espaço do parque faz parte da propriedade do *Sr. Corredor-Extraordinário* e é fortemente vigiado. Alguém de dentro forneceu a Kruger a programação diária do cara, mas não tinha o código do alarme do portão. Tive de escalar o muro e entrar sorrateiramente durante a troca de turno dos guardas, à meia-noite, e depois passei a noite deitado atrás de um arbusto, esperando meu alvo.

O corredor para por um momento, se alonga e depois retoma sua volta. Nunca entenderei o desejo de correr às cinco da manhã como forma de recreação.

Durante meu treinamento básico com a unidade Z.E.R.O., eram realizadas diariamente várias atividades de condicionamento físico, e perdê-las estava fora de questão. Corrida e outras formas de exercícios aeróbicos. Exercícios de condicionamento e levantamento de peso. Escalada em corda. Combate com outros recrutas em combate corpo a corpo, seja com as mãos nuas ou com várias lâminas. Quatro horas por dia aperfeiçoando nossos corpos, desenvolvendo agilidade e resistência, tudo para que pudéssemos formar a memória muscular de que precisaríamos para lidar com a tensão do campo. O restante de nossos dias era dedicado ao treinamento de táticas militares e armas, incluindo os fundamentos de uma variedade de revólveres e rifles, armas de arremesso e também dispositivos explosivos e artilharia leve. Essa segunda parte tinha o objetivo de nos transformar em máquinas de matar perfeitas. Portanto, entendo a necessidade de exercitar o corpo quando há um objetivo específico por trás disso. Não entendo o desejo de correr por diversão.

O corredor permanece na minha mira, mas, em vez de me concentrar no alvo,

minha mente se volta para aquela noite da semana passada. A garota. Pelo que provavelmente é a centésima vez nas últimas 24 horas. Na verdade, para ser sincero comigo mesmo, desde o momento em que saí da clínica veterinária, tenho pensado constantemente nela. Ela se ofereceu para me ajudar sem qualquer expectativa de receber algo em troca. Isso me deixa intrigado. Fui condicionado a não esperar nada de ninguém, por isso não consigo entender suas ações.

Também não consigo tirar da cabeça a imagem dela, toda séria e segura de si, com sua pequena Sig P365 encostada no meu peito. Jovem. Pequena. Mas corajosa e determinada. E muito imprudente. Como uma tigresa.

Seu lenço vermelho ainda está no meu bolso. Eu disse a mim mesmo que o levei comigo porque não queria deixar meu DNA no local de trabalho dela, mas é claro que isso não passa de uma grande besteira. Havia tanto sangue meu naquela clínica quando saí, que a quantidade absorvida pelo acessório de cabelo dela era insignificante em comparação, e não teria sido registrada. Eu queria ter algo dela - uma lembrança -, então eu o roubei. Até então, eu nunca havia roubado nada em toda a minha vida.

Eu deveria checar como ela está.

A necessidade de ter certeza de que ela está segura surge dentro de mim como uma onda gigante. É uma atração inexplicável e ridícula que mexe com a minha cabeça e, por mais que eu tente, não consigo me livrar dela. Isso tem me assombrado a cada minuto de cada dia na última semana e não sei como lidar com isso. Não me importo com as pessoas. Na verdade, na maioria das vezes, mal me preocupo comigo mesmo, portanto, essa preocupação com o bem-estar de outra pessoa é completamente estranha para mim.

Vou dar uma olhada nela hoje.

No momento em que tomo essa decisão, fica mais fácil respirar.

Sim. Estou voltando para Boston quando terminar aqui.

Mas a questão é que eu nunca planejei sair vivo da propriedade do *Sr. Corre-Para-Desfrutar*.

Em minha área de trabalho, o menor erro ou um pequeno descuido pode significar morte certa. Achei que já era hora de cometer um. Eu nunca daria a Kruger, o filho da puta que me transformou no que sou, a satisfação de pensar que ele havia vencido essa guerra tácita entre nós ao tirar minha própria vida. Jamais. Mas todo mundo comete erros em campo.

O corredor vira para a esquerda, pegando uma trilha em direção ao pequeno lago, com dois guarda-costas seguindo alguns metros atrás. Há câmeras nos postes de luz ao longo da trilha de corrida, mas elas não estão direcionadas para a área ao redor da extensão de água. Se eu fotografar quando eles retornarem à trilha, o pessoal da vigilância verá e todo o complexo entrará em bloqueio.

Esse é o meu plano. Basta um pequeno erro - disparar depois que meu alvo tiver saído do ponto cego da câmera - e estou morto. Se houver um inferno na vida após a morte, tenho certeza de que é lá que vou parar. Não dou a mínima. Já estou no inferno e ainda nem saí da Terra.

Atirar agora, enquanto eles estão fora do alcance da câmera? Ou esperar até que estejam novamente à vista, fazer a matança e assinar minha própria sentença de morte? Tigresa ou a minha morte?

Se eu me deixar levar, não conseguirei me certificar de que a garota está bem. *Preciso* ter certeza de que ela está segura, e essa necessidade é mais forte do que o desejo de finalmente acabar com minha existência.

Deslizo meu dedo até ao gatilho, pronto para apertar. O corredor mantém seu ritmo ao redor da lagoa. Seus seguranças o seguem, alinhados como patos em uma fila. Com minha mira apontada para um dos guarda-costas, disparo. O homem tropeça, caindo de bruços na grama. O outro guarda-costas já havia sacado sua arma e se posicionado na frente do *Sr. Que Logo Estará Morto de Qualquer Forma*, cobrindo-o com seu corpo. Do jeito que eles estão, se eu atirar

no pescoço do guarda-costas, a bala provavelmente passará por ele e acabará no rosto do meu alvo. Dois pássaros, uma pedra. Pena que esse contrato veio com uma exigência especial - o rosto do corredor deve permanecer intacto.

Abaixo minha mira e envio a bala voando. Ela atinge a parte superior do tronco do guarda-costas, logo acima de sua clavícula. As pernas do homem se dobram sob ele. Em seguida, miro em sua cabeça, e o tiro o atinge entre as sobrancelhas. O *Sr. Calça Amarela* se virou e está tentando escapar. Aposto que ele já deve ter se mijado, mas será difícil saber com sua escolha de moda. Atirei em suas duas pernas.

Minha posição é do outro lado da lagoa, então levo quase cinco minutos para chegar ao corredor. Ele está chorando enquanto rola para a frente e para trás na grama. Pego meu celular, ligo a câmera de vídeo e me agacho ao lado dele.

— Segure aqui. — Pego sua mão e coloco o telefone em sua palma. — Aqui. Na frente de seu rosto.

— Por favor! — o homem choraminga e balança a cabeça. O telefone escorrega de suas mãos.

— Não tenho o dia todo. — Coloco o telefone em sua mão novamente. — Segure-o na frente de seu rosto.

Ele continua choramingando, mas mantém o telefone levantado à sua frente.

— Assim mesmo. Legal. — Puxo minha faca e pressiono a lâmina em sua garganta. — Agora, preciso que olhe para a câmera e diga: 'Sinto muito por ter comido sua esposa, Sr. Delaney'.

— Eu... Eu sinto muito.. — ele gagueja e começa a chorar. — Quem é você? Por que está fazendo isso?

— Isso não está no roteiro. — Interrompo a gravação e, em seguida, pressiono o botão Iniciar novamente. — Mais uma vez. Em alto e bom som, por favor.

— Sinto muito por ter comido sua esposa, Sr. Delaney! — ele grita.

— Perfeito. — Aceno com a cabeça e corto sua garganta.

Envio o vídeo para Kruger, depois dou meia-volta e volto para pegar meu rifle. Malditos contratos privados e seus pedidos especiais.

* * *

Há apenas uma coisa que odeio mais do que as pessoas. Engarrafamentos.

Escolhi uma rota indireta para Boston para evitar as estradas lotadas, então por que diabos há uma fila de veículos na minha frente bloqueando a rampa de acesso ao viaduto? Não tem nada a ver com a hora do rush, porque os carros não estão se movendo e alguns motoristas já saíram de seus veículos. Uma multidão se reuniu no meio da estrada. Deixo meu carro e vou até lá para ver o que está acontecendo.

— Por favor, não faça isso, — a voz de uma mulher chega até mim. — Podemos resolver isso, Jeremiah.

O grupo está parado em silêncio, olhando para o homem do outro lado do corrimão da ponte, que está olhando para a estrada abaixo como se tivesse a intenção de pular. A mulher que ouvi antes está alguns passos atrás dele, balbuciando algo sobre um divórcio. Eu odeio drama, porra.

Passando pelos sósias formados em um semicírculo ao redor do casal, eu me aproximo do cara e pego minha arma.

— Volte para este lado. — Pressiono o cano em sua têmpora. — Ou vou estourar seus miolos.

A futura ex-esposa e algumas outras pessoas gritam, e seus gritos se misturam ao barulho de várias dezenas de pés. Seria mais fácil simplesmente empurrar o cara, mas isso significaria polícia, talvez até o fechamento de estradas ou algo assim, e

estou com pressa.

— Agora, Jeremiah, — eu digo.

O aspirante a saltador me encara, com o corpo tremendo. Ele vai escorregar.

— Eu não posso, — ele gagueja. — Estou com medo.

É claro que ele está com medo. Ele não quer morrer. Se ele realmente quisesse se matar, já teria pulado. E não teria trazido sua esposa para testemunhar. Maldito manipulador. Guardei minha arma, agarrei o idiota pela nuca e o puxei para cima da grade. Ele cai de bunda ao lado dos meus pés.

— Entre em seu carro e saia da minha frente, — eu disse.

A esposa corre para o homem enquanto ele se levanta e os dois correm para uma caminhonete verde abandonada no meio da estrada. Alguns momentos depois, a caminhonete sai em alta velocidade, seguida pelo resto dos carros que estavam bloqueando meu caminho. Ótimo. Dou uma olhada no relógio e volto para o carro.

Chego ao cruzamento perto da clínica veterinária bem na hora, pegando minha tigresa saindo do prédio. Ela joga a bolsa no banco de trás de seu Volkswagen e depois pega o volante. Mantendo-me à distância, com pelo menos um carro entre nós, eu a sigo em direção ao lado leste da cidade. Ao nos aproximarmos de um dos semáforos, minha curiosidade se apodera de mim e mudo de faixa, parando bem ao lado do veículo dela. O vidro fumê do lado do passageiro não permite que ela espie o meu carro, mas posso vê-la claramente.

Pensar com mais clareza também.

Meu cérebro estava um pouco confuso devido à perda de sangue quando nos conhecemos, mas notei que ela era bonita. Idiota. Ela é mais do que ‘bonita’. Traços faciais delicados, com um nariz pequeno e grandes olhos em forma de amêndoa. Bochechas arredondadas e suaves. Eu poderia ficar olhando para ela por horas. Os cabelos loiros cor de mel se juntavam no topo de sua cabeça, com

alguns fios soltos caindo em volta do rosto. Lembro-me do cheiro de seu cabelo, tão perto de mim enquanto ela se inclinava para extrair a bala. Flores. Ela cheirava a flores.

Uma música rock está tocando nos alto-falantes do carro e ela está batendo os dedos delicados no volante, seguindo o ritmo e cantando junto. O som não sai direito porque ela erra quase todas as notas.

Está vendo? A garota está bem, *digo a mim mesmo.* Agora, vire-se e dê o fora daqui.

Não posso.

Achei que vê-la mais uma vez, certificando-me com meus próprios olhos de que ela estava bem, seria suficiente.

Mas não é.

Por quê? Porque ela foi ‘legal’ comigo?

A última vez que alguém fez algo bom por mim foi há quase quinze anos. Foi quando aquele velho bastardo, Felix, entrou sorrateiramente em meu quarto na base da Z.E.R.O. e apontou a arma para a minha cabeça, dizendo que atiraria em mim se eu não o deixasse tratar os cortes de faca que Kruger me fez no início do dia. Eu provavelmente o teria matado na hora, mas ainda estava grogue por causa do coquetel que me foi injetado antes de o Capitão Kruger começar sua pequena sessão de tortura. Meu querido chefe tinha maneiras muito distintas de punir seus recrutas.

E agora, essa garota.

Eu lhe disse que nunca agradeci a ninguém em minha vida. Não só porque nunca tive algo pelo que agradecer, mas porque ‘obrigado’ é apenas uma palavra. Uma sílaba sem um significado verdadeiro. Como *amor*. Ou *cuidado*. Palavras vazias que as pessoas usam, mas não significam nada. Como o *perdão*.

Mas eu quero lhe dar algo. Mais do que um beijo em sua mão. Na verdade,

nunca beijei ninguém ou nada antes. Não tenho muito a oferecer, então, naquela noite, dei a ela o que eu tinha. Um beijo pela mão que tratou meu ferimento com tanto cuidado.

Mas também posso lhe dar segurança.

O semáforo muda para verde, e eu a sigo até um bairro residencial agradável, onde ela estaciona em frente a um prédio de três andares. Espero que ela entre e dou duas voltas no quarteirão para me certificar de que o bairro é tão seguro quanto parece. Feito isso, paro em frente a uma loja fechada e pego meu laptop na bolsa que deixei no banco do passageiro.

O atalho para acessar o banco de dados confidencial está no canto superior esquerdo da tela. Passo rapidamente pela autenticação de quatro fatores para fazer o login e digito o nome da rua em uma consulta de pesquisa. A lista de todos os criminosos conhecidos e seus endereços preenche a página. Restrinjo a pesquisa a um raio de dez quarteirões em torno do prédio da minha tigresa e examino os resultados. Demoro quase uma hora para examinar as três biografias que aparecem. A primeira é de uma mulher que foi condenada duas vezes por fraude financeira, portanto, eu a excluo como uma ameaça em potencial. Os outros dois, no entanto, são homens com histórico de assalto e agressão, e um deles foi condenado por tentativa de estupro. Verifico o endereço de ambos pelo aplicativo de navegação, pego minha arma e saio do carro.

Toda a ideia de segundas chances é uma grande ilusão. As pessoas raramente mudam, se é que mudam.

E eu não permitirei que uma ameaça em potencial viva perto da minha tigresa.

Capítulo 3

26 anos atrás em relação aos dias atuais Instalação de tratamento psiquiátrico residencial

(Kai 8 anos de idade)

Kai

— Receio que não haja muito o que fazer com o garoto, Capitão Kruger, — diz a mulher de jaleco branco, parada na porta. — Ele não sabe escrever e mal sabe ler. Ele pode ser considerado socializado apenas marginalmente. Quando uma enfermeira tentou lhe dar banho, ele arranhou seu rosto e mordeu seu braço. Tivemos que sedá-lo só para podermos lavar o sangue dele.

O homem em um uniforme militar entra em meu quarto. — Quantos anos ele tem?

— Não temos certeza, mas achamos que ele tem cerca de oito anos, pelo menos de acordo com os registros dos serviços de proteção à criança. Ele foi encontrado faminto e completamente negligenciado em um apartamento abandonado há dois anos. Quando os médicos o examinaram, acharam que ele não poderia ter mais de seis anos na época.

— Os pais?

— Desconhecidos. Mas eles encontraram seringas espalhadas por toda parte e presumiram que quem estava cuidando dele era um drogado. Provavelmente teve uma overdose em algum outro lugar. O menino falava uma mistura de polonês e inglês quando foi encontrado. Ele passou os últimos dois anos sendo transferido de um lar adotivo para outro por causa de seus problemas de comportamento.

— Mm-hmm. — O homem dá mais um passo em minha direção.

Estudo seu corpo da cabeça aos pés, procurando qualquer coisa que ele possa usar como arma contra mim. Não há nada, mas isso não significa que ele não tentará me atacar. Continuo parado no canto, com as costas apoiadas na parede, e o observo em busca do menor movimento ameaçador.

— Tentou colocá-lo junto com as outras crianças?

— Sim, senhor. Não deu muito certo. As outras crianças têm medo dele.

O homem de uniforme dá mais um passo e agora está no meio da sala.

— Pensei que ele fosse o mais jovem daqui.

— E é. Mas parece ser o mais violento. Seus registros indicam um incidente em que ele arrancou a orelha de um menino e esfaqueou outro com um garfo enquanto vivia em um lar adotivo.

— O garoto não parece violento para mim. Ele expressou algum tipo de arrependimento por ter matado seu pai adotivo?

— Não.

— Interessante. Sabe-se o que o levou a matar o homem? — Mais dois passos e ele para bem diante de mim.

— O relatório médico mostrou várias fraturas e outras indicações claras de abuso repetido. O incidente, no entanto, ocorreu porque o cuidador raspou o cabelo do menino. Hum.... Senhor, não acho que deva ficar tão perto dele.

Os olhos do homem se encontram com os meus por um momento, depois sobem para focalizar o topo da minha cabeça. — Sim. Ele fez um péssimo trabalho.

Ele estende o braço, como se fosse tocar minha cabeça. Eu chuto sua mão para longe e bato nele, tentando acertá-lo nas bolas. O homem se move para trás, evitando meu punho, mas seus lábios se curvam em um sorriso feio. Eu o ataco com tudo o que tenho.

O desgraçado nem sequer tenta me revidar. Ele se esquiva da maioria dos meus golpes, mas ainda consigo acertar meu cotovelo em sua lateral - uma vez - e arranhar seu queixo com meu punho. Quando tento pular em suas costas para atingir seu pescoço, ele dá um salto para trás e me golpeia. A ponta de sua palma se choca com minha testa. A pancada é tão forte que acabo esparramado no chão, com os ouvidos zunindo.

— Legal. — O homem ajusta sua jaqueta do exército e olha por cima do ombro para a mulher de jaleco branco. — O exército está iniciando um programa de educação para jovens problemáticos, e esse garoto seria um bom candidato. Vou levá-lo. Os documentos serão entregues a você dentro de uma hora.

— Fico feliz que ele esteja tendo uma segunda chance, afinal.

— De fato. — O homem olha para mim e, desta vez, há um largo sorriso de satisfação em seu rosto. — Vou me certificar de que seu potencial seja totalmente utilizado.

Capítulo 4

Nera

— Você está elegante hoje. Benito parece estar apaixonado por você, — diz Dania, apontando para o outro lado do bar de karaokê.

Dou uma olhada por cima do ombro, encontrando o filho de um dos capos do meu pai tomando um drinque. Ele pisca para mim assim que nossos olhos se encontram.

— Não estou interessada, — digo, virando as costas.

— Ele acabou de mandar uma mensagem pedindo seu número. — Dania me cutuca com sua perna. — Ele é bonitinho.

— Espero que não tenha dado a ele.

— Por quê?

— Não quero ter nada a ver com um cara que só quer me convidar para sair por causa de quem é meu pai. — Suspiro. Essa é uma das razões pelas quais eu geralmente evito lugares pertencentes a membros da Cosa Nostra. Isso acontece o tempo todo.

— Nem todos os homens são como Lotario, — sussurra Zara perto de meu ouvido.

— Todos os caras da Cosa Nostra *são*, — sussurro de volta.

Status e posição são as coisas mais importantes na Cosa Nostra e, como filha mais velha do Don, pode-se dizer que sou o prêmio mais procurado. Aprendi isso da maneira mais difícil no ano passado.

Lotario, o cara que administra um dos cassinos, me abordou em uma das festas organizadas pelo meu pai e me convidou para sair. Eu não poderia ter ficado mais feliz e parecia que estava flutuando em uma nuvem. Ele tinha vinte e cinco anos. Era incrivelmente lindo. E tinha maneiras impecáveis. Lotario sabia exatamente o que dizer e como dizer para fazer uma garota se sentir especial. Fomos a um encontro em um restaurante chique, onde ele tinha uma cabine particular, escondida da vista dos outros clientes, reservada para nós. Um grande buquê de dálias estava esperando por mim quando chegamos à nossa mesa. — Assim não seremos incomodados, — disse ele, quando, na verdade, ele simplesmente não queria que ninguém nos visse juntos.

Começamos a nos ver regularmente, em segredo, é claro. Lotario temia que meu pai não aprovasse devido à nossa diferença de idade. Ele queria esperar antes de lhe contar. Eu concordei. Teria concordado com qualquer coisa - eu era tão ingênua, ou talvez apenas estúpida. Definitivamente, estava cega por toda a atenção que ele estava me dando. Joias caras. Lindos arranjos de flores toda vez que nos víamos. Fiquei triste por ter que jogá-los fora assim que pude por causa da minha alergia a pólen. Mencionei isso a Lotario, mas ele insistiu que eu deveria estar cercada de coisas bonitas. E então, houve jantares extravagantes e seus doces elogios que me deixaram encantada, especialmente porque eu sabia que não era realmente uma beldade. Minha aparência é bastante comum. Na melhor das hipóteses, acho que tenho um pouco de aparência de ‘garota da casa ao lado’. Mas esse homem charmoso e bonito estava apaixonado por mim, e a sensação foi muito boa. *Eu* me senti linda e especial.

Quando ele me convidou para ir à sua casa uma noite, eu aceitei. É claro que aceitei. Achei que estava apaixonada por ele. E que ele estava por mim. Dei minha virgindade àquele idiota. Foi rápido e doeu, mas não me importei. Então, ele saiu do quarto, dizendo que precisava pegar algo no andar de baixo.

Não sei por que o segui. Talvez, no fundo, eu soubesse a verdade. Eu o encontrei na varanda, falando com alguém ao telefone. Ele estava se gabando de que

finalmente havia comido a filha de Núncio Veronese e que planejava fazer isso todas as noites até me engravidar. Ainda me lembro de sua gargalhada quando disse que seria nomeado capo quando se casasse comigo. Quando peguei minhas coisas e saí pela porta dos fundos, eu estava chorando tanto que mal consegui pedir um táxi.

— Você quer ir para casa? — pergunta Zara, tirando-me de meus pensamentos desagradáveis.

Deixo de lado a lembrança dolorosa e dou um sorriso. — Depois de três horas tentando convencê-la a sair? De jeito nenhum.

— Bem, eu não achei que fosse gostar de karaokê, mas até que é divertido. — Ela dá de ombros.

— Claro que sim, — Dania sorri e dá um tapinha em minha coxa. — E como Nera sugeriu, ela deveria ir primeiro, para nos mostrar como se faz.

— Não. — Eu ri e balancei a cabeça. — Você sabe o quanto meu canto é ruim.

— Ah, vamos lá. Não é tão ruim assim. Vá em frente.

— Tudo bem. — Esvazio meu copo de limonada. — Não se atreva a rir.

Colocando meu copo vazio na mesa, corro em direção à pequena plataforma elevada do outro lado do bar, onde um cara com um microfone está me chamando.

Assim que chego ao palco, ele me passa o microfone e começam as primeiras notas emocionantes de ‘Un-break My Heart’.

— Oh, Deus. — Eu me encolho. Gosto de música, mas não conseguiria atingir a nota certa ou cantar uma melodia se minha vida dependesse disso. Às vezes, canto no chuveiro ou dentro do meu carro, mas nunca em uma sala cheia de pessoas.

Observando as palavras desaparecerem na pequena tela montada na parede, começo o primeiro verso. Como era de se esperar, todos ao redor caíram em uma

gargalhada estridente. Continuo a música enquanto meus olhos se voltam para a nossa mesa. Dania está quase caindo de seu assento, rindo como louca. Ao lado dela, Zara aperta a ponte do nariz, com a mão tapando o rosto e os ombros tremendo incontrolavelmente. É tão inesperado que perco a noção da letra da música por um momento. Só consegui convencê-la a vir conosco esta noite ameaçando encontrar o primeiro cara de aparência perigosa que eu pudesse e persuadi-lo a me deixar praticar primeiros socorros nele.

Uma rápida olhada na tela me ajuda a pegar a letra e continuo a cantar a música, uivando ainda mais alto do que antes. Estou ciente de que estou fazendo papel de boba, mas desde que isso coloque um sorriso no rosto da minha irmã, não me importo.

Felizmente, a música termina, mas eu permaneço no palco e olho para o apresentador do karaokê.

— Mais uma, por favor, — eu digo. — 'My Heart Will Go On'.

Um grito coletivo enche a sala enquanto as pessoas riem e imploram para que o cara tire o microfone de mim. Acho que já se cansaram do meu ‘talento’. Bem, eles terão que aguentar mais uma música. Não vejo minha irmã se divertindo com muita frequência, então vou me certificar de prolongar isso o máximo possível.

Minha segunda apresentação é ainda pior do que a primeira. Uma das garotas sentadas perto do palco está com as mãos sobre os ouvidos, olhando para mim com horror, mas o resto da plateia está me aplaudindo. No entanto, só me preocupo com a Zara e noto que ela tem a palma da mão pressionada na testa enquanto balança a cabeça em descrença. Ainda assim, um sorriso largo está estampado em seus lábios.

Estou no meio do refrão, morrendo de rir, tentando atingir as notas altas e falhando miseravelmente, quando um leve arrepio percorre minhas costas. Parece que alguém acabou de colocar a ponta do dedo na base do meu pescoço e

o deslizou lentamente pela minha coluna. Um instinto primitivo que me alerta de que estou sendo observada. Mas isso não faz nenhum sentido. Mais de cinquenta pessoas estão assistindo à minha performance idiota, e eu não senti nada até este exato momento. Deixo meus olhos deslizarem pela sala, sem encontrar nada de errado, então, ignorando a sensação estranha, volto a me concentrar no segundo verso.

No entanto, a sensação não se dissipa, mesmo depois que termino de ouvir a música. Na verdade, ela se torna ainda mais forte. Quando estou voltando para a nossa mesa, ela permanece comigo, como uma rede invisível de fios de teia de aranha na qual, de alguma forma, eu me enrosquei.

Outra pessoa sobe ao palco e começa a cantar. Eles não são melhores do que eu, e o público está aplaudindo e rindo novamente. Ninguém mais está prestando atenção em mim, mas eu posso sentir isso, essa... *coisa*. Perigosa. Sombria. À espreita em algum lugar nas sombras. Me observando.

— Nera? Você está bem? — Zara estende a mão e segura a minha.

— O quê? — Balancei a cabeça e ri. — Sim. Claro. Então, como eu estava?

— Magnificamente terrível.

— Ei, você se lembra de quando estávamos na escola e a professora queria que cantássemos uma música de Natal para todos os pais? — pergunta Dania.

— Você quer dizer quando ela ficou tão emocionada que chorou no final da apresentação? — Eu disse.

— Hum, não acho que tenha sido esse o motivo, Nera. Tenho certeza de que foi o seu canto.

— Oh, não seja tão ruim! Eu tinha oito anos! — Belisco seu braço. — E eu não era tão ruim assim.

— Se você o diz.

Dania sobe ao palco em seguida, escolhendo uma música de rock dos anos 80.

Ela está vestida com um lindo top rosa com alças finas e jeans, o mais adequado possível para uma noite casual em um bar de karaokê. Eu, por outro lado, estou vestida com um vestido lápis de grife e usando saltos altos que estão machucando meus pés. Zara está vestida da mesma forma, só que sua roupa tem mangas compridas e é na altura do tornozelo. Há certas regras não escritas quando seu pai é o líder da Família Cosa Nostra. Uma delas é que você não pode ser visto em público com roupas casuais. Afinal, é imperativo manter uma certa imagem.

Nunca compreendi verdadeiramente o impacto que meu pai teve em cada elemento de minha vida até que me mudei. Às vezes, eu gostaria de nunca ter saído de casa. Sei que um dia, em breve, terei de voltar àquela existência, e poderia ter sido mais fácil se eu não tivesse conhecido o outro lado da vida. A realidade alternativa. O lado normal - onde você não precisa fingir ser outra pessoa para ser aceite.

Mas, por enquanto, estou determinada a não pensar no que virá. Sobre um homem aleatório que nunca saberá quem sou de verdade, mas que se casará comigo apenas porque o Don assim o decretará. Um homem que comprará colares de diamantes para mim e me levará a restaurantes caros, mas que não se importará de fato com o que sinto. Alguém que provavelmente me trará buquês de flores enormes, apesar de eu ter dito a ele inúmeras vezes que elas deixam meus seios nasais irritados e inflamados.

— Mais alto! Não estamos ouvindo você! — Eu grito quando Dania começa o refrão da música, depois me inclino para perto de Zara. — Talvez, da próxima vez, você possa cantar uma também?

— Talvez...

Dou um leve beijo na bochecha de minha irmã, depois envolvo seus ombros com meu braço e volto minha atenção para nossa amiga no palco. É estranho como duas pessoas nascidas da mesma carne e sangue podem desejar coisas

absolutamente diferentes. Minha irmã quieta, sempre querendo ser invisível. E eu, desejando que alguém finalmente me veja como eu realmente sou, e não como a filha de quem sou.

Mantenho meu foco no palco, enquanto a sensação de formigamento continua a atingir minha coluna e, por algum motivo, não é mais desagradável.

Kai

Gritos de riso e alegria surgem ao meu redor enquanto eu me escondo nas sombras, escondido por uma coluna de madeira perto da entrada da área da cozinha. Os garçons passam por mim enquanto entram e saem, alguns deles olhando para mim por estar bloqueando seu caminho. Normalmente, eu faria algo a respeito desses olhares, mas não posso me incomodar agora em prestar atenção em nada além da minha tigresa sentada em uma mesa de canto do outro lado da sala.

Enquanto eu observo, ela se inclina e beija a bochecha da garota sentada à sua esquerda. O cabelo dessa garota é mais escuro, mas ela e minha tigresa são muito parecidas. Primas? Ou talvez irmãs? Inclino a cabeça e meu olhar segue a mão da tigresa quando ela pousa nas costas da outra garota. Estou tentando entender esse gesto. As interações humanas, especialmente entre pessoas com conexões familiares, sempre me fascinaram. Provavelmente porque nunca as entendi muito bem. Esse movimento, por exemplo. É uma ação inconsciente ou deliberada? Ela está oferecendo conforto, segurança? E, em caso afirmativo, o que está exigindo essa necessidade? A outra garota me parece bem.

E todo o cenário aqui, com pessoas aleatórias pegando aquele maldito microfone e gritando nele só para que os outros possam rir? Que maneira mais foda de passar o tempo. Minha tigresa parece estar gostando, no entanto.

Ouvi a diversão em sua voz enquanto ela cantava a música. No entanto, não tenho certeza se isso poderia ser chamado de canto. O que quer que estivesse saindo de sua boca soava mais como o grito de uma banshee. Era horrível e um pouco doloroso de ouvir, mas os cantos dos meus lábios se inclinaram para cima, mesmo assim. Ela é corajosa. É preciso ter muita confiança para fazer uma piada

de si mesmo de propósito na frente de uma sala cheia de pessoas.

Meus olhos deslizam por seu corpo, observando cada detalhe. A maneira como seu cabelo está torcido em um nó complicado em seu pescoço. O vestido elegante, que a faz parecer diferente da garota de calça e blusa que eu segui até em casa há duas semanas. Os saltos - os saltos altíssimos que combinam com a cor de seu vestido.

Eu a observo por mais de uma hora, absorvendo cada movimento que ela faz. A maneira como ela ri, com os olhos franzidos nos cantos. Como ela tende a mexer em seu copo, girando-o na mão. Ela sobe ao palco mais uma vez. Não conheço a música, mas tenho quase certeza de que não deveria soar *assim*. Ela é tão ruim cantando que chega a ser engraçado. Quando ela erra o refrão pela segunda vez, eu me pego rindo com o resto da plateia. É uma sensação estranha, provavelmente porque não me lembro da última vez que ri. Quando ela vai ao banheiro, eu a sigo à distância, e depois novamente quando ela retorna à sua mesa.

Por fim, as três moças têm uma breve discussão antes de pegarem suas bolsas nas cadeiras e se dirigirem para a saída. Ao passarem por uma das mesas dos fundos, um homem que a ocupava as segue com o olhar. Com mais de 50 anos, é muito mais velho do que o resto dos clientes deste lugar. Ele continua a olhar para a minha tigresa enquanto abaixa a mão por baixo da mesa até à virilha, esfregando e apertando a protuberância entre as pernas. Quando as garotas chegam à porta, ele se levanta e segue o rastro delas. Eu me afasto da coluna e vou atrás do pervertido.

O cara passa pela porta e faz uma pausa na calçada, olhando para a esquerda e para a direita. Paro atrás dele e pressiono a ponta da minha faca entre as costelas em suas costas.

— Nem uma palavra, — digo ao lado de sua orelha. — Ande.

Ele deve ter ouvido em meu tom de voz que não estou brincando, porque faz o

que eu mando. Eu o conduzo pela rua, na direção oposta à que as garotas estão indo, e depois nos coloco na entrada de um prédio residencial.

— Eu tenho dinheiro, — ele se engasga. — Você pode pegar. Por favor, apenas...

— Vire-se.

— É claro. Aqui, vou lhe dar a minha carteira, — murmura o homem ao me encarar. — Não há...

Agarrando sua garganta, eu o empurro contra a parede de tijolos e dou uma olhada rápida para a rua, vendo minha tigresa e as meninas entrando em um carro preto. Quando elas se afastam em segurança, volto meu foco para o canalha diante de mim, indo direto ao seu rosto, examinando seus olhos perturbados. Assim como os animais selvagens podem farejar outros membros de sua espécie a quilômetros de distância, os predadores humanos reconhecem sua espécie. E posso ver isso claramente: esse homem ia machucar minha garota.

As pupilas do idiota se dilatam quando ele retribui o meu olhar e o pânico se infiltra em suas feições. Sem dizer uma palavra, ele começa a arranhar meu braço. Ele deve ter percebido minhas intenções.

Com um movimento rápido, enterro minha faca em seu pescoço.

Capítulo 5

Kai

Uma brisa fresca de fim de verão sopra em meu rosto quando saio e me aproximo da grade de proteção do telhado. O metal velho e enferrujado é frio sob minhas palmas, então apoio meus antebraços nele e olho para o prédio do outro lado da rua. A cobertura tem janelas do chão ao teto, o que me permite vislumbrar uma espaçosa sala de estar cheia de móveis brancos modernos.

Tiro o tecido vermelho macio do bolso e o esfrego entre o polegar e os dedos enquanto observo minha tigresa em seu apartamento. Ela está sentada de pernas cruzadas em um grande travesseiro jogado no chão perto da varanda, concentrada no livro em seu colo. Seu cabelo está solto, caindo em cascata pelas costas.

Por alguma razão, ficar de olho na minha pequena salvadora tem um efeito calmante incomum em mim. Ela salvou minha vida na noite em que nos conhecemos, mas não da maneira que ela provavelmente pensa. Não foi o curativo improvisado, que guardo em meu bolso onde quer que eu vá. E não foi sua inexperiente extração da bala do meu lado. Mas, se eu não a tivesse conhecido, a próxima missão provavelmente teria sido a última.

Há um limite para a quantidade de merda que alguém pode suportar antes de desistir e desaparecer deste mundo. Naquela noite, momentos antes de a garota me encontrar, percebi que já estava farto. Enquanto me sentava no chão daquele beco e observava o céu escuro acima, decidi fazer do meu próximo trabalho o ato final da minha vida.

Então, fechei os olhos e imaginei a felicidade de simplesmente... não existir. Mas

meu devaneio e minhas visões de finalmente ser livre foram interrompidos por uma garota boba.

E aqui estou eu agora. Ainda vivo e respirando. Antes, eu não me importava muito se concluía minhas tarefas e saía vivo ou em um saco de cadáveres. Mas agora me importo. Como poderia cuidar da minha garota se eu estivesse morto? Na noite em que ela amarrou seu lenço em minha coxa e me ofereceu sua mão, minha vida se tornou dela.

Passei algumas noites nesse telhado nos últimos três meses, observando-a. A primeira vez que vim parar aqui foi quando a segui até sua casa depois de acabar com o canalha do lado de fora do bar de karaokê. Assim que vi minha tigresa entrar no prédio dela, fiz minha típica ronda pela vizinhança, depois vim para este telhado e fiquei apenas observando-a. Isso agora se tornou parte de minha rotina. Verificar tudo ao redor do prédio dela para ter certeza de que nada é suspeito. Subir nesse telhado do outro lado da rua estreita de sua casa. Passar horas *observando-a*.

Apenas assistindo, porque aprender mais sobre ela pode significar que nunca escaparei de sua atração gravitacional. Portanto, não sei muito sobre minha garota, a não ser o que notei durante meus períodos de exibição.

Na maioria das noites, ela lê ou usa seu laptop. Acho que ela pode estar estudando alguma coisa. Como ela ainda trabalha na clínica veterinária, imagino que seja algo relacionado. Ela gosta de música. Certa noite, ela passou duas horas limpando sua casa e, enquanto passava aspirador de pó, tirava o pó e lavava as janelas, dançava ao som de músicas que eu não conseguia ouvir. Então, imaginei como ela soaria - desafinada e fora de sincronia - e senti meus lábios se contraírem em um sorriso. Então, em outra noite, observei como ela cuidava das plantas que cresciam dentro de casa. Ela mantém os vasos alinhados perto da janela, onde são exibidos com destaque, como se fossem decorações queridas. Eu achava que as meninas gostavam de flores, mas seu ‘jardim’ é apenas um

monte de folhas verdes. Naquela noite, ela passou vinte minutos limpando as ervas daninhas crescidas demais.

Ela tem algumas amigas, que às vezes ficam em sua casa. Sua irmã ou prima, quem quer que seja a jovem do bar de karaokê, chegou de táxi uma vez. Ela subiu carregando duas sacolas grandes de papel. Achei que ela devia ter trazido comida para viagem, mas o conteúdo acabou sendo roupas. Minha tigresa passou um bom tempo experimentando as roupas daquelas sacolas.

Um vestido em particular - longo e roxo, com as costas abertas - fez com que eu me inclinasse sobre a grade enquanto a devorava com os olhos. Ela rodopiou pela sala de estar com o vestido e depois o tirou bem ali, à vista de todos. Tive dificuldade para engolir quando ela, sem querer, me presenteou com um vislumbre de seu corpo de dar água na boca. Fiquei parado, imóvel, enquanto meu pau endurecia como granito, esticando o tecido da minha calça. Nunca antes eu havia ficado tão excitado só de olhar para uma mulher. Isso me fez sentir como uma aberração, mas não consegui desviar o olhar.

O ping no meu bolso me alerta sobre um e-mail que está chegando. Enrolo o lenço de seda na palma da mão esquerda para que ele não escorregue, pego o celular e escaneio os arquivos anexados. O primeiro é uma foto de uma mulher idosa, óculos de lentes grossas, cabelos grisalhos curtos. Várias linhas de texto estão embaixo - nome e, presumo, sua breve biografia. A vida inteira de uma pessoa, condensada em menos de meia página. Se eu quisesse lê-lo, provavelmente levaria uma hora para decifrar a escassa quantidade de texto. Mas a vida da avó não me interessa nem um pouco. Não me interessa saber quem são meus alvos. Não dou a mínima se eles têm família. Ou as razões pelas quais entraram na lista de alvos do Kruger. Eu faço o trabalho, sem fazer perguntas.

O segundo arquivo é uma cópia de um itinerário de voo para Berlim, e o seguinte contém o endereço da rua e as coordenadas exatas do local, bem como o código do alarme. Parece que o Capitão está de bom humor hoje, considerando

que isso é mais do que ele normalmente me dá. Ou talvez ele esteja simplesmente minimizando o risco de perder seu único ativo ‘de primeira linha’ restante.

Mesmo depois de todos esses anos, ainda tenho dificuldade em decifrar suas ações ou a motivação por trás delas. Com muita frequência, ele me enviava para o campo com informações mínimas. Em uma dessas ocasiões, mal consegui sair vivo. Quando o confrontei a respeito, ele disse que parte de seu objetivo era aprimorar minhas reações ao enfrentar situações inesperadas durante as missões. Mas então, apenas um mês depois, sofri uma emboscada em uma operação e fui trazido de volta à base gravemente ferido, e Kruger perdeu a cabeça. Ele matou toda a equipe cirúrgica depois de me curar porque eles não foram rápidos o suficiente para o seu gosto. Se eu não o conhecesse melhor, poderia ter acreditado que ele estava preocupado comigo.

O último anexo é uma captura de tela de um contrato, destacando os detalhes da ordem de morte e a taxa de um vírgula cinco milhões de dólares. Parece que a avó é uma grande jogadora, mas eu já sabia disso. Ela teria que ser.

Coloco o celular de volta no bolso e volto a observar minha tigresa enquanto ela continua a ler seu grosso livro didático. A seda de seu lenço de cabelo parece tão macia em minha mão. Deve ter sido um item caro, mas ela não hesitou em usá-lo para estancar meu sangramento. Tentei várias vezes lavar o sangue, mas as manchas permanecem. A coisa bonita está arruinada. Talvez eu compre um lenço novo para ela e o deixe em seu quarto. Este agora é meu.

Com uma última olhada na minha garota, que agora está se preparando para dormir, coloco o lenço estragado de volta no bolso e me afasto do corrimão. São quatro horas de viagem de volta a Nova Iorque[1], e eu ainda preciso me arrumar antes de ir para o aeroporto. Há coisas a serem feitas. E pessoas a serem eliminadas.

Uma semana depois

Nera

Com cuidado, cutuco com o garfo a pequena coisa marrom e viscosa no meu prato.

— Acho que o meu ainda pode estar vivo. — Cutuco Zara com meu cotovelo. — O que é isso mesmo?

— Não faço ideia, — ela sussurra com seu sorriso forçado.

— Você não gosta dos escargots, Nera, querida? — A esposa de Tiziano, com uma expressão de choque no rosto, pergunta do outro lado da mesa. — Mandamos importá-los da França, especificamente para esta ocasião. O chefe de cozinha daqui é famoso por preparar esse prato. Venha, experimente. Eles praticamente derretem em sua língua.

Como que para confirmar sua declaração, ela coloca a coisa de aparência desagradável na boca, fazendo um som estranho de esmagamento enquanto mastiga.

— Na verdade, não estou com muita fome. A sopa de batata e alho-poró foi mais do que suficiente para mim, — eu me esquivo. — Mas tenho certeza de que Salvo vai querer outra porção.

O capo, que estava fingindo estar absorto em sua comida enquanto observava secretamente minha irmã durante toda a refeição, levanta a cabeça. Dou a Salvo um sorriso de desculpas e suspiro de alívio quando a esposa de Tiziano volta sua atenção para ele.

— Quer ir comer hambúrgueres depois que terminarmos aqui? — Cutuco Zara

novamente, dessa vez com minha perna.

— Sim, por favor. — Ela coloca seu próprio escargot no guardanapo que estava ao lado do prato e o dobra rapidamente.

— Não posso acreditar que a liberdade condicional de Massimo foi negada mais uma vez, — diz Armando, o capo sentado a alguns metros à esquerda, entre uma mordida e outra. — Eles realmente vão fazer com que ele cumpra toda a sua pena?

— Parece que sim, — responde meu pai da cabeceira da mesa. — Tenho feito investigações a torto e a direito, até consegui envolver um senador que nos deve um favor, mas ele disse que nada pode ser feito. Alguém tem a intenção de manter Massimo preso até ao fim. O Conselho de Liberdade Condicional não pode ser comprado, ao que parece.

— Ele deveria ter sido mais sensato e esperado que a Família lidasse com a retaliação em um momento posterior, — disse Batista Leone, o subchefe. — Matar um homem na frente de várias testemunhas, membros da lei? O chefe da polícia de Boston estava na festa. Estou surpreso que Massimo não tenha sido condenado a prisão perpétua pelo homicídio.

Ele toma um grande gole de seu vinho tinto e algumas gotas acabam em sua gravata, bem ao lado das manchas do molho da salada. Fazendo sinal para que o garçom traga outra garrafa, ele se inclina para Armando e diz em voz baixa: — Esse rapaz sempre foi muito impulsivo. Espero que o tempo na prisão o tenha acalmado.

Fico olhando para Leone, de boca aberta. O subchefe costuma dar uma bicada no meu meio-irmão. Mais de uma vez eu o ouvi comentar que papai nunca deveria ter permitido que Massimo morasse conosco. Batista acha que Massimo deveria ter sido mandado para um colégio interno quando meu pai se casou com Laura. Eu nunca gostei desse homem. Seu cabelo oleoso e seu odor corporal me fazem engasgar, mas é sua atitude de lambe-botas que mais me enoja. Morando na casa

de meu pai, notei que Leone costumava aparecer sem ser convidado. Pelo menos uma vez por semana ele aparecia em nossa porta. Mesmo quando meu pai recebia amigos para uma ocasião social, o subchefe sempre acabava sendo incluído. Ele se colava ao meu pai, elogiando as conquistas do chefe por horas, nunca perdendo a chance de se destacar como um elemento importante em qualquer empreendimento que estivesse sendo discutido.

A conversa em torno da mesa muda para planos de investimento, com Brio, outro capo, propondo que expandamos para o setor de hospitalidade. Ele fala sem parar sobre como os hotéis poderiam aumentar os lucros.

— Vou pensar no assunto, — disse meu pai. — Houve algumas despesas inesperadas no novo cassino. A expansão dos negócios talvez precise esperar até ao próximo ano.

— Por quê? — O homem sentado ao lado de Tiziano se vira para o meu pai. Ele é um dos maiores investidores nos empreendimentos da família. — Os fluxos de caixa mostram um aumento significativo nas receitas. Por quê esperar?

— É só uma precaução, Adriano. Precisamos de uma análise melhor do mercado hoteleiro antes de investir pesado em um projeto grande como esse. — Meu pai acena com a mão casualmente, mas percebo um olhar que ele troca com Batista Leone. Ele se levanta rapidamente e diz: — Receio ter que deixar todos vocês agora. O dever me chama. Meninas?

Escondi um suspiro de alívio por ter sido poupada de fingir que comeria mais pratos estranhos e, depois de me despedir, corri atrás de papai.

— Zara e eu vamos pegar um táxi. Precisamos pegar alguns rolos de tecido para ela, — eu disse enquanto nosso pai entrava no banco de trás do carro.

— Espero que seja algo diferente de preto ou marrom. — Ele examina a roupa marrom de Zara, um conjunto de calças de pernas largas e um blazer combinando.

— Ignore-o, — eu digo, apertando a mão de Zara enquanto vemos a limusine sair para a rua.

Ao seguirmos na direção oposta, um leve formigamento na parte de trás do meu pescoço me leva a virar e dar uma olhada ao redor, mas não percebo nada de errado. Isso acontece com frequência - de vez em quando, tenho essa sensação estranha de que alguém está me observando, mas quando procuro uma causa em potencial, não há ninguém lá.

— Estranho, — murmuro, depois cruzo meu braço com o de Zara. — Acho que há uma boa hamburgueria no fim da rua.

Passamos o resto da tarde comendo junk food e guloseimas, passeando na loja de tecidos e experimentando roupas em uma pequena loja de vestidos de alta costura, mas, durante todo o tempo, não consigo me livrar da sensação de que os olhos estão me seguindo.

Capítulo 6

Kai

Outono na Nova Inglaterra. A paisagem pode ser bonita, mas o vento frio fora de época faz com que os pedestres segurem os casacos bem junto ao peito enquanto correm pelas calçadas. Espero o semáforo mudar e atravesso para o outro lado da rua, indo em direção à clínica veterinária. Já são quase sete da noite, então eles devem estar fechando em breve. Eu já deveria estar de volta à base, entregando meu relatório de missão a Kruger, mas optei por fazer um pequeno desvio para Boston e verificar minha tigresa novamente. Uma viagem *curta*, de oito horas de ida e volta, fora do caminho.

Já se passaram quatro meses desde que ela me encontrou naquele beco escuro, e ainda não consigo tirá-la da cabeça. A necessidade de saber que ela está segura me consome. É mais do que uma obsessão - é um impulso primordial. Um que precisa ser obedecido ou vou perder a cabeça. Algo que começou como exames rápidos a cada duas semanas, agora se transformou em sessões de horas de observação. Mantendo meus olhos nela, porque nada pode tocá-la em meu turno. Nada pode prejudicá-la quando estou por perto.

Ultimamente, tenho tido mais cuidado para me manter fora de vista. Ela quase me pegou olhando para ela há cerca de três semanas. Eu estava muito atônito observando-a do outro lado da rua enquanto ela experimentava vestidos em uma pequena loja com sua amiga. A visão dela - tão linda - me fez quase babar como um adolescente. Quase perdi a cabeça e me esqueci de me mover para as sombras quando ela passou o olhar pela enorme vitrine da loja. Desde então, tive que ser mais cuidadoso e tenho programado minhas ‘visitas’ para que aconteçam

à noite, quando ela já está na clínica veterinária. Dessa forma, posso segui-la até sua casa para ter certeza de que ela chegará em segurança.

Paro na calçada em frente à clínica. As portas duplas de vidro me dão uma visão clara de uma mulher de meia-idade andando pela área da recepção, recolhendo seus pertences. Minha tigresa está mais atrás, reabastecendo as prateleiras com pacotes de ração para animais de estimação.

A mulher joga algo por cima do ombro e as duas caem na gargalhada. Eu gostaria de estar mais perto para poder ouvir. Ouvir a felicidade na voz de minha tigresa enquanto ela me contagia. Seu sorriso é brilhante e seus movimentos são graciosos, então digo a mim mesmo para simplesmente me contentar em vê-la livre. Livre para viver na luz. Livre para experimentar o calor dessa vida.

A outra mulher se aproxima da minha tigresa e a cutuca com o cotovelo, dizendo algo no processo. Eu imediatamente chamo a atenção, pronto para ir até lá e torcer o pescoço da megera por ter machucado minha tigresa, mas ela apenas dá risada. Por que ela está permitindo isso? Por que não está revidando, defendendo-se? Mesmo que tenha sido apenas um empurrãozinho, ela deveria devolver o golpe, ou os outros começarão a maltratá-la. Ela definitivamente não deveria estar abraçando a mulher como está fazendo agora.

Meus olhos se fecham em fendas enquanto tento analisar esse comportamento estranho, mas não encontro nada. Será que entendi mal a intenção da mulher? Dê-me um alvo e eu o eliminarei em menos de vinte segundos. Mas isso - pessoas comuns - eu não entendo.

Vivi em lares adotivos com muitas crianças diferentes. Muitos meninos que, na época, eram mais velhos e maiores do que eu. Desde que me lembro, tentei evitar estar perto de outras crianças, adultos - qualquer pessoa, na verdade - porque eles gostavam de descontar suas frustrações no garoto magricela que eu era. Inevitavelmente, essas situações não terminavam bem para a outra parte. Eles me machucavam. E eu os machucava de volta. Dez vezes mais. Eu podia

ser menor e mais jovem, mas tinha muita experiência anterior em me defender.

Essa proficiência foi adquirida rapidamente. Chame isso de condição intrínseca. Porque, não importa o que as pessoas acreditem, o fato é que a vida é uma maldita selva, e há apenas uma regra nela. Matar ou ser morto. Figurativa ou literalmente, isso não importa muito. É assim que este nosso mundo funciona. Eu me adaptei para viver nele. Sobreviver nele. Conheço os perigos e as ameaças.

O que eu não entendo é o que é ‘normal’ para as pessoas que não viram o lado feio de nossa sociedade dita esclarecida. Assim, quando a mulher mais velha vai embora e a tigresa fica para trás, eu descarto a interação delas como algo fora do meu alcance. Volto a me concentrar em meu propósito aqui, em atender a esse instinto inerente.

Observo minha tigresa enquanto ela limpa o balcão, usando um pano branco e rebolando os quadris. Para a esquerda e para a direita, um gingado acompanha os movimentos de suas mãos. Parece que ela está dançando. E mesmo que eu não consiga ouvir a melodia, tenho quase certeza de que ela está fora do ritmo. Quando termina sua tarefa, ela dá um giro de balé um tanto desajeitado e joga o pano do outro lado da sala, diretamente em uma cesta no canto.

Ela está bem. Ela sempre está bem.

Eu deveria dar meia-volta e voltar para Nova Iorque, mas não consigo mexer as pernas. O que ela faria se eu entrasse lá agora? Não tenho nenhum motivo para estar aqui, e menos ainda para falar com ela novamente. E sobre o que falaríamos? Não tenho ideia de como fazer conversa fiada. Sou péssimo em qualquer tipo de conversa.

Mantendo os olhos na minha tigresa, desabotoo a manga da camisa esquerda e a enrolo até ao cotovelo, depois pego a faca que mantenho embainhada no tornozelo. Minhas lâminas são sempre afiadas, então basta a menor pressão para perfurar a pele do meu antebraço. Propositalmente, sabendo exatamente o que é

necessário para não cortar o tecido muscular, arrasto lentamente a ponta da faca do cotovelo em direção ao pulso. O sangue escorre para a minha mão assim que termino o ato terrível, grandes gotas vermelhas caem na calçada e chegam aos meus pés. O corte é superficial, mas longo o suficiente para exigir vários pontos. Motivo suficiente para que eu a procure novamente. Colocando a faca de volta em seu suporte de couro, atravesso a rua.

Um carrilhão alegre soa acima da porta quando entro. As notas animadas de uma música popular que ouvi no rádio são transmitidas pelo telefone que fica em uma pequena prateleira perto do cabide. Minha tigresa está em frente a um armário de parede, reorganizando alguns suprimentos e cantarolando para si.

— Esqueceu as chaves do carro de novo, Letícia? — diz ela, ainda concentrada no que está fazendo.

Dou mais um passo à frente, pingando o sangue no chão. — Não exatamente.

A mão da Tigresa fica parada na metade do caminho até à prateleira. Lentamente, ela se vira, com os olhos arregalados.

— Você! O que está fazendo? Oh, meu Deus!

— Eu preciso de... ajuda, — murmuro enquanto ela olha para o meu braço. Não é a mentira que faz com que as palavras soem estranhas quando saem de minha boca. Simplesmente nunca, em meus vinte e nove anos, pedi ajuda a ninguém.

Ela pisca algumas vezes, finalmente saindo de seu estupor momentâneo, e então corre para a sala de exames mais próxima e começa a puxar as gavetas.

— Você está ciente de que esta é uma clínica veterinária, não um pronto-socorro? — ela pergunta enquanto pega uma garrafa de água esterilizada. — Venha cá.

Eu me sento em uma banqueta sem encosto que foi deixada ao lado de uma mesa de metal presa à parede. Enquanto isso, minha garota continua correndo de um lado para o outro, procurando alguma coisa. Seu rosto não revela nada e ela

parece calma e controlada, mas percebo que ela abriu a mesma gaveta mais de três vezes.

— Acho que isso precisa de alguns pontos, — digo enquanto coloco meu braço sobre a superfície de aço inoxidável.

Ela se vira para mim, com os olhos enormes como pires, enquanto segura pacotes de gaze no peito.

— O quê? Não, não vai. — Seu olhar cai para o meu antebraço. — Merda. Vou ligar para a Letícia e ver se ela pode voltar.

— Você não vai ligar para ninguém, tigresa.

— Ah, sim, eu vou. Da última vez que pratiquei dar pontos, o pobre Todd não se saiu muito bem.

Instantaneamente, a tensão me domina, e uma raiva mal reprimida ferve em meu estômago. Quem diabos é Todd? Um amigo homem? Um namorado?

— E onde está Todd agora?

— Em casa, escondido em uma mala debaixo da minha cama. — Ela se posiciona na minha frente e olha para o meu braço. — Essa é uma ideia muito ruim.

Ela matou o cara e o colocou em uma mala? É muito difícil colocar um corpo em uma mala - sei disso por experiência própria. Você precisa quebrar os membros primeiro, em todas as articulações. Dependendo do tamanho da mala, o pescoço talvez precise ser quebrado também. Estreito meus olhos e a observo enquanto ela limpa metodicamente o sangue do corte. E quanto ao cheiro? Os cadáveres começam a cheirar mal depois de vinte e quatro horas.

— Há quanto tempo o... Todd está embaixo de sua cama? — Pergunto enquanto ela aplica um spray anestésico no corte.

— Hum, dez, talvez doze anos. Você está me distraindo.

Doze anos? Ela deve ter começado cedo. Mais jovem do que eu era quando matei pela primeira vez, com apenas oito anos de idade.

— Não acho que tenha sido sábio mantê-lo lá todo esse tempo. Você deveria ter se livrado dele imediatamente, tigresa.

— Sou sentimental. Além disso, não consegui separar Todd de seus amigos. Gosto de tirar todos eles do armário de vez em quando. — Ela respira fundo e pega a agulha e a linha. — Muito bem, vamos lá.

— Eles? Quantos você tem embaixo da sua cama?

— Além do Todd? Talvez mais cinco ou seis. — A agulha perfura minha pele. — Você pode ficar quieto agora para que eu possa me concentrar? Não consigo fazer isso e falar sobre meus bichinhos de pelúcia ao mesmo tempo.

— O que são pelúcias?

— Brinquedos de pelúcia. Por favor, pare de falar.

Brinquedos? Repasso toda a troca em minha cabeça novamente. Sim, agora faz mais sentido.

Eu a observo enquanto ela trabalha em meu corte. Seu rosto está pálido como uma parede e seu lábio inferior está ensanguentado por causa de repetidas mordidas. Ela está usando jeans e uma camiseta azul-marinho simples, mas mesmo com essa roupa casual, ela parece sofisticada de alguma forma. Suas mãos são pequenas e delicadas, e as unhas compridas estão pintadas de vermelho. Elas não se parecem com mãos acostumadas a costurar ferimentos ou trabalhar com animais. Levanto meus olhos de volta para seu rosto, que parece ainda mais pálido do que há alguns minutos. Seus olhos âmbar amendoados, rodeados por longos cílios escuros, estão arregalados, concentrados em sua tarefa. Os fios ondulados de loiro escuro, que me lembram mel líquido, emolduram seu rosto angelical, e meus dedos têm vontade de estender a mão e tocá-los. Não que isso vá acontecer.

Há um ditado que diz que ‘mãos mergulhadas em sangue até aos cotovelos’ descreve homens como eu. Entretanto, no meu caso, ganhei essa descrição muito antes de ser considerado um adulto aos olhos da lei. E agora? Agora, estou tão submerso em sangue e morte que o fedor está permanentemente alojado em minhas narinas. Não me atrevo a colocar as mãos sujas em algo tão puro e inocente como ela, mesmo que seja apenas para sentir seu cabelo. Para mim, ela é como uma pintura preciosa em um museu, aberta para ser vista, mas marcada com uma placa de bronze avisando ‘Não toque’.

Volto a olhar para seus lábios e percebo que ela está murmurando alguma coisa sem respirar.

— Não desmaie. Não desmaie. Droga, esqueci de colocar as luvas. — Sua voz é quase inaudível, mas ainda consigo detectar um tom ligeiramente histérico. — Não desmaie. Só não desmaie, porra.

— Você nunca fez isso antes?

— Não. Apenas observei Letícia fazendo isso algumas vezes. — Ela amarra a linha e olha para cima, encontrando meu olhar. — Com cães e gatos. Não com pessoas. Por que você veio aqui em vez de ir a um hospital?

— Aqui era mais perto.

A garota balança a cabeça e retoma seu trabalho. — O que aconteceu?

— Um morador de rua me atacou.

Recebo outro olhar, desta vez acompanhado de uma sobrancelha levantada. Ela não acredita em mim. Mas é a verdade. Além do meu apartamento em Nova Iorque, tenho alguns outros lugares espalhados pelos EUA onde fico entre um trabalho e outro. Mas nenhum deles me faz sentir em ‘casa’. Nenhum lugar jamais foi. Acho que isso me torna ‘sem-teto’ de certa forma.

Tigresa passa para o próximo ponto, segurando cuidadosamente a pele com os dedos. Seus músculos se contraem, fazendo com que os tendões de seus braços

se destaquem no momento em que ela perfura minha pele. Será que é a visão repugnante da ferida?

— Sinto muito, — ela sussurra. — Sou péssima nisso. Deve doer muito.

Meu corpo fica imóvel. A dor e eu fomos amigos íntimos durante a maior parte de minha vida. Aprendi a bloqueá-la. O fato de ela se preocupar com o que eu sentiria com a picada de uma agulha é muito estranho.

São necessárias apenas vinte e duas suturas para fechar o corte. Elas são irregulares e bagunçadas, mas não me importo. A experiência toda durou apenas dez minutos. Eu deveria ter feito um corte mais longo.

A tigresa guarda a agulha e expira. — Preciso de um drinque.

— Você tem idade suficiente para beber?

Ela encontra meu olhar e se inclina ligeiramente para a frente. — Não me lembro de você ter perguntado minha idade quando insistiu que eu o costurasse, amigo.

— Tenho certeza de que não há limite de idade para isso.

— Espertinho. — Seus lábios se alargam em um pequeno sorriso. — Acho que temos alguns impressos com instruções de cuidados com ferimentos. Elas são sobre animais, mas não deixe de lê-las mesmo assim. Eu também lhe ofereceria um colarinho eletrônico, mas acho que não temos nenhum do seu tamanho.

— O que é um colarinho eletrônico?

— Algo que os pacientes da clínica veterinária recebem. — Seu sorriso cresce e, ao vê-lo iluminar seu rosto, parece que estou olhando para uma daquelas estrelas brilhantes novamente.

Pego sua mão direita e a levo lentamente até minha boca. Ela respira fundo, mas não se afasta. Meus lábios tocam as pontas de seus dedos, sentindo o gosto de sangue. Ela parece tão inocente e pura. Que diabos estou fazendo? O plano era apenas dar uma olhada nela e voltar assim que soubesse que estava tudo bem.

Não incluía cortar meu antebraço só para poder falar com ela novamente. Ou pensar em fazer isso novamente amanhã. E no dia seguinte.

Ela é apenas uma boa garota, provavelmente de uma boa família, sem nenhuma consciência do que acontece na sombra da sociedade sórdida. Não tenho por que procurá-la, absorvendo seu calor e sua luz, apenas para roubar alguns momentos antes de voltar para minha existência sombria.

— Eu deveria ir agora, — eu digo, mas não consigo soltar sua mão.

Nera

A respiração do meu estranho roça as pontas dos meus dedos, que ainda estão roçando seu lábio inferior. Com ele sentado, nossos rostos estão na mesma altura e a apenas alguns centímetros de distância. Mais uma vez, sou capturada por seus olhos. Não consigo escapar da atração magnética daquele olhar inabalável, compelida a me afogar em suas profundezas cinza-claras. Não sei ao certo por que sou tão fascinada por eles. Talvez seja porque tudo o mais nele é preto - suas roupas, seu cabelo, até mesmo o ar ao seu redor parece mais escuro de alguma forma. Seus olhos são a única luz em sua esfera sombria.

— Você sempre usa preto? — Eu sussurro.

Ele inclina a cabeça para o lado, talvez surpreso com minha pergunta. — Na maior parte do tempo.

— Por quê?

— As manchas de sangue são mais difíceis de ver no tecido escuro.

Baixei o olhar para minha mão coberta de sangue, ainda segura na dele. — Você parece se machucar muito.

— Ultimamente, com certeza com mais frequência do que o normal.

— Talvez, da próxima vez, você deva ir a um hospital.

— Por quê? — Ele solta meus dedos. — Você não gostaria de me ajudar novamente?

Eu o encaro, e a respiração fica presa em meu peito. Há algo em seus olhos, algo diferente. Eles não parecem mais conchas vazias. Uma lasca de mágoa parece ter penetrado em suas profundezas de pedra.

— É claro que sim, — eu digo.

— Então, por quê?

— Porque eu quase desmaiei. E porque seu corte parece ainda pior depois da minha 'ajuda'.

Ele olha para seu braço esquerdo. A linha irregular de carne crua e enrugada que eu desajeitadamente costurei é uma visão feia e vermelha. — Parece bom para mim.

Balanço a cabeça. — É uma infecção esperando para acontecer.

— Os antibióticos cuidarão disso, tigresa.

Meu coração dá um salto, como acontece toda vez que ele me chama por esse apelido. Ninguém nunca havia me chamado de outra coisa que não fosse Nera. — Por que você me chama de tigresa?

— Porque combina com você. — Ele estende a mão e passa a ponta do dedo nas costas da minha mão. — Você me ajudará novamente, se eu vier?

Mordo meu lábio inferior, inclinando-me ligeiramente para a frente. Pode ser loucura e estupidez, mas eu gostaria de vê-lo novamente. Em breve. — Sim.

— Por quê? Não me conhece. Por que me ajudou antes?

— Eu não podia deixar você sangrar. Não fazer nada. Não é quem eu sou.

— Algumas pessoas podem merecer sangrar até à morte.

— Você merece? — Eu pergunto.

O toque em minha mão desaparece e, por alguns instantes, ele simplesmente me observa. Olho para seus lábios, onde algumas manchas vermelhas marcam o canto de sua boca. Provavelmente de quando ele beijou meus dedos.

— Sim, — ele diz.

— Ninguém merece morrer dessa maneira.

— Você é muito ingênua se acredita nisso.

— Talvez. — Pego um pedaço de gaze limpa do carrinho e estendo a mão para limpar o sangue de seus lábios. Seu olhar permanece focado na minha mão com tanta atenção, como se estivesse esperando um soco de um punho voador. Faço uma pausa a poucos centímetros de sua boca. — Hum... Você tem sangue no rosto. Eu só vou...

Pressiono lentamente a gaze em seu lábio inferior e depois a movo para o canto da boca, deixando o material absorver o vermelho. Seus olhos prendem os meus, como dois ímãs, não permitindo que eu desvie o olhar.

— Contei à minha irmã que levei um estranho ao meu local de trabalho e extraí uma bala de seu quadril, — sussurro. — Ela me chamou de louca porque você poderia ter sido um assassino em série ou algo assim.

— Assassinos em série matam suas vítimas para satisfazer seu desejo interior de infligir dor. Eu não tenho essas compulsões. Mas sua irmã estava certa sobre a primeira parte.

— Ela também me disse para virar e correr se eu o visse novamente.

— Um conselho sábio. Ela deve ter sido aquela que usava um longo vestido marrom no lugar onde você foi cantar.

Eu pisco os olhos. Noite do karaokê, três meses atrás. Ele estava lá? A autopreservação entra em ação e eu dou um passo para trás.

— Acho que não deveria ter dito isso. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Não tenha medo de mim.

— Você acabou de me dizer que está me perseguindo. Isso não é um bom motivo para estar com medo?

— Eu não chamaria isso de perseguição. Sua segurança é importante para mim, por isso passo por aqui de vez em quando.

— De vez em quando?

— Uma ou duas vezes por mês. Só para ter certeza de que você está bem. — Ele dá de ombros.

— Por quê?

— Você me ajudou. Estou retribuindo.

— Essa é uma maneira perturbadora de agradecer a alguém.

— Eu sei. Mas é a única maneira que conheço. — Ele se levanta - lentamente e com movimentos medidos, como se não quisesse me assustar. — Foi a coisa errada a se fazer, e agora eu entendo. Sinto muito por tê-la assustado. Você não me verá novamente.

O quê? Não! Não quero que ele vá embora. Coloco minhas mãos à minha frente e dou um passo para perto desse homem misterioso.

— Você pode vir de novo, — eu disse. — Se precisar tirar uma bala ou ser costurado novamente, sabe onde me encontrar. — Faço uma pausa e depois acrescento: — Se não se importar em parecer o monstro de Frankenstein depois, é claro.

Ele levanta a mão como se fosse me tocar, mas depois a retira lentamente. — Monstros de verdade raramente se parecem com um.

Observo suas costas largas enquanto ele se dirige para a porta da frente, seus passos soam vazios na sala. A cada metro de distância, o formigamento nas pontas dos meus dedos causado pelo seu beijo se transforma em um tremor.

— Você não vai nem perguntar meu nome? — Eu grito para sua forma em retirada.

Ele para na soleira da porta de entrada e coloca a mão na moldura. — Se você me der seu nome, precisarei dar algo em troca. É assim que as conversas funcionam.

— E o que há de errado nisso?

— Não há nada de errado com isso. Eu só não tenho muito para dar.

Começo a dizer que isso não pode ser verdade, mas ele já está abrindo a porta.

— Você pode me dizer *seu* nome, — eu o chamo.

Há uma estranha quietude em seu corpo enquanto ele permanece ali - uma grande estátua de mármore na porta, enquanto os carros passam em alta velocidade na rua.

— Eu poderia lhe dar um nome. — Sua voz é baixa, mal consigo ouvir as palavras a essa distância. — Mas não seria meu, tigresa.

Fico no meio da clínica, olhando para a porta que se fecha com um clique depois dele, imaginando o que ele quis dizer com aquilo. E esperando poder vê-lo novamente. Espero que não demore tanto tempo até à próxima vez.

Capítulo 7

26 anos atrás em relação aos dias atuais Base da unidade Z.E.R.O.

(Kai 8 anos de idade)

Kai

Uma luz forte me ilumina a partir do candeeiro no teto. Aperto os olhos e sacudo a cabeça, tentando dissipar a tontura. A última coisa de que me lembro é de duas enfermeiras da ala psiquiátrica me segurando, enquanto uma terceira

enfiava uma seringa em minha coxa. Quando o cara de uniforme disse que eu deveria ir com ele, chutei suas bolas e tentei fugir. Cheguei ao meio do corredor antes que as enfermeiras me alcançassem e me jogassem no chão.

— Você quer manter o nome do menino? — Uma voz que não reconheço vem da minha direita. — E quanto aos registros dele?

— Faça-o desaparecer, Felix. — Outra voz, mas esta eu já tinha ouvido antes. É o militar.

Mantendo-me o mais silencioso possível, viro a cabeça para o lado, dando uma olhada ao meu redor. Parece ser uma espécie de clínica. Há duas camas de rodas e prateleiras com suprimentos médicos. As paredes são cinzas e parecem inacabadas, e fios elétricos se estendem pelo chão. Não há janelas.

Meus olhos deslizam para o lado oposto da sala, para onde estão os dois homens. Um deles é o cara de uniforme. O outro é mais velho e está vestindo um paletó de tweed. Ele tem óculos marrons grossos no rosto e um laptop debaixo do braço.

— Não seria mais fácil simplesmente dar-lhe uma nova identidade?

— Não, — disse o idiota uniformizado. — Sua ficha dá a entender que ele não é mentalmente estável. Mudar seu nome novamente pode prejudicá-lo ainda mais.

— De novo?

— Ele foi encontrado abandonado, negligenciado e meio selvagem quando tinha seis anos. O assistente social não conseguiu fazer com que o menino dissesse seu nome, então lhe deu um novo. Aparentemente, ele escolheu o primeiro nome com base em um filme que tinha assistido recentemente. E, como o menino falava parcialmente polonês quando foi descoberto, o sobrenome foi escolhido aleatoriamente em uma lista on-line de nomes étnicos.

O homem de paletó de tweed se vira e olha para mim por cima da borda de seus óculos. — Então, o garoto não sabe nada sobre seu passado? Nem mesmo seu

nome verdadeiro?

— Não. Um candidato ideal e o primeiro recruta para o meu programa Z.E.R.O., você não acha?

Capítulo 8

Nera

— Vou descer em um minuto, Dania, — digo ao telefone enquanto vasculho o armário, procurando meu outro salto vermelho. — Mas só para avisar, não posso ficar muito tempo. Ainda não terminei meu trabalho que deve ser entregue na próxima semana.

— Do que se trata? Tratamento de constipação em cabras? — Ela dá uma risadinha.

— Muito engraçada.

— Eles realmente vão lhe ensinar como fazer o parto de leitões e coisas do gênero?

Vejo o sapato no canto e o tiro para fora. — Provavelmente. Onde você está estacionadA?

— Logo ali na frente.

— Ok. Estarei lá em um segundo.

Calço meus sapatos e vou até ao espelho para dar uma olhada rápida. O vestido preto *bandeau* que Zara fez para mim é sem alças e vai até à metade dos meus joelhos. Usei-o há duas semanas em um coquetel que meu pai organizou, mas é o único que não precisa ser passado. Ele serve. Depois de pegar minha bolsa e meu casaco, abro a porta da frente e paro no caminho. Amarrado em um laço na maçaneta do outro lado da porta está um pedaço de seda vermelha. Meus batimentos cardíacos se aceleram quando olho para o lenço, tão parecido com o que usei para estancar o sangramento do meu estranho de cabelos compridos.

Aquele que ele levou com ele. Será que ele deixou isso? Olho para a direita e depois para a esquerda no longo corredor, mas não há ninguém lá. Meus olhos voltam para a maçaneta e estendo a mão para desamarrar o lenço. Não é o mesmo que ele levou no bolso, mas não tenho dúvidas de que foi ele quem deixou o substituto.

Eu provavelmente deveria estar preocupada, considerando que um homem estranho sabe onde eu moro. E, acho que estou um pouco. Mas também estou sentindo outra coisa. Excitação.

Apesar de minhas ações imprudentes que colocaram tudo isso em movimento, não sou completamente ignorante. O homem foi baleado! E isso aconteceu na noite em que todas aquelas pessoas foram mortas. Foi ele? Uma testemunha apontando para um homem de cabelos compridos indo para aquele complexo de prédios não é prova, mas, de alguma forma, *sei que* ele foi o responsável. Eu provavelmente deveria pedir ao meu pai para designar alguém fora do meu prédio. Ou melhor ainda, eu deveria vender este lugar e procurar outro apartamento.

Mas então... Passo o lenço pelos dedos e prendo meu cabelo na nuca, amarrando-o com seda vermelha.

* * *

— Você vai à despedida de solteira da Romina? — Dania pergunta enquanto nos dirigimos à mesa no lado mais distante do pub, onde dois de nossos amigos estão esperando.

— Não tenho certeza, — digo, tentando esconder um bocejo e falhando miseravelmente. Passei a noite toda estudando, então estou muito cansada. — Zara tem uma prova de matemática na próxima semana e prometi ajudá-la neste

fim de semana. Ela foi reprovada na última.

— Ah, e como ela está?

Mordo o lábio inferior para não atacar minha amiga. Odeio quando as pessoas falam da minha irmã como se houvesse algo errado com ela. — Tudo bem.

— Então, ela ainda não quer se socializar? Tenho que admitir que fiquei surpresa por ela ter vindo conosco a uma noite de karaokê.

— Se minha irmã não quiser sair, a escolha é dela. Você tem algum problema com isso?

— Uau, garota. Eu não quis dizer...

— Eu sei. — Eu lhe dou um sorriso de desculpas. — Desculpe-me. A primeira rodada é por minha conta, ok?

— Pode apostar.

Penduro meu casaco no encosto da cadeira e aceno para o garçom antes de me inclinar sobre a mesa para dar um beijo na bochecha de cada uma das minhas amigas. Romina começa a contar seus planos para a despedida de solteira imediatamente, e não posso deixar de sentir um pouco de inveja. O pai de Romina trabalha em um dos cassinos da Cosa Nostra, mas ele não é alto o suficiente na hierarquia para ser considerado uma figura importante. Ela está se casando por amor, não porque precise se sacrificar pelo bem da família. Talvez eu ainda tenha alguns anos de liberdade, mas o conhecimento do que me espera muito em breve paira sobre minha cabeça como a espada de Dâmocles[2].

Precisamos mostrar nossas identidades falsas antes que o garçom aceite nossos pedidos. Se tivéssemos ido a um dos bares de propriedade da Cosa Nostra, ninguém se atreveria a me dar um cartão, mas não os frequento com muita frequência. Se alguém da Família me visse em um bar sem guarda-costas, entraria em contato com o Don imediatamente. Papai então ligaria para me dar um sermão por ser irresponsável e mandaria dois capangas para me seguir pelo

resto da noite.

Quando pego o mojito que o garçom coloca na mesa, uma sensação estranha toma conta de mim. Parece que milhares de pequenas agulhas estão picando a pele exposta em minha nuca. É a mesma sensação que tenho tido ocasionalmente há meses, mas nunca foi tão forte antes.

Esfrego as palmas das mãos na nuca e dou uma rápida olhada ao redor. Dania e as meninas ainda estão tagarelando sobre a festa de Romina, discutindo quem vai vestir o quê. O grupo na mesa à nossa esquerda está rindo enquanto um dos rapazes entretém todo mundo com uma história, com os braços balançando loucamente por toda parte. É a mesma coisa em todos os lugares - as pessoas estão apenas conversando e se divertindo muito. Cerca de uma dúzia de homens está sentada no bar, alguns parecem bastante bêbados. Nada parece ser fora do comum, mas ainda assim, não consigo deixar de sentir que algo *está* diferente. Só não consigo descobrir o quê.

— Nera? — Romina me cutuca com o cotovelo. — Você vem conosco?

Tento me distrair e tomo um gole do meu mojito. — Para onde?

— Para comprar sapatos. Preciso de algo que combine com minha roupa para o jantar de ensaio. Vamos lá amanhã à tarde.

— Não posso. Preciso terminar meu artigo sobre o papel das agências reguladoras na prática veterinária.

Romina pisca para mim duas vezes e depois cai em um ataque de riso. — Eu realmente não entendo por que você faz isso com você mesma. Técnica veterinária? Sério?

— Já imaginou se o seu valor na vida fosse baseado apenas no que você pode contribuir para a família? — pergunto. — Que suas habilidades e experiências não pudessem ser usadas para fazer a diferença para a sociedade como um todo, se fosse isso que você quisesse, mas apenas para aumentar a prosperidade da

Família? Mas ninguém pede conselhos a uma mulher em nosso mundo, mesmo que ela seja a mais brilhante especialista em qualquer área. E, como mulher, *sou* simplesmente o meio de garantir um bom relacionamento comercial ou de fortalecer a posição de um homem na organização. Portanto, escolhi o programa de técnica veterinária porque gosto de animais e porque o benefício de adquirir esse conhecimento é *meu*. Não da Cosa Nostra. Só meu.

Um silêncio incômodo se instalou na mesa. Sei que não deveria ter sido tão dura, mas não consegui mais segurar minha língua.

— Vou tomar um pouco de ar, — digo e, pegando minha bolsa, saio da mesa. Enquanto me afasto, aquela sensação estranha me acompanha, mas ainda não consigo identificar o motivo.

O pub ficou lotado nos últimos dez minutos, então tenho que me espremer entre os corpos enquanto atravesso a sala. No bar, um grupo de homens está falando alto e brigando, e o barman está tentando acalmar todos. Entre a atmosfera geral de confronto e o forte aroma de álcool que paira no ar, sinto que estou sufocando enquanto sigo pelo corredor estreito até à saída.

Saio para a rua e respiro fundo. À minha direita, quatro pessoas estão fumando. Precisando me distanciar, viro à esquerda e desço a calçada, longe do cheiro, até chegar à esquina do prédio. A música e as risadas estridentes de dentro do pub chegam até aqui, até esse beco lateral, mas é muito mais tranquilo do que na frente. Fechando os olhos, encosto-me na parede fria de tijolos e finalmente inspiro ar fresco. Adoro sair com minhas amigas, mas, às vezes, tudo é demais.

— Vai pegar pneumonia, tigresa.

Fico tensa e meus olhos se abrem. Meu estranho de cabelos compridos está encostado na parede oposta, com os braços cruzados sobre o peito e a cabeça inclinada para o lado, observando-me. Meus batimentos cardíacos disparam só de estar perto dele mais uma vez. Está vestindo um traje todo preto novamente - um terno que parece feito sob medida e caro mesmo com pouca luz, e um casaco

desabotoado por cima. Não vejo nenhuma arma, mas tenho a sensação de que ele tem mais de uma com ele. Cada molécula de ar ao redor dele parece emitir uma mensagem muito clara: *Perigo! Ameaça! Afaste-se!* Ignoro o aviso, pois quero estar mais perto dele, não mais longe.

— Eu precisava de um pouco de ar, — sussurro. Essa sensação estranha está zumbindo dentro de mim agora, como se mãos invisíveis estivessem acariciando levemente minha pele. Foi ele que eu senti.

— Vejo que encontrou o lenço. — Ele move seu olhar para meu acessório de cabelo.

— Bem, ele estava amarrado à maçaneta da minha porta da frente. Era difícil não perceber.

Ele apenas acena com a cabeça. Nenhuma explicação sobre como ele sabe onde eu moro ou por que o deixou lá.

— Você parece estar bem, — acrescento. — Nenhum ferimento sangrando esta noite?

— Infelizmente, não.

Levanto uma sobrancelha. — Infelizmente?

— Gosto muito de nossas pequenas aventuras entre médico e paciente. Talvez da próxima vez, quando eu levar um tiro ou uma facada, eu a procure novamente.

Só a ideia de ele ser ferido novamente faz meu peito se contrair. Mesmo que isso me permita vê-lo. Tocá-lo. Talvez ele até beijasse meus dedos novamente, como em nossos dois encontros anteriores. Acho que é sua maneira particular de me agradecer. Ainda assim, não quero que ele se machuque.

— Por favor, não faça isso.

De repente, ele se enrijece e seus olhos se arregalam.

— Por favor, não leve um tiro ou seja esfaqueado novamente, — esclareço. — O

que está fazendo aqui?

— Este não é um bairro muito seguro. Eu queria ter certeza de que você está bem.

— Posso me defender quando a situação exigir isso.

— Sim, tenho a sensação de que pode. — Afastando-se da parede, ele percorre a distância entre nós com alguns passos largos até ficar ao alcance do braço. — Vire-se.

Olho fixamente em seus olhos enquanto ele se eleva sobre mim como um belo espectro sombrio. Não há nada de remotamente normal nessa situação. Conversar casualmente com um homem estranho em um beco deserto, como se fôssemos vizinhos que se encontraram inesperadamente. Um homem *perigoso* que obviamente está me seguindo. Quem em sã consciência faz isso? É mais do que estúpido.

E ainda assim... Lentamente, eu me viro, dando-lhe as costas.

Um tecido áspero e pesado cai sobre meus ombros. O casaco ainda está quente por causa do calor do corpo dele, e um leve cheiro de sua colônia invade meus sentidos. Não é uma fragrância forte e pungente como muitos dos homens da Cosa Nostra preferem, o que torna difícil identificar seu cheiro específico. É mais um conforto sutil do que um aroma específico. Algo fresco e selvagem, como o vento da montanha.

— Obrigada, — digo ao me virar para encará-lo.

— Não vai cantar hoje?

— Não é esse tipo de lugar.

— Mm-hmm.... Não entendo muito de música, mas você foi muito mal.

— Eu sei. — Meus lábios se curvam. Os caras que conheço nunca diriam algo assim para mim. Eles me encheriam de elogios falsos, dizendo como meu canto é bonito, porque é isso que eles acham que eu quero ouvir.

— Então, por que o fez?

— Foi divertido. E porque colocou um sorriso no rosto da minha irmã.

Sua testa se franze. — Você queria que sua irmã risse de você?

— Ela não estava rindo *de* mim. Ela estava rindo por minha causa.

— Não é a mesma coisa?

— Hum, não. Amigos e familiares verdadeiros nunca ririam de você, por mais estúpidas que sejam suas ações.

— Mm-hmm.... Nunca pensei nisso dessa forma. — Ele recua e se apoia novamente na parede, cruzando os braços como antes. Sua postura estica o tecido preto da camisa sobre os braços musculosos e sobre os ombros largos.

O calor inunda minhas bochechas quando me lembro dele sentado à minha frente - sem jeito - naquele dia na clínica veterinária. Acho que qualquer mulher se sentiria seduzida por um homem como ele. Não posso dizer que nunca o imaginei nu. Mas meu fascínio pelo meu estranho vai além da atração física. Por um lado, o fato de ele aparecer do nada e logo depois desaparecer novamente me deixa com poucas respostas enigmáticas e mais perguntas após nosso curto período juntos. Ele continua sendo um enigma completo. Por outro lado, ele confessou abertamente que estava me perseguindo. Qualquer mulher sensata em meu lugar correria, longe e rápido, gritando o tempo todo. Eu? Eu só quero saber mais sobre ele.

— Posso lhe perguntar uma coisa? — Sua voz rouca quebra o silêncio e, juro, posso sentir as vibrações contra minha pele.

— Claro, — expiro.

— O que está acontecendo com a maconha?

— O quê?

— As coisas verdes que você mantém ao longo de suas janelas?

Arqueio uma sobrancelha. — Como você sabe sobre minhas plantas?

— O telhado em frente ao seu prédio tem uma boa vista da sua casa. Eu a vi pulverizando as folhas quando fui ver como você estava.

— São ervas. Orégano. Hortelã. Salsa. Alecrim. Gosto de seus cheiros. Mas temo ter matado a salsa. Ela está quase completamente seca. — Suspiro. — Terei de comprar uma nova quando tiver tempo livre.

— Pensei que as mulheres gostassem de flores. Não de grama.

— Ervas, — eu digo novamente. — Também gosto de flores, mas costumo ter um ataque de espirros sempre que chego perto demais da maioria das variedades.

— Mm-hmm. — Ele acena com a cabeça. — Então, esse material pode crescer por conta própria, certo? Como a grama?

Eu bufo. — Não acredito que estou discutindo plantas de casa com o cara que está me perseguindo.

— Por quê? Acho que foi uma conversa agradável e interessante até agora.

Minhas sobrancelhas atingiram a linha do cabelo. — Você precisa sair mais, amigo.

Um pequeno sorriso transforma seus lábios, e um enxame de borboletas invade meu estômago.

— Por que está aqui, em vez de estar com suas amigas?

— Não gostei do rumo de nossa conversa e precisava de uma pausa. — Coloquei minha mão sobre a boca para cobrir um bocejo. — Desculpe. Não dormi muito na noite passada.

— Por que não vai para casa?

— Eu gostaria. Mas minha amiga me trouxe até aqui. — Encontro seu olhar. — E prefiro não pegar um táxi se puder evitar.

Ele inclina a cabeça para o lado. — Você está secretamente me pedindo uma

carona?

— Talvez. — Mordo meu lábio inferior.

— E quanto ao conselho de sua irmã?

— Fiquei várias vezes sozinha com você e ainda estou viva, com minha virtude intacta. Acho que você é uma aposta mais segura do que um motorista de táxi psicopata que eu possa pegar.

— Você é mais do que imprudente, tigresa. — Ele faz um gesto com o queixo em direção ao prédio do outro lado da rua. — Estou estacionado ali.

Enrolo o enorme casaco com mais força ao meu redor enquanto caminho ao lado do meu estranho e ele nos leva até ao Dodge Charger preto. Para cada passo que ele dá, eu preciso dar dois para acompanhar o ritmo. Nossos braços se roçam levemente enquanto caminhamos. Apenas um roçar ocasional, silenciado pelo tecido grosso de seu casaco. No entanto, para mim, cada contato é como um pequeno choque elétrico em meu sistema.

Quando chegamos ao seu carro, ele abre a porta do passageiro para mim, depois dá a volta no capô e assume o volante. Enquanto ele liga o carro, envio uma mensagem para Dania, dizendo que fui para casa, e depois me recosto no assento de couro.

— Acho que não preciso lhe dar meu endereço, — eu digo.

Os cantos da boca do meu perseguidor se inclinam para cima em um grau minúsculo. Se eu não estivesse olhando abertamente para ele, não teria percebido. — Não.

Aperto os lábios, escondendo um sorriso. — E eu deveria estar preocupada com o fato de você saber onde eu moro?

Seu olhar captura e mantém o meu. — Não.

Já me mentiram na cara várias vezes e não percebi, mas há algo nos olhos desse homem que me faz ter certeza de que ele está dizendo a verdade.

— Está bem. — Aceno com a cabeça e me concentro na paisagem das ruas além do para-brisa.

Depois disso, dirigimos em silêncio, mas o silêncio é confortável. Normalmente, odeio estar na companhia de pessoas que não conheço bem, quando reina aquele silêncio incômodo. A necessidade de preenchê-lo com uma conversa fiada e vazia é enorme, mas também o é o medo de parecer idiota. Meu estranho não parece pressionado a quebrar a tranquilidade entre nós. Eu também não. É bom simplesmente estar com alguém e ficar em paz.

Começa a chover, as poças se formam rapidamente ao longo da estrada e refletem o conjunto de luzes brancas e vermelhas dos carros ao nosso redor. Os limpadores de para-brisa estão se movimentando rapidamente, tentando acompanhar o aguaceiro.

Da esquerda para a direita.

Da esquerda para a direita.

Da esquerda...

— Tigresa. — A voz rouca mal penetra em minha névoa. — Chegamos.

— Ok. — Em vez de abrir os olhos, enterro meu rosto ainda mais na lã grossa. Ela tem um leve cheiro de floresta - um aroma cítrico de pinho e terra.

A porta de um carro se fecha em algum lugar. Outro clique, e o cheiro de chuva fresca invade meus sentidos. As mãos ajustam o calor da terra ao meu redor e, então, estou flutuando. Segura nos braços de alguém. Não de alguém. *Dele*. Deus, é uma sensação tão boa.

Os carros soam ao longe, o vento sopra em meu rosto. Viro a cabeça e encosto o nariz no pescoço do meu estranho moreno, inspirando. Serenidade.

O calor irradia ao meu redor. Um leve salto contra seu peito. Fico à deriva, embalada pelo eco oco de seus passos. Muitos deles. Ele está me carregando escada acima.

— Onde está sua chave?

— Não sei. Deixe-me dormir.

Tranquilidade. Silêncio. Depois, um estrondo alto.

— Sua porta é uma porcaria.

Mais degraus. Rangidos suaves de assoalhos de madeira. O bálsamo do meu amaciante de roupas favorito quando minha bochecha toca o travesseiro. Hmm. Sinto falta do aroma da floresta quando ele começa a se dissipar.

Para a terra dos sonhos... Não.

Voz áspera e quebrada falando rapidamente. — Imediatamente! — Parece uma ordem. Faz com que eu queira obedecer.

Abro os olhos e vejo meu estranho ao lado da minha cama, segurando um telefone no ouvido.

— Durma. Alguém virá para consertar a porta.

— Claro, — murmuro e fecho os olhos.

Ao voltar a dormir, sinto uma mão áspera envolver meu pulso e, em seguida, uma leve penugem de lábios quentes nas pontas dos meus dedos. Ou talvez tenha sido apenas um sonho.

Kai

— Sinto muito, senhor, mas não temos salsa.

Estreito os olhos para o atendente da floricultura e me aproximo um pouco. O homem recua rapidamente, com as costas batendo na parede atrás dele. Esta é a quarta floricultura aberta 24 horas por dia que verifico, e nenhuma delas tinha a maldita erva. E estou perdendo a paciência.

— Preciso de salsa. — Inclino-me para a frente até rosnar em seu rosto. — Agora.

— Eu realmente sinto muito. Eu... — ele gagueja. — Meu vizinho pode ter algumas. Ele administra uma estufa local e cultiva legumes e ervas. Eles ainda não colheram todas as safras. Se você voltar amanhã, terei algumas para você.

— Tenho um golpe duplo programado para amanhã.

O homem pisca para mim confuso. — Um golpe?

— Uma missão de assassinato, — esclareço. — Me dê o endereço deste lugar.

O homem engole, seu rosto fica com um tom esverdeado, e então diz o nome de uma rua e um número. Aceno com a cabeça e saio da floricultura.

O local que ele me deu fica no subúrbio. Levo quase uma hora para chegar a um terreno de cascalho em frente a um prédio aconchegante de um andar com duas estufas compridas e envidraçadas na lateral e um jardim de meio acre nos fundos. O céu está escuro e o brilho da luz da rua não alcança a parte de trás da estrutura principal, então tenho que usar meu celular como lanterna enquanto passo entre a vegetação bagunçada, perguntando-me o que me levou a sair em busca da maldita salsa às três da manhã. Mas eu sei a resposta - devo isso à minha tigresa esta noite.

Ninguém fala comigo como se eu fosse um cara normal. Sinceramente, além das conversas relacionadas a negócios que tenho com Kruger e a equipe de suporte, as pessoas raramente falam comigo. E estou muito bem com isso.

Ou estava.

Esta noite, naquele beco, minha garota conversou comigo como se eu não fosse uma aberração monstruosa, escondido nas sombras. Foi estranho. O tipo bom de estranho. Por um breve momento, eu realmente me senti como uma pessoa. Algo que eu não sentia há muito, muito tempo. E então, ela baixou a guarda, adormecendo em meu carro. Comigo ao seu lado. Confiar que eu não faria nada que a prejudicasse enquanto ela estivesse em seu estado mais vulnerável foi muito imprudente.

Isso me abalou profundamente.

Nunca ninguém me confiou nada, especialmente sua própria vida. A maioria das missões da Z.E.R.O. era de assassinatos ou outras coisas desagradáveis, no entanto, houve algumas vezes em que nossa unidade foi convocada para uma missão de resgate. Normalmente, Az e, em raras ocasiões, Sergei Belov, eram designados para realizá-las. Nunca eu. A única coisa em que eu era bom era em acabar com vidas. Nunca salvá-las.

A princípio, achei que Kruger estava preocupado com a possibilidade de eu enlouquecer durante a missão e matar meu protegido sem querer. Mas então me dei conta de que, na verdade, nunca havia passado pela cabeça dele me considerar para um resgate. Lennox Kruger selecionava as tarefas dos agentes com base em suas qualificações e habilidades. E eu fui considerado inadequado porque, aparentemente, aceitar a noção de que alguém poderia precisar de minha proteção não era uma habilidade que ele achava que eu possuía. Talvez estivesse certo.

Mesmo assim, minha garota confiava em mim para sua segurança. Até me deu suas costas desprotegidas quando eu pedi, depois adormeceu sozinha com um

monstro. Permitiu que eu a levasse para dentro de casa. Para dentro de sua casa. Em seu espaço seguro.

Olho para baixo e percebo que minha lanterna está desligada. A maldita bateria do celular escolheu o momento perfeito para acabar. Há um pouco de luz da lua espreitando por entre as nuvens, seu brilho azulado ilumina um pedaço de vegetação ao meu redor, mas não o suficiente para distinguir claramente as diferentes ervas daninhas. Arranco o arbusto verde mais próximo que parece salsa, puxando-o do chão. Ele cede após o terceiro puxão. Levanto-o até meus olhos e viro-o para a esquerda e para a direita, verificando as folhas. Depois, a raiz, que é longa e alaranjada.

— Maldita cenoura, — murmuro e jogo a coisa por cima do ombro, desviando-me um pouco para a direita. Mais merda verde. Na penumbra, todas as folhas se parecem com as fotos de salsinha que procurei na Internet. Andando pelo jardim, pego mais algumas aleatoriamente, levantando as plantas em direção à pouca luz acima. Todas as malditas folhas têm a mesma aparência. Bem... quase; as raízes são diferentes. Algumas são longas e um tanto magras - sem dúvida, vegetais moídos. Mas ela disse que a salsa é uma erva. Qual é a maldita diferença?

Puxo uma e me deparo com... uma cenoura albina? Outra, e ela é redonda como uma bola nodosa em vez de uma raiz de aparência normal. Com meu telefone desligado, não posso verificar o que é o quê e não consigo me lembrar como é a salsa. Tenho talvez uma hora antes que o carpinteiro chegue à casa da minha tigresa para trocar a porta que consegui fechar quando saí, e pretendo estar lá enquanto ele faz seu trabalho. Primeiro, porque eu não deixaria um homem entrar no apartamento dela sem que eu estivesse lá. E segundo, quero ter certeza de que ele trabalhará em silêncio, conforme instruí, para não acordá-la.

Que droga. Levo cada variedade de folhagem arrancada ao meu nariz, sentindo o cheiro das folhas. Jesus Cristo. Se Kruger pudesse me ver agora, agachado no meio dos arbustos de vegetais, ele pensaria que eu finalmente perdi

completamente a cabeça. Quando me pedem para determinar o calibre de uma arma com base apenas no som, consigo responder corretamente nove em cada dez vezes. Mas e isso? Não sei nada sobre isso. Continuo cheirando a porcaria, mas tudo cheira a sujeira molhada.

— Que se dane. — Eu me endireito e, segurando um monte de plantas, volto para o meu carro.

Capítulo 9

Nera

— Vejo que você tem uma porta nova.

Dou outra mordida na pizza e sigo o olhar de Zara para a entrada da casa. — A fechadura estava quebrada. Mandei trocar a porta há algumas semanas.

— Você não poderia ter simplesmente trocado a fechadura?

— Hum.... Foi uma ruptura significativa, parte da madeira ao redor estava rachada.

Na manhã seguinte ao meu estranho ter me trazido para casa, acordei achando que tinha sonhado com tudo aquilo. Uma porta da frente nova e brilhante, reforçada com aço, provou que eu estava errada. Assim como duas chaves que encontrei no balcão da cozinha. Quando olhei para a varanda, vi dois homens de macacão carregando minha porta antiga na traseira de uma caminhonete. A madeira em volta da fechadura estava lascada.

— A mãe de Salvo me ligou ontem, — diz Zara enquanto pega sua água. — Ela vai participar de um evento beneficente no próximo mês e quer que eu crie um vestido para ela.

— O quê?! — Eu grito. — Isso é incrível!

Minha irmã apenas dá de ombros. — Sim. Eu disse-lhe que vou pensar sobre isso.

— Vai pensar sobre isso? — Eu me estico para o outro lado da mesa e pego sua mão. — O que há para pensar?

— Não é a mesma coisa que fazer vestidos para você e nossas amigas, Nera.

— Pode apostar que não. Você dirá que sim, desenhará um vestido magnífico para ela e todos ficarão loucos com ele. Todas as mulheres da família também vão querer ter um.

Salvo é amigo de Massimo e Elmo desde a infância. Sua família é um dos membros mais antigos da Cosa Nostra de Boston. Há alguns anos, ele assumiu o cargo de capo no lugar do pai e, desde então, vem cuidando das negociações de várias transações com nossos parceiros. Se a mãe dele aparecer em uma festa usando um vestido desenhado pela minha irmã mais nova, haverá uma fila de mulheres em frente à nossa casa no dia seguinte.

— Sim. Papai vai adorar isso, — diz ela com um sorriso amargo. — A filha do Núncio Veronese trabalhando como costureira para mulheres abaixo de sua posição social.

— Mas...

— Nada de mas. Vou lhe dizer que estou ocupada com as tarefas da escola e não posso fazer isso.

Meus ombros caem. — Você disse que seu maior sonho é ter sua própria marca de moda um dia.

— Um sonho. É só isso. — Ela se levanta e começa a recolher os pratos sujos, efetivamente encerrando a discussão sobre esse assunto. — Como está indo seu curso? Você faltou ao almoço no domingo.

— O curso está ótimo. E tenho trabalhado mais horas na clínica veterinária, por isso não pude ir.

— Você não viu aquele homem de novo, viu?

Eu me encolho e um pedaço de casca de pizza fica alojado em minha garganta. — Homem? — Eu tusso. — Que homem?

A mão de Zara ainda está na metade do caminho até à caixa de pizza vazia. Seus olhos se voltam para os meus, e parece que seu olhar aguçado está abrindo

buracos em meu crânio. — Nera!

Eu me encolho. Zara sempre conseguia ver através de meus blefes. Apesar de ser dois anos mais nova, às vezes ela é mais como uma irmã mais velha.

— Talvez? — Eu lhe dou um sorriso envergonhado. — Ouça, não é o que você está pensando. Ele simplesmente passou pela clínica, precisando de ajuda.

— Ajuda? Que tipo de ajuda?

— Ele precisou de alguns pontos.

— Ele pediu para a Letícia fazer um curativo nele? — Ela balança a cabeça. — Ela é veterinária, pelo amor de Deus.

Coloco um guardanapo em minhas mãos e começo a dobrá-lo. — Hum... Não foi a Letícia. Fui eu.

— Você?

— Foi uma bagunça, mas ele não se importou. E também o encontrei quando saí com Dania e as meninas. Ele me levou para casa.

— Você entrou em um carro com um homem que não conhece? O que há de errado com você? Ele poderia ter...

— Ele não fez nada, — eu a interrompo. — Pedi a ele que me deixasse em casa. Ele me levou para casa e depois foi embora. Isso é tudo.

Bem, não é exatamente toda a verdade. Há a porta. E o ‘presente’ que ele deixou para mim.

— Por que está sorrindo? Isso é sério, Nera! Quem é ele? Você ao menos sabe o nome do cara?

— Não sei o nome dele. Na verdade, não sei muito sobre ele. — Olho de relance para os novos vasos cinza que arrumei ao lado das portas da varanda. — Ele me trouxe aipo. — Percebendo a expressão de espanto no rosto de Zara, esclareço: — Raiz de aipo. E alguma mandioquinha[3].

— O quê?

— Acho que ele pensou que era salsa.

Quando fui à biblioteca naquele dia para pegar o livro de referência que precisava para meu trabalho, encontrei um monte de vegetais pendurados na maçaneta externa da minha nova porta. Alguns eram pastinacas, mas a maioria era raiz de aipo. Fiquei olhando para elas, imaginando o que diabos estavam fazendo ali, até que me dei conta. Elas deveriam ser salsinhas. Fiquei parada na soleira da porta, olhando para a ‘oferta’ por vários minutos, enquanto uma sensação de calor crescia em meu peito.

— Homens que precisam que as balas sejam retiradas de seus corpos e que as feridas sejam costuradas não saem por aí trazendo salsa para as moças, Nera.

— Este sim. Ainda havia sujeira nas raízes. Tenho quase certeza de que ele as roubou de algum lugar. — Desvio o olhar de minhas novas ‘ervas’ e encontro o olhar de minha irmã. — Você se lembra de todos os presentes que Lotário costumava me trazer?

— O que isso tem a ver com isso?

— Flores, — eu digo. — Ele continuava a me trazer flores, apesar de eu ter lhe dito várias vezes que era alérgica. Brincos de diamante, que eu nunca usei, pois minhas orelhas não são furadas. Aquela bolsa de pele de cobra caríssima que dei de presente porque nunca usaria pele de verdade.

— Lotario era um idiota. Você não deve usá-lo como referência.

— E quanto a nossas amigas? — pergunto. — Amigas que eu achava que me conheciam bem parecem estar sempre competindo para comprar o presente mais caro no meu aniversário, sem se preocupar em descobrir do que eu realmente gosto.

— Não é assim.

— É sim. E você sabe disso. Você mesma já experimentou isso. No ano passado,

Dania comprou um relógio para você no seu aniversário. E ela sabe que você nunca usa joias porque sua pele é muito sensível e não tolera muitas coisas. Ela escolheu esse relógio em particular porque sabia que todo mundo falaria dele durante dias. Não porque você gostaria dele.

Zara desvia o olhar, mas ainda percebo as lágrimas em seus olhos. — Eu gosto desse relógio.

— Eu sei, — sussurro e pego sua mão na minha. — E sei que você adora as joias que o papai vive comprando para você. Mesmo que você só as guarde naquela caixa de veludo em sua penteadeira.

— Ele provavelmente se esqueceu. — Ela escova uma lágrima perdida e sorri. — Então... salsa?

— Bem... raiz de aipo. — Eu bufo.

Zara me olha por alguns instantes e depois começa a rir. — Eu não sabia que você tinha um gosto tão peculiar por homens, mana.

— Eu também não. — Eu sorrio.

— Mas tenha cuidado, Nera. E, pelo amor de tudo o que é sagrado, da próxima vez, pergunte o nome dele.

Kai

As portas do elevador se abrem.

Saio e vou para a esquerda, em direção ao escritório de Kruger, no final do corredor. Dois técnicos que cuidam da vigilância estão no meio do corredor, conversando enquanto tomam suas xícaras de café, mas no momento em que me notam, a conversa é interrompida. Eles se prendem a uma parede, observando-me com os olhos arregalados quando me aproximo, seu foco oscilando entre meu rosto e um homem inconsciente que estou carregando no ombro. Meus olhos se voltam para eles quando passo. Um dos insignificantes engole - em voz alta - e sua xícara de café escorrega de suas mãos, caindo no chão de concreto com um baque retumbante. Assim que eu passo por eles, dois pares de pés correm na direção oposta. Ajusto meu controle sobre o cara inconsciente e entro no escritório de Kruger.

— Eu o esperava na sexta-feira, — diz ele, sem tirar os olhos do laptop, e faz uma anotação no bloco que está na lateral da mesa.

— Surgiu um imprevisto. — Deixo o corpo mole ao lado da porta e me sento na única cadeira de visitante da sala.

Kruger nem sequer me dá uma olhada, apenas continua digitando e fazendo anotações periodicamente. Ele sempre precisou aparentar que não estava incomodado com minha presença, mas ambos sabemos que não é o caso. Depois que me acolheu, sob o pretexto de me matricular no ‘programa de jovens problemáticos’, esse homem passou anos usando os métodos mais sinistros para me moldar em sua visão de uma máquina de matar perfeita. Eu fui seu primeiro recruta. Ou, ‘paciente zero’ em seu projeto insano, moldado desde os oito anos de idade para me tornar um matador sem remorso. No que diz respeito a

experimentos, acho que se pode dizer que superei as expectativas.

— E qual é a natureza da coisa que 'surgiu', Mazur? — ele pergunta e finalmente encontra meu olhar depois de circular sua última linha no bloco de papel.

— Não é problema seu.

A caneta em sua mão se parte ao meio.

Recosto-me na cadeira e cruzo os braços sobre o peito. Quando criança, eu tinha pavor do ‘meu salvador’, mas chegou um momento em que nossos papéis se inverteram. Ainda me lembro vividamente da expressão em seu rosto quando isso aconteceu.

Voltei de uma missão e joguei uma cabeça decepada em sua mesa. Ela pertencia a um conhecido terrorista que os militares vinham tentando matar há anos. Kruger ficou olhando para a coisa ensanguentada por quase um minuto antes de se recompor o suficiente para olhar em minha direção. Acho que esse foi o momento em que ele percebeu o que havia criado.

Foi então que vi pela primeira vez o medo nos olhos de Lennox Kruger. Ele estava com medo de mim. Eu mal tinha dezessete anos. Mas algo mais também estava em seus olhos. Orgulho. Eu nunca tinha visto alguém se orgulhar de mim antes daquele dia. Foi uma sensação boa. Ainda assim, naquele momento, eu queria colocar uma arma em sua têmpora e matá-lo. Ao mesmo tempo, porém, eu queria ver aquele olhar de orgulho em seus olhos mais uma vez. Meus sentimentos sobre tudo isso me deixaram muito confuso.

Não sei ao certo por que nunca tentei matar o desgraçado. Deus sabe que tive várias oportunidades. Como agora, por exemplo. Eu poderia facilmente atirar em sua cabeça antes que ele conseguisse pegar a arma que mantém presa sob sua mesa. Mesmo assim, não quero matá-lo. Talvez porque eu goste demais de ver aquele olhar de medo em seus olhos. Ou talvez porque minha psique fodida veja esse idiota como a coisa mais próxima de um pai que eu já tive. E, para piorar a situação, tenho quase certeza de que, em seu próprio modo perturbado, ele me vê

como seu filho.

— Não quero que seus assuntos particulares atrapalhem meus negócios, — ele esbraveja.

— Quando foi que eu afetei seus 'negócios'? Você se lembra da minha maldita taxa de conclusão, certo?

Ele resmunga algo e desvia o olhar.

— Não ouvi você, Kruger. Qual é a porra da minha percentagem?

— Cem por cento.

— Exatamente. Portanto, cuide de suas próprias coisas. — Aceno com a cabeça para o homem no chão. Ele parece estar se mexendo. — O que você quer fazer com ele?

— A cliente mudou de ideia. Ela não precisa mais dele. Você pode levá-lo de volta para onde quer que o tenha encontrado.

— A viagem de volta não estava incluída no contrato. Ela pagará pelo trabalho extra?

— Não.

— Bem, se for esse o caso... — Pego minha arma e atiro no refém.

Kruger olha para o cadáver espalhado pelo chão e diz: — Cuide do corpo. — Em seguida, ele volta às suas anotações.

Ignoro sua ordem e vou direto para a porta. Minha tigresa está trabalhando até tarde hoje. Se eu conseguir, chegarei a Boston bem a tempo de segui-la até em casa. E talvez eu possa observá-la um pouco mais.

Já faz mais de uma semana desde a última vez que a vi. Um pequeno sorriso se insinua em meus lábios. Ela gostou da salsa. Está plantada em um conjunto de três vasos cinza combinando, ao lado da porta da varanda, onde ela gosta de estudar, e não ao lado da janela, onde está o resto de suas ervas. Minha salsa está

vivendo no melhor lugar.

— Mazur! — O capitão se aproxima. — O corpo!

— Chupe meu pau, Kruger, — digo por cima do ombro e bato a porta do escritório.

Capítulo 10

Kai

Inclino a cabeça e observo minha garota enquanto ela sobe os degraus da escada de incêndio até ao telhado do prédio. Ela está carregando o que parece ser um cobertor sob o braço esquerdo e uma garrafa na mesma mão, enquanto se segura cautelosamente no corrimão com a outra. Seu cabelo loiro escuro está preso em um coque bagunçado no alto da cabeça e amarrado com um tecido vermelho. O lenço que deixei para ela.

O bloco do condomínio que tenho usado como minha torre de vigia é um andar mais alto do que o andar dela, de modo que posso vê-la claramente atravessar o asfalto liso e coberto de neve para sentar-se em um banco improvisado que alguém colocou ali. Parece que ela também gosta de ficar em telhados. Temos isso em comum. Ela se acomoda, enrola o cobertor nos ombros e fica olhando para o espaço.

Algo aconteceu. Algo que a abalou.

Durante minhas visitas aleatórias nos últimos oito meses, acabei conhecendo-a muito bem. Ela não toma café, mas gosta de limonada. Compulsivamente arrumada, pelo fato de seu apartamento ser impecável. Hábitos de sono pouco saudáveis. Ela pode passar a noite toda trabalhando em seu laptop, até praticamente desmaiar ao amanhecer. Na semana passada, ela desmaiou em seu sofá com um cabo elétrico enrolado em sua perna. Ainda bem que guardei a chave da nova porta que instalei. Não precisei arrombar a porta quando subi para desembaraçar a maldita coisa para que não cortasse sua circulação.

Além de se reunir com as amigas em um bar todas as sextas-feiras à noite, ela

não parece sair com muita frequência. Ajustei meu horário de trabalho para que eu esteja livre nessas noites e possa cuidar dela. Os estabelecimentos que ela frequenta são bastante discretos - mais parecidos com bares de bairro - e não têm muita probabilidade de atrair grandes problemas, mas não vou me arriscar com ela. Quero ter certeza de que ela está segura. Não. Não é apenas um *desejo*. Necessidade. *Preciso* saber que ela está segura.

Às vezes, passo por lá e dou uma olhada nela durante o dia. Até agora, porém, não encontrei nada que pudesse ser considerado uma ameaça em potencial durante o dia. Na maior parte do tempo, ela está estudando em casa, só de vez em quando se aventurando em uma biblioteca ou trabalhando no veterinário. Não tem namorado. E sem animais de estimação. Isso está me incomodando muito, por algum motivo. Ela está aprendendo um monte de coisas sobre animais, então por que a casa dela não está cheia de gatos e cachorros, ou qualquer outra criatura que geralmente é mantida como companheira?

A tigresa abre a garrafa e dá um grande gole. Ela parece triste. Não estou gostando.

Eu me afasto do corrimão, com a intenção de ir até lá e exigir saber quem a deixou infeliz para que eu possa matar os merdinhas, mas paro depois de dois passos. Prometi a mim mesmo que manteria distância. Vou me certificar de que ela está segura, mas farei isso de longe. Ficar à espreita nos cantos escuros é o que faço de melhor. Eu não me ‘aproximo’ das pessoas, a não ser que isso envolva me desfazer delas.

Cerrando os dentes, eu me viro e olho para a minha garota novamente. Ela está segurando o cobertor em volta dos ombros, olhando para os pés enquanto balança lentamente a garrafa em sua mão.

O desejo de descobrir o que a está incomodando está me consumindo por dentro, lutando contra a minha determinação de permanecer no lugar. Mas, como sou um filho da puta teimoso, minha determinação vence.

Por cinco minutos inteiros.

Nera

Sutis cócegas na pele da parte de trás do meu pescoço e, alguns momentos depois, o som de passos se aproximando. Lentos. Deliberados em seus movimentos.

— Vejo que você finalmente decidiu aparecer de novo, — digo, mantendo meus olhos no horizonte da cidade. — Já se passaram dois meses.

A madeira range embaixo de mim quando meu estranho se senta na outra extremidade do banco. — Eu nunca estive longe, tigresa.

— Sim, me vigiando à distância. Eu senti sua presença, você sabe. — E cada vez que eu sentia a sensação de formigamento associada exclusivamente a ele, eu esperava que ele aparecesse para que pudéssemos continuar conversando. Sobre nada. E, no entanto, sobre tudo.

— Como assim?

— É um sexto sentido, de certa forma. — Levanto minha garrafa de vinho. — Quer um pouco?

— Você costuma ser tão relaxada com homens que não conhece?

— Não. Acho que você é especial. — Eu me viro, encontrando seu olhar pela primeira vez. Ele está sentado com os cotovelos nos joelhos e a cabeça inclinada para o lado, me observando. O banco em que estamos sentados é bastante longo e há pelo menos um braço de distância entre nós. Gostaria que ele estivesse mais perto para que eu pudesse me aconchegar ao seu lado. Por alguma razão, sinto-me atraída por esse homem como uma mariposa por uma chama, mas com ele, não é a luz brilhante que chama a atenção. É a escuridão. O desejo de vislumbrar o que se esconde por trás de seu olhar prateado.

Senti falta de sua presença sombria. De uma forma estranha, ele é uma das poucas e raras coisas genuínas em minha vida no momento. Isso diz muito sobre meu estado mental, eu acho. Meu Deus, eu não deveria ter ido ao casamento de Romina. Ela estava tão feliz. E eu estava com inveja da felicidade dela, sabendo que nunca teria a chance de experimentar o que ela teve, de ter o que ela tem. Isso me fez sentir um lixo.

— Por que está triste? — Seus olhos estão focados nos meus e, mais uma vez, fico surpresa com a ausência absoluta de qualquer tipo de emoção neles.

— Um cachorro que foi atropelado por um carro foi trazido hoje. — Suspiro e olho para trás, para os telhados visíveis no horizonte. — O pobrezinho não sobreviveu. Ele morreu.

— Tudo morre, tigresa. Cães. Gatos. Pessoas. Desde o momento em que nascemos, todos nós estamos indo na mesma direção. Em direção à nossa morte. É assim que a vida funciona.

— Sim... — Tomo outro gole do meu vinho. Ainda resta menos da metade da garrafa e estou me sentindo um pouco tonta. — Isso deveria me fazer sentir melhor?

— Não sei. Talvez.

Eu suspiro. — Um conselho para você. Se algum dia for convidado para fazer um discurso motivacional, recuse.

O vento sopra, lançando alguns fios de cabelo perdidos em meu rosto. Eu os prendo atrás da orelha e enrolo o cobertor com mais força ao meu redor.

— Está com frio?

— Não, apenas sonolenta. O vinho geralmente tem esse efeito em mim. — Segurando a garrafa com uma das mãos e agarrando as laterais do cobertor com a outra, deslizo minha bunda pelo banco de madeira até me sentar bem ao lado dele. Ele está cheirando a floresta novamente. — Vejo que comprou um casaco

novo. Posso ficar com o que você deixou para trás, então?

— Se quiser. — Sua voz soa mais rouca a essa distância.

Fecho os olhos e encosto a cabeça em seu ombro. — O que está fazendo no meu telhado, perseguidor?

— Não tenho certeza.

O som do tráfego passa por baixo de nós, embalando-me em um sono profundo. Viro a cabeça de modo que meu nariz fique pressionado na manga de seu casaco e inalo seu cheiro. Ele fica tenso, mas não se afasta.

— Obrigada pelo aipo.

Alguns segundos de silêncio se estendem entre nós antes que ele fale novamente. — Deveria ter sido salsa.

— Eu percebi isso. Você o roubou?

— Eu não roubo. — Ele pega a borda do cobertor e o move para cobrir minhas pernas. — Deixei dinheiro no caixa.

— Acho que está tudo bem, então. — Eu me inclino um pouco mais sobre ele. Ele parece mais à vontade com minha proximidade desta vez. Depois de um momento ele passa o braço em volta das minhas costas. A excitação percorre minhas veias por ter seu corpo tocando o meu. Sim, há o cobertor e o casaco dele, além do resto de nossas roupas como barreira, mas, ainda assim, é tão bom estar aconchegada contra ele. Inclino a cabeça até que meu nariz encoste em seu casaco, no momento em que um pensamento perdido invade minha mente. — Você é casado?

— Não.

Um pequeno suspiro de alívio sai de meus lábios. — Uma de minhas amigas se casou na semana passada. Ela tinha o vestido mais lindo que eu já vi - branco como a neve e feito de renda delicada, com pequenos cristais brilhantes ao longo da bainha. E o noivo.... Ele usava um terno branco. Eles pareciam tão felizes.

Talvez porque fosse um casamento de verdade.

— Há casamentos falsos também?

— A maioria dos casamentos de nossa família é falsa porque os casais se casam por obrigação, não por amor. É uma droga. — Bocejo e levo a garrafa aos lábios, mas antes que eu tenha a chance de tomar outro gole, ele a tira da minha mão.

— Acho que já teve o suficiente.

— Desmancha-prazeres. — Estendo a mão, tentando pegar meu vinho. — Posso pegar minha garrafa de volta, por favor?

— Não. — Uma resposta brusca acima de minha cabeça e, um momento depois, algo se choca atrás de nós. Provavelmente meu vinho. — Você estava mais bonita do que a noiva.

— E como sabe disso?

Não há resposta, apenas o som constante de sua respiração. Abro um olho e o vejo me observando. Sua cabeça está inclinada, nossos rostos estão a poucos centímetros de distância.

— Você estava lá, não estava?

— Sim. — Ele mantém meu olhar fixo, sem piscar. Aguardando minha reação.

— Por quê?

— Muitas pessoas. Muitas ameaças em potencial. Eu precisava saber que você estava segura.

— Não preciso de um anjo da guarda, — sussurro e levanto a mão para traçar a linha de seu queixo com as costas dos dedos. Sua respiração roça minha mão enquanto ele se inclina levemente em direção ao meu toque.

— Bom. Porque não é isso que você tem.

— E o que eu ganhei?

Ele abaixa a cabeça até que nossos narizes quase se tocam. — Um demônio,

tigresa.

Um pequeno sorriso se insinua em meus lábios. Ainda posso ouvir o barulho dos carros passando na rua abaixo, mas o tráfego diminuiu. A noite já deve estar avançada. Meu protetor sombrio desvia o olhar, voltando-se para o céu noturno.

A tranquilidade desce e minhas pálpebras ficam pesadas. Eu provavelmente deveria voltar para dentro, para a cama, se quiser ser útil amanhã, mas não consigo me obrigar a sair. Fechando os olhos, deixo que o cheiro e a proximidade dele me envolvam.

— Você está dormindo?

— Estou tentando, — murmuro.

— Baixar a guarda quando se está com alguém que não se conhece não é sensato.

— Está planejando me machucar?

— Nunca.

— Então, estou bem. — Ajeito meu cobertor e fecho os olhos novamente. — Só para constar, você é um excelente travesseiro, demônio.

— Isso é... um elogio?

— Sem dúvida.

Ele é tão quente e, ao me aconchegar nele, parece que estou encostada em uma fornalha. Mas mesmo fora desse casulo de calor corporal, ele me faz sentir confortável. Protegida. E não apenas em um sentido físico. Segura para dizer o que está em minha mente. Segura para ser simplesmente... eu mesma.

Em uma névoa de felicidade, estou vagamente ciente do mundo normal que continua a girar. As ruas menos do que vazias. Uma sirene ao longe, interrompendo o zumbido do tráfego. A quietude da noite.

— Você não tem nenhum animal de estimação, — diz ele com a voz embargada.

— Não.

— Por quê?

— Porque manter um animal dentro de casa significa mantê-lo confinado. Quase como uma prisão. Não há nada pior do que saber que sua vida foi relegada a uma caixa e, por mais bonita que essa caixa seja, ainda é uma gaiola. Talvez um dia, se eu tiver uma casa em algum lugar fora dos limites da cidade e um grande quintal onde ele possa andar livremente. Talvez eu tenha até cavalos. — Dou uma risada sonolenta, lembrando-me do comentário do meu pai sobre inseminação de cavalos. — E quanto a você?

— Eu realmente não tenho uma opinião sobre animais.

— Você não tem uma opinião? — Eu bufo.

— Não. Os animais são apenas incômodos. Coisas que aparecem em meu caminho de vez em quando. Eles não me interessam, então eu os ignoro. — Ele descansa o queixo no topo da minha cabeça e um arrepio de consciência percorre minha espinha. — Mas acho que estou começando a gostar de felinos, tigresa.

— Você não parece um cara de gatos para mim.

— Eu não gosto de animais em geral.

— Nem mesmo cachorros? — Pergunto, querendo saber tudo sobre ele.

— Especialmente cães.

— Você conhece aquele ditado: 'quem não gosta de animais, também não gosta de pessoas'?

— Acho que o ditado é verdadeiro. Eu não gosto de pessoas.

— Mas aqui está você, sentado em um telhado, conversando com uma. Enquanto ela está cochilando ao seu lado, devo acrescentar.

— Sim. E ela também está congelando. Vou levá-la para casa. — Ele passa o outro braço sob meus joelhos, levantando-me em seu colo, com cobertor e tudo,

e depois se levanta.

Envolvo meu braço em seu pescoço e encontro seu olhar cinza-claro.

— Para alguém que não gosta de pessoas, você parece bastante preocupado com meu bem-estar, — sussurro.

— Parece que sim.

Enquanto ele me carrega em direção à saída do telhado, com seus passos longos cobrindo rapidamente a distância, deslizo minha mão para a parte de trás de sua cabeça e passo a palma da mão pelo comprimento de sua trança. Ele para tão repentinamente que dou um grito.

— Desculpe. — Afasto minha mão. — Eu não deveria ter feito isso.

Com os olhos focados na porta de acesso ao prédio à sua frente, ele fica completamente imóvel por um momento, depois vira a cabeça para me encarar. Paro de respirar, absolutamente cativada por seus olhos fixos nos meus e pela sensação de estar envolvida em seus braços.

— Não gosto que ninguém toque em meu cabelo, — diz ele.

Eu respiro fundo. Considerando todos os beliscões, cutucões e apertos que fiz enquanto o consertava, não esperava que ele se importasse se eu tocasse em seu cabelo. — Não vou fazer isso de novo.

Seus olhos descem até meus lábios e permanecem ali por um instante. Então, ele rapidamente desvia o olhar. — Não me importo quando você faz isso, tigresa.

Continuo a acariciar seus cabelos enquanto ele me carrega escada abaixo e depois pelo corredor em direção à porta do meu apartamento. A névoa do álcool e a sonolência de antes desapareceram. Expulsos pela emoção de ser abraçada por ele novamente, sentindo seu calor sob o meu toque. Seus olhos continuam fixos no caminho à frente, mas os meus estão colados em seu rosto, seguindo cada linha nítida, devorando sua visão. O que ele faria se eu tentasse beijá-lo? Me beijaria de volta? Ou se afastaria e nunca mais apareceria? Não tenho ideia

de como definir essa coisa entre nós.

Quando chegamos à minha porta, ele para diante dela, mas não me coloca no chão. Passa um momento. Ele continua olhando bem à sua frente, para a nova porta pela qual ele foi responsável. E eu continuo olhando para ele.

Estávamos ambos perdidos em nossas visões até que houve um clique repentino e as luzes do corredor, ativadas por movimento, se apagaram, deixando-nos na mais completa escuridão. Eu achava que não poderia estar mais consciente dele, mas agora, no escuro, sua presença é imensa. A maciez de seus cabelos sob meus dedos. O sobe e desce de seu peito. A respiração quente formigando a pele do meu rosto. A batida de seu coração bem perto do meu ouvido. Já passa da meia-noite e, além de nossas respirações, não há nenhum som em nosso mundo.

— Por que você não gosta quando alguém toca em seu cabelo? — sussurro.

— É a única coisa que é minha.

Um arrepio me percorre, causado pelo timbre de sua voz quebrada. Parece que a própria escuridão está falando comigo.

— Como assim? — Pergunto, com minhas palavras quase inaudíveis.

— Tudo o que eu tenho pertence a outra pessoa, tigresa. Meu passado. Conhecimentos e habilidades. Até mesmo meu nome. Não quero dizer isso como se fosse uma figura de linguagem. Nada disso é meu.

— Não estou entendendo.

Ele deve inclinar a cabeça para o lado, porque sinto seu queixo roçar minha bochecha. — Eu sei.

— Você pode explicar? Como o nome de uma pessoa pode pertencer a outra pessoa?

— Algumas coisas é melhor não saber. — Ele se inclina e abaixa lentamente minhas pernas até ao chão.

As luzes do corredor, acionadas pelo movimento, ganham vida, e tenho de piscar para me ajustar ao brilho repentino. Meu estranho pega minha mão e, levando-a aos lábios, quase não tocando meus dedos com sua boca. Ainda estou tentando respirar quando ele se afasta e fixa seu olhar no meu. — Durma bem, tigresa.

Eu o sigo com meus olhos enquanto ele caminha pelo corredor, sua estrutura enorme fazendo com que o espaço pareça muito mais estreito do que é. Por uma fração de momento, ele para no final e olha para mim, depois desaparece na esquina.

Capítulo 11

22 anos atrás em relação aos dias atuais Base da unidade Z.E.R.O.

(Kai 12 anos)

***Aviso de gatilho - abuso de animais neste capítulo.**

Kai

— Mire em sua perna traseira e atire. Isso sim, rapaz, é uma ordem.

Olho para o grande cão marrom deitado no chão, com a língua pendurada na boca enquanto ele abana alegremente o rabo para mim. Desde o dia em que o Capitão Kruger trouxe aquele cão, há seis meses, eu sabia que algo não estava certo. No início, pensei que o cão poderia ser um animal selvagem perdido e que ele queria ver como eu me defenderia se o animal me atacasse.

O Capitão gosta de criar e observar situações em que sou forçado a agir por instinto. Envenenar minha bebida com algo que causava sensibilidade à luz e me deixava tonto antes de me mandar para um campo de tiro para praticar, tudo para que ele pudesse avaliar quão bem eu poderia atirar sob a influência de drogas semelhantes. Aumentar a luminosidade do teto e depois tocar sons altos nos alto-falantes do meu quarto, para que ele pudesse medir quanto tempo eu aguentava sem dormir e quão funcional eu era sob a depravação do. Ordenar que os

guardas me atacassem de tempos em tempos para determinar a rapidez de meus reflexos em tais situações.

Mas eu não entendia o propósito de um cachorro.

Agora eu sei.

Estou cuidando desse cachorro há meses. Alimentando-o. Levando-o comigo para a corrida obrigatória do PT todas as manhãs. Ele até tem dormido aos pés da minha cama. O capitão viu isso e nunca me pediu para parar de cuidar do cachorro. Achei que devia ser um presente, afinal de contas.

— O que está esperando, rapaz?

— Não, — digo, encarando-o.

— Você está desobedecendo a uma ordem direta?

Mantendo meus lábios bem apertados, solto a arma que estou segurando, deixando-a cair no chão de concreto. Não vou machucar meu cachorro, mesmo que isso signifique que serei punido.

— A missão falhou, garoto, — o capitão grita em meu rosto. — E quando você falha em uma missão, pode esperar consequências.

Eu me fortaleço, esperando um chute no estômago ou um soco na cabeça. Isso não acontece. Em vez disso, Kruger se vira, apontando sua arma para o cão, e atira.

Capítulo 12

Kai

A porta da frente se abre, revelando um homem de cabelos escuros com cerca de 30 anos. — Posso ajudá-lo?

— Sim. — Eu aceno com a cabeça. Em seguida, dou um soco em seu rosto.

O cara cai para trás e acaba esparramado no meio do corredor. Talvez eu não devesse ter batido nele com tanta força. Entro, fecho a porta atrás de mim e pego a camisa do cara. Eu o arrasto pela sala de estar até à pequena e desarrumada cozinha e o deixo cair em uma das cadeiras. Há um estrondo quando sua cabeça bate na mesa e ele cai para a frente, ainda inconsciente. Eu me sento em frente a ele e me inclino para trás para esperar.

O agente que foi designado para essa missão foi parado por uma infração de trânsito e, durante a parada, o policial viu armas não registradas no carro. O idiota foi levado sob custódia imediatamente. Ele está fora de serviço por esta noite, ou pelo menos até que o pessoal de Kruger possa levar seus documentos ultrassecretos para a delegacia de polícia e tirar o cara de lá. Como esse contrato precisava ser cumprido hoje, fui fichado por causa da minha proximidade com o local, aparentemente.

O homem se mexe e geme. Ele se endireita lentamente e pisca para mim em confusão.

Pego meu telefone e o deslizo pela mesa da cozinha, com a tela para cima. O cara olha para a imagem da unidade USB no telefone e rapidamente balança a cabeça.

— Eu não a tenho. Eu juro. — Ele cuspiu um bocado de sangue no chão da cozinha e continuou a falar. — Não sei quem a pegou, mas não fui eu. Eu nem sei o que tem nela. Você está com a pessoa errada.

Cruzo os braços sobre o peito e suspiro. A extração de informações não é minha especialidade. Ela exige que o alvo seja mantido vivo e coerente. Manter seu status de vivo por tempo suficiente para que ele reflita sobre suas escolhas de vida enquanto eu o trabalho não é um problema. O problema é que não tenho certeza de quão coerente ele será quando chegar a hora de cantar. Enquanto pondero sobre meu dilema, pego uma das maçãs de aparência saborosa da tigela no meio da mesa. Dou uma mordida, mas ela não é tão doce quanto parecia.

O cara para de se mexer em seu assento e fica boquiaberto comigo. Acho que ele está interpretando minha postura relaxada como indiferença. Seus olhos se voltam para a porta e depois para mim, focalizando a maçã. No momento seguinte, ele está pulando da cadeira e correndo para a porta. Dou outra mordida, enfio a mão na jaqueta e tiro a arma. O idiota está sacudindo histericamente a maçaneta da porta como um maníaco, tentando abri-la. Sem pressa, coloco o silenciador na arma, miro em sua mão e disparo. Um grito de dor enche o cômodo.

— Volte aqui, — eu ordeno.

O homem continua choramingando enquanto se arrasta de volta para a mesa, segurando a mão no peito.

— Cale a boca e sente-se. — Guardei a arma e apontei para seu assento.

Ele consegue tapar sua boca e se arrasta até à cadeira.

— Agora, ouça-me bem, porque não vou me repetir. Minhas ordens para essa missão de merda são claras - recupere a unidade USB por qualquer meio necessário, mas deixe-o viver. — Aceno com a mão para ele. — Atirar para mutilar não é exatamente a minha praia. Parece que atingi uma artéria. Se não conseguir ajuda em vinte minutos, você está acabado.

— Pote de açúcar, — ele se engasga.

— O quê?

— A pen drive está no pote de açúcar.

Levanto-me e pego o pote de cerâmica branca do balcão. Enterrado logo abaixo da superfície dos finos cristais brancos, está a unidade USB. Quando estou prestes a pegá-la, um leve rangido de madeira raspando no piso de linóleo soa atrás de mim.

— Porra, você é estúpido, — eu digo, virando-me quando o cara corre para mim com uma faca de cozinha na mão boa.

Agarro seu pulso e o aperto. Um estalo silencioso de ossos se segue. A faca escorrega de sua mão. Eu a pego no ar e enfio a lâmina na lateral da cabeça do idiota, atravessando sua orelha.

— Eu lhe disse, — respondo em seu olhar vidrado e deixo o corpo cair no chão. — Hábito ocupacional, idiota.

Pego a unidade USB no pote de açúcar e olho para o relógio de parede pendurado sobre o balcão. Duas e meia da tarde. Se eu sair agora, posso chegar em Boston às sete. Minha tigresa deve estar trabalhando no turno da tarde hoje. Normalmente, ela faz isso às quintas-feiras.

Vinte e sete dias. Dez horas. E vinte e cinco minutos. Esse é o tempo que faz que não falo com ela. Eu a tenho checado regularmente, mas tenho mantido distância.

Nera.

Nunca tive a intenção de descobrir seu nome, pois estava muito preocupado com o fato de que saber isso me arrastaria ainda mais para essa obsessão, mas uma de suas amigas a chamou quando eu estava perto o suficiente para ouvir.

Nera.

Fico imaginando como soaria se eu falasse em voz alta.

Quero conversar com ela novamente.

Pegando uma faca de filé do bloco de facas, verifico o afiamento da lâmina com o dedo e, em seguida, vou até um espelho comprido montado no corredor.

Nera

A campainha acima da porta soa, quebrando o silêncio na pequena clínica veterinária.

— Estamos fechados, — digo enquanto pego minha jaqueta.

— Eu sei.

Minha cabeça se volta para a voz. O terno de grife todo preto lhe serve perfeitamente, abraçando seus ombros largos, com os dois primeiros botões da camisa preta por baixo abertos. O colarinho está completamente coberto de sangue seco. Na diagonal, em sua bochecha, há um longo corte de aparência desagradável.

— Está falando sério? — Eu suspiro e jogo minha jaqueta de volta no cabide.

Meu demônio olha ao redor do consultório, depois entra casualmente em uma das salas de exame e se senta. — Como vai a vida, tigresa?

— Inacreditável, — digo em voz baixa enquanto corro de um lado para o outro, pegando desinfetante e gaze. — Simplesmente... inacreditável.

Posso sentir seus olhos em mim durante todo o tempo em que vasculho as gavetas para encontrar o restante das coisas de que precisarei e as coloco ao lado dele na mesa. Depois de lavar as mãos, vou em direção a ele enquanto pequenas borboletas batem as asas em meu estômago, a sensação se choca com o horror de vê-lo machucado.

— Acho que preciso de pontos novamente.

Pisco os olhos e concentro meu olhar no corte em sua bochecha. — Desta vez, bastam as tiras esterilizadas. O sangramento já parou, então você só precisa de algo para manter o ferimento fechado.

— Oh... Isso é uma pena.

— Uma pena? Você é algum tipo de masoquista ou algo assim? — pergunto enquanto limpo o sangue seco do corte e da pele ao redor.

— Não.

É muito difícil me concentrar em minha tarefa quando ele está tão perto. Minha perna está pressionada contra sua coxa e meus seios estão tocando seu braço. — Hum, você pode inclinar um pouco a cabeça?

Ele levanta o queixo.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu preciso que você... — Coloco a palma da mão em sua outra bochecha, inclinando gentilmente sua cabeça para o lado. — Assim.

A ponta do meu polegar roça o canto de seus lábios e sua respiração se espalha pelas costas da minha mão. O silêncio na sala é tão absoluto que tenho quase certeza de que ele pode ouvir meu coração batendo como um maldito metrônomo em seu ritmo máximo.

— Isso parece um corte limpo e afiado, quase cirúrgico, — eu digo e pego a caixa com Steri-Strips[4].

Infelizmente, para aplicá-los, é necessário usar as duas mãos, pois gosto muito de sentir a pele dele.

Mantendo meus olhos fixos nos dele, afasto minha mão de sua bochecha, roçando ‘acidentalmente’ seus lábios com meus dedos. — Com toda a experiência que você está me proporcionando, eu deveria pensar em mudar meu curso para enfermagem.

Um sorriso quase imperceptível se forma em seu rosto. — Fico feliz em ser útil.

— Foi outro sem-teto?

— Sim, o mesmo cara de antes.

— Eu não sabia que havia pessoas transitórias andando por aqui.

— Bem, nunca se sabe o que está escondido nos cantos escuros.

— Sim, acho que tem razão. — Coloco a segunda tira sobre o corte. — Você parece frequentar esses lugares com bastante frequência. Eu o notei espreitando nas sombras, você sabe.

Já se passou um mês desde nosso último encontro em meu telhado. No início, achei que ele tinha ido embora e que eu não o veria mais. Mas, então, de vez em quando, havia aquela sensação de formigamento novamente, geralmente quando eu saía com minhas amigas. Então, comecei a prestar mais atenção a tudo ao meu redor. E sempre era apenas um vislumbre, um movimento nas sombras ou o brilho de olhos atentos no escuro. Na verdade, nunca vi seu rosto, mas sabia que ele estava lá.

— Como você conseguiu entrar na festa de aniversário da minha amiga? — pergunto enquanto coloco outro Steri-Strip no lugar. — Era apenas por convite.

— Por uma janela no vestiário.

Minhas mãos ficam imóveis. — A festa de Jaya foi no terceiro andar de um clube particular.

— As calhas do prédio eram bastante sólidas, — diz ele. — E a segurança deles é uma piada.

Depois de prender a última tira, deixo meus olhos se moverem para baixo e depois para cima de seu corpo. Ele tem mais de 1,80 m de altura e é bem musculoso.

— Os canos de esgoto eram feitos de aço? — pergunto quando encontro seu olhar novamente.

— Mm-hmm. — Ele mantém os olhos grudados nos meus enquanto pega minha mão. Mesmo antes de sentir seu toque, meu coração já está batendo no peito porque sei o que está por vir. Meu pulso parece tão pequeno e frágil em sua mão

enorme, e parece que ele também percebe isso, porque o segura com tanta delicadeza como se estivesse manuseando uma estatueta de vidro delicada.

— Obrigado. — Sua voz é áspera, e ele passa os lábios na ponta dos meus dedos.

— Pensei que você não agradecia às pessoas.

— Nunca tive motivos para isso. Até recentemente.

— Você não agradece aos seus amigos quando eles o ajudam?

— Eu não tenho amigos, tigresa.

— Todo mundo tem amigos.

— Eu tinha um. Mais ou menos. Ele era meu colega, mas foi embora.

— Você o agradeceu quando ele fez algo bom para você?

Ele abaixa minha mão, mas continua segurando meu pulso, e seus olhos ficam distantes como se ele estivesse perdido em suas memórias, procurando por uma em particular. — Ele quase me explodiu, junto com outro membro da unidade. O gatilho da bomba que ele fez deu defeito, mas ele conseguiu consertá-lo a tempo. Eu lhe dei um soco no rosto e quebrei seu nariz.

— Isso não parece um 'obrigado' para mim.

— Eu o deixei respirando.

Ele diz isso com tanta naturalidade que não posso deixar de rir. — Ele passou bem, então.

— Acredito que sim. E quanto a seus amigos? Você pode contar com eles quando precisa de ajuda?

— Não é para isso que servem os amigos?

— Acho que sim. Mas você não respondeu à minha pergunta.

— Os amigos são... complicados em meu mundo.

— E que mundo é esse?

— Um que valoriza o status e a posição social acima de tudo, — eu digo. — Meu pai é um homem muito importante. As pessoas sempre tentam agradá-lo. Então, quando alguém faz algo bom para mim, nunca sei se está sendo sincero ou se é apenas por causa de quem é meu pai.

— Sim. Ativa ou passivamente, os pais afetam a vida dos filhos, — ele responde enquanto seu polegar passa pela parte interna do meu pulso, logo acima do meu ponto de pulsação.

— E quanto ao seu? — Eu pergunto.

— Eles morreram bem antes de poderem ter um impacto significativo sobre mim.

— Sinto muito.

— Não sinta. Eu não lamento. Algumas pessoas não foram feitas para ter filhos.

— O que eles fizeram?

— Nada. — Ele move seu olhar para o cabide do lado de fora da sala de exames. — Você está usando o lenço de novo.

— Sim. Estou gostando bastante dele. — Viro minha mão para que nossas palmas se toquem. — Você disse 'membro da unidade' antes. Você é militar?

— De certa forma, — ele murmura, com os olhos voltados para baixo, observando nossas mãos unidas.

— O que isso significa, 'de certa forma'?

— Isso significa que nada é preto e branco, tigresa. Há apenas tons de cinza. — Ele olha para cima e nossos olhares se fixam. — Exceto você.

Está se tornando impossível manter minha respiração sob controle enquanto ele me olha dessa forma. Como se eu fosse a única pessoa no mundo. — E o que eu sou?

— Você, minha tigresa, é um raio de luz na escuridão absoluta em que minha vida se tornou e tem sido por muito tempo.

Respiro fundo, abalada por suas palavras. Ninguém nunca disse algo assim para mim.

— Se você tivesse perguntado meu nome, saberia como ele é contrário a esse sentimento, — sussurro. Em italiano, Nera significa ‘negro’. Mas ele não poderia saber disso, pois nunca lhe disse meu nome.

Meu demônio inclina a cabeça para o lado, baixando os olhos para os meus lábios. — Sim. Mas, por outro lado, também significa *luz*. Radiância. Ou brilho.

— E como você sabe disso? — Minha voz está quase inaudível agora.

— Ouvi uma de suas amigas dizer seu nome.

Eu me aproximo um pouco mais para ficar entre suas pernas, nossos olhos estão quase no mesmo nível, e acaricio a lateral de seu queixo, tomando cuidado para não pegar o corte em sua bochecha. — Quando?

— Algumas semanas atrás. Você estava saindo de uma butique no centro da cidade.

Sim, eu me lembro desse dia. Eu estava fazendo companhia à Dania enquanto ela comprava botas novas. Aquele arrepio agradável que eu associava a ele estava presente o tempo todo, e eu sempre olhava por cima do ombro. — Eu não vi você.

— Eu só sou visto quando quero ser.

— E as outras vezes, quando eu notei você?

— Talvez eu quisesse que você me visse nessas ocasiões.

— Por quê?

— Assim, você poderia se divertir com suas amigas sem se preocupar. E saber que nada aconteceria com você porque eu estava cuidando de você, tigresa.

— Tigresa? Você sabe meu nome. Por que não o usa?

— Eu a ouvi por acaso. Você nunca me deu isso. Não gosto de usar coisas que nunca foram dadas a mim. Isso é roubo.

— Você tem princípios únicos para um perseguidor. — Desvio meu olhar para seus lábios. — Posso lhe contar um segredo?

— Sim.

Eu me inclino para a frente até que minha boca esteja sobre sua orelha e sussurro: — Gosto da ideia de você me vigiar, demônio.

Ele se mantém incrivelmente imóvel - mal se move por vários momentos silenciosos - e nossas respirações aceleradas são o único som na sala.

— Eu gostaria de fazer muito mais do que apenas cuidar de você. — Palavras profundas e roucas caem sobre mim como uma cachoeira. Ele segura meu rosto entre as palmas das mãos e, apesar de seu toque ser leve, consigo sentir cada cume de sua pele. — Mas algumas coisas não estão destinadas a acontecer.

Ele continua a acariciar meu rosto enquanto se levanta, seu corpo maciço lançando uma sombra enquanto se eleva sobre mim.

— Você está indo embora? — Eu pergunto.

— Para que a luz brilhe, a escuridão deve se retirar. É o que deve ser feito.

Suas mãos se afastam e eu observo seus ombros largos enquanto ele se dirige para as portas externas.

— É só isso? — Eu o chamo. — Você aparece do nada, me pede para fazer um curativo em você e depois vai embora?

— Eu queria falar com você. Parece que não posso deixar de recorrer ao roubo, afinal de contas.

Não quero que ele vá embora. Nunca sei quanto tempo se passará até que ele decida se mostrar novamente.

— Posso roubar você? — Eu digo quando ele chega à soleira da porta. — Só por uma manhã de domingo.

Ele parou. — Por quê?

— Quero lhe mostrar uma coisa.

Com a cabeça inclinada para o lado, ele me observa por alguns instantes antes de responder. — Domingo depois do próximo. Às oito horas. Vou esperar por você em frente ao seu prédio.

— Devo lhe dar meu número? Caso surja algum imprevisto e você não possa ir?

Ele olha para mim por cima do ombro, e parece que seus olhos estão penetrando nos meus. — Mesmo que todo o inferno se solte, eu estarei lá, tigresa.

Sua longa trança balança no ar enquanto ele se afasta e desaparece na noite.

Capítulo 13

Kai

Pessoas. Hordas e mais hordas de pessoas vagando entre estandes repletos de produtos de padaria, produtos enlatados, mudas e um número surpreendente de frutas e legumes para esse início de estação, navegando entre os engradados organizados que contêm mais do mesmo e permanecendo em outras mesas para negociar com vendedores de aparência um tanto frenética presos atrás das intermináveis filas de produtos. Velhos, jovens, com crianças agarradas, todos se empurram uns aos outros enquanto atravessam as barracas, aparentemente levados por uma corrente de massa humana.

É um pesadelo.

— Então? — Nera pergunta ao meu lado, com os lábios largos em um sorriso amplo. — Por onde você quer começar?

Hoje está quente e ela está usando um casaco leve sobre uma camisa branca de flanela amarrada na cintura e uma calça jeans clara. Seu cabelo cor de mel está preso em um coque baixo na nuca, preso com o lenço vermelho que lhe dei.

— Por que estamos aqui? — Pergunto, meus olhos grudados em seus lábios. Um sorriso é algo que raramente é dirigido a mim. Na maioria das vezes, quando a situação exige que eu fique perto de uma pessoa, ela está chorando ou gritando.

— Este é um mercado de agricultores. Estou lhe dando um curso intensivo sobre ervas e vegetais. — Ela pega minha mão e me leva para a frente.

Alguém bate em meu braço com um cotovelo. Ignoro completamente, olhando para nossos dedos entrelaçados enquanto ela me arrasta para a frente, correndo

em direção à barraca mais próxima. Há meses, venho lutando contra o desejo de tocá-la cada vez que nos encontramos. Beijar a mão que cuidava dos meus ferimentos foi o contato mais íntimo que me permiti, além daquele momento de fraqueza em que não pude resistir a tocar seu rosto. Isso quase me quebrou. Mas eu sabia que, se me deixasse ir mais longe, não haveria como voltar atrás.

Raramente desejo coisas na vida, porque sei que é muito raro consegui-las. Mas quando consigo, o desejo de mantê-las é uma necessidade maníaca e visceral. De nunca deixar ir.

— Salsa primeiro. — Nera para ao lado de uma mesa com uma placa suspensa de uma estufa local acima dela e levanta um ramo de folhas verdes amarradas em hastes finas com a mão livre. — Está vendo isso? É salsa de folhas planas. É uma erva, mas a parte de cima se parece com as raízes dos vegetais que você me deu. Na verdade, existe uma variedade de raiz de salsa. O cheiro é mais vibrante, porém, e parece uma cenoura branca.

Ela começa a tirar sua outra mão da minha. Não está acontecendo. Eu a aperto, mantendo meus dedos firmemente enrolados nos dela.

— Preciso dessa mão, — murmura ela, olhando para nossas mãos.

— Não, você não precisa.

Suas sobrancelhas perfeitas se erguem em questionamento. — Porquê?

— Porque você tem duas, — eu rosno.

Esta mão é minha. Ela a ofereceu a mim livremente e não vou soltá-la a menos que seja absolutamente necessário. Um dia, talvez ela permita que eu toque mais do que apenas sua mão, mas, por enquanto, isso tem que ser suficiente.

— Tudo bem. — Os cantos de seus lábios se inclinam para cima. Lentamente, ela levanta o ramo que está segurando e passa suas folhas sob meu nariz. — Salsa. Cheire.

O senhor idoso de camisa xadrez que cuida da cabine nos olha com curiosidade

enquanto eu cheiro as folhas.

— Ótimo. — Minha tigresa substitui a salsinha e pega outro monte de porcaria verde, mas esta tem uma bola de aparência estranha em sua base. — E isso, isso é aipo. É um vegetal de raiz, assim como as pastinacas que você comprou para mim. A raiz é grande e redonda, não a longa e magra que lembra uma cenoura. Agora, cheire.

Outro punhado de folhas acaba em meu rosto. Enrugo o nariz e espirro. — Já chega, entendi a ideia.

— Vocês dois estão comprando alguma coisa? — resmungou o veterano.

Eu o fixo com meu olhar, dando-lhe um olhar normalmente reservado para meus alvos antes de quebrar suas espinhas.

— Estamos apenas olhando, se não houver problema? — Nera sorri para o homem, cujos olhos ainda estão grudados nos meus.

— Sim, sim, é claro. Com certeza. — Ele dá um passo para trás. — Leve todo o tempo que precisar.

Minha garota continua a examinar os legumes e ervas expostos, levantando coisas que acha interessantes, fazendo com que eu as cheire ou cutuque. Erva-doce. Endro. Rabanetes. Ela mantém sua mão direita na minha o tempo todo. Finjo que estou prestando atenção nas coisas que ela está me mostrando, mas, na verdade, estou concentrado apenas nela.

Mais pessoas passam e se apertam ao nosso lado, então dou um passo para o lado, mais perto da minha tigresa, criando uma barreira para afastar essas pragas. Eu não sabia aonde ela queria ir hoje, então vim com duas armas escondidas no coldre de ombro, uma faca presa ao tornozelo, como de costume, e um garrote no bolso da jaqueta. Parece que não vou precisar de nenhum deles neste passeio. Ainda assim, observo nossos arredores com o canto do olho, certificando-me de que não há ameaças inesperadas perto dela.

É difícil me concentrar em suas palavras com o calor dela ao meu lado. Quero me afastar, com medo de ficar viciado em tocar mais do que apenas sua mão, mas, ao mesmo tempo, quero invadir seu espaço, me pressionar contra ela. Minha mente está gritando para que eu me afaste. Meu corpo não escuta. Dou mais um passo, indo para trás dela e soltando sua mão no processo. O momento é breve, apenas uma fração de segundo, mas parecem horas sem seu toque. No instante em que estou atrás dela, entrelaço nossas mãos direitas novamente e coloco a esquerda sobre a mesa do outro lado dela. Quando a tenho cercada por meu corpo, fica mais fácil respirar.

Ela está discutindo sobre fertilizantes para plantas com o cara que cuida do estande, que ainda parece um pouco doente, absolutamente alheio ao tumulto que está acontecendo dentro de mim. Tento permanecer estoico, mas logo perco a batalha e inclino a cabeça, inalando o cheiro do xampu dela.

Nera

O vendedor à minha frente está falando, e eu aceno com a cabeça, mantendo a aparência de que estou ouvindo o que ele está falando. A partir do momento em que senti meu demônio se posicionar às minhas costas, seu corpo envolvendo o meu por quase todos os lados, minha capacidade mental de processar qualquer coisa foi por água abaixo. Um leve toque de seu queixo em minha têmpora. Dedos enormes e calejados segurando os meus. Sua respiração em meus cabelos. Seu cheiro me afogando.

— Você disse que é alérgica a flores. — Um sussurro rouco bem perto do meu ouvido. — E, no entanto, você cheira como uma.

Há dezenas de pessoas ao nosso redor, muitas vozes e outros sons muito mais altos do que suas palavras e, ainda assim, ele é o único que eu ouço.

— É ao pólen que sou alérgica. Não ao cheiro, — eu me engasgo.

— É bom saber.

Seu polegar roça as costas da minha mão em movimentos pequenos e delicados, e cada um deles dificulta a respiração.

— Obrigado.

— Pelo quê? — Eu pergunto.

— Por me trazer aqui. Eu nunca tinha ido a um mercado de produtores antes.

— Então, gosta?

— É horrível, tigresa.

Eu ri. — Bem, você poderia ter mentido e dito que gosta.

Sua respiração faz formigar a pele do meu pescoço quando ele mergulha a

cabeça, levando a boca até à altura da minha orelha.

— Não quero mentiras entre nós, tigresa. — Sua voz rouca e abafada inunda meus sentidos, fazendo todo o meu corpo vibrar com uma carga elétrica devido apenas à sua ressonância profunda. — Apenas segredos.

— Está bem, — sussurro de volta.

Uma mulher se aproxima do balcão da cabine à nossa esquerda e começa a conversar com o vendedor. Embora ela esteja a menos de um metro de distância, além da qualidade aguda de suas palavras e do fato de ela estar ali, nada mais em nosso espaço imediato parece real. O mundo se dissolve e meu corpo e minha mente se sintonizam apenas com o homem que está atrás de mim, com o peito colado às minhas costas. Fecho os olhos e inclino a cabeça para o lado até que minha bochecha toque a dele.

— Você vai me contar seus segredos um dia, demônio?

— Um dia. Talvez.

— Mas não hoje, — digo sem fôlego, mas com convicção. — Apenas um pequeno segredo? Por favor.

Ele inclina a cabeça, acariciando levemente a pele da minha bochecha com o nariz. — Eu não sonho. Nunca. Mesmo quando eu era criança, eu ia dormir e acordava de manhã, com apenas escuridão e vazio preenchendo o espaço entre eles. Até recentemente, eu acreditava que os sonhos eram apenas uma mentira.

Um arrepio percorre minha espinha. — Mas não mais?

— Não mais, — ele diz. — Você consegue adivinhar com o que eu sonho, tigresa?

Mordo a parte interna da bochecha e sacudo a cabeça. O toque de um telefone próximo penetra na névoa em que me encontro. Meu demônio pega meu pulso, levantando minha mão.

— Eu sonho com você, tigresa. — Palavras sussurradas, pouco antes de ele

depositar um beijo fugaz na ponta dos meus dedos. — Mas todos os meus sonhos são interrompidos por um despertador.

Ele solta minha mão e o calor em minhas costas desaparece. Eu me viro e o encontro a dois passos de distância, com o olhar fixo no meu, mesmo quando ele segura o telefone no ouvido.

— Estou a caminho, — ele diz em voz alta para o aparelho, depois o guarda sem tirar os olhos de mim por um instante.

As pessoas passam ao redor e entre nós, correndo para ver outros vendedores, suas roupas coloridas piscam na frente dos meus olhos, obscurecendo a visão da forma vestida de preto do meu demônio a cada poucos segundos. Vermelho. Amarelo. Preto. Branco. Preto novamente.

— Quando o verei novamente? — pergunto.

Azul. Preto.

— Em breve, — ele responde.

Rosa. Laranja. Preto.

— Vou a uma boate com algumas amigas na sexta-feira à noite. Não é o lugar mais seguro da cidade.

Branco. Amarelo.

A multidão se dissipa por um momento, permitindo que eu tenha uma visão clara dele novamente.

Sua boca se abre em um pequeno sorriso. — Eu estarei lá.

Uma família de quatro pessoas para entre nós, obscurecendo meu demônio mais uma vez. Dou um passo para a esquerda, olhando ao redor. Verde. Vermelho. Roxo. Marrom. Mas nada de preto. Não se vê preto em lugar nenhum.

Capítulo 14

19 anos atrás em relação aos dias atuais Base da unidade Z.E.R.O.

(Kai 16 anos)

Kai

Os papéis farfalham em minhas mãos quando os viro, examinando a caligrafia bagunçada. Ontem, Kruger me enviou ao psiquiatra residente da unidade para uma avaliação. Não tinha nada a ver com meu bem-estar. Ele só precisava saber se eu conseguiria lidar com a pressão antes de me enviar para o campo de batalha e se eu teria inteligência suficiente para me adaptar caso surgisse algum imprevisto. Aparentemente, fui aprovado com louvor.

No início da noite, entrei no consultório psiquiátrico e peguei meu arquivo, mas isso não me serviu de nada, pois não consigo ler nada. Enfiei os papéis no bolso lateral de minha calça tática e fui para o depósito de armas. Um dos guardas fica lá o tempo todo.

Encontro o homem caído em sua cadeira, roncando. Dou um tapa em seu rosto e pressiono a ponta da minha faca logo abaixo de seu pomo de Adão.

— Leia isso para mim. — Coloco os papéis dobrados em seu colo.

O homem pisca para mim confuso e depois começa a ler. Na maioria das vezes,

é a mesma velha bobagem do psiquiatra: profundo entorpecimento psíquico como resultado de eventos traumáticos na infância, incluindo abandono, que levou a manifestações de raiva extrema associadas a múltiplos episódios violentos envolvendo lutas pela autopreservação.

— *Ausência total de empatia ou cuidado com os outros. Incapacidade de estabelecer conexões com qualquer pessoa ao seu redor. A única exceção é o oficial superior do sujeito, Lennox Kruger. No entanto, o grau de ligação emocional do sujeito é inconclusivo devido à sua contínua falta de vontade de cooperar*, — diz o guarda. — *No geral, os resultados da avaliação são os esperados, considerando o histórico do sujeito e os estressores contínuos do programa.*

— Continue. — Eu grito.

— *As capacidades mentais e físicas estão bem acima da média. O indivíduo é considerado apto para o trabalho, capaz de enfrentar os desafios das atribuições da missão. Espera-se que ele cumpra as tarefas exigidas sem falhas.*

O homem para de ler e olha para mim.

Coloquei mais força em minha lâmina. — Mais alguma coisa?

— Só mais uma nota, — ele se engasga.

— Leia.

O guarda engole antes de continuar. — *Concluindo, é improvável que o sujeito venha a progredir e seja capaz de formar relacionamentos pessoais profundamente enraizados de qualquer tipo. No entanto, se isso acontecer, o histórico da variação comportamental observada - da calma absoluta à raiva controlada - não pode ser ignorado. O sujeito apresenta um risco extremo de responsabilidade, e sua imprevisibilidade pode levar a situações questionáveis, incluindo possíveis casos de Ausência Sem Licença (AWOL). Ações disciplinares*

regulares podem não surtir efeito. Em caso de suspeita de má conduta grave em suas funções, recomenda-se a demissão imediata.

Arranco os papéis das mãos do guarda e volto para o dormitório.

Nada de novo nesse sanduíche de merda. Avaliação, uma ova.

Capítulo 15

Nera

— Pelo amor de Deus, Nera. Por que está se remexendo a noite inteira?

Volto rapidamente para minhas amigas e pego minha bebida na mesa. — Por nada.

— Estamos esperando que mais alguém se junte a nós? — Jaya insinua. — Porque desde o momento em que entramos no clube, você tem olhado em volta sem parar.

— Não, — murmuro em meu copo enquanto dou outra olhada na entrada do outro lado da sala.

Ele não virá. Deveríamos ter saído na sexta-feira passada, mas Dania teve uma infecção estomacal e remarcamos nossa noite na boate para uma semana depois. Como meu demônio e eu nunca trocamos números de telefone, não pude informá-lo sobre a mudança de planos. De qualquer forma, tenho esperança de que ele esteja aqui hoje à noite.

— Ouvi meu pai conversando com alguns de seus amigos que vieram tomar um drinque ontem à noite. — Dania se inclina sobre a mesa e sussurra: — Aparentemente, Alvino viu sua namorada fazendo um boquete em um dos soldados da Camorra. Ele matou os dois e jogou seus corpos nus em frente a um shopping. Seus órgãos genitais foram cortados.

Eu me arrepio. — Isso certamente soa como Alvino.

— Uma das amigas da minha irmã estava namorando com ele quando ela ainda estava no ensino médio, — diz Jaya. — Ela terminou o namoro depois de apenas

duas semanas e, logo em seguida, ela e sua família deixaram o país. Acho que eles tinham medo de que Alvino fizesse algo com ela. Parece que ele não aceita bem a rejeição.

Um calafrio me percorre novamente, mas, ao contrário da última vez, a sensação não diminui. Ela permanece como um leve formigamento na parte de trás do meu pescoço. Lentamente, abaixei meu copo até ao tampo da mesa. A conversa muda para ex-namorados e depois para Dania tagarelando sobre sua última paixão - um cara que ela conheceu online - e eu não presto atenção. Meus olhos vagueiam pela boate, passando por cima dos homens aleatórios ao nosso redor, procurando aquela figura alta e familiar. Não encontro nada. Olho mais longe, observando os recantos escuros, na esperança de ver o brilho dos olhos do meu demônio. Ainda não encontrei nada. Mas sei que ele está aqui.

— Volto já, — digo a Dania e me dirijo à multidão.

Há centenas de pessoas nesse clube, espremidas umas contra as outras, e tenho que me empurrar entre seus corpos para continuar, continuar procurando. O formigamento está mais forte agora, mas, nessa multidão, não consigo olhar mais do que alguns metros à minha frente. Percebo uma pequena plataforma elevada à frente, com um dos enormes alto-falantes no topo, e corro em direção a ela, tirando todos do meu caminho.

O estrado tem vários centímetros de altura e, quando subo, meus olhos observam a massa de frequentadores da boate. Estou examinando. Onde ele está? Duas semanas podem ter se passado, mas a sensação de sua mão segurando a minha ainda está muito impressa em minha mente. Sua respiração em meus cabelos. A maneira como sua barba por fazer fazia cócegas em meu rosto quando eu encostava minha bochecha na dele. A necessidade de vê-lo novamente, de sentir seu corpo pressionado contra mim, é tudo em que tenho pensado há dias. *Onde ele está?*

Uma carícia suave em minhas costas expostas e, em seguida, um hálito quente

em minha nuca. — Procurando por alguém, tigresa?

Sorrio e fecho os olhos, saboreando seu toque leve. — Não mais.

— Gostei do vestido. — Palavras roucas sussurradas bem perto de meu ouvido. Em seguida, outro toque de seus dedos desde a base do meu pescoço até à minha cintura. — Tive que recorrer ao roubo novamente.

— Fico feliz.

Sua palma desliza sobre o osso do meu quadril até ao estômago, puxando-me para mais perto, colando minhas costas à sua frente.

— Eu esperava que você viesse me visitar mais cedo, — sussurro.

— Passei por lá duas vezes.

— Não vi você.

— Eu sei. — Sua outra mão envolve a minha, entrelaçando nossos dedos. — Não posso me permitir ir até você com muita frequência.

— Por quê?

— Porque eu não poderia ir embora.

Lentamente, eu me viro e encontro seus olhos de tirar o fôlego. Meus saltos e a plataforma elevada estão me dando um grande aumento de altura, mas o topo da minha cabeça ainda mal alcança o nariz dele.

— Talvez eu não queira que você continue indo embora. — Toco seu lábio inferior.

— Luz e escuridão não se misturam, tigresa. Elas se anulam mutuamente. — Ele inclina a cabeça e beija a ponta do meu dedo. — E eu nunca me atreveria a encobrir sua chama.

Pego um punhado de sua camisa, apertando-a com força, como se isso pudesse mantê-lo aqui. Comigo. Eu quero mais. Mais do que esses momentos roubados. Meu corpo anseia por estar perto do dele, da mesma forma que minha mente

anseia por saber mais sobre ele. Por que ele não me diz seu nome? Para onde ele vai quando sai? O que faz? Por que continua se afastando? Tenho medo de perguntar. E tenho medo das respostas.

Ele me faz lembrar de um gatinho de rua que foi trazido para a clínica na semana passada, quase morto depois de ter sido seriamente torturado. Ele arranhava e mordia qualquer pessoa que chegasse perto dele, mesmo quando era só para dar comida ao pobrezinho. Certa noite, quando eu estava sozinha na clínica, deixei a porta da gaiola aberta e fui fazer minhas tarefas noturnas. Nada aconteceu. Repeti minhas ações por três dias, sempre com o mesmo resultado no final da noite. O gatinho permaneceu na parte de trás de seu recinto. No quarto dia, o pequeno malandro finalmente saiu da gaiola, pulou no balcão e ficou me observando trabalhar. No dia seguinte, ele permitiu que eu o alimentasse.

Tenho a sensação de que estou em uma situação semelhante com meu estranho. Há algo terrível escondido em seu passado. Em seu presente também, muito provavelmente. Tenho minhas suspeitas sobre o que pode ser. Tenho certeza de que ele não vai me machucar se eu insistir demais. Ele simplesmente... desapareceria.

Mas se eu deixar a porta aberta, deixando-o dar esse passo...

— Eu não me importaria de compartilhar sua escuridão. Você só precisa me deixar entrar. — Encosto-me em seu peito e inspiro seu perfume. — Nunca tive medo da escuridão, demônio, porque, mais cedo ou mais tarde, a luz do dia sempre vem.

— Nem sempre, minha linda estrela brilhante. — Ele deposita um beijo no topo da minha cabeça. — Suas amigas estão chegando.

Fico olhando para suas profundezas enquanto ele se afasta. — Não vá.

— Não vou. Não até que você esteja em segurança em casa.

Mais um passo. Depois, mais dois até que ele desapareça no meio da multidão.

— Nera! — Dania agarra meu braço. — Achamos que tinha acontecido alguma coisa com você! O que está fazendo aqui?

— Quem era o cara com quem você estava falando? — Jaya pergunta.

— Ninguém, — eu sussurro. — Apenas a escuridão.

Kai

O telefone em meu bolso começa a vibrar novamente. É a quarta vez nos últimos dez minutos. Eu o ignoro e mantenho os olhos grudados na minha tigresa enquanto ela fica com as amigas em volta de uma mesa alta do outro lado da boate. A maldita pessoa que está ligando é persistente, então, xingando o idiota, tiro o telefone do bolso e o aproximo do ouvido.

— Seu alvo ainda está vivo, — o capitão Kruger grita através da linha. — Explique.

— O contrato estabelece que há um prazo de seis dias.

— O momento ideal recomendado para eliminar a marca era hoje, enquanto ele estava ocupado no spa.

Um cara na minha frente se move, dando um passo para a esquerda e obstruindo minha visão do grupo. Pego um punhado de cabelo na parte de trás de sua cabeça e o empurro para seu lugar anterior. Aos berros, ele se vira para vir até mim com o punho erguido.

— Sua recomendação foi rejeitada, Kruger, — eu digo e dou um tapa na cabeça do idiota que está avançando. Ele acaba esparramado no chão. — O alvo será neutralizado amanhã à noite. Certifique-se de que meu pagamento esteja pronto.

Um breve silêncio reina na linha, mas ainda posso ouvi-lo respirar. Sei que ele está irritado. Ele está irritado há quase dez anos, desde que eu exigi 50% dos honorários por cada morte e insisti em escolher o contrato que eu queria assumir. Depois desse pequeno tête-à-tête, ele está fumegando como uma lama tóxica, tentando me controlar, mas não pode se dar ao luxo de se opor abertamente a mim ou aos meus métodos. O homem que Kruger precisa eliminar tem um

pequeno exército de segurança que o segue aonde quer que ele vá. Se eu recusar o trabalho, Kruger precisará enviar uma de suas equipes regulares. E a taxa de sucesso de suas missões é de apenas 63%.

— Onde você está? Sua localização GPS foi desativada, — ele resmunga.

— No momento, não há possibilidade de eu acabar morto. Se isso mudar, eu me certificarei de ligá-lo novamente para que você possa localizar meu corpo caso minha missão falhe.

Kruger continua a tagarelar sobre sabe-se lá o quê, mas eu interrompo a chamada e me arrasto ao longo da parede, aproximando-me de Nera e suas amigas. Escolho um lugar no canto e apoio meu ombro na parede para poder observar minha garota.

O vestido longo roxo que ela está usando abraça suas curvas como uma segunda pele. É o vestido que sua irmã trouxe há alguns meses, e quase engoli minha língua ao vê-la nele. E depois, fora dele. O vestido não tem costas, apenas amarra em torno de seu pescoço esguio, deixando à mostra sua linda carne. Não consegui me conter antes - eu tinha que sentir sua pele macia. Não pude resistir a passar minha mão ao longo de sua coluna vertebral, inalando aquele cheiro inebriante dela. Soltá-la novamente foi uma tortura. Meu único alívio é continuar a observá-la enquanto ela se diverte.

Uma das garotas da mesa de Nera diz algo e o resto do grupo cai na gargalhada. Minha tigresa também está rindo, as rugas aparecem nos cantos de seus olhos e eu me vejo inclinado para a frente como se estivesse sendo puxado para ela por um fio invisível. Quero sentir um pouco dessa luz quente que ela parece estar emitindo. Para absorvê-la e iluminar minha alma miserável. Ela pega sua bebida, sorrindo amplamente, mas de repente olha para cima, com o olhar fixo no local onde estou. Rapidamente, dou um passo para trás. Recuo para as sombras, onde é o meu lugar, onde posso simplesmente observá-la.

Foi um erro permitir que eu me aproximasse dela. Olhar para Nera agora,

enquanto ela ri com suas amigas, deixa tudo muito mais claro. Eu deveria ficar longe dela. Para o bem dela.

A música muda para uma melodia lenta e as luzes do teto diminuem. Alguns rapazes se aproximam da mesa das amigas de Nera, conversando com as moças e fazendo-as rir. Um dos recém-chegados - um rapaz de vinte e poucos anos, vestindo camisa branca e calça cáqui - oferece a mão a Nera. Ela balança a cabeça, mas a mulher à sua direita parece estar incentivando-a a ir, sussurrando no ouvido da minha garota. A mão do rapaz envolve os dedos delicados de Nera e ele a puxa em direção à pista de dança.

A raiva se acende em meu peito quando o vejo deslizar o braço ao redor das costas dela, puxando-a para mais perto.

Minha! A voz no fundo do meu cérebro ruge, pedindo que eu acabe com o filho da puta que ousou tocá-la.

Estou na metade do caminho até eles, na pista de dança, antes mesmo de perceber que me movi. Ao vê-los de tão perto, paro de repente. Não consigo deixar de notar como eles parecem se encaixar. Ambos jovens. Loiros. As roupas do rapaz parecem ser de boa qualidade, caras. Ele pode ser um estudante, como ela, em um caminho para se tornar algo grandioso na vida. Um advogado. Ou talvez um médico.

Não um homem que mata pessoas por dinheiro porque é a única coisa que ele sabe fazer.

Como eu.

Meus olhos permanecem grudados neles enquanto dou um passo para trás.

Eu não me encaixo. Não eu.

Não um canalha que mal sabe ler no nível da escola primária.

Mais um passo, depois mais alguns, até que estou de volta ao meu lugar no canto, observando minha tigresa nos braços de outro homem. O fogo dentro de

mim ainda está queimando, bem ali no meu peito, queimando tudo em seu caminho. E eu deixei. Deixei que ele incinerasse a esperança tola que se enraizou ali, que crescia cada vez que eu vinha ver minha tigresa, alimentando-me com mentiras de que eu poderia ter uma chance de algo bom em minha vida. Acho que me esqueci de que a esperança é um luxo ao qual almas condenadas como eu não têm direito.

A música continua, e eu continuo assistindo, imaginando-me no lugar do cara loiro.

Nera

— Que tal outra dança? — o cara me pergunta depois que a música termina.

Ele parece simpático e é bastante bonito. Eu provavelmente teria me sentido atraída por ele. Antes. Agora? Não consigo nem lembrar o nome que ele usou quando se apresentou. — Obrigada, mas acho que vou voltar para minhas amigas agora.

— Por quê? Há mais alguém?

Sim. Não. Eu suspiro. Gostaria de saber a resposta para essa pergunta. — Talvez.

— Bem, ele não está aqui, está? — Ele move sua mão para a parte inferior de minhas costas, deslizando para baixo.

— Tire sua mão da minha bunda, por favor.

— E se eu não fizer isso?

— Se não fizer isso, vou lhe dar um soco bem na cara. Tenho certeza de que seus amigos vão achar isso divertido.

— Tudo bem. — Ele me solta enquanto um sorriso maligno se desenha em seus lábios. — Cadela arrogante.

Eu me viro e volto para a mesa onde as meninas estão rindo histericamente.

— O quê? Só uma dança? — pergunta Dania.

— Sim. E foi uma a mais, — digo enquanto pego a bolsa. — Vou ao banheiro.

Eu me esgueiro pela multidão atrás da nossa mesa, tomando o caminho mais longo, procurando pelo meu demônio. Ele esteve me observando na escuridão esse tempo todo, mas não mostrou seu rosto novamente. Dançar com aquele

idiota foi meu último esforço, uma tentativa desesperada de atrair meu protetor das trevas. Eu o imaginei correndo em direção a mim e ao idiota de mãos dadas na pista de dança, arrancando o cara e tomando o lugar dele. É difícil imaginar meu perseguidor como dançarino, mas tenho a sensação de que ele seria bom.

Quando viro a esquina de um corredor curto, apenas uma garota está esperando na fila do banheiro unissexo de um único box. Os banheiros na frente do clube são bem mais movimentados, mas também têm mais boxes, então as pessoas tendem a ir para esses.

A porta se abre e o ocupante anterior sai, enquanto a garota à minha frente entra cambaleando. Eu me levanto e pego meu celular na bolsa para ver as horas, quando mãos me agarram por trás. Meu celular escorrega do meu alcance, caindo no chão, enquanto o agressor me empurra de cara na parede. Um grito se forma em minha garganta, mas uma grande palma cobre minha boca antes que eu possa soltá-lo.

— Não é tão arrogante agora, não é? — diz a voz do meu parceiro de dança atrás de mim.

Eu me debato de um lado para o outro, tentando me libertar de seu aperto, mas ele está usando seu peso para prender meu peito na parede, e não tenho alavancagem para empurrá-lo.

— Vou lhe mostrar como uma boa garota deve tratar um homem. — Sua mão se enfia entre nossos corpos e ele abre o zíper da calça. A bile sobe pela minha garganta quando sinto seu pau duro pressionando minha bunda. Ele agarra minha saia, puxando a bainha do meu vestido para cima, e depois apalpa minha calcinha. Alcançando atrás de mim, agarro suas bolas e torço com toda a minha força.

Um uivo predatório surge às minhas costas, mas dura menos de um segundo. A mão sobre minha boca se afasta e, de repente, a pressão sobre minha coluna desaparece. As batidas suaves da música da boate agora são acompanhadas por

um novo e estranho som gorgolejante. Minha frequência cardíaca dispara quando me viro. Um homem de costas largas preenche meu campo de visão, com uma trança longa e grossa balançando levemente entre as omoplatas. Levanto meus olhos para cima e para cima, até que meu olhar se detém no rosto vermelho do agressor. Meu demônio está com a mão enorme em volta do pescoço do cara, mantendo-o suspenso contra a parede oposta.

Dou um passo para o lado, olhando fixamente para meu agressor. Ele está agarrando os dedos que apertam sua garganta, tentando fazer com que as palavras saiam, mas o único som que sai de seus lábios é um chiado abafado. Seus pés estão pendurados a quase 30 centímetros do chão.

Sem desviar o olhar do bastardo, meu demônio pergunta: — Ele te machucou, tigresa?

Por um momento, fico surpresa com o tom de sua voz. É firme, como sempre, mas impregnado de tanta força bruta que ele parece a encarnação da morte.

— Não, — eu me engasgo. — Mas tentou.

— Volte para suas amigas.

Não consigo fazer minhas pernas se moverem.

— Faça o que eu digo, — ele rosna e se vira para mim. — Agora.

Todo o ar sai de meus pulmões. Não acredito que um dia pensei que seus olhos pareciam vazios. Olhando para eles agora, parece que estou olhando para as câmaras de magma de dois vulcões - raiva pura, apenas esperando para entrar em erupção.

— Por quê? — Eu pergunto.

— Porque não quero que você veja o que acontece depois.

Olhei novamente para o meu agressor. Ele ia me estuprar. Talvez eu tivesse conseguido lutar com ele e fugir antes que ele conseguisse, mas não tenho certeza absoluta. E se outra garota estivesse em meu lugar, ela poderia ter

congelado, e então o bastardo teria feito o ato.

Não há muitas crenças que eu compartilhe com a Cosa Nostra, mas há uma que aprovo de todo o coração. Nenhum homem pode se forçar em uma mulher. Portanto, se o meu demônio quiser dar uma surra no cara, não tenho problema em vê-lo fazer isso.

— Eu vou ficar, — eu digo.

Meu protetor sombrio se vira para encarar meu agressor. Os tendões do antebraço nu do meu demônio estalam, os músculos do braço se projetam e se esticam contra as mangas enroladas enquanto ele aperta a mão. Os olhos do loirinho se arregalam, seus membros se contorcem algumas vezes antes de ficarem frouxos. Meu demônio solta a mão, deixando o corpo do possível estuprador cair no chão. Ele matou o homem em menos de cinco segundos, usando apenas uma de suas mãos.

Por mim. Ele o matou por mim.

— Por quê? — Eu pergunto.

Um leve toque de um dedo em meu queixo, inclinando minha cabeça para cima.

— Vou aniquilar qualquer um que se atreva a tocar em um fio de cabelo de sua cabeça. — Sua voz grave está impregnada de muita ameaça. — Ninguém. Nada jamais lhe fará mal. Achei que você tivesse entendido isso.

Não. Na verdade, não. Mas agora eu sei.

E os sentimentos que surgem com essa constatação apagam completamente o horror de testemunhar a morte do homem.

Uma vida por uma vida? Isso é justo? Essa é a nossa verdade?

Sempre que pensei sobre meu futuro, sempre me vi como uma espécie de personagem secundário. Uma pessoa que é jogada para um lado ou para o outro, tudo dependendo da direção em que o vento está soprando. Nada além de um meio para manter o fluxo da narrativa. Sempre um objeto, que apenas espera

para ser usado da maneira que alguém achar melhor. Nunca o tema da história. Nem mesmo a minha. Mas é possível que eu valha mais do que a ‘superioridade’ de meu nascimento baseada em coincidência e circunstância, mais do que uma via rápida para ganhar posição, mais do que meramente um ativo? Que alguém... *ele*... acabaria com a vida de um homem só porque o agressor ameaçou me prejudicar?

— Tigresa. — Meu demônio segura minha bochecha com a palma da mão. — Preciso me livrar do corpo.

Eu aceno com a cabeça. A garota ainda está dentro do banheiro, mas pode sair a qualquer momento. Quando sair, verá o homem morto. A consciência bate e eu agarro a maçaneta com força, mantendo a porta fechada.

— Há um cômodo nos fundos do corredor, eu acho. — Faço um gesto com minha mão livre para indicar a passagem sem iluminação ao lado. — Se você o levar para lá, ninguém vai encontrá-lo por horas.

Ele estreita os olhos para mim no que eu tenho certeza que é confusão. Talvez eu não saiba seu nome, mas acho que estou começando a lê-lo muito bem. Durante o tempo que passamos juntos, compartilhei com ele coisas que nunca havia compartilhado com ninguém. Suas reações sutis são familiares para mim agora.

Seu olhar percorre meu braço, parando em meu aperto firme na maçaneta. — Tem alguém aí dentro?

— Sim. Vou me certificar de que ela não saia até você ir embora.

Os olhos cinza-claros se encontram com os meus novamente. Ele dá um passo à frente, chegando tão perto que preciso inclinar a cabeça para trás para manter o olhar fixo.

— Você me surpreende, tigresa.

— Bem, fico feliz que nossos papéis tenham se invertido pela primeira vez.

Os cantos de seus lábios se curvam para cima. Eu sempre o achei bonito, mas

esse pequeno sorriso o transforma em uma beleza de cair o queixo.

— Volte para suas amigas e aproveite o resto de sua noite.

— Então, não o verei mais esta noite?

— Não.

Tento sufocar o ataque de decepção enquanto o vejo agarrar o morto pela parte de trás da camisa e arrastá-lo pelo corredor. Será que isso é tudo o que terei dele? Visitas curtas e repentinas antes que ele desapareça novamente?

— E se mais alguém me incomodar esta noite e você não estiver lá? — Eu o chamo. É uma tentativa lamentável de fazê-lo ficar, mas estou trabalhando com a única coisa que tenho.

— Eu disse que você não vai me ver. Não que eu não estarei lá, — ele diz pouco antes de virar a esquina. — Ninguém vai tocar em você no meu turno, tigresa.

Capítulo 16

Nera

O barulho constante das gotas de chuva batendo na janela se mistura com os tons baixos de uma música que está sendo transmitida pelo meu telefone. Continuo mexendo o ravióli e dou uma olhada na varanda, onde tenho meus vasos de ervas alinhados. Minhas plantas originais estão mantendo uma taxa de crescimento constante, fornecendo-me um suprimento abundante de frescor para minha culinária. Mas estou impressionada com o desempenho da raiz de aipo e das pastinacas. Elas não apenas sobreviveram ao inverno dentro do meu apartamento na pequena caixa de plantas para a qual as transplantei, mas parecem gostar muito, pois quase dobraram de tamanho desde que meu demônio as trouxe.

Já faz quase um ano que nos conhecemos e ainda estamos jogando esse estranho jogo de esconde-esconde. Às vezes, eu ficava na varanda e, quando olhava para baixo, ele estava do outro lado da rua, apoiado no capô do carro. Ficávamos nos observando por alguns instantes, e então ele pegava o volante e ia embora. Ou eu o notava no telhado do outro lado da rua, olhando para as minhas janelas. Fazíamos nossa habitual disputa de olhares e, em seguida, ele desaparecia novamente, deixando-me com mil perguntas.

Durante muito tempo, essas perguntas me deixaram frustrada, mas, ao longo do caminho, aceitei essa situação maluca em que nos encontramos.

Toda vez que ele me surpreendia com uma visita, eu aprendia algo novo sobre ele. Como na semana passada, quando o encontrei na porta de casa, com a manga da camisa cheia de sangue. Outro ferimento de faca, dessa vez em seu

bíceps. Um corte reto e limpo logo acima do cotovelo, que ia quase até ao ombro. Eu o costurei em minha mesa de jantar. Trinta e seis pontos. Depois, ofereci-lhe um pedaço de bolo que Zara havia feito no dia anterior, com a certeza de que ele recusaria. Ele aceitou. E encontrei outra peça do quebra-cabeça para encaixar no mistério dele. Meu demônio gosta de doces. O homem comeu a sobremesa antes mesmo de eu colocar o resto do bolo de volta na geladeira.

Toda vez que ele me deixa vê-lo, toda vez que ele aparece, eu me apaixono um pouco mais por ele. E toda vez que ele vai embora, meu coração se magoa. Pouco a pouco, sem um pensamento consciente ou mesmo um esforço de sua parte, eu me apaixonei por um homem que ainda é um enigma para mim. As paredes que ele mantém entre nós são mais do que uma rocha impenetrável. São a porra de um bastião de montanha. Ele não me deixa entrar. As pequenas coisas que ele deixa escapar aqui e ali ajudam a pintar um quadro de sua vida antes de nos conhecermos, e algumas coisas eu descobri por conta própria. Mas isso é tudo o que tenho.

Segredos. Há tantos segredos entre nós que eles se tornaram nossa norma.

Nunca tocamos no assunto do que aconteceu na boate há um mês. Não houve nenhum ‘obrigada’ de minha parte, nem explicações da parte dele. Apenas nós, e aquele entendimento não dito.

No escuro.

Tiro a panela do fogo, escorro o ravióli e o deixo esfriar, depois vou até às portas da varanda para dar uma olhada no topo do prédio em frente ao meu. Está chovendo sem parar desde a manhã de hoje, então meu demônio provavelmente não veio, mas ainda assim deslizo os olhos pela extensão do telhado. Não há ninguém lá.

Estou me virando quando percebo um movimento lá embaixo, na rua. Uma figura de casaco preto, apoiada na parede da entrada do prédio, com os braços cruzados sobre a frente larga. A chuva está caindo sobre ele, encharcando seu

cabelo e suas camadas externas enquanto ele permanece ali como um fantasma escuro. Nossos olhares se chocam e, como sempre, sinto o impacto como um soco no peito. É sempre a mesma coisa quando o vejo. Meu coração dispara e eu me esqueço de respirar - como se vê-lo retirasse todo o ar de meus pulmões.

Quebrando nossos olhares fixos, eu me viro e atravesso a sala. Só paro na porta para calçar minhas botas de chuva e depois saio do apartamento. Meu prédio é antigo e não tem elevador, mas levo apenas um minuto para chegar ao andar térreo.

Assim que saio para a calçada, seus olhos estão em mim, seguindo-me enquanto atravesso a rua e me aproximo dele. A chuva implacável molha meu rosto quando inclino a cabeça para encontrar seu olhar inabalável.

— Está frio, — ele diz. — Volte para dentro.

— E quanto a você?

— Estou acostumado a condições adversas. Passar um pouco de tempo na chuva nunca foi um problema para mim.

— Você poderia ter pulado o check-in hoje. Está encharcado.

— Estarei fora nos próximos dias. Tinha que ser hoje.

Gotas grossas de chuva caem em cascata pelo seu rosto, formando uma poça a seus pés. Ele sempre teve uma aura ameaçadora ao seu redor, mas quando olho para ele agora, ele não parece tão perigoso. Apenas... solitário.

Pego sua mão na minha e a aperto um pouco. — Vamos lá. Vamos jantar juntos.

Ele permite que eu o conduza até meu prédio e suba quatro lances de escada até minha casa. Quando entramos no apartamento, ele para na soleira da porta e olha ao redor como se estivesse vendo o espaço pela primeira vez.

— Você está bem? — Eu pergunto.

Ele inclina a cabeça e fixa seus olhos nos meus. — Você me convidou para

entrar em sua casa.

Há uma qualidade estranha em sua voz, um significado oculto em suas palavras, mas não tenho certeza do que poderia ser.

— Sim. Por quê? Quero dizer, você já esteve aqui antes. Várias vezes. Ou se esqueceu de que eu lhe dei pontos na minha mesa de jantar na semana passada?

— Não. Mas eu fui até você naquela época. Isso é diferente.

— Como assim?

— Simplesmente é. — Ele olha para o chão. — Vou fazer uma bagunça no seu carpete.

— Não se preocupe com isso. Hum... Vou pegar uma toalha para você.

— Uma toalha?

— Para seu cabelo. Ele está encharcado.

Solto sua mão e corro para o armário de roupas de cama. Uma toalha de mão não servirá de nada no caso dele, então pego uma das toalhas de banho amarelas. Quando entro na cozinha, encontro meu demônio parado em frente à geladeira, olhando os ímãs coloridos que pendurei lá.

— Minha irmã me presenteou com eles, — digo. — Ela saiu de férias para a Europa com uma amiga da escola e a família dela e comprou para mim um de cada cidade para onde viajaram. Eu sempre quis visitar o exterior.

— Por que não foi com ela?

Mordo meu lábio inferior. Na Cosa Nostra, há uma regra não escrita muito importante: nunca revele sua fraqueza. As pessoas mudam. As lealdades mudam. Amigo em um dia, inimigo no outro. Sempre que alguém perguntava por que eu não havia me juntado a Zara, eu sempre dizia que estava muito ocupada para ir e não conseguia encaixar isso em minha agenda.

— Tenho medo de voar, — sussurro.

Ele inclina a cabeça para o lado, observando-me. — Não há nada de errado em ter medo de alguma coisa.

— Esse é um sentimento nobre e, talvez para você, seja verdadeiro.

Ele desvia o olhar, voltando a olhar para os ímãs de geladeira. — Tenho medo de crianças.

— Crianças? Por quê?

— Se alguém é uma ameaça, eu me certifico de pegá-lo antes que ele possa me atingir. E meu ataque preventivo é dez vezes maior do que qualquer coisa que eles possam ter feito. Mas eu nunca faria mal a uma criança. — Ele pega a toalha que estou estendendo para ele, sem elaborar mais nada.

Eu esperava que ele fosse soltar o cabelo, mas ele apenas esfregou a toalha sobre a trança, secando a maior parte da umidade.

— Fiz ravióli com queijo. Pode ser? — Minhas mãos tremem um pouco enquanto vou até ao armário para pegar os pratos. Eu não estava tão nervosa ao costurá-lo na semana passada, mas agora estou. Algo mudou entre nós. Não sei bem o quê, mas posso sentir. Talvez ele esteja certo. Desta vez parece diferente de uma semana atrás.

— Não tenho preferência por comida. É apenas o sustento. Mas gostei do bolo.

— O chocolate é seu favorito?

— Não tenho certeza. Pode ser. — Ele fica em silêncio por um momento. — Eu nunca experimentei bolo antes.

Minha mão permanece sobre a pilha de louça. — Você nunca comeu bolo?

— Não. Acho que não.

Ele diz isso de forma tão casual, como se fosse apenas uma declaração comum. Não consigo entender isso. Como isso é possível?

— E no dia de seu aniversário?

— As comemorações de aniversário não são algo que se faz na minha terra. Não tenho certeza da data exata, mas acredito que nasci em algum momento do inverno.

Coloco os pratos na mesa enquanto o pavor se acumula em meu estômago. Como deve ser terrível não saber algo tão básico como sua própria data de nascimento? Meus braços estão doendo para envolvê-lo e puxá-lo para mim, para oferecer o calor e o amor que ele obviamente nunca experimentou.

— Acho que você deveria escolher uma, — eu digo.

— Uma quê?

— Data. — Coloco a tigela de ravióli no centro da mesa e me sento em frente a ele.

— Tenho certeza de que os aniversários não funcionam assim, tigresa. Mas se eu pudesse escolher, escolheria o segundo dia de junho.

Respiro fundo. Meu coração dispara enquanto meu demônio me mantém presa com seus olhos do outro lado da mesa.

O dia em que nos conhecemos.

— Por quê? — Eu me engasgo.

Ele muda seu olhar para o prato à sua frente. E, sem mais nem menos, suas paredes voltaram a se erguer.

Ele matou um homem por tentar me ferir, mas ainda não me deixa vislumbrar sua vida. Mesmo depois de quase um ano, ele mal me toca. Beija meus dedos. Segura minha mão. Em algumas raras ocasiões, ele tocou meu rosto. Isso é tudo o que tenho conseguido. Não é o suficiente.

Não mais.

Preciso sentir sua pele na minha. Quero sentir o gosto de seus lábios. O peso de seu corpo quando pressionado contra mim. Quero tudo, mas tenho medo

de que, se eu bater com muita força na barreira que ele colocou entre nós, eu possa perdê-lo. Para sempre.

Kai

Sigo Nera com os olhos enquanto ela corre pela cozinha, guardando os restos de comida e colocando a louça suja para lavar. Ela provavelmente acha que me convidar não foi nada de especial, completamente alheia às consequências de suas ações. Um convite para entrar em sua casa. Outra parte dela à qual ela concedeu acesso. Agora não há como voltar atrás. Ela não pode revogar o convite. É meu.

— O que gostaria de receber em troca? — Eu pergunto.

— Em troca de quê?

— Pela comida.

Ela se vira, com mágoa estampada em seu rosto. — Não quero que você me pague. Foi um... presente.

Dou um passo em direção a ela e coloco minhas mãos no balcão, enclausurando-a. Não há sensação semelhante a essa - estar tão perto dela, com nossos corpos quase se tocando.

— Não há presentes gratuitos, tigresa, — eu disse. — Não para mim. Diga seu preço.

A respiração de Nera se intensifica. Seus olhos se desviam para baixo, parando em minha boca. — Eu quero um beijo.

Fico paralisado. Por um momento, acho que a ouvi mal. Há meses venho sonhando com seus lábios nos meus. Era uma fantasia, um desejo inatingível, mas agora ela está se oferecendo para torná-lo realidade.

Há um leve tremor em meus dedos quando levanto as mãos e gentilmente seguro seu rosto com as palmas. Acaricio a pele sob seus olhos com meus polegares,

depois os passo ao longo da linha de suas sobrancelhas e nariz. Roubando. Roubando toques que não me foram oferecidos. Pincelei suas bochechas com os nós dos dedos, sentindo a textura delicada de sua pele impecável. Tão macia. Mais macia do que qualquer coisa que eu já tenha tocado. E agora, estou manchando-a com as mãos do assassino. Eu quero tanto beijá-la. E mais. Quero que ela seja minha, de corpo e alma. Minha tigresa. Minha estrela cintilante. Sou realmente egoísta o suficiente para arrastá-la para a minha escuridão? Não posso. Nunca poderia fazer isso. Jamais.

Mas estou aceitando o beijo que ela ofereceu. Para alguém como eu, é mais do que eu mereço.

Um pequeno grito sai de seus lábios quando a agarro por baixo de suas coxas e a levanto sobre o balcão. Agarrando seu queixo, inclino sua cabeça e capto seus olhos, arregalados e brilhantes, com os meus.

— Outro pedaço de você, meu agora, — eu rosno. — Você não pode tê-lo de volta.

Bato minha boca na dela. Com força. Tomando. Tomando cada centímetro de seus lábios e boca de uma só vez. *Meus!* Sua respiração, misturada com o ar de meus pulmões. Eu a inspiro, atraindo-a para mim. *Minha!* Seus dentes pequenos mordem meu lábio inferior. Eu a mordisco de volta. O calor de suas palmas se infiltra no tecido da minha camisa ainda úmida quando ela aperta meus braços. Parece que está chamuscando minha pele. Outra mordida, mais feroz desta vez. Eu retribuo. Quero mais. Muito, muito mais. Eu a quero por inteiro. Não quero - preciso. Como o ar. Como o sangue que corre em minhas veias. Cada batida do meu coração é dela. Por quase um ano, cada célula de meu ser tem sido dela.

Talvez sejam apenas nossos lábios que estejam se tocando, mas ela se gravou em minha alma. Eu a beijo novamente. Roubando seu fôlego. É como se eu estivesse me afogando, e essa é a única coisa que me dá vida. Mais uma vez. Mais. Nunca é o suficiente.

O telefone em meu bolso começa a vibrar. Meus lábios ficam parados nos dela. Por um breve momento, ela me fez esquecer o que sou. Ela continua me beijando, mas o telefone continua tocando. Quase como se meus pecados estivessem me chamando, querendo ser conhecidos.

— Demônio? — ela sussurra em meus lábios. — Está tudo bem?

Quero me colocar à sua mercê, implorar para que ela me aceite, apesar de eu ser um ser humano destruído. Talvez ela aceitasse, mas não seria certo. Porque preciso de *toda ela*, mas, para obtê-la, teria de oferecer *tudo de mim* em troca. Cada pecado. Cada ato obscuro. Uma troca justa.

Fecho os olhos e inspiro seu perfume. Inocente. Não contaminado. Ela nunca me aceitaria se soubesse a verdade.

— Tenho que ir, tigresa.

Seus olhos procuram os meus, confusos, mas confiantes. — Onde?

— Não posso lhe dizer.

— Por quê?

Acaricio sua pele sedosa com as pontas dos meus dedos, roubando mais uma vez, e depois me afasto. — Porque não há mentiras entre nós. Apenas segredos.

Posso sentir seus olhos em minhas costas enquanto caminho em direção à porta da frente. E, durante todo esse tempo, meu telefone continua tocando. Meus pecados estão ansiosos para se conectar. O passado. O futuro. E, acima de tudo, o presente.

* * *

A chuva bate no para-brisa, distorcendo minha visão da segunda janela da esquerda no terceiro andar. Meu voo para Budapeste sai às nove, o que significa

que tenho mais algumas horas.

Pego meu celular e analiso os parâmetros da missão mais uma vez, tentando descobrir uma maneira de reduzir o tempo que preciso passar na Hungria. Não há nenhuma.

O plano inicial era que eu voasse até lá, executasse o alvo e voltasse logo em seguida. Três dias no máximo. Mas quando retornei a ligação de Kruger depois que saí de Nera, ele disse que a equipe de vigilância em Budapeste havia sido eliminada. Antes de terem a chance de enviar seu relatório. Isso significa que precisarei de pelo menos uma semana, provavelmente duas, para seguir meu alvo e estabelecer sua agenda e seus padrões diários antes de poder matá-lo.

Quatorze dias. Duas semanas sem ver minha garota. Não sei como conseguirei sobreviver à separação dela por tanto tempo. Agora, períodos curtos, meros dias, eu mal consigo administrar. Mas mais do que isso? Semanas? Talvez eu enlouqueça. Às vezes, sinto que já estou morto, mas então vou vê-la e é como se a vida voltasse para minha alma. Vivo por meus momentos roubados com ela - é a única coisa que me faz continuar.

O relógio do painel mostra duas da manhã. Passei quatro horas sentado aqui, tentando me obrigar a sair. Não consegui. Preciso dar mais uma olhada nela antes de ir. Outro vislumbre que espero que preserve minha sanidade. Assim, como um ladrão na noite, saio do carro e atravesso a rua.

A luz tênue que entra pela janela banha a forma adormecida de Nera. Ela está enrolada em si mesma, descansando na beirada da cama. Seu cabelo está preso no alto da cabeça, com mechas emaranhadas saindo do coque bagunçado em todas as direções.

Seu quarto não é grande, talvez apenas metade do tamanho da sala de estar, mas é decorado de forma semelhante em tons de branco e marrom claro. Algumas peças vermelhas de destaque aqui e ali - um vaso sobre a penteadeira, uma capa de cama de tricô cuidadosamente dobrada sobre uma poltrona reclinável no

canto do quarto e várias almofadas bege espalhadas bordadas com flores de papoula - tornam o quarto exclusivamente dela. E ali, pendurado no espelho acima da penteadeira, está o lenço de seda vermelho.

Meus passos são silenciados pelo espesso carpete branco quando atravesso o quarto e me agacho ao lado da cama, olhando para os lábios que provei poucas horas antes. Tenho certeza de que não fiz nenhum som, mas Nera ainda se mexe, como se de alguma forma tivesse sentido minha presença. Seus olhos se abrem e, por alguns instantes, ela apenas me observa. Não há alarme ou mesmo uma pitada de surpresa em seu olhar, como se me encontrar ao lado de sua cama no meio da noite fosse absolutamente normal.

— Achei que você tinha ido embora. O que aconteceu?

— Nada. — Pego a borda do cobertor e o puxo para cima, cobrindo seu ombro exposto.

— Você prometeu que não haverá mentiras entre nós, demônio. Apenas segredos.

Às vezes me surpreende como ela me conhece bem, embora não saiba nada sobre mim. — A viagem que estou fazendo. Vai ser mais longa do que eu esperava.

Ela morde o lábio inferior. Espero que me pergunte *o motivo*, mas ela apenas continua me olhando e acena com a cabeça.

— Quanto tempo você vai ficar fora?

— Dez dias. Talvez um pouco mais.

Outro aceno de cabeça. — Você vai embora logo?

— Em algumas horas.

Ela estende a mão e acaricia minha bochecha. — Então, fique aqui esta noite.

— Tigresa...

— Por favor.

Fecho os olhos por um momento, discutindo comigo mesmo que devo ir embora. Eu perco. Mais uma vez.

— Tudo bem.

A palma da mão de Nera desliza com ternura ao longo do meu queixo até à parte de trás da minha cabeça, puxando minha trança por trás do ombro e deixando-a cair sobre o meu peito. Além da mão gentil de Nera, a última vez que alguém mexeu em meu cabelo foi há mais de duas décadas, e aquele filho da mãe não sobreviveu às consequências do encontro. Mas o toque dela é diferente. Eu anseio por ele. Fico feliz com a sensação de seus dedos delicados que se movem ao longo dos fios emaranhados até chegarem ao elástico que mantém tudo junto.

— Posso? — ela pergunta.

— Sim.

Um sorriso pequeno e sonolento se desenha em seus lábios quando ela tira o elástico do cabelo e começa a desfazer minha trança. Seus movimentos são lentos e cuidadosos, passando os dedos pelos fios. Apesar de estar completamente vestido, de alguma forma sinto como se ela estivesse tirando cada camada, deixando-me nu diante de seus olhos.

— Você vai passar o resto da noite agachado ao lado da minha cama, demônio?

— Esse é o plano.

Ela passa os dedos pelo meu cabelo mais uma vez, depois volta para a cama, até ficar deitada ao lado da parede. Um convite para me deitar com ela. Ela não me pede para subir na cama da mesma forma que não pergunta para onde estou indo. Eu estabeleci as regras desse jogo que estamos jogando e, mesmo depois de todos esses meses, ela ainda está aderindo a elas. Mas o problema é que isso não é mais um jogo. Não para mim. Há muito tempo que não é mais.

Todas as manhãs, acordo com o rosto dela em minha mente e, todas as noites,

vou dormir com seu nome em meus lábios. Está errado. Tudo está errado. Ela é tão jovem, e não apenas em termos de idade. Eu mal tenho trinta anos, mas me sinto velho em comparação. Minhas três décadas nesta terra estão repletas de violência e morte.

Meus olhos se voltam para o grosso livro didático que está em sua mesa de cabeceira. Eu levaria dias para ler um capítulo desse livro. Ela é inteligente demais, gentil e atenciosa demais para se prender a alguém como eu. No início desta semana, observei quando ela ajudou sua amiga veterinária a salvar a vida de um passarinho com uma asa quebrada. Elas passaram duas horas se debatendo com aquela coisa estúpida. Eu, por outro lado, tiro vidas sem pensar duas vezes. Sem um pingo de remorso.

Não tenho ideia de por que ela permite que esse nosso relacionamento estranho continue. Ela tem família. Amigos. Toda vez que vou vê-la, espero que ela me peça para ir embora e não voltar. Ela acabará pedindo. Seria um erro grave deixá-la se aproximar nem que seja um centímetro. Ela perceberá que não há mais nada em mim que valha a pena. Talvez nunca tenha existido. Apenas uma casca vazia de um homem que passa pela vida deixando para trás cadáveres, miséria e terror por onde passa. Se eu tivesse um pingo de decência, teria me deixado matar. Anos atrás. O mundo teria sido melhor sem mim nele.

— Está tudo bem. — O sussurro suave de Nera preenche o silêncio. — Você pode ficar onde está, se preferir.

Meus olhos se desviam do livro didático para encontrar o olhar implacável da minha tigresa. Um erro. Porque no momento em que faço isso, uma força estranha me puxa para a frente, me atraindo para mais perto. Sou tentado por seu calor, seduzido por sua luz do sol. Preciso levar isso comigo quando for embora.

Endireitando-me, tiro meu casaco e o jogo na poltrona reclinável a alguns passos de distância. Meu paletó é o próximo. Nera acende a lâmpada de cabeceira e me observa enquanto começo a soltar as alças do coldre de ombro

que contém minhas duas armas. Ela nem sequer pisca. Desarmado, eu me sento na beirada de sua cama e meus olhos percorrem o caminho até ao livro grosso na mesa de cabeceira.

— Não consegui dormir depois que você saiu, então estudei um pouco. — Ela se senta na cama e se inclina contra a cabeceira. — Não há melhor maneira de fazer uma pessoa dormir.

— É interessante?

— Algumas partes, sim. Mas essa é bem chata. — Sua mão está em meu cabelo novamente, acariciando-o. — Veja você mesmo, se quiser.

— Não posso. — Cerro os dentes. — Eu não sei ler, tigresa.

Sua mão para por um momento, mas depois ela volta a pentear os dedos em meu cabelo.

— Dislexia? — ela pergunta.

— Não. Eu só terminei a primeira série.

— Como isso é possível? Isso não é contra a lei?

— No que diz respeito a todos, eu estudei em casa até aos dezesseis anos. Mas, de onde eu vim, ler e escrever não estava no topo da lista de prioridades.

— Então... — um toque na lateral do meu queixo — ...está muito ruim?

— Consigo lidar com frases curtas e palavras que já conheço, — digo, sem olhar para ela. — Para ler meia página, preciso de algumas horas.

— Está bem. — Ela pega meu queixo entre os dedos, virando minha cabeça para encará-la. — Você gostaria de saber sobre o que eu estava lendo depois que você saiu?

— Sim.

— Venha se sentar ao meu lado. E me passe o livro.

Subo na cama e coloco o pesado livro didático em suas mãos. Nera encosta a

cabeça em meu ombro e abre o texto, colocando-o em meu colo.

— Hoje à noite, vamos aprender sobre o trato digestivo de uma vaca adulta, — diz ela e aponta a ponta do dedo para o título no topo da página. — Vou devagar. Se precisar que eu repita alguma palavra, é só me dizer.

— Está bem.

— Compartimentos estomacais. — Seu dedo desliza pela página enquanto ela lê:

— *O rúmen é o maior compartimento do estômago e consiste em vários sacos. Ele pode conter vinte e cinco galões ou mais de material, dependendo do tamanho da vaca. Devido ao seu tamanho, o rúmen funciona como um tanque de armazenamento ou de retenção de ração. Além do armazenamento...*[5]

Envolvo seu braço em suas costas e ouço os sons de sua voz se misturando com as gotas de chuva que batem na janela. De vez em quando, ela boceja, mas continua lendo, com o dedo se movendo sob as palavras, até que o sol nasce acima do horizonte e ela finalmente adormece em meu peito. Levanto o livro do meu colo e continuo segurando minha tigresa pressionada contra meu corpo por mais algum tempo. Depois, eu a deito com cuidado e me levanto da cama.

Antes de sair, apago a luz e me inclino sobre minha tigresa adormecida, pegando sua mão na minha.

— Obrigado, — digo e beijo seus dedos.

Capítulo 17

Duas semanas depois

Kai

— Boa noite. Como posso... Ah, é você de novo, senhor.

Olho para o florista com um olhar de aço e, em seguida, mudo meu foco para um cara que está em frente à prateleira cheia de buquês de rosas.

— Fora, — eu ordeno.

— Desculpe-me? — Ele me lança um olhar exasperado.

Pego minha jaqueta e tiro a arma, pressionando o cano na testa do idiota. — Agora.

O cara deixa cair as flores que está segurando e sai da loja. Recoloco minha arma no coldre enquanto me aproximo da porta da loja e, em seguida, viro a placa para *fechado*. Quando me viro, o florista está me encarando com olhos arregalados.

— Preciso de flores que não tenham pólen. Minha namorada é alérgica.

— Hum... — Ele puxa o colarinho. — Talvez algumas rosas?

— Eles não têm pólen?

— Bem, têm, mas... são consideradas hipoalergênicas porque as partículas de pólen são muito grandes, para que não sejam transportadas pelo ar e causem problemas para quem sofre de alergias.

Dou uma olhada na prateleira que contém várias rosas coloridas. Há alguns anos, tive uma missão que veio com um pedido especial. O cliente queria que a língua cortada da vítima fosse colocada em uma cama de pétalas de rosas e entregue a ele em uma caixa embrulhada para presente.

— Sem rosas. O que mais?

— Talvez um cacto?

Levantei uma sobrancelha.

— Sem cactos. Não há cactos. Ok, então... — O florista se vira para olhar os arranjos expostos e depois corre para outra prateleira no canto. O suor brilha em sua testa e gotas começam a escorregar pela lateral do rosto. — As tulipas são uma ótima escolha.

Ele traz um vaso cheio de flores vermelhas e o levanta na minha frente. Eu tiro um vapor e começo a inspecionar o interior da flor.

— O que são essas coisinhas pretas parecidas com dardos?

— Hum, bem, esses são estames, mas há muito pouco pólen neles. Veja bem, toda planta se reproduz...

— Poupe-me da aula de biologia, vovô. — Pego a tesoura pendurada na parede ao lado do papel de embrulho, viro a flor de cabeça para baixo e corto com cuidado as pontas com pó preto. — Isso faz com que ela não tenha pólen?

O cara olha para a flor que estou segurando. — Eu acho que sim.

— Perfeito. — Eu lhe atiro a tesoura. Ele quase se esfaqueia no estômago ao tentar pegá-la. — Preciso que você corte os pequenos filhos da puta de cada um deles. Você tem cinco minutos.

— Mas, senhor. Há pelo menos setenta tulipas. Eu...

Dou um passo em direção a ele.

— Claro. Cinco minutos.

Enquanto o florista começa a trabalhar na despolinização das tulipas em uma bancada próxima, eu me sento atrás do balcão dele e começo a vasculhar as gavetas, procurando uma caneta vermelha. Encontro uma em uma caixa cheia de clipes de papel e, em seguida, pego um dos cartões elegantes do expositor.

Quando o florista termina sua tarefa, já estraguei mais de uma dúzia de cartões e o chão ao redor dos meus pés está coberto de papel brilhante amassado. Olho fixamente para minha última tentativa, estreitando os olhos para as duas palavras que escrevi. Minha caligrafia é horrível, mas é o melhor que posso fazer.

— Até à próxima vez, vovô. — Joguei algumas Benjamins[6] na bancada e peguei o buquê das mãos do florista. Colocando meu cartão no bolso, saio da loja.

Nera

Sem leite. Ótimo.

Bato a porta da geladeira e levo minha tigela de muesli para a sala de estar. A TV está passando o noticiário no modo mudo, enquanto eu me deito nas almofadas e começo a enfiar meu cereal matinal seco na boca.

Na casa do meu pai, o café da manhã era sempre uma refeição farta, assim como o almoço e o jantar. Ovos, salsichas, bolos, queijos, frutas e outros enfeites. Ele sempre era servido na grande sala de jantar às oito e meia em ponto. A possibilidade de faltar a ele era inexistente. Papai sempre insistia que queria que toda a família fizesse pelo menos uma refeição juntos. Eu sempre achava isso deprimente. Com a ausência de mamãe e Elmo, e Massimo preso, aqueles cafés da manhã terríveis sempre me lembravam o quanto a nossa família estava quebrada. No entanto, comer em qualquer lugar além da sala de jantar era impensável, e foi somente depois que me mudei que percebi como era libertador comer quando e onde quisesse.

O pivô está relatando uma notícia internacional enquanto imagens de várias pessoas são mostradas na tela sobre seu ombro esquerdo. Pego o controle remoto e aumento o volume. Algo sobre o assassinato de um magnata do petróleo em Budapeste. O homem e toda a sua equipe de segurança foram mortos a tiros, em estilo de execução, em sua propriedade particular nos arredores da capital. Até ao momento, as autoridades locais não têm nenhuma pista sobre os responsáveis pelo massacre ou informações sobre um possível motivo para o assassinato.

Por mais terrível que seja a notícia, não posso deixar de pensar que, se fosse um golpe profissional, a polícia não encontraria nada.

O uso de assassinos de aluguel é típico no mundo da máfia. Eles são

ridiculamente caros, mas se você quiser que alguém desapareça sem nenhum vestígio que possa levá-lo até você, essa é a única maneira garantida. Não é segredo que a Camorra tende a usar esses assassinos com frequência, especialmente quando alguém se coloca no caminho da Família. Conheço pelo menos cinco situações em que membros de alto escalão de outras organizações criminosas nos EUA acabaram mortos, e suas mortes ficaram sem solução por anos.

Acho que temos um pouco de sorte. Desde que meu pai assumiu o controle da Família em Boston, ele tem tentado manter boas relações com outras facções da Cosa Nostra e também com nossos concorrentes. Ele faz o que tem de fazer e nunca pisa no calo de ninguém. Sei que alguns dos chefões não apoiam essa estratégia, mas nossos investidores de negócios apoiam. As escaramuças e as guerras internas afetam demais os lucros.

Desligo a TV e levo minha tigela vazia para a cozinha. Quando estou indo em direção à pia, vejo um flash vermelho pelo canto do olho. Paro e me viro para o meu ‘canto de estudo’ que montei perto da porta da varanda. Enfiada entre duas almofadas grandes no chão, ao lado do meu laptop, está uma grande panela azul, semelhante à que uso para fazer macarrão. Dentro dela, há um monte de tulipas vermelhas. As borboletas invadem o fundo do meu estômago quando me aproximo e me agacho em frente às flores. Ao lado da panela, no chão, há um lindo cartão prateado. Sua elegância brilhante e acetinada contrasta totalmente com uma nota quase ilegível escrita em tinta vermelha.

Sem pólen.

Cubro minha boca com a mão e fico olhando para as tulipas. Agora, vejo que a panela *é* realmente minha. Eu a usei para preparar ravióli quando meu demônio esteve aqui há duas semanas.

— Ele voltou, — murmuro na palma da mão.

Meu telefone começa a tocar em algum lugar do quarto, mas não saio do lugar.

Provavelmente é Zara me lembrando que devo almoçar na casa de papai ainda hoje. Como se eu pudesse me esquecer. Ele me ligou ontem, exigindo minha presença e minha obediência inquestionável nesse caso.

Com cuidado, tiro uma das flores do vaso. Quando se trata de tulipas, tenho ataques de espirros com mais frequência do que o normal. Elas são sempre um risco para mim. Desta vez, porém, não me importo se isso acontecer. Enterro meu nariz na flor em forma de sino, inalando uma vez. Depois, mais uma vez.

Sem espirros.

Pego o vaso e o levo para a mesa de jantar, colocando-o no meio. Ele parece completamente fora de lugar na superfície de vidro impecável, mas nem penso em trocá-lo por um vaso mais apropriado. Devolvendo minha tigela de cereal vazia, há muito esquecida, para a cozinha antes de ir para o meu quarto e me preparar para o dia, vejo um novo ímã na geladeira. Ele foi colocado embaixo do conjunto que Zara havia trazido para mim. A imagem mostra uma ponte e um prédio antigo ao fundo. A legenda sob a ponte diz *Hungria.*

* * *

Fico olhando para meu pai, sem saber o que dizer.

— Você prometeu. — Não posso acreditar nisso. — Você prometeu que me deixaria terminar meu curso! Isso é muito? Só mais alguns anos para viver minha vida como se fosse minha, antes que eu precise entregá-la para servir à Cosa Nostra e ter de casar?

Nuncio Veronese pega seu copo de uísque e senta-se em uma grande poltrona reclinável no meio de seu escritório. — As coisas mudam, Nera. A situação era diferente naquela época.

Mordo minha língua em um esforço para não gritar. — Então, quanto tempo

ainda me resta?

Ele olha para seu copo, girando-o, com os cubos de gelo rachando e tilintando dentro do copo. Cada som quebrado me faz sentir como se estivesse diante do relógio de contagem regressiva no corredor da morte, esperando que minha sentença seja executada. Esperando o inevitável. Sem esperança.

Sei que meu pai me ama. Ele levaria uma bala por mim sem pensar duas vezes. Ele pularia atrás de mim em águas turbulentas, mesmo sem saber nadar.

Meu pai me ama.

Mas ele ama mais a Família.

— Você pode terminar este ano de estudos, — ele diz e toma um grande gole de sua bebida. — Podemos anunciar o noivado em agosto e planejar o casamento para o outono.

— Papai...

— Você é a única pessoa com quem posso contar. Massimo está na prisão. Elmo se foi. Zara está... bem, você sabe. Só há você. E eu... Fiz algumas escolhas ruins, Nera. — Ele está olhando para o copo enquanto diz isso. — Algumas escolhas muito ruins. E se a Família descobrir, tudo pelo que trabalhei se transformará em pó.

Fico olhando para ele. Meu pai nunca trabalharia contra a prosperidade da família. A Cosa Nostra é sua vida. — Que escolhas ruins?

— Permiti que a Camorra investisse em nosso negócio de cassino.

Um suspiro de choque sai de meus lábios. Os negócios da Cosa Nostra só podem ser de propriedade dos membros da Família. Permiti-lo a alguém de fora, especialmente outra organização criminosa, é uma blasfêmia.

— Tivemos perdas, — continua ele. — Tenho forjado os relatórios de receita nos últimos meses. Alguns dos empréstimos precisavam ser pagos. Precisávamos do dinheiro - rápido, e eu aceitei. Batista e eu planejamos pagar a Camorra antes da

reunião anual da família em dezembro.

— O subchefe sabia? Por que diabos ele não o advertiu contra isso?

— Na verdade, a ideia foi dele. Não tínhamos outra opção, e deveria ter sido temporário. Mas Alvino mudou de ideia. Ele disse que não aceitaria o pagamento a menos que oferecêssemos algo em troca. Ele quer você.

A sala começa a girar. Não vou me casar com um cara que levou a namorada para o pronto-socorro e que também corta os órgãos genitais das pessoas. E quanto ao meu demônio? Só a ideia de não vê-lo nunca mais me deixa em pânico.

O horror deve estar estampado em meu rosto, porque meu pai se levanta e agarra meus ombros.

— Ele não vai machucá-la, — diz ele. — Tive uma conversa séria com ele e me certifiquei de que ele está ciente do que acontecerá se ele ousar encostar a mão na minha garotinha.

— Por favor, papai... Eu não posso...

— A Família precisa de você, Nera. Eu preciso de você.

Olho fixamente para o rosto de meu pai enquanto as cenas passam por minha mente como um filme em avanço rápido. Eu, em um vestido de noiva, caminhando pelo corredor em direção ao homem que não conheço. Eu, sentada com ele na mesa principal, comendo em completo silêncio porque não temos nada para conversar. Eu, em uma sala cheia de pessoas elegantemente vestidas, com um grande sorriso falso no rosto e com joias que equivalem à metade do meu peso corporal. Aceitando seus elogios vazios enquanto tento esconder as lágrimas e o desespero por ter sido transformada em um troféu. Eu, deitada nua na cama, deixando meu marido me foder porque é um direito dele.

É só isso que posso esperar de minha vida agora?

Há um ano, se meu pai tivesse me dado essa notícia, eu teria chorado, mas me

sentiria resignada com meu destino. Casar para o bem da família não é apenas esperado, é comum. Estar ligada a um homem que não se importa comigo parecia normal. Mas não mais. Não quando eu sei como é ter alguém que realmente se importa com quem eu sou, como pessoa. Que olha para mim como se realmente me visse. Não como a filha do Don. Não como um movimento estratégico. Apenas... eu.

— Sinto muito, pai, — sussurro. — Eu... não posso.

— Você não pode? — Ele se inclina em minha direção, olhando com olhos que parecem tão frios. Seu rosto está com uma careta, uma estranha mistura de fúria e desespero. Não me lembro de ter visto meu pai com raiva mais do que algumas vezes antes.

Eu me mantenho firme e encaro seu olhar furioso. — Não vou fazer isso.

— Eu sou seu Don. Você vai fazer o que eu mandar, sem fazer perguntas. — Sua voz tem um tom perigoso, algo entre um aviso e uma ameaça.

— Você é meu pai, antes de mais nada. — Minha voz está trêmula. — A felicidade de sua filha não deveria vir antes do trabalho? Pai?

— Não é trabalho. É um legado, Nera.

— Sim. Um legado cintilante de brilho falso, amigos falsos e as lágrimas de suas filhas que dariam tudo para serem consideradas algo além de peões em jogos de poder. — Estendo a mão e pego a dele. — Você deve ser sempre um porto seguro para mim e para Zara. Precisamos de um pai. Não de um Don.

Suas sobrancelhas se juntam, e um olhar assombrado aparece em seus olhos. — Fiz o melhor que pude, Nera. Eu me certifiquei de que você tivesse tudo o que desejasse. Sempre que você ou sua irmã gostavam de algo, eu comprava para vocês.

— Você deu à Zara um colar de ouro no aniversário de 18 anos dela.

— Aquele com os diamantes que ela viu no shopping. Ela ficou na frente da

vitrine e olhou para ele por mais de dez minutos. Eu nem me importei com o preço.

— Ela não pode usá-lo, pai. — Eu aperto sua mão. — Zara fica com alergia ao usar a maioria das joias. O colar está em uma caixa na penteadeira dela, como um lembrete brilhante de que o pai dela de alguma forma esqueceu esse pequeno detalhe da vida dela.

A cor do rosto de meu pai se esvaiu completamente, e ele recuou como se eu o tivesse atingido.

— Eu esqueci, — ele se engasga. — Como eu poderia ter esquecido algo assim?

— Porque você passou anos cercado de pessoas que sempre lhe davam tapinhas nas costas e o parabenizavam, independentemente do que você fizesse. Então, você simplesmente parou de pensar em como suas ações afetam os outros.

Meu pai desvia o olhar, com um olhar distante, enquanto olha para algum lugar além da janela.

— Quando você perde alguém que ama, isso mata algo dentro de você, sabe? — Ele suspira. — Eu perdi sua mãe. Elmo. E depois, Laura. Foi... demais.

— Eu sei. Nós também os perdemos.

Ele olha para mim e quase posso ver o homem que adorava dar carona para mim e minha irmã pela casa.

— Não quero perder você também. — Ele levanta a mão e acaricia minha bochecha. — Direi a Alvino que minha filha não é mais uma opção passível de discussão.

— Ele vai criar problemas para você?

— Não se preocupe. Eu cuido da minha própria bagunça. — Ele se inclina e deposita um beijo em minha cabeça. — Eu a verei na minha festa no próximo fim de semana?

— Claro, papai.

— Ótimo. Agora, vá para a sala de jantar. Zara provavelmente está esperando por nós.

— Obrigada.

Estou na metade da sala quando ouço sua voz atrás de mim. — Estou tão feliz que você nunca terá que estar no meu lugar.

— Eu também.

* * *

— Você ainda está saindo com aquele seu perseguidor, Nera?

Eu me esparramo na cama de Zara e descanso minha cabeça em meus braços cruzados. Minha irmã e eu nunca escondemos nada uma da outra, mas quando se trata do meu demônio, não gosto de dar informações voluntárias. Talvez porque eu ache que ela não entenderia. Ou talvez eu seja apenas egoísta.

— Então? — ela instiga.

— Jantamos em minha casa há duas semanas.

— Hum-hum. Isso é um desenvolvimento e tanto, — ela murmura em torno dos alfinetes presos entre os lábios, depois me lança um olhar incisivo. — Considerando que você ainda não sabe o nome do homem.

Dou de ombros. Ele é o meu demônio. Eu sou sua tigresa. Não preciso de seu nome.

— O que você fez?

— Ravioli com queijo. — Mordo meu lábio. — Na verdade, não foi planejado, ou eu teria preparado algo mais atraente. Preparei o jantar para mim, mas quando

olhei pela janela, notei que ele estava do outro lado da rua.

Zara abaixa a peça do molde que está prendendo ao tecido. — Você e seu perseguidor têm o relacionamento mais estranho de que já ouvi falar. Há quanto tempo está acontecendo essa coisa bizarra que vocês dois têm? Seis meses?

— Um ano.

— Cristo. — Ela balança a cabeça. — E com que frequência vocês se veem agora?

— Depende. Nos últimos meses, ele tem ido à clínica veterinária e me seguido até em casa duas vezes por semana. Mas também ficamos no telhado conversando. Ou simplesmente sentamos em silêncio e observamos o céu. Muitas vezes, eu o via espreitando do outro lado da rua ou na esquina, mas assim que eu o via, ele desaparecia. — Eu sorrio. — Acho que ele me deixou vê-lo intencionalmente nessas ocasiões. A verdade é que tenho quase certeza de que, na maioria das vezes, eu nem sei que ele está lá.

— Isso é... distorcido.

— Eu sei. É também o relacionamento mais saudável que já tive com alguém desde que me lembro. Excluindo você, é claro.

— Você não sabe nada sobre ele. Como isso pode ser um relacionamento saudável?

Viro-me de barriga para cima e coloco as mãos sob o queixo. — Você já conheceu alguém com quem pudesse falar sobre as coisas que não consegue discutir com outras pessoas? Mesmo que não saiba muito sobre essa pessoa?

De repente, o corpo de Zara fica muito quieto. — Talvez.

Levantei-me na cama. — O quê? Quem?

— Não quero falar sobre isso.

— Você sabe que pode me contar qualquer coisa, Zara.

— Não neste caso. — Ela volta a costurar. — Então, como foi o jantar?

Estreito meus olhos para ela. Ela está obviamente evitando o assunto. Talvez ela tenha sentimentos por alguém que não deveria. Um homem que não seja da Família, ou talvez alguém muito mais velho do que ela? Considerando que eu estava pensando que há algumas coisas que não estou disposta a compartilhar, decido deixá-la ficar com seu segredo. Por enquanto.

— Foi legal, — eu digo. — Mas depois que terminamos, ele perguntou o que eu queria em troca.

As sobrancelhas de Zara se arquearam em questionamento.

— Ele tem essa noção estranha de que nada é de graça. Então, eu pedi um beijo.

— Foi bom?

— Era como se eu estivesse vivendo em um vácuo, e então, quando seus lábios finalmente estavam nos meus, respirei ar fresco pela primeira vez em minha vida. — Fecho os olhos e suspiro. — Ele teve que viajar - não soube me dizer para onde - mas voltou hoje de manhã. Ou talvez ontem à noite.

— Como você sabe?

— Ele me deixou flores.

Zara bufa. — Homens. Você deveria ter dito a ele que você e as flores não se dão bem.

— Eu disse. Ele cortou os estames, Zara.

Minha irmã levantou a cabeça de sua costura, e a surpresa ficou clara em seus olhos.

— Ele me trouxe de volta um ímã, — sussurro. — De... Budapeste.

Capítulo 18

Nera

— Está acontecendo alguma coisa? — pergunta Dania quando saímos do cinema e nos dirigimos ao carro com motorista que meu pai insistiu que eu usasse. Meu próprio carro está na oficina para consertar uma bomba de combustível que falhou e só o terei de volta daqui a dois dias. E papai está um pouco paranoico desde o último domingo, quando me recusei a me casar com Alvino, então ele exigiu que um de seus homens me levasse de carro em vez de usar táxis ou caronas compartilhadas.

— Não. Apenas o Don sendo protetor. — Dou de ombros.

O motorista abre a porta traseira para nós quando nos aproximamos e, quando olho para cima para agradecê-lo, percebo que não é o mesmo homem que me trouxe até aqui.

— Onde está Pio? — Eu pergunto.

— Uma emergência familiar, — ele responde. — Seu pai me enviou para assumir o comando, Srta. Veronese. Eu sou Gerodi.

— Espero que não seja nada sério?

— Absolutamente não. — Ele sorri e fecha a porta depois de mim.

Como a casa da Dania fica perto, nós a deixamos primeiro. No entanto, no meio do caminho para a minha casa, o motorista errou uma curva.

— Gerodi, você deveria ter pegado a direita.

— Oh, desculpe, Srta. Veronese. — Ele encontra meu olhar no espelho retrovisor. — Não se preocupe, encontrarei um lugar para fazer o retorno.

Eu me inclino para trás, mas mantenho meus olhos fixos no espelho. A cada momento, Gerodi olha para ele e depois desvia o olhar. Minha bolsa está ao meu lado, no assento, e levo minha mão até ela da forma mais discreta possível.

— Então, você está trabalhando para o meu pai há muito tempo? — perguntei.

— Alguns meses. — Outro sorriso.

Chegamos a um cruzamento onde ele poderia facilmente dar a volta, mas continua dirigindo em linha reta. Minha mão escorrega até à metade da minha bolsa e posso sentir o telefone sob as pontas dos meus dedos.

— É difícil. Começar em um novo emprego, — digo casualmente. — Você fez algum amigo? Pediu ao Teobaldo para lhe mostrar o caminho? Ele está trabalhando para nós há mais de uma década.

— Sim, ele estava muito ansioso para me dar o básico.

— Isso é ótimo. — Minha pulsação dispara. Não existe nenhum Teobaldo trabalhando para o meu pai.

Outro cruzamento, outra curva perdida. Parece que estamos saindo da cidade. Pego o telefone e o tiro lentamente da bolsa, apenas o suficiente para que eu possa ver a tela. Tenho a Zara na discagem rápida e só preciso clicar no botão. Minhas mãos e pernas começaram a tremer.

— Eu realmente não faria isso se fosse você, Srta. Veronese.

Minha cabeça se levanta. Segurando meu olhar no espelho, o motorista tira uma arma do coldre e a coloca em seu colo.

— O que quer dizer com isso? — Tento me fazer de desentendida, mesmo sabendo que fui pega.

— As ordens de Alvino foram bem explícitas, senhorita. Nenhum mal lhe acontecerá, a menos que você tente alguma coisa, — ele diz. — Por favor, não me obrigue a machucá-la.

Meu estômago cai e, por um momento, parece que não consigo respirar. Só há um motivo para o chefe da Camorra mandar alguém me agarrar. Papai já deve ter dito a ele que o casamento não vai acontecer.

Solto o telefone e coloco as mãos no colo. Enquanto eu estiver no carro em movimento, minhas opções são limitadas. As portas se trancaram automaticamente logo depois que começamos a andar, e tenho certeza de que o idiota atrás do volante ativou a trava para que eu não consiga abrir a porta por dentro. Além disso, não posso pular do veículo a quase cem quilômetros por hora.

— Para onde está me levando? — Se eu tiver uma ideia de para onde estamos indo, posso pensar em uma maneira de escapar.

— Você verá. — Seus lábios se alargam em um sorriso altamente perturbador quando ele entra na interestadual.

Dirigimos em silêncio por mais de duas horas. Durante esse tempo, considero todas as possíveis razões para Alvino recorrer a isso. Não acho que ele se atreveria a me matar, mas há muitas outras coisas desagradáveis que ele poderia fazer. E, com base no que sei sobre ele, a maldade é seu passatempo favorito.

O motorista entra na rampa de saída para uma estrada estreita e deserta. Não há quase nenhum outro tráfego aqui, o que não é surpreendente, considerando que o relógio do painel mostra que é uma da manhã. Continuamos por alguns quilômetros e, em seguida, fazemos uma curva antes de pararmos em frente a um prédio, embora eu não saiba mais do que isso, pois não há luzes ao redor dele.

Com a arma na mão, o motorista abre a porta para mim. Pego minha bolsa quando saio do carro, mas ele a leva embora.

— Você não precisará disso por enquanto, — diz ele, jogando-a no banco do passageiro.

Uma fila de SUV’s está estacionada em um terreno vazio e, ao vê-los, a esperança se acende dentro de mim. Talvez haja alguém aqui que possa me ajudar.

O motorista me empurra por trás, empurrando-me em direção à enorme porta de madeira. Foi só então que percebi que prédio é esse.

Uma igreja.

— Venha, Srta. Veronese. Seu noivo está esperando.

Kai

Anos do mais intenso e rigoroso treinamento físico e mental. Uma década e meia de serviço ativo. Mais de cem missões de alto risco e psicologicamente desafiadoras, executadas com absoluta calma e desapego. Desde que matei pela primeira vez, minhas mãos nunca mais tremeram. Nunca houve uma situação que me fizesse sentir desequilibrado ou mesmo ligeiramente agitado.

— O MALDITO TEM MINHA TIGRESA! — rugi enquanto batia no volante com toda a minha força.

Estou seguindo o sedã azul-marinho escuro há mais de duas horas. Desde o momento em que eles não fizeram a curva que levava à casa de Nera depois de deixar sua amiga, eu sabia que algo não estava certo. Quando o veículo começou a sair da cidade, ficou claro que minha garota havia sido sequestrada. Não me importa por quem ou por quê. Sua sentença de morte foi assinada.

O idiota dirigindo o sedã pega a próxima saída da rodovia e segue por uma estrada municipal. Eu o sigo, mantendo minha distância para não levantar suspeitas. Quando eles fazem outra curva e entram em um estacionamento de uma igreja no meio do nada, eu continuo. Quando já estou longe o suficiente, saio da estrada e entro em um matagal. Os galhos arranham o capô e as laterais do meu veículo enquanto eu o empurro para mais fundo, para fora da vista. Nem sequer fecho a porta quando saio e corro para o porta-malas para carregar as coisas.

Demoro quatro minutos para chegar ao limite do estacionamento anexo à igreja. Uma fila de carros pretos está estacionada na lateral e, ao volante do último deles, um homem está fumando. O sedã azul-marinho que trouxe minha tigresa até aqui está estacionado em frente à entrada da igreja, mas parece estar vazio

agora. Dois homens com rifles automáticos estão vigiando as portas da frente e outro está fazendo a ronda do lado de fora do prédio.

Dentro da igreja, as luzes estão definitivamente acesas, mas os vitrais impossibilitam a visão do que está acontecendo lá dentro. Olho para cima, avaliando o nível superior. Deve haver um acesso no segundo andar que leva ao coro.

Usando a escuridão como cobertura, eu me esgueiro por trás do último SUV da fila. O homem que está lá dentro está acendendo outro cigarro e solta a fumaça pela janela aberta. Eu me aproximo e enterro minha faca na lateral de seu pescoço, logo abaixo da orelha. Seu corpo se sacode e um som gorgolejante sai de sua garganta. Pressionando minha mão livre sobre sua boca para abafar o ruído, giro a lâmina. Uma morte bastante rápida, infelizmente.

O guarda que estava fazendo a ronda é o próximo. Eu o derrubo por trás, envolvendo meus braços ao redor de seu pescoço e deixando-o cair de bunda no chão. Seu pescoço se quebra como um galho no processo. Depois de confirmar que ele está morto, eu me arrasto pelo lado de fora da igreja e dou uma olhada rápida na esquina. Os dois guardas ainda estão posicionados nas portas da frente, a pouco mais de três metros de distância. A essa distância, eu poderia matar os dois com minha arma, mas isso poderia atrair os números que estão escondidos dentro do prédio. Como ainda não sei com o que estou lidando, uma morte silenciosa é a minha melhor opção.

Pego duas de minhas facas de arremesso, uma para cada mão, e saio de minha cobertura. Os guardas giram em minha direção enquanto eu lanço as duas lâminas. Uma se aloja no olho do primeiro alvo e a outra na testa do segundo. Duvido que eles tenham consciência do que está acontecendo com eles quando cruzo a distância entre nós e, em um movimento fluido, golpeio minha faca Bowie na garganta de ambos.

Deixando seus corpos caídos diante das portas, volto para pegar meu

rifle debaixo do arbusto onde o deixei e me dirijo para a parte de trás da igreja.

Nera

O medo me persegue, rastejando sobre minha pele enquanto olho fixamente para o homem sentado à minha frente. Seus braços estão estendidos na parte de trás do banco da primeira fila, enquanto seus olhos percorrem meu corpo para cima e para baixo, como se estivessem avaliando sua nova posse. Nunca conheci o chefe do Clã Camorra antes, mas já vi algumas imagens dele nas mídias sociais. Ele é mais magro do que nas fotos, e suas bochechas encovadas e o tom acinzentado de sua pele são ainda mais pronunciados pessoalmente.

— Eu sabia que seu pai não dos mais inteligentes, mas nunca esperei que ele fosse tão estúpido a ponto de desistir do nosso acordo. — Ele sorri, revelando duas fileiras de dentes manchados de nicotina. Um de seus olhos parece estar desalinhado, voltado para dentro, o que torna sua careta mais grotesca. — Eu esperava que você fosse mais bonita.

Ele se levanta e agarra meu queixo, seus dedos machucando minha pele enquanto inclina minha cabeça para a esquerda e depois para a direita. Seu hálito cheira a cebola e cigarro, o que me dá vontade de vomitar. Engulo a bile e me mantenho imóvel, suportando sua inspeção.

Junto com Alvino e o motorista que me trouxe até aqui, há mais de duas dúzias de homens dentro da igreja. Soldados da Camorra, todos armados, sentados em fileiras de bancos no lado direito do corredor. E o padre em suas vestes cerimoniais, de pé no altar. Não há como eu escapar.

— É uma pena. Talvez eu precise transar com você de olhos fechados, — zomba Alvino. — Vamos acabar logo com isso.

Ele agarra meu braço, arrastando-me em direção ao estrado. Meu calcanhar esquerdo fica preso em alguma coisa e eu tropeço, torcendo o tornozelo. A dor

sobe pela minha perna e não consigo evitar um grito.

— Cala a boca. — Alvino dá um tapa no meu rosto.

Mal consigo abafar outro grito quando sou arrastada para a frente do padre. Mantendo meu peso sobre a perna esquerda, olho com horror para sua casula elaboradamente decorada enquanto a náusea ameaça me sufocar. Desde o momento em que saí do carro e percebi que estávamos em uma igreja, eu sabia o que estava por vir, mas ainda parecia que estava acontecendo com outra pessoa. Com uma cerimônia civil, meu pai poderia ter tido alguma influência para conseguir a anulação do casamento. É quase impossível fazer isso em um casamento na igreja.

O padre começa a falar, e eu fecho os olhos. Não vou chorar. Não deixarei que o bastardo que está ao meu lado se vanglorie de minha miséria. Em vez disso, minha mente se volta para o meu belo demônio. Provavelmente nunca mais o verei. A Camorra não é como a Cosa Nostra. Eles mantêm suas tradições. Após as núpcias, espera-se que a esposa fique em casa. Se algum dia eu tiver permissão para sair da casa de Alvino, será sempre sob forte vigilância.

Inspiro trêmula e me obrigo a abrir os olhos, examinando o ambiente ao meu redor, na esperança de encontrar um meio de escapar, embora saiba que é inútil. Há muitos homens armados e meu tornozelo machucado mal consegue suportar meu peso. Não há como fugir.

O padre continua falando. Alvino se vira para mim, com aquele sorriso horrível e maligno estampado em seu rosto. Ele abre a boca para dizer ‘aceito’ no momento em que um único e forte estrondo soa. A cabeça de Alvino se sacode para trás. Suas pernas se dobram sob ele e ele começa a cair para trás, puxando-me junto. Eu me encontro esparramada sobre ele no chão - meu rosto a poucos centímetros do seu rosto miserável, olhando para o grande buraco no centro de sua testa - quando o tiroteio explode.

Talvez seja a adrenalina, ou simplesmente um puro instinto de autopreservação,

mas não olho para cima, nem mesmo para ver o que está acontecendo ao meu redor. Mantendo-me o mais baixo possível, rastejo em direção à parede mais próxima. Quando estou relativamente segura atrás de um grosso pilar de pedra, dou uma olhada rápida para o meio da igreja. O padre está morto, estirado no chão a alguns passos de Alvino. Vários outros corpos estão espalhados por perto. Só consigo vê-los parcialmente através dos vãos entre os bancos. Mas aqueles que estão voltados para mim têm buracos vermelhos idênticos em suas cabeças.

Os membros da Camorra que ainda estão vivos se protegeram entre os assentos de madeira. Seus gritos preenchem o vasto espaço enquanto eles apontam e atiram aleatoriamente. Não vejo em quem estão atirando. Considerando o número de cadáveres, imagino que papai deve ter descoberto o que aconteceu e enviado nossos homens para me resgatar. Mas não vejo ninguém além dos soldados da Camorra.

O tiroteio diminui e, por um momento, não há nenhum som. Dois capangas da Camorra que estavam escondidos atrás do primeiro banco se levantam, segurando suas armas.

Bang. Bang.

Esse som agudo novamente. É um estalo diferente do que uma arma comum faz. Com a acústica ecoante, é difícil identificar de onde os tiros estão vindo. Os dois homens caem mortos. Outra rodada de disparos rápidos irrompe enquanto os soldados da Camorra atiram em todas as direções e, em seguida, o silêncio volta a reinar.

Uma leve sensação de formigamento sobe pelo meu pescoço. Olho para o altar e percebo um movimento nas sombras atrás dele. Uma figura de preto entra na luz, e minha respiração fica presa nos pulmões. Ele levanta suas armas, uma em cada mão, atirando nos homens restantes da Camorra enquanto caminha até mim. Caminhando. Como se estivesse em um passeio por um parque em uma tarde ensolarada, com pássaros cantando ao longe. Como se não houvesse sabe-se lá

quantos capangas ainda tentando atirar nele. Ele simplesmente dispara balas contra eles sem pausa. Meu anjo da morte. Minha salvação.

— Tigresa? — diz ele ao me alcançar.

— Estou bem, — eu engasgo.

Ele acena com a cabeça e vai para trás da coluna que me serviu de abrigo. Uma varredura de balas atinge a parede do nosso lado no momento em que ele para de atirar.

— Quando eu disser, você vai correr. — Dois carregadores vazios caem no chão. — Há uma porta nos fundos, atrás do altar. O carro em que você chegou está estacionado do lado de fora, as chaves estão na ignição. — Ele coloca um novo carregador em cada arma. — Eu dou cobertura a partir daqui.

— Não posso, — digo, enquanto me levanto lentamente. — Torci meu tornozelo. Provavelmente posso andar, mas não posso correr.

Seus olhos se voltam para os meus. Posso ver a tempestade se formando em suas profundezas enquanto ele examina nossas opções. Há pelo menos uns oitenta metros entre aqui e o estrado. Muitos dos homens de Alvino ainda estão vivos. Ele ficará sem munição antes que eu consiga me arrastar até lá.

— Certo. — Ele se vira para disparar algumas balas contra os homens da Camorra, depois coloca suas armas no coldre. Com suavidade, ele se agarra sob minhas coxas e me levanta contra seu peito. — Segure firme. Teremos de ser rápidos.

Fico olhando para ele. Se ele estiver me carregando, não poderá responder ao fogo. E suas costas ficarão expostas para os atiradores. *Não, porra!* Sentindo seu calor sob meu toque, deslizo minha mão entre nossos corpos e tiro uma arma de seu coldre.

— Atenção, demônio. Sou uma péssima atiradora, a menos que meu alvo esteja bem próximo. — Cruzo meus tornozelos na parte inferior de suas costas,

prendendo-me a ele. Em seguida, coloco meu braço esquerdo em volta de seu pescoço e estendo o direito sobre seu ombro, com a arma pronta.

Meu demônio sorri. — Dê-lhes o inferno, tigresa.

Ele corre.

O cheiro de tiros e floresta enche minhas narinas enquanto aperto o gatilho várias vezes. Meu braço inteiro treme com o recuo e o peso da arma grande demais em minha mão. Não há tempo para mirar, então atiro na direção geral dos bancos. Um pedaço de estilhaço de pedra ou talvez outra coisa atinge minha perna exposta. Lágrimas brotam em meus olhos. Mas aperto a mão no pescoço do meu demônio e continuo atirando, apesar de mal conseguir sentir o meu aperto.

O ar fresco entra em meus pulmões, os doces cheiros de verão substituem o fedor de sangue e pólvora. Estamos fora. Esse fato mal foi registrado antes de eu ser colocada ao volante de um carro.

— Pare com isso, — meu demônio late enquanto arranca a arma da minha mão e fecha a porta. — Vá direto para casa.

— Não vou deixar você, — grito pela janela aberta.

— Preciso fazer uma limpeza aqui, e não posso fazer isso se estiver preocupado com você.

Ele se vira e atira em direção aos fundos da igreja. Um instante depois, uma bala atinge o capô do sedã. Os homens de Alvino obviamente nos seguiram, mas não consigo ver a saída pela qual saímos porque meu protetor escuro está no caminho, bloqueando minha visão.

Mais chuva de balas.

De repente, meu demônio dá um solavanco para trás, batendo no carro ao meu lado. Ele joga fora a arma que pegou de mim e tira outra do coldre, fazendo um barulho gutural no processo. Seu grunhido baixo é interrompido pela explosão

da janela traseira quando uma bala estilhaça o vidro e se aloja no assento acolchoado.

— Nera, vá! Não consigo me concentrar! — ele grita, batendo com a palma da mão no teto do carro.

Piso no acelerador.

Capítulo 19

Nera

Nove e meia.

Mais de quarenta e oito horas.

Os ponteiros do meu enorme relógio de parede parecem estar se movendo muito rápido, mas, ao mesmo tempo, muito mais devagar do que deveriam. Às vezes, um minuto parece uma hora. Mas o próximo passa em um piscar de olhos. Onde diabos ele está?!

Quando cheguei em casa depois de escapar daquele desastre com Alvino, caí no sofá e, com os olhos fixos na porta da frente, esperei pelo meu demônio. E esperei. O pânico me agarrou com suas garras, apertando-me. Ficou mais difícil respirar. Não tirei os olhos da porta por horas.

A manhã chegou. O pânico se transformou em loucura. Peguei meu telefone e procurei nos sites de notícias por qualquer informação. Nada. Saí mancando e dei a volta no quarteirão com minhas roupas sujas do dia anterior, na esperança de encontrá-lo à espreita em algum canto escuro por perto. Ele não estava lá. E não estava no meu telhado. Nem no telhado do outro lado da rua. Em lugar nenhum.

Ao voltar para o apartamento, retomei minha vigília no sofá. Não fui trabalhar, apenas fiquei olhando para a porta da frente. Foi lá que Zara me encontrou quando veio me ver naquela noite porque eu não estava respondendo às suas ligações. Quase perdi o controle quando a porta da frente se abriu, mas percebi que era minha irmã e não ele.

— Onde você está, demônio? — Sussurro para a sala de estar vazia.

Um ano, e nunca conseguimos trocar números. Se eu tivesse energia, teria rido. Como posso saber se ele está bem? Se ele está... vivo?

Lentamente, levanto-me do sofá e vou até à cozinha para pegar um copo de água. Tomei um banho rápido mais cedo e devo ter dormido por algumas horas. Depois de acordar de um sono agitado, apenas vesti uma camiseta com a qual costumo dormir. De qualquer forma, não vou a lugar nenhum até que ele volte.

Meu telefone começa a tocar no balcão. É o meu pai. Não estou realmente no estado de espírito certo para falar com ele agora, mas preciso atender a ligação. Não posso contar-lhe sobre o que aconteceu na igreja há duas noites. Se eu contar, terei que contar tudo sobre o meu demônio também. E meu pai pode ordenar que ele seja morto. Nenhum homem fora da Família pode se aproximar tanto da filha do Don.

— Sim? — Falo baixo ao telefone.

— Nera, você parece horrível. Zara disse que você está doente.

— Sim. — Joguei minha água de volta e apoiei a testa na porta do armário. — Acho que não vou conseguir ir à sua festa de aniversário amanhã.

— Talvez precisemos adiá-lo de qualquer forma. Um desastre épico se abateu sobre a Camorra, e ainda não tenho certeza de como isso nos afetará. Alvino está morto.

Minha cabeça se levanta. — O que aconteceu?

— Ninguém sabe. Ele foi encontrado morto em uma igreja fora dos limites da cidade ontem de manhã. Junto com cerca de metade de sua equipe. Pelo que ouvi, a cena parecia um banho de sangue. Corpos por toda parte, mais de trinta mortos.

— E... e eram apenas os homens do Alvino? — Fecho os olhos, apertando o telefone com força suficiente para fazer minha mão doer. — Os cadáveres?

— Até onde eu sei, sim. Por que pergunta?

Um suspiro de alívio me escapou. — Por nada. Apenas parece estranho.

— Bem, há especulações de que foi um conflito interno. Não me importo particularmente de uma forma ou de outra, estou feliz que aquele bastardo tenha saído de minhas costas. Saberei mais depois da reunião com Efisio esta tarde. Ele está assumindo o comando.

— Isso é bom. — Não faço ideia de quem seja Efisio, e não estou nem aí. — Tenho que ir, papai. Estou com dor de cabeça.

Joguei o telefone de volta no balcão e fui para o meu lugar no sofá para continuar assistindo. Meus olhos estão cansados e as pálpebras parecem estar se fechando sozinhas. Tiro uma das almofadas de estudo do chão e a coloco no colo e sob o queixo, inclinando-me para a frente, de modo a ter uma visão direta da porta do apartamento.

Onde está você, demônio?

* * *

Uma leve pincelada ao longo da linha de minha maçã do rosto. Dedos afastando o cabelo do meu rosto. Um perfume que me lembra o vento da montanha.

Meus olhos se abrem.

— Como está seu tornozelo, tigresa?

Engasgo com um gemido. Meu demônio está de pé ao lado do sofá, olhando para mim. Seu rosto está pálido e há círculos escuros sob seus olhos.

— Ainda está doendo? — Ele faz um gesto com o queixo em direção à minha perna.

— Você ficou fora por dois dias e pergunta sobre minha perna? — Sussurro com a voz trêmula. — Passei horas olhando para a minha porta, esperando que você

aparecesse. Um pedaço de mim morria cada vez que eu ouvia passos de retirada no corredor. Eles não paravam, não se aproximavam. Não era você. Dois dias. Não era você.

— Eu tive que cuidar de algumas coisas primeiro, antes de vir para cá.

Eu me levanto do sofá e limpo as lágrimas com as costas da mão. Quando foi que comecei a chorar? — Achei que tinha acontecido alguma coisa com você! Pensei que você estivesse morto! E você tinha que 'cuidar' de alguma coisa?

— Sim.

— Eu estava com muito medo! Você não pode fazer isso! — Eu aponto meu dedo em seu peito. — Nunca. Está me ouvindo?

Ele se inclina e passa o braço em volta da minha cintura, levantando-me contra ele. — Sinto muito.

— Jesus, demônio. — Envolvo meus braços e pernas ao redor dele e bato minha boca na dele.

Vida. Seus lábios nos meus parecem a própria vida. Cada traço de sua língua. Cada mordiscada. Eu me deleito com cada coisa que ele está me dando. Um ano inteiro, e este é apenas o segundo beijo que compartilhamos. O segundo beijo que ele me permitiu. Não mais. Mordo seu lábio inferior e aperto minhas pernas com mais força em torno de sua cintura, pressionando meu núcleo em sua pélvis. Ele está duro, seu pau pressionando minha boceta.

— Tigresa. — Ele roça meus lábios com os seus mais uma vez e depois me abaixa. — Acho que devo ir.

Meus pés tocam o chão e tenho vontade de chorar novamente. Ir embora. De novo. Isso não é novidade. Mas toda vez que ele vai embora, leva uma parte de mim com ele. Hoje não. Agarro as lapelas do paletó de seu terno e encontro seu olhar.

— Não. Você não vai reivindicar outra parte de mim esta noite, demônio. Esta

noite, nós vamos trocar.

Posso sentir sua respiração em minha bochecha, profunda, mas rápida. — Uma troca?

— Sim. Uma parte de mim, por uma parte de você.

Ele se enrijece. — Por favor, Nera. Não me resta muita restrição.

Um pequeno sorriso se insinua em meus lábios. Ele usou meu nome apenas uma vez antes. — Você vai ficar.

— Você não sabe nada sobre mim. — Ele abaixa a cabeça, seus olhos estão baixos, evitando encontrar os meus.

Começo a tirar sua jaqueta. Ela é preta, assim como a camisa que ele usa por baixo. Sempre preto. Estou empurrando a jaqueta para baixo de seus braços quando ele sibila, como se estivesse com dor.

Instantaneamente, eu paro. — O que há de errado?

— Nada.

Tiro sua jaqueta e começo a desabotoar sua camisa, enquanto ele permanece imóvel, apenas olhando para o chão. Só depois de tirar a camisa é que noto um pedaço de bandagem enrolado em seu bíceps esquerdo.

— Foi com isso que tive de lidar. Por que não pude vir imediatamente, — ele murmura. — Não é tão ruim assim. Bala de baixo calibre, mas tive de encontrar alguém para retirá-la e me consertar.

Pressiono a palma da mão sobre minha boca. Quando eu estava no carro, ele tropeçou, pouco antes de gritar para que eu dirigisse para casa. Ele levou um tiro enquanto me cobria com seu corpo. E eu o deixei - deixei-o para trás sem saber que ele estava ferido.

Estendo a mão para acariciar seu braço com a mão livre. — Eu sinto muito, muito mesmo.

— Eu não. A alternativa não era uma opção. Não deixarei que nada de ruim aconteça com você enquanto eu viver.

— Mas você também não me deixa chegar mais perto de você do que um beijo?

— Se eu fizer isso, não haverá caminho de volta para nós. — Sua voz parece vazia. — Eu não sou um homem bom, tigresa. Se você soubesse nem que fosse uma fração das coisas que fiz... O que *ainda* estou fazendo. Não gostaria de ter nada a ver comigo.

Eu seguro seu rosto, levantando sua cabeça para forçá-lo a olhar nos meus olhos. — Quer dizer, o fato de você ser um assassino?

Nunca pensei que uma pessoa pudesse ficar tão imóvel como ele fica quando essas palavras saem de minha boca. A única parte dele que se move são seus olhos, procurando respostas em meu rosto. Não tenho nem certeza se ele respirou fundo.

— Eu sei, — sussurro. — Não sou tão ingênua quanto você pensa.

Eu suspeitava disso desde a primeira noite em que o conheci. Especialmente quando vi aquela manchete. Havia outras pistas também. Histórico militar. Menções a uma unidade. Sua relutância em falar sobre sua vida, aonde vai, o que faz. O ímã da Hungria que ele deixou na minha geladeira - no mesmo dia em que vi a notícia de Budapeste. E, é claro, a maneira como ele derrotou sozinho mais de trinta homens na igreja. Eficiente. Mortal. Assassino.

— Isso não muda o que sinto, — digo enquanto acaricio suas bochechas com os polegares.

Seus olhos se arregalam e, no instante seguinte, me vejo esmagada contra a parede, com sua mão segurando meu queixo.

— E o que está sentindo? — Inclinando-se para mais perto, ele encosta sua testa na minha. — Diga-me.

— Excitação, enquanto espero sua chegada. Felicidade, quando você finalmente

decide aparecer. E tristeza, toda vez que você vai embora. Sinto alegria quando me deparo com os pequenos presentes que você deixa para mim, quando os encontro em minha casa. — Estendo a mão por trás de suas costas e puxo o elástico de cabelo que prende sua trança enquanto continuo. — Calor e serenidade quando nos sentamos um ao lado do outro em meu telhado, sem fazer nada além de olhar para a noite. Contentamento e aceitação porque você me vê como eu sou. — Meus dedos passam pelo cabelo dele, deslizando lentamente entre as longas mechas. — Você. Eu sinto você. Com cada fibra do meu ser, demônio.

Uma longa expiração sai de seus lábios, como se ele tivesse prendido a respiração durante minha confissão. Seu braço envolve minha cintura novamente, levantando-me e levando-me para o outro lado da sala.

— Vou ficar lhe devendo uma tigela, — ele rosna enquanto me deposita na ilha da cozinha e passa o braço pela superfície à minha esquerda. Minha tigela de limões cai no chão, com o vidro se estilhaçando por toda parte.

Pego seu rosto em minhas mãos, puxando-o para mim até que nossos narizes se toquem. — Você me deve muito mais do que uma tigela, demônio.

Suas narinas se dilatam e ele volta a devorar meus lábios. Um pequeno suspiro sai de mim quando ele agarra um punhado de meu cabelo, puxando-o, e a umidade se acumula instantaneamente entre minhas pernas. Sua outra mão percorre lentamente meu pescoço e peito, empurrando-me para baixo até que eu esteja esparramada na ilha da cozinha. Envolvo suas pernas em torno de sua cintura, seu pau duro pressionando meu núcleo enquanto ele se inclina para a frente. Seus longos cabelos caem para os lados da minha cabeça como um véu preto e sedoso, ocultando tudo da minha visão, menos seu rosto.

— Você sabe o que os demônios fazem com suas vítimas? — O timbre áspero de sua voz penetra no silêncio, fazendo-me estremecer.

Eu sorrio e aperto ainda mais as pernas em volta dele. — O quê?

— Eles as consomem, tigresa.

Em um movimento suave, ele rasga minha camiseta do decote à bainha. Suas mãos deslizam sobre minha garganta novamente, depois se movem ao longo de meus braços até que seus dedos envolvam meus pulsos como algemas. Ele afasta minhas mãos de seu rosto, levando-as até à borda da bancada.

— Espere um pouco, — ele diz.

Mordo o lábio inferior e agarro a borda sem corte, pressionando as pontas dos dedos contra o quartzo em cada lado da minha bunda.

— Ótimo. — Ele inclina a cabeça para sussurrar em meu ouvido. — Estou sonhando com este momento há muito tempo.

Um beijo pousa na lateral do meu pescoço. Depois, outro em minha clavícula. Mais um, um pouco mais abaixo, logo acima do meu seio esquerdo. Esses não são beijos leves de borboleta, mas sim duros e possessivos, como se ele estivesse marcando cada centímetro da minha pele com a boca.

Tanto tempo. Esperei tanto tempo por isso. Sonhei com suas mãos e lábios em meu corpo, imaginei como seria a sensação. Isso supera tudo o que minha mente desesperada imaginou. Minha pele parece carregada, com alfinetes e agulhas formando espinhos em todos os lugares que ele toca. É como quando ele me observa, mas um bilhão de vezes mais intenso. O calor invade meu peito, preenchendo as rachaduras em minha alma. Eu nem sabia que elas existiam até aquele momento. Não sabia que havia partes de mim que estavam faltando, mas agora, de repente, elas estão lá. Sinto-me completa. Somente nos braços do meu demônio eu me sinto assim.

Meu núcleo se contrai e minhas pernas tremem quando ele arrasta os lábios pelo vale do meu peito e estômago. Quando ele chega à minha calcinha encharcada e inala, quase gozo só com a sensação.

— Terei seu cheiro em minha mente toda vez que pensar em você, tigresa. —

Mais uma respiração profunda, e então ele arranca minha calcinha.

As palmas das mãos ásperas deslizam pelas minhas coxas e agarram atrás dos meus joelhos antes de puxar minhas pernas sobre seus ombros.

— Minha Nera. Você é tão linda, — ele ronrona, passando as mãos por baixo do meu traseiro.

O ar sai de meus pulmões em rajadas curtas e meu corpo treme com força, como se eu estivesse com febre. Sua língua quente lambe minha boceta, lenta e torturante. A ponta desse músculo magistral desliza para dentro de mim. Mergulha mais fundo, beijando meu núcleo. Tremores descem pela minha espinha enquanto arqueio as costas, gemendo. Desejando. Não tenho certeza do que me deixa mais excitada - sua língua na minha boceta ou ouvi-lo dizer meu nome. Os tremores aumentam a cada golpe duro e implacável. Todo o meu ser parece estar se desfazendo - meu corpo, minha mente, meu coração - cada célula está pronta para explodir em uma união perfeita.

Um golpe lânguido, mas deliberado, em minha fenda, e então ele pressiona seus lábios sobre meu clitóris e o suga em sua boca. Luzes brancas piscam diante de meus olhos, e um som diabólico, algo entre um gemido e um grito, sai de meus lábios enquanto eu me agito à beira do clímax.

Mas então, de repente, a pressão de seus lábios se foi. Meus olhos se abrem e encontro meu demônio me observando por entre as coxas, com um pequeno sorriso de satisfação nos lábios.

— Será que devo acabar com você com a minha boca... — ele abaixa lentamente a minha bunda para o balcão — ...ou com o meu pau?

Esse navio partiu há muito tempo. Desde o momento em que o conheci naquele beco escuro, que me sinto atraída por ele. Ele se enterrou em minha pele, literalmente me fazendo senti-lo. Sua presença. Seu domínio sobre mim. Já estou ‘acabada’, irrevogavelmente arruinada para qualquer outro homem.

Respirações rápidas e curtas me escapam enquanto o observo. Olhos tempestuosos se fixam nos meus enquanto ele procura o botão da calça, enquanto sua outra mão pousa entre minhas pernas. Dedos hábeis acariciam minha boceta já sensível, cada carícia sensual causa estragos em meu sistema nervoso.

— Por favor, — gemo, arqueando as costas, louca de necessidade. Se eu tiver que suportar muito mais dessa tortura, posso enlouquecer.

Ele abre o zíper da calça enquanto provoca meu clitóris com a ponta do polegar. — Por favor, o quê?

Meu olhar percorre seu tórax esculpido, passando pelas três linhas de abdominais perfeitamente definidos, e pousa em seu enorme pau. Meus músculos centrais se contraem só de pensar em tê-lo dentro de mim. — Por favor, me foda.

— Foder você? Não, não gosto desse termo. — Ele me agarra por trás de meus joelhos, puxando-me para mais perto. — Eu vou pegar você, Nera.

— Qual é a diferença? — Eu ofego enquanto a ponta de seu pau provoca minha entrada.

— O que eu pego, eu guardo para sempre, — diz ele com um sorriso malicioso. Em seguida, ele se enterra até ao fim.

Meu grito de prazer enche a cozinha, mas rapidamente se transforma em gemidos enquanto ele bate em mim sem parar. Suas respirações são agudas e rápidas, saindo em um ritmo constante. Cada músculo de seu corpo parece tenso enquanto seu pau entra em mim, mergulhando mais fundo a cada investida, enquanto seus olhos se fixam nos meus. Eles não estão vazios agora, e eu posso ver a tempestade emergindo em seu estado turbulento. Ouço o grito de desejo desenfreado tão claro como se ele o tivesse expressado. ‘*Minha*’, dizem seus olhos.

Quando eu me permitia ter esperança, imaginar como seria entre nós, era sempre assim. Duro. Sem controle. Selvagem. Cru. Como ele. Sempre soube que há um demônio por trás de seu comportamento habitual, distante e sombrio. E adoro ver isso vir à tona.

Minhas paredes internas têm espasmos em torno de seu pau, enquanto uma febre ardente queima meu corpo, procurando uma maneira de se libertar. Solto a borda do balcão que estava segurando e, em vez disso, agarro seus antebraços. Minhas unhas cravam em sua pele enquanto o encaro. Ele não tirou os olhos do meu rosto desde o instante em que mergulhou dentro de mim.

Seu olhar penetrante mantém o meu cativo enquanto sua mão direita sobe pela minha coxa, pelo meu estômago, parando no meu peito. Meu demônio guardião - meu possuidor - pressiona a palma da mão sobre meu coração.

— Agora, goze para mim, tigresa, — ele rosna, empurrando até chegar ao fundo do poço.

Eu grito. Estrelas piscam diante dos meus olhos enquanto me deixo cair no belo esquecimento, aniquilada e consumida pelo meu demônio sombrio na luz.

Capítulo 20

Nera

A brisa matinal que entra pela janela aberta acaricia minha carne nua. Estendo a mão e tiro os fios negros que caíram sobre seu rosto. Estamos deitados em minha cama há quase uma hora, apenas observando um ao outro.

— O que acontece agora? — Sussurro.

Eu estava querendo perguntar isso desde que caímos exaustos nos lençóis depois de fazer amor pela segunda vez desde que o sol nasceu no horizonte, com muito medo de ouvir a resposta. Mas não consigo mais me conter.

— Não sei, tigresa. — Sua mão se aproxima do meu rosto, a ponta de seu dedo traça a linha da minha sobrancelha esquerda, depois desce pelo meu nariz e chega aos meus lábios com movimentos cautelosos e suaves. — O que você quer que aconteça?

Meus batimentos cardíacos aumentam à medida que ganho coragem para falar. — Quero que fique. E não estou me referindo apenas a hoje.

— Não sei como.

— Vá para casa. Faça as malas. E volte para cá. — Eu sorrio. — Não é tão difícil assim.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Sua mão segura minha bochecha e seu polegar acaricia a pele sob meu olho. — Não sei como viver uma vida como a sua. As coisas que você sabe sobre mim - essas são apenas uma superfície turva no lago negro da minha existência. Estou muito fodido para viver entre pessoas normais, tigresa.

— Então, nós vamos desvirginar você.

Um sorriso triste se insinua em seus lábios. — Não sou um de seus animais, Nera. Algumas coisas não podem ser costuradas novamente.

— Podemos tentar.

— É essa a vida que você quer para si mesma? — Ele cerra a mandíbula. — Você não preferiria ter um homem bom e educado como você merece?

— É isso que você acha? — Eu me inclino para a frente, ficando na cara dele. — Então, se eu disser que sim, você me deixaria de novo?

— Eu nunca vou deixar você, — ele diz. — Mesmo que eu quisesse, sei que nunca conseguiria. Estarei cuidando de você até ao dia em que eu morrer, tigresa. E, enquanto eu viver, ninguém ousará tocar em um fio de cabelo de sua linda cabeça.

— Você estará cuidando de mim mesmo quando eu for até ao altar e me comprometer com um homem *bom* e *educado*? — Eu mordo e empurro seu peito.

Seu rosto está completamente vazio, sem demonstrar nenhuma emoção, mas o polegar acariciando meu olho fica parado.

— Você vai se esconder em algum canto enquanto eu me entrego a ele da mesma forma que me entreguei a você? — Continuo. — Você vai assistir quando ele me pegar na ilha da cozinha enquanto eu grito de prazer?

A rigidez toma conta de todo o seu corpo, apenas o coração parece estar funcionando. Posso sentir sua batida estrondosa sob minha palma. Algo perigoso brilha em seus olhos quando eles olham para os meus, mas ele ainda não diz uma palavra.

Inclino-me para a frente até que meus lábios quase toquem os dele. — Você vai me deixar pertencer a outra pessoa, demônio?

Kai

Você estará cuidando de mim mesmo quando eu caminhar até ao altar e me comprometer com um homem bom e educado?

Um tom agudo contínuo soa em meus ouvidos, misturando-se à voz de Nera. Começou como um zumbido fraco quando me forcei a dizer-lhe que deveria estar com outra pessoa, mas agora a frequência aumentou, saltando dentro do meu crânio como uma furadeira vingativa.

Você vai se esconder em algum canto enquanto eu me entrego a ele da mesma forma que me entreguei a você?

Imagens enchem minha mente, cenas dela beijando um homem sem rosto enquanto ele a prende contra a parede. Em seguida, a visão muda e se reorganiza para Nera esparramada na ilha da cozinha, com o rosto confuso e banhado em suor. Não é uma lembrança agridoce, mas uma assombração, porque não sou eu batendo nela. O som estridente em minha cabeça dispara, e pontos brancos aparecem diante de meus olhos.

...vai me deixar pertencer a outra pessoa, demônio?

— Por cima de meu cadáver, — eu rosno.

Agarrando-a pela cintura, eu nos viro até ficar deitado em cima dela. — Não me importa se o filho da puta é muito melhor do que eu ou se ele é mais digno de você. Eu vou estripar qualquer homem que se aproxime a menos de quinze metros do que é meu.

— Ótimo. — Sua boca se eleva, pressionando meus lábios. — Porque não há ninguém melhor do que você. Não para mim.

Pego seu rosto entre as palmas das mãos, chovendo beijos em seus lábios, nariz,

olhos... em todos os lugares que imaginei beijá-la, mas não ousei. Monstros como eu não têm permissão para sonhar, e eu nunca sonhei. Não até conhecê-la. Pela primeira vez em minha vida, vejo a possibilidade de ter algo meu. Ela. Minha tigresa.

— Vou comprar uma casa para nós, — murmuro enquanto percorro meus lábios pelo pescoço dela. — E algumas dezenas de acres de terra ao redor dela para que você possa ter seus animais. Sem outras pessoas por perto. Eu odeio vizinhos e não quero nenhum.

— Isso parece caro. — Ela dá uma risadinha quando beijo o lóbulo de sua orelha.

— Eu tenho dinheiro.

— Talvez você não devesse gastar tudo em uma casa.

— A menos que você queira que eu compre o estado inteiro, estou bem. — Volto a tocar seu pescoço. O ponto sob sua orelha é o meu favorito, eu acho.

Outro ataque de riso. — Quão bem?

— Quinhentos. Talvez seiscentos. Não verifiquei o saldo da minha conta no último ano, mais ou menos.

— Certamente há algumas boas casas por quinhentos mil dólares por aqui, mas receio que você terá que reduzir o tamanho da propriedade.

— Milhões, tigresa. Não mil. — Eu belisco sua clavícula. — Matar pessoas paga bem. Matar pessoas que são difíceis de matar paga ainda melhor.

Nera parece congelar embaixo de mim. Droga, eu não deveria ter dito isso. Levanto minha cabeça e encontro seus olhos âmbar e quentes.

— Você gosta de fazer isso? — ela sussurra.

— Você gosta de lavar roupa?

Sua mão chega ao meu rosto, acariciando meu queixo. — Eles são pessoas.

Tenho certeza de que algumas mereceram, mas nem todas. Você deve sentir algo quando acaba com a vida de uma pessoa. Eles têm família. Amigos. Pessoas que os amam e que ficam arrasadas com sua morte.

E aqui estamos. O momento que eu estava temendo. Eu poderia dizer que isso me incomoda, ou que penso nas pessoas que mato, mas não seria a verdade. Amigos. Família. Para mim, essas são apenas palavras que não têm significado, como uma língua estrangeira que posso ouvir, mas não consigo compreender.

— Não sei, tigresa, — eu digo, e então decido arriscar tudo e ser honesto. Mesmo que isso signifique que ela talvez não queira ter nada a ver comigo depois. — E não me importo.

Ela me observa em silêncio por alguns instantes, mas, ao contrário do que eu esperava, não há repulsa em seus olhos. Apenas tristeza.

— Quem fez isso com você? — pergunta ela, com a voz quase inaudível.

— Me transformou em uma máquina de matar sem sentimentos? É a vida, Nera. Não há ninguém para culpar.

— Você pode ser uma máquina de matar, demônio... — um sorriso triste se forma em seus lábios enquanto ela pega a gaveta da mesinha de cabeceira, — ...mas você não é insensível. Na verdade, acho que você sente demais e com muita força e, por causa disso, encontrou uma maneira de suprimir suas emoções.

— Receio que esteja errada, tigresa. — Estreitando os olhos, pergunto-me por que ela pegou a pequena tesoura de manicure.

— Estou? — ela pergunta. E então, ela enfia a ponta afiada da tesoura no meio de sua palma esquerda.

— Puta que pariu! — Eu pulo da cama, olhando para a mão dela enquanto o sangue escorre do ferimento. Agarrando a coisa mais próxima que consegui pegar, retiro a fronha branca do travesseiro e, com o máximo de cuidado

possível, pego sua mão ferida na minha. — Por que fez isso? Droga! Solte a maldita tesoura.

A ponta inteira está enterrada em sua carne e, assim que ela a retira, o sangue começa a jorrar do furo ainda mais rápido. Pressiono o tecido enrolado na palma da mão dela e agarro atrás de seu pescoço, prendendo-a com meu olhar.

— Que porra é essa, tigresa?! — Eu não queria gritar com ela, mas estou enlouquecendo aqui. Vê-la machucada me abalou profundamente. Estou atônito; meu maldito cérebro não quer aceitar a possibilidade de isso acontecer.

— Você disse que não se importa com o fato de outras pessoas se machucarem.

— Você não é outras pessoas! — Levanto o tecido ensanguentado para dar uma olhada em sua palma. Ainda há algum sangramento, mas parece que o corte não é tão profundo quanto eu temia. — Está doendo?

— Um pouco. — Ela inclina a cabeça para o lado. — Isso o machuca?

— Como se você tivesse enfiado uma faca no meu peito.

— E ainda assim, você disse que não sente nada. — Ela encosta seus lábios nos meus.

— Não há mais demonstrações como esta, — digo em sua boca. — Está me ouvindo?

— Em alto e bom som. Agora, você pode atender, por favor? Está tocando há cinco minutos.

O toque do meu telefone em algum lugar do apartamento finalmente é registrado. Eu me levanto, deslizo os braços sob o corpo de Nera e a carrego para fora do quarto.

— Nós dois somos necessários para atender seu telefone? — ela pergunta enquanto passa os dedos pelo meu cabelo. Ainda acho estranho ter alguém mexendo em meu cabelo. Mas gosto disso.

— Nós dois precisamos lidar com as consequências de seu experimento insano. — Eu a coloco no balcão da cozinha e abro a gaveta do lado esquerdo. — Você moveu o kit de primeiros socorros.

— Está no armário embaixo da pia. Acrescentei mais suprimentos a ele e precisei de mais espaço para a caixa. Queria estar mais bem preparada, já que você costuma entrar em confrontos com as pessoas da minha vizinhança e vir aqui com os ferimentos mais bizarros.

Coloco a caixa de plástico ao lado dela e dou a volta na ilha para pegar o maldito telefone do meu paletó. O maldito aparelho ainda está tocando, e a tela mostra o nome de Kruger.

— O quê? — Pergunto e coloco o telefone entre o ombro e a orelha para manter minhas mãos livres.

— Estou ligando para você há vinte minutos.

— Eu notei. Qual é a urgência?

— Houve uma mudança de planos. Onde você está?

— Não é problema seu, porra. Ligarei para você em meia hora.

Jogo o telefone no balcão e inspeciono meu trabalho. — Está muito apertado?

— Está tudo bem. Você parece ter mais habilidade do que eu. — Ela arrasta as pontas dos dedos pelo meu peito nu. — Devo insistir que me trate usando exatamente essa roupa da próxima vez também.

— É melhor que não haja uma próxima vez. — Passo minhas mãos por suas coxas e subo por sua delicada caixa torácica, ainda achando difícil acreditar que finalmente a tenho.

— Tem que ir embora?

— Sim. — Respiro fundo. Isso vai contra todos os meus instintos, mas, desta vez, vou lhe contar tudo. — É trabalho. Tenho que ir para o México.

— Você está ferido.

— Isso não muda nada. Eu ainda preciso ir.

— Quando voltará?

— Não tenho certeza. Não deve demorar mais do que uma semana.

— Por favor, cuide-se. — Ela cobre minha bochecha com a palma da mão. — E volte para mim.

Não me lembro se alguém já me pediu para tomar cuidado, mesmo quando eu era criança. Não me lembro muito da minha infância, mas duvido que eu tenha esquecido isso. A preocupação e o cuidado claramente visíveis nos olhos de Nera me deixam perplexo. É essa a sensação de ter alguém para chamar de meu? Alguém que realmente se importa se eu vivo ou morro, além do fato de que minha morte significaria a perda de um bem? Pela primeira vez em minha vida, sinto-me como uma pessoa de verdade e não apenas um pedaço de papel moldado para se assemelhar a uma pessoa.

— Nada neste mundo me impediria de voltar para você, minha tigresa. — Encosto minha boca na dela. — Prometo.

* * *

Coloco o telefone no ouvido e saio do prédio de Nera. — Estou ouvindo.

— Você disse que ligaria de volta em meia hora! — Kruger grita. — Já se passaram quase duas.

Sorrio. — Eu tinha coisas mais importantes para fazer. O que você quer?

— Estamos transferindo o trabalho no México para uma data posterior. Outro contrato acabou de surgir e precisa ser executado hoje à noite.

— Especifique?

— É necessária uma arma de longo alcance. Estou lhe enviando os detalhes. Sem desvios neste caso, Kai.

— Anotado. Ah, e mais uma coisa. Você precisa atribuir o trabalho mexicano a outra pessoa.

— Por quê?

— Porque o sucesso desta noite será o meu último. Eu me demito.

Saio da fila e deslizo para trás do volante, depois abro o e-mail de Kruger com os detalhes do trabalho. Normalmente, os arquivos incluem os retratos falados dos documentos de identificação do alvo e as fotos que a equipe de vigilância da Kruger reuniu. Considerando que esse trabalho surgiu em cima da hora, não há imagens de vigilância ou as rotinas diárias do alvo registradas no e-mail. A única informação fornecida é a janela de tempo de duas horas em que o ataque deve ser feito e uma breve biografia com as fotos de identificação.

Ignoro os detalhes do alvo, como nome e profissão, que não me interessam nem um pouco, e paro nas fotos de rosto incluídas. Um homem na casa dos cinquenta anos, cabelo castanho-claro penteado para trás, salpicado de grisalho nas têmporas. Ele está usando terno e gravata em todas as fotos e tem um ar sério. Provavelmente um magnata dos negócios que conseguiu pisar nos pés errados. Parece mais do que provável, considerando o valor do contrato de três milhões, com um bônus de meio milhão se a execução for feita com um tiro na testa.

Passo para os detalhes que especificam o local, observando que o alvo fará um discurso em um evento apenas para convidados que será realizado em uma propriedade privada. Probabilidade de infiltração - inexistente. O local mais próximo de onde o assassinato pode ser realizado é um prédio a mil e quinhentos metros ao norte da propriedade.

Não é de se admirar que Kruger tenha decidido adiar a missão no México para que pudesse me colocar nessa missão. Embora ele tenha duas equipes de ex-militares à sua disposição, elas geralmente são usadas apenas em situações que

exigem força bruta. Eliminar um alvo com uma única bala a quase um quilômetro de distância requer muita habilidade e precisão. E nada supera a experiência de alguém que vem executando alvos com armas de longo alcance desde os dezesseis anos.

Conecto as coordenadas do arquivo no aplicativo de mapas do meu telefone. A localização é de cinquenta quilômetros ao norte de Boston. Na última vez em que trabalhei nessa área, conheci Nera. Isso significa que tenho doze horas para voltar a Nova Iorque, me armar e chegar ao local da missão.

Dando uma última olhada na janela de Nera, paro na rua e piso no acelerador. Mesmo em uma manhã de domingo, o tráfego é intenso, mas não me incomoda como de costume. Passar um tempo com minha tigresa tem um estranho efeito calmante sobre mim, que às vezes dura dias. Coisas que normalmente me irritam ou me fazem pirar, parecem não me afetar tanto, como se o mundo não fosse mais um lugar tão horrível. Não sinto que sou apenas eu contra a porra do universo. E, em vez de uma lixeira, acho que a vida pode realmente ser algo bom. Mas à medida que o tempo passa e o efeito tranquilizante que a presença dela tem sobre mim se dissipa, a realidade do meu mundo volta ao seu estado original - território inimigo. E eu não quero mais viver nesse terreno baldio.

Em nenhum momento de minha vida pensei em mudar minha vocação. Tudo o que sei fazer é matar. É a única coisa em que sempre fui bom. O único futuro que eu tinha. Mas agora, outro caminho se formou diante de mim. Um caminho que eu nunca sonhei que estaria aberto para mim, porque almas como a minha não têm segunda chance.

Não que eu acredite que possa me redimir. Não, não há absolvição para meus pecados. E minha postura geral em relação às pessoas não mudou - ainda não dou a mínima se elas vivem ou morrem. Mas Nera se importa. E eu faria qualquer coisa se pudesse me tornar mais digno dela. Nunca serei um bom homem, mas posso ser melhor. Por ela.

Encontrarei uma escola noturna ou um professor particular, algo que me permita finalmente aprender a ler corretamente. Vou até controlar meu temperamento e não matar o professor se ele me chamar de burro por não conseguir ler mais do que palavras básicas. E encontrarei um emprego regular e estúpido, mesmo que não precise do dinheiro. Pessoas normais têm empregos. Na verdade, não tenho nenhuma habilidade específica além de eliminar alvos, portanto, teria de ser algo simples. Trabalhar com pessoas está fora de questão. Eu provavelmente acabaria estrangulando meus superiores e colegas antes do final do meu primeiro dia. Talvez um funcionário de depósito? Não, haverá pessoas por lá também. O único tipo de pessoa com quem consigo trabalhar são os mortos. Talvez eu devesse trabalhar em uma funerária.

Kruger não aceitará bem minha aposentadoria e tentará me impedir. Terei de lidar com toda essa questão de uma vez por todas. Depois de vinte anos, já estou farto de suas merdas. É hora de acabar com essa nossa família disfuncional. Família... foda-se. O simples fato de pensar nele como tal mostra como estou profundamente fodido. De qualquer forma, se ele insistir em ficar no meu caminho, vou matá-lo, apesar de tudo isso. Matarei todas as pessoas deste mundo se elas ousarem se interpor entre mim e minha tigresa.

Depois que eu terminar esse último trabalho, finalmente responderei a Felix Allen. Não faço ideia de como esse maluco conseguiu meu número de telefone, que não está listado em lugar nenhum, mas ele tem me enviado mensagens a cada dois meses, perguntando se quero que ele me ajude a tirar o Kruger de cima de mim de uma vez por todas. Até agora, ignorei todas as mensagens, mas ele continua enviando-as. Não preciso que ele salve minha pele, posso fazer isso sozinho, mas vou pedir que ele me dê uma nova identidade. O nome ainda não seria meu, mas o que tenho usado quase toda a minha vida também não é. Talvez eu possa pedir a Nera que escolha um para mim. Não me importo com o que seja, desde que ela goste. Sim, farei isso.

Um último trabalho.

E então, talvez eu possa começar uma nova vida. Com minha tigresa.

Capítulo 21

Propriedade privada, 50 Km ao norte de Boston

Nera

— Isso me lembra as festas que mamãe gostava de dar. — Passo a bebida para Zara e aceno com a cabeça para a multidão à nossa frente.

Luzes de cordas estão penduradas nos suportes de ferro que foram instalados ao redor do gramado, iluminando a área com um brilho amarelo quente de centenas de lâmpadas em forma de globo. Uma série de mesas íntimas com toalhas de cetim brancas e grandes laços amarrados em cada pedestal e cadeiras com adornos semelhantes estão espalhadas pelo gramado. Arranjos de flores brancas e pequenas réplicas em forma de lanterna das luzes do teto compõem belos centros de mesa em todas as mesas. Homens e mulheres elegantemente vestidos circulam por ali, saboreando champanhe caro em finas taças de cristal, enquanto uma mistura de fragrâncias pesadas compete com o ar fresco da noite.

Toda a família está presente na comemoração do aniversário do Don, é claro. Quando papai ligou hoje de manhã para dizer que ‘a festa ainda está de pé’, eu disse a ele que também iria, pois estava ‘me sentindo muito melhor’.

— Um dos motivos pelos quais não gosto dessas festas é porque elas me fazem lembrar dela, — sussurra Zara.

— Eu também. — Olho para o meu copo, observando os cubos de gelo flutuando na superfície. — Feliz por ter terminado a escola?

— Sim. — Ela apenas dá de ombros e toma um gole de seu suco.

— Seu vestido é lindo. — Faço um gesto para seu vestido cinza-escuro justo e longo. É muito bonito, com suas mangas compridas feitas de renda e decote alto, mas um pouco primitivo e antiquado demais para a idade dela. — Você está linda.

Ela força um sorriso e rapidamente desvia o olhar.

— Zara. — Pego sua mão, obrigando-a a olhar para mim. — Sei que você não acredita em mim, mas você é a mulher mais bonita desta festa.

— Claro. — Ela tenta afastar a mão, mas eu a seguro com firmeza.

— Você é. E vou continuar dizendo isso até você enfiar isso nessa sua cabeça dura. Entendeu?

Zara apenas suspira e acena com a cabeça.

Mesmo quando era bebê, Zara era uma criança bonita, mas agora, com seus longos cabelos castanhos e rosto de duende, ela é deslumbrante. Tentei lhe explicar que as pessoas olham para ela porque ela é bonita, mas ela não quis ouvir.

— Papai obrigou você a vir aqui esta noite? — perguntei. Sei que ela odeia todos os eventos da família e os ignora sempre que pode, a menos que nosso pai não lhe dê escolha.

— Sim. Afinal, é a comemoração do aniversário dele. — Dito tão suavemente que mal dá para ouvir.

— Vou falar com ele. Ele não deveria forçá-la a vir às reuniões da Família se você não quiser. Quer dizer, eu entendo que ele queira que você esteja aqui esta noite, mesmo que o aniversário dele seja na próxima semana, mas mesmo assim, — eu digo, mesmo sabendo que ele provavelmente não vai me ouvir, já que

‘desfilar’ filhas que logo estarão em idade de casar é algo comum na Cosa Nostra.

— Então, seu perseguidor está de volta. Espero que ele tenha se arrependido por tê-la deixado tão preocupada. Está tudo bem com ele? — Zara pergunta antes de tomar um gole de sua bebida.

— Sim. — Eu me inclino mais perto dela para sussurrar em seu ouvido. — Nós dormimos juntos ontem à noite.

Ela engasga com o suco.

— Eu sei o que você vai dizer - eu não o conheço. Mas você está errada. — Levanto meu copo em direção às pessoas reunidas em frente ao palco montado no outro lado do gramado. — Olhe para eles. O *crème de la crème* da Família. Conheço a maioria deles desde que éramos crianças. Muitos vêm à nossa casa, fazem refeições na mesma mesa que nós. Sei o que eles fazem, em quais escolas estudaram, os nomes de seus filhos e animais de estimação e sei com quem eles traem seus cônjuges. Todas essas informações, todos os anos em que os conheço, e não tenho certeza se algum deles realmente gosta de mim. Ou quem pode enterrar uma faca em minhas costas se a situação lhes for favorável. Então, de que adianta saber tudo isso para mim?

— Você nem sabe o nome do cara, Nera.

— Não sei. E não preciso. — Eu me viro para encará-la. — Você ouviu falar que Alvino e seus homens foram exterminados?

— Sim.

— Eu estava lá. Alvino fez com que um de seus capangas me pegasse e me levasse para uma igreja no meio do nada.

O rosto de minha irmã empalideceu.

— Meu demônio veio me buscar. Ele me carregou em seus braços enquanto choviam balas sobre nós. É por isso que eu estava perturbada na sexta-feira à

noite. Ele me salvou, mas eu não tinha ideia se ele mesmo tinha conseguido sair. Ele levou um tiro por mim, Zara. — Eu encontro seu olhar. — Estou apaixonada por ele. E depois desta festa, vou dizer a papai que não vou deixar que me arranje casamento. Nunca mais.

Zara agarra minha mão, apertando-a, com medo e choque estampados em seu rosto. Eu a aperto de volta e sorrio.

— Eu sei. Você entenderá isso um dia. Encontrará um homem que fará seu coração bater duas vezes mais rápido. Que a fará sentir como se o mundo não estivesse girando a menos que ele esteja ao seu lado. É assustador e lindo ao mesmo tempo. — Dou um leve beijo em sua bochecha. — Você deveria ir para casa. Vou falar com papai e pedir que ele não a arraste para mais nada disso. Depois, direi a ele que estou escolhendo outra pessoa em vez da Família.

Observo minha irmã enquanto ela corre para dentro da casa, provavelmente para procurar um guarda-costas para levá-la para casa, depois me viro e vou em direção a Dania, que está entre um grupo de amigos nossos perto do palco. Luzes de corda semelhantes àquelas penduradas sobre as mesas, mas com lâmpadas menores, estão decorando a árvore logo atrás da plataforma, fazendo com que todo o cenário se assemelhe a uma celebração de casamento. Acho que é, de certa forma, considerando o anúncio que meu pai vai fazer. Ele fez um acordo com Efisio, o novo líder da Camorra. E ele vai anunciar isso hoje à noite.

Mas estou preocupada com a forma como o resto da família vai reagir à notícia de nossa parceria com a Camorra, e tentei convencer papai a não falar muito sobre isso por enquanto e, em vez disso, tentar pagá-los antes da reunião anual, mas ele não quis ouvir.

Meu pai, com um largo sorriso no rosto e carregando uma taça de champanhe na mão, sobe os degraus do palco. Todos ao redor começam a bater palmas. Nuncio Veronese sempre teve um carisma natural que lhe permitia persuadir as pessoas a fazer coisas que, de outra forma, exigiriam ameaças. Se alguém pode conseguir

fazer isso sem que tudo se dissolva em uma guerra civil, esse alguém é meu pai.

Aguardando ansiosamente seu discurso, o círculo íntimo do Don se reúne ao redor do palco. Todos os capos, isto é, com exceção de Batista Leone. Ele permanece de pé ao lado, perto de uma mesa com as bebidas. Isso é um pouco estranho para ele. Normalmente, ele tenta ficar o mais próximo possível do meu pai. O subchefe parece estar de bom humor, mas continua mexendo em seu copo e olhando para os convidados reunidos.

Alguém na multidão grita uma piada de mau gosto, e meu pai ri, jogando uma de volta. Sim, ele ainda sabe sorrir, mas seus sorrisos parecem estar reservados apenas para a família agora. Ele começa seu discurso relembrando uma história engraçada de sua juventude, e as pessoas absorvem tudo com os olhos arregalados. Eu o observo entreter a multidão enquanto brinco com uma ponta do lenço vermelho que amarrei em meu rabo de cavalo.

Depois que meu demônio partiu esta manhã, senti aquele desânimo familiar que vem com cada uma de suas partidas. Mas, dessa vez, meu coração não doeu tanto porque eu sabia que ele voltaria para mim, assim que terminasse de fazer o que precisava fazer. Ele prometeu voltar para mim e, quando isso acontecer, poderemos começar de novo.

Levanto minha bebida, escondendo meu sorriso atrás da borda do copo. Talvez eu até lhe ofereça a mão na próxima vez que ele passar pela minha porta e me apresente adequadamente. E ele finalmente me dirá seu nome. Mas ele sempre será meu demônio.

Kai

O cheiro de mofo invade minhas narinas quando entro no sótão sombrio. Um bando de pássaros assustados se levanta no ar, decolando em direção ao buraco no telhado. Esse telhado é um desastre, com várias telhas faltando e desmoronando em sua camada externa, portanto, enquanto os pássaros saem freneticamente, não me surpreendo ao ver mais detritos e pedaços de telhas quebradas chovendo pelas aberturas. As tábuas de madeira do assoalho rangem sob minhas solas quando caminho em direção à janela quebrada, deixando pegadas de vários anos de poeira e sujeira. A casa inteira é basicamente uma ruína e o gramado está coberto de tantas ervas daninhas que levei dez minutos para encontrar a porta dos fundos. Agacho-me ao lado da janela e coloco meu grande estojo retangular no chão podre, fazendo com que outra nuvem de poeira se levante no ar ao meu redor.

Para aumentar a precisão do tiro ao disparar um rifle sniper, o melhor é ficar em uma posição estável no chão e usar o suporte do bipé como alavanca. Infelizmente, essa não é uma opção aqui, então preciso improvisar. Viro a perna esquerda do bipé para baixo e, em seguida, apoio a coronha do rifle contra a lateral da moldura da janela. Segurando a perna e a armação com a mão esquerda para apoiar a arma, não sinto a dor aguda no braço ferido e me inclino para a posição de tiro.

A tonelada de lâmpadas penduradas no gramado do jardim não fornece muita iluminação, mas a árvore atrás do palco está coberta com o suficiente para criar uma luz de fundo perfeita que me dá uma ótima visão do meu alvo. Foco minha mira no meio de seu peito, bem ao lado da taça de champanhe que ele está segurando. Então, lentamente, começo a levantar a mira, deixando a mira deslizar para cima e parar na ponte de seu nariz. Não prendo a respiração,

mantendo-a em seu ritmo normal. Inspiro. Expiro. Pausa.

Inspiro.

Meu alvo levanta seu copo.

Expiro.

Puxo o gatilho.

A partir dessa distância, a bala leva um pouco mais de um segundo para atingir seu alvo.

Um segundo. Menos do que é necessário para respirar. Uma única batida de um coração.

Mas é o suficiente para destruir um sonho frágil.

O suficiente para apagar uma pequena brasa de esperança.

Chego um segundo atrasado para perceber uma mulher loira com um lenço de seda vermelho amarrado em seu rabo de cavalo no meio da multidão.

O homem no palco se sacode, enquanto uma linha de sangue sai de um buraco vermelho no meio de sua testa. Ele cai para trás, esparramando-se sobre a plataforma de madeira. Algumas das pessoas na multidão caem no chão no instante em que percebem o que aconteceu, enquanto o resto está se afastando em histeria. Vários homens sacaram armas e estão correndo para se proteger atrás das mesas.

Como é típico da espécie humana, o desejo de se salvar é mais forte do que a necessidade de ajudar os outros. Já vi isso inúmeras vezes antes e achei bastante interessante assistir. Mas agora, não estou olhando para as pessoas que correm como uma horda irracional. Meu olhar está fixo na mulher loira que está subindo no palco. Que diabos minha tigresa está fazendo ali? Ela perdeu seu lenço vermelho e seu cabelo cai solto pelas costas e ao redor dos ombros quando ela se ajoelha ao lado do meu alvo.

Meu estômago despenca quando a vejo agarrar a parte da frente do paletó do morto, sacudindo-o freneticamente. Ajusto a mira para dar um zoom em seu rosto. Lágrimas escorrem por suas bochechas enquanto ela grita, com dor e tristeza gravadas em suas feições. Aumento o zoom novamente, focalizando sua boca, e o rifle quase escorrega da minha mão. Estou longe demais para ouvir seus gritos de angústia, mas ainda posso senti-los ecoar em meus ouvidos e saltar dentro do meu peito, me rasgando por dentro. Meus pulmões se contraem; estou ofegante por ar, mas não há ar para aspirar. Fui sugado para o vácuo, subitamente congelado em uma fração de segundo, no momento em que decifrei o que ela estava dizendo.

Papai!

Capítulo 22

Nera

Por alguma razão, eu esperava que estivesse chovendo no dia do funeral do meu pai. Como aconteceu quando enterramos Elmo. E mamãe. É estranho estar no cemitério, vendo o caixão ser enterrado em um dia tão bonito e ensolarado.

Zara está ao meu lado, segurando minha mão com tanta força que temo que ela quebre meus dedos. Ela e nosso pai nunca tiveram um bom relacionamento, mas a morte dele a abalou mais do que eu poderia prever. Graças a Deus, eu a mandei para casa antes que tudo acontecesse naquela noite.

Quando tiro os olhos do caixão, meu olhar recai sobre o homem com uniforme de presidiário que está em frente a mim, do outro lado da sepultura. Dois guardas o flanqueiam, embora suas mãos estejam algemadas na frente. Não vejo nosso meio-irmão há mais de uma década e, se passasse por ele na rua, não sei se o reconheceria.

O Massimo de que me lembro tinha cabelos escuros ondulados que roçavam sua nuca, com algumas mechas indomadas que sempre conseguiam cair sobre seu rosto bem barbeado. Ele era alto e atlético, mas não muito musculoso. Certa vez, minha mãe me disse que as garotas que o cercavam brincavam que ele deveria deixar a Cosa Nostra e se tornar modelo, enfeitando outdoors e capas de revistas de moda.

O homem que retribui meu olhar não tem nada em comum com o jovem de que me lembro. Sua roupa tem mangas curtas, revelando uma infinidade de tatuagens escuras que cobrem seus braços, mãos e até mesmo seus dedos. Os dois primeiros botões de sua camisa estão abertos, e posso ver que, além do pescoço,

seu peito também tem tatuagens. Seu cabelo está completamente raspado, mas a barba por fazer cobre a parte inferior de sua mandíbula. E, desde a última vez que o vi, ele quase dobrou seu peso corporal - tudo puro músculo. Se não fosse por seus olhos - negros e calculistas, exatamente como eu me lembro -, eu pensaria que eles trouxeram o detento errado.

Eu não esperava que ele estivesse aqui hoje. Quando mamãe morreu, ele não teve permissão para ir ao funeral dela, então presumi que ele também não viria ao funeral de papai. É estranho que eu sempre pense em Laura como nossa 'mãe', nunca como madrasta. Mas não tenho muitas lembranças de Massimo, e ele sempre foi um 'meio-irmão' para mim.

Quando os zeladores do cemitério começam a despejar a terra sobre o caixão, Massimo se aproxima, mantendo os olhos firmemente fixos em mim. Seus guardas o seguem de perto.

— Munchkin[7], — diz ele ao parar na minha frente. Até sua voz está diferente - mais profunda, áspera.

Mordo meu lábio inferior, sem saber se quero abraçá-lo ou dar um passo para trás. A última vez que o vi, eu tinha cinco anos, e mesmo naquela época ele parecia formidável e, de certa forma, distante. Já faz tanto tempo que não tenho mais certeza se sei quem ele é. Ele inclina a cabeça para o lado e um canto dos lábios se inclina para cima, exatamente como fazia quando ele me pegava entrando escondido na cozinha quando eu era criança. Essa é uma das poucas lembranças claras que tenho dele.

Engulo com força, tentando manter a compostura, dou um passo e o envolvo com meus braços. — Olá, Massimo.

— Vamos, Spada, — grita um dos seguranças, puxando o braço de Massimo.

Nosso meio-irmão dá um passo para trás, saindo de meus braços. — Precisamos conversar.

Eu aceno com a cabeça. — Iremos amanhã.

— Só você, Nera, — diz Massimo, e então seu olhar se volta para Zara.

Minha irmã ficou imóvel o tempo todo, com os olhos grudados no chão, evitando olhar para nosso meio-irmão. Ela deve estar perturbada ao ver Massimo pela primeira vez. Zara não tinha nem quatro anos quando ele foi mandado para a prisão, então ela provavelmente se sente como se estivesse conhecendo um estranho.

Massimo levanta as mãos algemadas e passa a mão de leve na bochecha de Zara com as costas dos dedos.

— Olá, Zahara. — Sua voz é estranha quando ele diz isso. Mais suave. Quase como era antes.

Minha irmã continua olhando para o chão, com o corpo rígido. Os nós de seus dedos parecem quase brancos enquanto ela segura a bainha da blusa. As mãos de Massimo caem do rosto de Zara e ele se afasta com os seguranças em seu encalço.

— Zahara? — Levanto uma sobrancelha.

Ninguém chama minha irmã pelo nome completo. Quando ela era pequena, não conseguia pronunciá-lo, então continuava se referindo a si mesma como Zara, e isso meio que pegou. Duvido que alguém da família se lembre de seu nome verdadeiro.

Ela respira fundo e levanta a cabeça, olhando diretamente para a figura grande com uniforme de presidiário entrando na van de transporte da prisão.

— O que está acontecendo? — Até onde eu sei, ela não teve nenhum contato com Massimo por quase quinze anos, mas as ações de ambos dizem o contrário.

— Nada, — ela engasga e caminha rapidamente na direção oposta.

Enquanto sigo atrás de minha irmã, um leve formigamento percorre minha espinha. Paro e olho para a multidão de pessoas em luto que se dirige ao

estacionamento, mas não vejo meu demônio entre elas. Ele mencionou que voltaria em uma semana, mas faz apenas quatro dias que ele partiu. Dando uma olhada ao redor mais uma vez, corro atrás de Zara. Provavelmente imaginei que o estava sentindo. Deus sabe como eu gostaria que ele estivesse aqui comigo.

* * *

Agarro a grade da varanda e fico olhando para o brilho da cidade diante de mim. Zara está morando comigo desde que nosso pai foi morto. Ela tomou conta do meu quarto enquanto eu dormia no sofá da sala. Assim que voltamos do enterro, ela se fechou em casa. Não consigo descobrir se foi o funeral que a abalou ou se foi o fato de ver Massimo.

Ficar cara a cara com meu meio-irmão depois de tantos anos certamente me abalou. Também não posso deixar de me perguntar sobre o que ele gostaria de conversar comigo, especialmente depois de ter se recusado a nos visitar durante todo esse tempo e agora ter deixado claro que quer conversar comigo sozinha. No entanto, quando liguei para a penitenciária para marcar a visita para amanhã, fui informado de que Massimo começou uma briga quando voltou hoje e foi colocado em confinamento solitário por uma semana, que será seguido por uma proibição de visitas por dois meses.

O vento forte sopra uma cortina em minha direção e, quando o material macio toca meu braço, aquela sensação sutil de formigamento se espalha pela minha pele, entrincheirando-se em cada um dos meus poros. Exatamente como acontece quando meu demônio está me observando. Suspiro e esfrego as palmas das mãos em meus braços. Mesmo sabendo que ele está longe neste momento, fazendo sabe-se lá o quê no México, ainda olho para a rua abaixo, esperando vê-lo à espreita nas sombras.

Mas não há ninguém lá.

Kai

Olho fixamente para a varanda do outro lado da rua, com os olhos grudados na minha tigresa enquanto o vento sopra em seu rosto bonito, mas cheio de tristeza. O buraco negro que se formou em meu peito está me sugando, como se tentasse me engolir inteiro em seu esquecimento, afogando-me em desespero e desamparo. Não há nada que eu possa fazer agora para voltar no tempo, para desfazer o que já fiz. Não há como expiar meu pecado mais sombrio. Não há perdão para meu ato.

A dor lancinante em minhas têmporas piorou, provavelmente devido à falta de sono. Além das poucas horas que dormi ontem à noite, aqui mesmo neste telhado, não durmo há dias. Pego a garrafa de água a meus pés e dou um grande gole, depois a coloco de volta ao lado do recipiente vazio de fast-food. Sustentar-me era a última coisa em minha mente, mas eu podia sentir meu corpo se desligando, então comprei a primeira comida que encontrei. Nem sei o que diabos comi.

Ignorando tudo o que estou sentindo, mantenho minha vigília. Minha tigresa se afasta da grade e vai para dentro, fechando a porta da varanda atrás de si. Através das cortinas ainda abertas, observo como ela se prepara para dormir. Ela desaparece por dez minutos, mas retorna vestindo seu pijama e se deita no sofá em sua cama improvisada.

Por alguns minutos, ela permanece banhada pela luz de uma luminária de chão antes de desligá-la. A escuridão desce e encobre minha visão da casa de Nera. E eu continuo observando, mesmo que não consiga mais vê-la.

Capítulo 23

Dois meses depois

Nera

— Ainda não decidi quem será, mas você será informada com bastante antecedência, — diz Batista Leone em sua grande cadeira de escritório.

— Eu serei informada? — Fico olhando para ele, atônita. Faz apenas dois meses que enterramos meu pai. E apenas um mês desde que Leone assumiu o cargo de Don.

— Sim. Você terá tempo suficiente para escolher um vestido e atender aos seus desejos em relação à decoração.

— Você não vai me casar com ninguém, Batista.

— É Don Leone para você. — Ele bate com a palma da mão na mesa, com os olhos arregalados sob as sobrancelhas brancas e grossas. — Esqueça seus antigos privilégios, garota. Você não é nada mais do que um ativo agora. Um ativo que planejo usar bem.

Meu corpo todo fica tenso. Ninguém teria se atrevido a falar comigo assim antes, nem mesmo ele quando era subchefe. Mas agora ele é o Don, e a verdade é que ele pode fazer o que quiser. Se eu disser não, ele simplesmente me proclamará uma traidora da família e ordenará que alguém me faça desaparecer. A bile se acumula em minha garganta. Sinto-me mal.

— Estou considerando alguém da organização albanesa, — acrescenta. — Ou

talvez Salvo.

Levantei uma sobrancelha. Salvo nunca foi fã de Leone, e ele nunca tentou esconder isso. Fiquei bastante surpresa quando soube que Leone indicou Salvo para ser seu segundo em comando, mas agora as coisas estão começando a fazer mais sentido. Mantenha seus amigos por perto e seus inimigos ainda mais perto. Leone tentará conquistar Salvo dando ao novo subchefe minha mão em casamento.

— Isso é tudo? — Pergunto entre os dentes.

— Sim. — Ele pega o jornal em sua mesa. — Você está dispensada.

A cadeira faz um barulho estridente no chão quando eu me levanto. A fúria e o desespero estão me assolando enquanto caminho em direção à porta. Estou quase chegando lá quando a voz de Leone me interrompe.

— Acho que se esqueceu de algo, Nera.

Fecho os olhos por um momento para me recompor e depois me viro para encará-lo. Aproximando-me de sua mesa com pernas de borracha, inclino-me e dou um beijo no anel em sua mão estendida. — Tenha um bom dia... — engulo — ...Don Leone.

Seus lábios se alargam em um sorriso egoísta e ele volta a ler o jornal.

Somente quando entro no carro é que me permito desmoronar. Encosto a testa no volante e solto um soluço - uma mistura de tristeza, impotência e preocupação. Luto por meu pai não estar mais aqui. Desamparo porque não tenho ideia do que vou fazer. Mas a preocupação tem tudo a ver com *ele*, meu demônio. Ela nasce do medo de que algo tenha lhe acontecido, porque já se passaram dois meses e não tive nenhuma notícia dele.

Angustiada, estou entrando em um abismo escuro com a possibilidade de que não volte como prometido. Mas ele nunca quebrou sua palavra antes, então tenho de acreditar que, se ele disse que voltará, esse dia chegará e ele estará lá -

não importa o que aconteça. Todas as noites, nas últimas dez semanas, tenho esperado por ele no meu telhado, permanecendo na escuridão fresca até ao sol nascer no horizonte, mas ele nunca apareceu. Com frio até aos ossos, cheguei a pensar que estava sentindo os conhecidos arrepios em minha pele. Eles sempre me diziam quando ele estava por perto.

Já estive tão preocupada que fiquei doente, e aquela sensação de arrepio está sempre presente. Como ontem, quando corri para o supermercado para comprar mais biscoitos. Ultimamente, os salgadinhos parecem ser a única coisa que consigo comer, pois me estresso com meu demônio dia e noite. Há dois dias, eu também senti isso quando fui à loja de tecidos com Zara. E no sábado, ao levar meu carro para lavar, esperei na fila e senti os formigamentos em toda a minha carne. Acho que estou ficando louca.

Olho para cima e aperto o volante com toda a minha força. Talvez ele volte hoje. Ele virá até mim esta noite. Se eu acreditar com todo o meu coração, pode ser que isso aconteça. Ele aparecerá e, de alguma forma, fará com que tudo fique bem.

Sim.

Afasto minhas lágrimas e ligo o motor.

* * *

— Onde você está indo? — Zara pergunta quando sai do banheiro e me vê vestindo a jaqueta.

— Para o telhado. Preciso de um pouco de ar fresco.

— Já é quase meia-noite.

— Eu sei. — Pego a maçaneta. — Voltarei logo.

Lá em cima, eu me sento no banco improvisado e fico olhando para a noite. Essa sensação de formigamento na parte de trás do meu pescoço está me deixando louca. Ela nunca diminui. Nunca cessa.

A lua está cheia, assim como na noite em que meu demônio e eu nos conhecemos, mas hoje seu brilho prateado está encoberto por nuvens. Provavelmente vai chover. E com força. Já posso sentir essa mudança no ar. A tempestade está prestes a se desencadear.

Meus olhos percorrem os prédios além da rua estreita à minha frente, notando as poucas janelas aleatórias que ainda estão iluminadas. Olho de relance para o telhado do outro lado da rua enquanto o vento aumenta, fazendo com que eu segure minha jaqueta com mais força. A escuridão sombria é tudo o que vejo. Os minutos passam. O vento continua a soprar. Levanto-me do banco, pronta para voltar para dentro de casa, quando a luz da lua se desprende brevemente das nuvens, iluminando o horizonte escuro do outro lado da rua e uma figura inclinada sobre a grade.

Estreito os olhos. É... ele.

Meu estômago revira.

O que ele está fazendo lá? Por que não veio até mim? Talvez não seja ele, mas outra pessoa? Não. Mesmo com essa luz fraca, eu o reconheceria em qualquer lugar.

Confusa, me aproximo um pouco mais. A figura se retira rapidamente, desaparecendo de minha vista. Eu espero. Não pode ser o meu demônio. Ele prometeu que viria até mim assim que voltasse. Ele sabia que eu estaria esperando.

A dor penetra em meu peito e parece quase uma dor tangível.

Era ele.

Todas aquelas ocasiões em que *pensei* tê-lo sentido, mas desconsiderei a

sensação como minhas esperanças desesperadas... Será que ele estava realmente lá todas essas vezes? Já se passaram semanas! Eu estava caindo aos pedaços, aterrorizada com o fato de algo ter acontecido. Tive tanto medo por ele que fiquei fisicamente doente. E, durante todo esse tempo, ele estava me seguindo em segredo. Nem mesmo me deixando saber que está bem. Depois de tudo o que fomos um para o outro.

Eu estava pronta para deixar minha família só para poder ficar com ele. Minha mão voa para minha boca, abafando um soluço. Ele estava no funeral do meu pai! E ainda assim, ele ficou longe, sem se preocupar em me perguntar como eu estava. Eu pensei... Pensei que ele me amava. Mas você não deixa seus entes queridos sofrerem sozinhos, sem oferecer conforto. Será que tudo isso era um jogo para ele? Será que eu era? Uma garota tola persuadida a se apaixonar, apenas para ser abandonada em seu momento mais desesperador? Ele me abandonou quando eu mais precisava dele.

Mentiras.

Tudo tem sido mentiras e nada mais.

— Por quê? — Eu grito para a noite.

A resposta à minha pergunta é uma chuva repentina e implacável. Os céus se abrem, com gotas de chuva atingindo meu rosto e se misturando com as lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

— Vá se foder! — Eu grito. — Rasteje de volta para sua escuridão e fique lá! — Eu grito tão alto que minha garganta dói e a última palavra acaba sendo um gemido de cortar as entranhas.

Ao me virar, vou em direção à porta de entrada do prédio, sentindo-me como se estivesse desmoronando por dentro.

Não voltarei mais aqui.

Kai

Idiota!

Bato com a parte de trás da cabeça na parede atrás de mim. O telhado de concreto está encharcado pela forte chuva, deixando-me caído e encharcado, enquanto meu traseiro permanece imóvel e eu me sento sozinho em minha miséria. Apoiando os cotovelos nos joelhos erguidos, seguro a cabeça e fecho os olhos, tentando apagar a imagem de minha tigresa olhando para mim com choque estampado no rosto. Choque, decepção e muita mágoa.

Bato minha cabeça contra a parede novamente. E mais uma vez.

Idiota imprudente. Há dois meses, fiz um acordo comigo mesmo. Eu a vigiarei de longe, mas nunca, porra, nunca permitiria que ela me visse. Eu sabia que ela se sentiria magoada quando eu não voltasse. Sabia que ela provavelmente nunca me perdoaria por quebrar a promessa que lhe fiz. Ela provavelmente se esqueceria de mim depois de algum tempo. Poderia até pensar que eu havia morrido.

Eu poderia viver com tudo isso.

Mas não posso viver com a expressão de traição e dor absoluta em seu rosto quando ela me viu nesse telhado idiota. Ou seu grito angustiado na escuridão, que eu continuo ouvindo em minha cabeça, repetindo constantemente.

Por quê?

A necessidade de correr até ela, de me ajoelhar e implorar seu perdão, está me consumindo vivo. Mas como posso pedir a ela que me perdoe? Perdoar a coisa mais horrível que já fiz? Apenas confessar minhas ações lhe traria mais sofrimento. Tudo por causa de um homem que ela deixou entrar em sua casa.

Um homem que ela permitiu que a tocasse, beijasse e fizesse amor com ela. Um homem que assassinou seu pai sem pensar. Se ela soubesse, sofreria muito, muito mais do que está sofrendo agora. Porque agora, agora eu sou apenas o homem que a deixou.

E esse homem agora precisa ir embora, para sempre.

Meu peito parece estar sendo esmagado, apertado como se um grande peso estivesse sobre ele. Inclino a cabeça para cima, olhando para a lua cheia quase obscurecida, enquanto gotas enormes de chuva batem em meu rosto. Aquela traiçoeira esfera brilhante, seu poder sobre a escuridão, me enganou, fazendo-me acreditar que a luz das estrelas poderia ser minha, afinal. E, por um breve momento, segurei aquele brilho na palma da minha mão. *Segurei-a* e conheci a paz.

A pressão em meu peito se intensifica, e parece que tudo dentro de mim começa a se romper. Respiro fundo e solto um rugido bestial, esperando que a noite engula o tormento que está me dilacerando.

Ele não desaparece.

Bato a cabeça na parede mais uma vez, depois pego o celular e digito o número às cegas. Kruger atende após um único toque.

— Envie-me os detalhes do trabalho no México, — consegui dizer.

Vinte e duas horas depois

O pequeno jato particular aterrissa na pista estreita sem quase nenhum solavanco quando as rodas tocam o chão pavimentado. Eu, no entanto, sinto aquele baque como se fosse um maldito terremoto, sacudindo todo o meu ser. Quase cinco mil quilômetros me separam da minha tigresa agora.

Ótimo.

Levanto-me do meu assento e pego a bolsa com meu equipamento no compartimento de bagagem personalizado. O estojo longo com meu rifle sniper está pousado no assento em frente ao meu.

— Quando você quer que eu venha buscá-lo? — pergunta o piloto por cima do ombro.

— Dez dias. Na mesma hora. — Abro a porta da cabine e destravo as escadas de ar, deixando-as se expandir. — Onde está o veículo?

— À frente e à esquerda da pista, escondido entre os arbustos. — Ele aponta pelo para-brisa da cabine. — A chave está na ignição.

Aceno com a cabeça e desço os degraus.

O ar é denso e pesado, a umidade se agarra à minha pele enquanto sigo na direção que me foi indicada. Além da luz que marca a pista de pouso, não há nenhuma outra iluminação. Não é de se surpreender, considerando que estamos no meio do nada, em uma pista de pouso à beira-mar que mal tem o tamanho de um campo de futebol. Nem me dou ao trabalho de verificar os arredores, não me preocupo em fazer o reconhecimento antes de me aproximar de um veículo em um território hostil. Minha arma fica presa no coldre. Isso me torna um alvo fácil para qualquer ameaça em potencial, mas não dou a mínima.

Não me importo mais com nada. Perdi minha tigresa. Todo o resto não tem

sentido - inclusive minha vida.

A caminhonete surrada está exatamente onde o piloto disse que estaria. Quando abro a porta traseira do lado do motorista, a luz da cabine permanece apagada. Estou prestes a colocar meu equipamento lá dentro quando sinto uma picada forte na minha nuca. Os anos de treinamento finalmente fazem efeito. Girando, arranco o dardo alojado em meu pescoço.

Minha mão alcança a arma, mas meus dedos parecem ter perdido a capacidade de segurá-la. Ela escorrega da minha mão e cai no chão com um baque. Tento piscar para afastar a nebulosidade que toma conta de minha visão. Isso não ajuda. Tropeço e minhas costas batem na lateral do caminhão. Formas borradas de uma dúzia de homens se aproximam, suas lanternas me cegam quando se aproximam.

— Bem, o que temos aqui? — diz uma voz com sotaque forte. — Aquele filho da puta não estava mentindo, afinal.

O rosto de um homem se materializa na minha frente. Mesmo com a visão turva, ainda o reconheço pelos documentos da missão que Kruger me enviou ontem. Alfonso Mendoza. O líder de um cartel mexicano. Meu alvo.

— Você deve ter irritado muito o Kruger, — ele ri. — Ele pediu que lhe déssemos uma lição e o mandássemos de volta assim que você se lembrasse de latir quando fosse ordenado. — Ele se aproxima. — Mas, em vez disso, acho que vamos ficar com você.

O mexicano tira a espingarda do ombro e o metal frio do cano se choca com minha têmpora.

Capítulo 24

Nera

A porta na parede oposta se abre com um guincho, quebrando o silêncio dessa sala sombria, e Massimo entra. Ainda acho difícil processar o fato de que esse homem de aparência assustadora em um uniforme de presidiário é, na verdade, meu meio-irmão. Quando pensei nele ao longo dos anos, imaginando como ele estaria aqui, sempre o imaginei de terno, por algum motivo.

As correntes em torno de seus tornozelos chacoalham enquanto ele caminha em direção à cadeira do outro lado da mesa. O guarda que o trouxe levanta os pulsos de Massimo e conecta as algemas à argola de ferro afixada no tampo da mesa. Massimo olha para cima, com os olhos fixos na câmera montada no canto. O guarda acena com a cabeça e sai da sala. A luz vermelha que indica que a câmera está ativa se apaga um minuto depois.

— Nera. — Massimo se inclina para a frente e coloca os cotovelos sobre a superfície de metal, o que faz com que os músculos de seus braços marcados fiquem salientes.

— Você disse que precisávamos conversar. — Encontro seu olhar.

— Eu esperava que tivesse acontecido mais cedo, mas algo aconteceu, atrapalhando meu plano, infelizmente.

Sim. Pelo que percebi quando os guardas me escoltaram até aqui, Massimo quase estrangulou um cara quando voltou do funeral do meu pai.

— Mas você está aqui agora e preciso que me atualize, — acrescenta.

— Leone assumiu o controle.

— Eu sei. Quem votou nele?

— Eu não sei. Não é como se eu fosse convidada para as reuniões da família.

— Pergunte a Salvo.

Arqueio a sobrancelha. — Como se ele fosse me dizer algo assim.

— Ele vai.

— Por que você mesmo não pergunta a ele? Ele pode vir vê-lo e lhe dizer o que você quiser saber.

— Quero Salvo exatamente onde ele está agora - como um subchefe, sem vínculos óbvios comigo.

— Como você sabe que Leone o promoveu? — pergunto.

— Tenho minhas fontes. Leone tomou alguma atitude com relação à situação da Camorra?

— Até onde eu sei, não. Meu palpite é que ele tentará pagar-lhes.

— Pagar-lhes? — ele fica tenso, e algo perigoso brilha em seus olhos. — Pelo quê?

— O investimento que eles fizeram em nossos cassinos no início deste ano.

A mandíbula de Massimo se contrai. — Quem diabos permitiu que eles entrassem em nossos negócios sem me consultar?

Então, é como eu suspeitava. Meu meio-irmão esteve envolvido nos negócios da família o tempo todo.

— Meu pai, — eu digo. — Mas foi Leone quem teve a ideia. O plano deles era pagar a Camorra antes da reunião anual, para que a Família não descobrisse. Tudo meio que saiu dos trilhos no início do verão, mas papai fez um novo acordo com Efisio após a morte de Alvino. Ele ia anunciar a parceria que firmaram na festa, mas foi morto antes de ter a chance.

— Mm-hmm. E quem sabia que o Núncio ia fazer esse anúncio?

— Ele me contou. E presumo que Leone também sabia.

— E você tem certeza absoluta de que Leone estava por trás da ideia de envolver a Camorra em primeiro lugar?

— Papai me disse isso.

Massimo se inclina para trás em sua cadeira e começa a bater suas algemas na mesa de metal, a batida lenta reverberando pela sala. — Preciso que você me descreva a festa. Quem estava lá e tudo o que aconteceu durante a festa, desde o momento em que você chegou até ao momento em que o tiro foi disparado.

Respiro fundo e começo a falar, contando-lhe tudo o que me lembro daquela noite. Não é muita coisa. Eu ainda estava eufórica com o que aconteceu na noite anterior e não estava prestando muita atenção em nada. Mas contei a ele tudo o que me lembro. Massimo ouve sem interromper, seu rosto escurecendo a cada palavra.

— E Leone não estava no palco com Nuncio? — ele pergunta depois que eu termino.

— Não. Ele estava de pé ao lado, perto da mesa de bebidas.

O silêncio cai entre nós, e o som de metal batendo em metal é o único som na sala.

— Leone quer me casar. Ele ainda não decidiu se será alguém da organização albanesa ou Salvo.

— Ótimo. Vou me certificar de que ele escolha o Salvo.

— Não vou me casar com ele, Massimo. Ou com qualquer outra pessoa. — Levanto meus olhos de suas mãos e o encaro. — Estou grávida.

Seus olhos se arregalam. — Quem é o pai?

— Isso não importa.

Massimo avança tão repentinamente que eu recuo em minha cadeira. — Um

desgraçado engravidou minha irmã e isso não importa? — ele grita, puxando as correntes.

— Não. Ele não é da família.

— Ele vai se casar com você?

— Não. Ele é... — *Que porra é ele?* Eu me pergunto. — Ele se foi.

Massimo me olha fixamente, com as narinas dilatadas, e depois se abaixa lentamente na cadeira. — Livre-se disso.

— Não estou 'me livrando' do meu filho!

— Nenhum homem da Família se casará com uma mulher que esteja grávida de um filho de outra pessoa, Nera. Especialmente se essa mulher for filha de um Don. Se for um menino, caso ele venha a cobiçar a posição de liderança, como seu filho, ele terá o apoio para tomar as rédeas. Ele será sempre considerado uma ameaça por aqueles que estão desesperados para manter o poder.

— A posição de Don não é hereditária.

— Não, mas você sabe muito bem que o simples fato de ser parente do Don anterior é suficiente para obter o apoio necessário.

— Eu vou embora.

— Não há como deixar a Cosa Nostra, Nera. Você também sabe disso.

— Eu posso tentar.

— E você acabará morta antes que seu filho tenha a chance de nascer. Leone mandará matar você. Assim como ele matou seu pai.

— O quê?

— Sério? Você ainda não ligou os pontos? — Massimo se inclina sobre a mesa, com seus olhos penetrando os meus. — Leone nunca teria permitido que as coisas chegassem ao ponto de 'pagar' a Camorra. Ele orquestrou todo o negócio apenas para que pudesse mais tarde 'revelar' à família, apresentar seu pai como

traidor e tomar o lugar dele. Ele provavelmente convenceu Nuncio a não me contar nada sobre isso por esse único motivo. E ele não hesitará em se desfazer de você se isso atender às necessidades dele.

— Oh, Deus. — Fico olhando para ele.

— Você está falando sério sobre manter o bebê?

— Sim.

— E até onde você está disposta a ir para manter seu filho seguro?

— Até as profundezas do inferno, se necessário.

— Ótimo. Porque é exatamente para lá que você está indo, — diz ele. — Agora, preste atenção e faça exatamente o que eu lhe disser.

Meu estômago dá cambalhotas e quedas acentuadas enquanto ouço o plano do meu meio-irmão e, quando ele termina, sinto vontade de vomitar. Ele não estava brincando quando disse que eu estaria indo para as profundezas do inferno.

— Por quanto tempo? — Eu me engasgo.

— Até eu sair.

— São quase quatro anos, Massimo! Não posso fazer isso.

— Esse é o preço de sua liberdade e da segurança de seu filho. — Um sorriso de canto de boca.

Quando observo o brilho calculista em seus olhos, me dou conta. — Você não estava apenas mexendo os pauzinhos daqui, estava? Foi você quem cuidou dos assuntos da família durante todos esses anos.

— Nuncio era um bom homem, mas não tinha a sede de sangue necessária para tomar as decisões necessárias. — O sorriso em seu rosto se alarga em um sorriso tão aterrorizante que involuntariamente me inclino para trás. — Estou comandando a Cosa Nostra de Boston desde os dezenove anos, mana.

Eu estremeço. — Deve haver alguma outra maneira.

— Não há. — Ele inclina a cabeça para o lado, com seu olhar penetrante sobre o meu. — É uma troca justa. Quatro anos de sua vida em troca de liberdade. Para você e seu filho.

Uma *troca*. Só de ouvir o termo, me dá vontade de chorar. Parece que meu demônio estava certo nesse caso - nada é de graça.

— Jure, — insisto em um sussurro rouco.

— Juro por minha honra.

Aceno com a cabeça. — Eu farei isso.

Lentamente, levanto-me da cadeira, tentando processar tudo. Estou chegando à porta quando a voz de Massimo me alcança, fazendo com que eu me levante rapidamente.

— O que aconteceu com a Zahara?

— Nada 'aconteceu' com ela. Ela tem vitiligo. É apenas um problema de pele. Se você tivesse nos deixado visitá-la, saberia.

— Eu contava com a redução da minha pena, mas todos os meus pedidos de liberdade condicional foram rejeitados. E aposto que Leone estava de alguma forma por trás disso também. — Ele levanta as mãos à sua frente, forçando as correntes. — Eu não queria que nenhuma de vocês me visse... assim. Acredite ou não, eu me importo com você, Nera. Você é minha família. Eu nunca teria proibido Nuncio de casá-la quando você completou dezoito anos se eu não me importasse com isso.

Meus olhos percorrem seu enorme corpo esparramado na cadeira, depois sobem, passam por suas mãos e braços tatuados e param em seu rosto. — Ou talvez você só quisesse ter a chance de arranjar um casamento que favorecesse seus planos.

Seus lábios se alargam em um sorriso malicioso. — Isso também.

— Bem, a prisão pode ter mudado você por fora, mas por dentro, você ainda é o mesmo cara astuto de que me lembro.

— Nunca presuma que você conhece uma pessoa a menos que tenha vivido a vida dela, Nera.

— Sim... — agarro a maçaneta da porta — ...percebi exatamente isso recentemente.

Capítulo 25

Nera

— Entre.

Fechei os olhos por um momento enquanto pegava a maçaneta. Enquanto dirigia, meu corpo tremia tanto que tive medo de perder o controle e bater em alguma coisa, mas assim que estacionei em frente ao prédio de arenito em estilo italiano, uma calma incomum tomou conta de mim. Era semelhante à tranquilidade logo após uma tempestade no oceano, quando o ar ainda parece carregado de eletricidade, mas a água se transforma em vidro líquido. É assim que estou me sentindo agora. Por fora, sou um iceberg sereno flutuando em uma superfície calma, enquanto, por baixo, uma maldita correnteza está me afastando. Mas estou pronta para fazer o que for preciso para garantir a segurança de meu filho.

Abro a porta e entro no escritório de Don Leone.

— Fiquei bastante surpreso quando recebi a ligação do portão, — diz Batista Leone sem tirar os olhos do livro de couro à sua frente. — Decidi casá-la com Salvo.

Meus saltos pretos batem contra o piso de madeira ornamentado quando me aproximo da mesa dele e me sento em uma cadeira de visitante colocada diante dela. Coloco minha bolsa no colo, pego o primeiro de vários papéis dobrados e,

inclinando-me para a frente, coloco-o sobre o livro de registro que ele estava examinando.

— Você deveria estar perguntando o que *posso* fazer por *você*. — Eu sorrio e acrescento: — Batista.

A cabeça de Leone se ergueu ao me ouvir pronunciar seu primeiro nome. — Como você se atreve? — ele grita.

— Dê uma olhada no documento antes de dizer algo de que se arrependerá.

Ele pega a impressão do contrato de investimento que ele e meu pai assinaram com a Camorra e começa a ler, com o rosto ficando mais vermelho a cada segundo.

— O que será que a família diria se visse isso? — Tiro a mão da minha bolsa novamente, pegando o próximo conjunto de papéis. — Ou talvez eles estivessem mais interessados na empresa de fachada que você criou, que também - tão convenientemente - foi contratada para concluir todas as reformas em nossos cassinos. E cobrou o triplo das taxas pelo trabalho real e concluído. Roubando da família, Batista?

Leone arranca de minhas mãos o relatório do investigador que o expõe como proprietário da referida empresa, e a cor de seu rosto se desvanece rapidamente.

— E que tal isto? — Pego uma pilha de fotos. Uma delas mostra ele beijando uma mulher com metade de sua idade. Outra é em preto e branco e um pouco granulada, mas mostra claramente ele comendo a mesma mulher por trás, dentro de um quarto de hotel.

— Transar com a esposa de nosso maior investidor? Tsk tsk tsk tsk... Acho que o Adriano não aceitaria bem a notícia.

O rosto de Leone está agora em um tom amarelo doentio.

Não faço ideia de como Massimo conseguiu obter tudo isso, e não me interessa. No momento em que Salvo trouxe os documentos para mim, vim direto para cá.

— Mas tudo isso são pequenas coisas, certo? Tenho certeza de que a Família as deixará passar. — Eu lhe dou um sorriso condescendente. Ele sabe muito bem que, no momento em que isso vier à tona, ele será um homem morto. — Então, que tal isso? Arranjar um golpe no Don da Cosa Nostra para que você possa assumir o comando.

A pouca cor que restava em seu rosto desaparece, deixando-o pálido como um cadáver. Não há ofensa maior na Cosa Nostra do que matar o chefe com o único propósito de assumir sua posição. A estrutura hierárquica foi estabelecida para garantir a estabilidade, a segurança e a prosperidade dos membros. Se fosse prática comum os subordinados matarem seus superiores, isso causaria o caos. E nunca se permitiria que o caos criasse raízes na Cosa Nostra.

Ele mantém os olhos nos meus enquanto pega a gaveta da escrivaninha. Meu palpite é que ele está pegando uma arma.

— Você acha mesmo que eu teria vindo aqui sozinha e lhe mostrado tudo isso sem algum tipo de seguro? — Cruzo minhas pernas e me recosto na cadeira. — Se algo acontecer comigo, cópias desses documentos serão enviadas não apenas para os capos, mas também para todos os membros da Família - desde nossos maiores investidores até aos soldados mais humildes. Eles o destruirão e farão de você um exemplo em poucas horas.

— O que você quer? — ele grita. — Não quer se casar com Salvo? Tudo bem. Eu não dou a mínima.

— Oh, eu quero me casar, Batista. Mas não com seu subchefe. — Sorrio. — Eu vou me casar com você.

— O quê? — ele diz, meio que se levantando da cadeira.

— Acredite em mim, acho repugnante a ideia de ser amarrada a um porco velho e nojento como você. Mas é isso que vai acontecer. — Faço uma pausa por um momento e depois continuo. — No domingo, você vai anunciar nosso noivado. O casamento será marcado para o final deste mês.

— Por quê?

— Porque, sendo sua esposa, posso garantir que os melhores interesses da família sejam protegidos. — Cruzo os braços sobre o peito e o fixo com o olhar. — Você ainda será Don, no que diz respeito à maioria das pessoas, e elas podem continuar a se curvar diante de você e beijar sua mão. Você poderá sair por aí ostentando como se tivesse todo o poder e respeito. Mas isso é tudo o que você vai fazer.

— A partir de hoje, tomarei todas as decisões relativas às negociações, negócios e assuntos particulares da família. Para todos, parecerá que você ainda está no comando. E, daqui a quatro anos, quando meu meio-irmão for libertado da prisão, você renunciará por motivos médicos e dará todo o seu apoio a Massimo como o próximo Don.

— Você é louca.

— Não, Batista. Eu não sou louca. Sou determinada, e se você tivesse um pingo de inteligência nessa sua mente traidora, entenderia que uma mulher determinada é muito mais perigosa do que uma louca. — Tiro o último pedaço de papel da minha bolsa e o jogo na frente dele. — A lista de minhas preferências para a recepção do casamento. Certifique-se de que elas sejam seguidas. E, por favor, certifique-se de usar uma gravata que não tenha as manchas de suas três últimas refeições em nosso dia especial.

Posso sentir seus olhos se fixando em minhas costas enquanto me afasto. Quando chego à porta, paro e olho por cima do ombro. — Ah, e mais uma coisa. Quando meu filho nascer, você vai reivindicar o bebê como seu. E que Deus o ajude caso você cometa algum deslize e diga a alguém que isso não é verdade.

A porta se fecha atrás de mim com um clique suave.

Quando estou de volta no carro, indo para minha casa, examino as sombras de cada beco por onde passo. Olhando. Buscando. Esperando.

Ainda tenho esperança de que, a qualquer momento, meu demônio se materializará do escuro. Mas sei que não vai. Não há mais pequenos formigamentos na parte de trás do meu pescoço. Não há mais consciência dos olhos que seguem meus movimentos. Não há nada.

Eu nunca quis que ele fosse embora. Eu não quis dizer aquelas palavras de ódio que gritei para ele do meu telhado naquela noite. Ele deveria ter percebido. Depois de tudo o que aconteceu entre nós, ele deveria saber que eu não conseguiria viver sem ele.

Mesmo assim, ele me deixou.

Kai

— Deveríamos tentar matá-lo de fome primeiro.

Puxo a corrente presa às algemas que prendem meus pulsos e encaro o homem de Mendoza enquanto ele limpa o sangue do nariz quebrado. Ele está apenas alguns passos à minha frente, mas não consigo alcançá-lo para acabar com ele. A outra extremidade da corrente está presa ao chão, o que me permite um alcance de apenas seis metros.

O cara saca uma faca e dá um passo à frente. Os cerca de doze homens que estão em um grande semicírculo ao nosso redor começam a aplaudir. Não sei ao certo o que Mendoza tem reservado para mim a longo prazo, mas, no momento, parece que estou aqui para proporcionar entretenimento aos seus soldados. Antes de me deixar neste complexo, ele disse a seus homens que podiam fazer o que quisessem comigo, desde que me mantivessem vivo.

Nas duas primeiras semanas após minha captura, matei três de seus capangas que tentaram me atacar sorrateiramente e feri vários outros. Agora, estão sendo feitas apostas sobre quem será o primeiro a me dominar.

Meu oponente se aproxima mais uma vez e me acerta com sua faca. Eu me esquivo e consigo dar um chute em seu joelho, fazendo com que ele caia de bunda no chão. Alguns dos espectadores correm em nossa direção, tentando ajudar seu companheiro, sem dúvida. Mas eles chegaram tarde demais. Antes que o mais rápido do grupo chegasse até mim e me desse um chute no estômago, eu já tinha enterrado a faca entre as omoplatas do meu oponente.

Um chute atinge minha testa, fazendo com que minha cabeça se incline para o lado. O próximo chute atinge minhas costelas. Concentro meu olhar no céu enquanto mais golpes caem em todo o meu corpo, aceitando a dor. Espero que

ela seja forte o suficiente para superar a dor em meu coração.

Não é.

Capítulo 26

Dois meses depois

Nera

Impressões, pastas e blocos de notas estão espalhados à minha frente por toda a superfície de madeira de carvalho da enorme mesa de escritório de Batista. Bem, acho que agora ela é minha. Junto com os problemas que meu querido marido causou enquanto esteve no comando por algumas semanas. Locações de locais que ele não conseguiu renovar. Contratos que precisavam ser revisados e assinados, e que agora estão muito atrasados. E uma horda de investidores furiosos respirando em meu pescoço, exigindo projeções de receita para o próximo ano. Toda uma bagunça que Batista estava ansioso para jogar em cima de mim para poder passar a maior parte do tempo em um dos clubes de striptease da Família.

O cheiro de móveis velhos e o fedor de cigarro impregnado no estofamento e nas cortinas são absolutamente nauseantes. Faz pouco mais de um mês que nos casamos e que me mudei para a casa dele. Com todo o trabalho pendente que me foi imposto, não tive tempo de reformar esse cômodo, mas isso é algo que precisarei corrigir em breve.

Uma batida forte soa na porta da biblioteca.

— Entre, — murmuro enquanto meus olhos continuam deslizando sobre os extratos de crédito que nosso banco enviou.

Salvo entra e se senta na cadeira do outro lado da mesa. — Temos um problema.

— Mais investidores ligaram para dizer que não estão satisfeitos com a forma como as finanças da família estão sendo administradas? — Eu suspiro. — Acho que não posso lidar com eles hoje.

— Encontramos uma toupeira, Nera.

Minha cabeça se levanta. — Alguém está falando com as autoridades?

— Pior ainda. Parece que um de nossos seguranças está na folha de pagamento de Salvatore Ajello.

Baixei os documentos. Os problemas com nossas linhas de crédito de repente parecem um pequeno inconveniente. — Tem certeza?

— Sim. Um dos meus homens está trabalhando nele desde esta manhã. Ele começou a cantar há uma hora.

— Ok. Vou visitar Massimo e ver como ele quer que lidemos com isso.

— Só há uma maneira de lidar com essa situação, e Massimo lhe dirá a mesma coisa. De qualquer forma, não podemos esperar até amanhã. Alguém disse a Brio que pegamos um traidor, e ele acabou de chegar à instalação onde estamos prendendo o cara. Presumo que alguns dos capos, se não todos, também já estejam indo para lá. Eles vão querer ver pessoalmente essa questão ser resolvida.

Minha respiração fica presa. A punição para aqueles que traem a Família é a morte.

— Vou acordar o Batista, — eu digo. — E dizer-lhe que ele precisa ir para cuidar disso.

Salvo mantém meu olhar fixo e, mesmo que ele esteja tentando não demonstrar, posso ver a preocupação em seus olhos. E também a pena. — Tem que ser você, Nera.

Recuo tão repentinamente que minha cadeira de escritório rola um palmo pelo chão. — Batista é o chefe. Já que ele gosta tanto de desfilar por aí e fazer com

que as pessoas beijem sua mão, sem mencionar sua bunda por causa de sua vanglória sobre como ele consertou a confusão que meu pai criou com a Camorra, ele deveria ser o único a matar pessoas.

— O restante da Família pode não saber que você é quem realmente está segurando as rédeas, mas os capos sabem. Você conseguiu pagar parte do investimento da Camorra em nossos cassinos, mas esse fato só os manterá afastados por pouco tempo. Os chefões precisam ser convencidos de que você é capaz de fazer o que é necessário para o bem da Família.

— Não estou matando ninguém, Salvo.

Ele coloca os cotovelos sobre a mesa, inclinando-se para a frente.

— Houve comentários abafados entre os capos. Brio levantou a possibilidade de iniciar uma discussão sobre a mudança na liderança na próxima reunião. Se eles considerarem Batista inadequado para o cargo e decidirem votar pela sua saída, você acabará sendo um dano colateral. — Seus olhos percorrem meu peito e param em minha barriga. — Todos acreditam que ele é o pai do seu bebê.

Minhas mãos imediatamente voam para cobrir a protuberância já bastante visível, como se o simples fato de embalá-la pudesse proteger meu filho das coisas que Salvo está insinuando. Pensei que o fato de Batista reivindicar a paternidade protegeria meu filho, mas isso só pode funcionar se ele for o Don. Se Batista for expulso de seu trono, Massimo não poderá assumir o controle. Eu nunca terei minha liberdade e, independentemente do sexo, meu filho terá o mesmo destino que estou tentando evitar. Se for um menino, mais cedo ou mais tarde, alguém poderá tentar matá-lo. Se for uma menina, ela acabará sendo casada com sabe-se lá quem. E eu não poderia fazer nada para evitar nenhum dos dois.

O horror se agita em meu estômago, sua toxicidade toma conta de todo o meu corpo. Como posso acabar com a vida de um homem? Matar alguém que não me fez nada especificamente? Agarro o apoio de braço e o aperto com tanta força

que meus nós dos dedos ficam brancos. Esse homem pode não ter feito nada diretamente a mim, mas é uma ameaça ao meu bebê. Respirando fundo, pego minha bolsa e vou para o outro lado da sala. — Vamos embora.

— Onde?

— Para onde quer que você esteja mantendo o espião de Ajello, — sussurro.

Farei *qualquer coisa* para garantir que meu filho esteja seguro. Se isso significar vender minha alma ao diabo matando um homem, que assim seja.

Capítulo 27

Três anos depois

Prisão de alta segurança fora de Boston

Nera

Mesmo depois de três anos de visitas semanais, o barulho das correntes dentro dessa sala silenciosa, quando Massimo se senta à minha frente na mesa de metal, ainda envolve minha espinha como um pavor frio. Como sempre, o guarda prende as algemas na argola de metal e sai. Alguns momentos depois, a câmera no canto da sala é desligada.

— Eu lhe disse, Nera, — disse meu meio-irmão por entre os dentes, — apenas uma visita por semana, ou alguém pode suspeitar que há algo mais do que uma reunião familiar calorosa.

— Eu sei.

— Então, que porra você está fazendo aqui hoje? — ele grita.

Antes, as explosões de Massimo me faziam tremer como uma folha. Eu me sentava nesta cadeira e suportava sua raiva, com muito medo de responder a ele. Agora não mais. Depois de tudo o que ele me obrigou a fazer, sem mencionar todas as coisas que fiz sem suas ordens desde que começamos essa farsa, seus gritos não têm absolutamente nenhum efeito sobre mim.

Após minha primeira morte, houve mais dois infiltrados de Ajello que exigiram minha ‘atenção’ pessoal. Em todas as ocasiões, apontei uma arma para a cabeça de um homem e puxei o gatilho sem o menor tremor de meus dedos. Também condenei vários de nossos homens à morte, enviando-os a Nova Iorque para espionar aquele bastardo. Ele descobriu cada um deles. Eu os trouxe de volta - em pedaços - por meio de uma entrega especial.

Havia mais. Um funcionário de um dos cassinos que foi pego roubando. Um contador que falsificava as contas e roubava os lucros. Eles podem não ter morrido pelas minhas mãos, mas fui eu quem deu as ordens. Era a vida deles ou a segurança da minha filha. A meu ver, não era uma escolha. Manter minha filha segura é mais importante do que qualquer outra coisa neste mundo esquecido por Deus.

— Certamente não estou aqui porque tive vontade de ver seu rosto, Massimo. — Cruzo os braços sob o peito. — A saúde de Batista está piorando.

A expressão do meu meio-irmão se transforma de raiva em preocupação. — O que ele tem?

— Ele teve um aneurisma cerebral. Foi um aneurisma pequeno. Ele será mandado para casa em alguns dias e está sendo medicado com remédios especiais para evitar outro, mas o médico não pode nos garantir que não acontecerá novamente, nem nos dizer quão sério pode ser se acontecer. — Eu cerro os dentes. — Você precisa sair e assumir o controle antes que ele morra.

— Você acha que eu gosto daqui? Você acha que eu me deixaria apodrecer nesta espelunca se houvesse alguma maneira de sair mais cedo? Tenho mais oito meses até à libertação. Vamos torcer para que ele viva o suficiente.

— E se ele não viver?

— Se ele não viver, nós dois estaremos ferrados, irmã.

Kai

Complexo de Alfonso Mendoza, México

O som de uma explosão penetra em minha consciência nebulosa. Abro minhas pálpebras, mas não consigo ver nada além da escuridão. O chão sob mim estremece quando várias outras detonações explodem em algum lugar próximo e, em seguida, uma cacofonia de gritos e berros aumenta o caos geral. Tudo em mim quer que meus olhos permaneçam abertos, mas eles continuam se fechando como se meus cílios estivessem carregados de chumbo.

Tiroteio automático. Aproximando-se. Mais gritos, berros. Acho que um dos rivais de Mendoza está atacando o complexo. Quem quer que seja, ou o que quer que esteja acontecendo, não me interessa particularmente. Minha mente quer voltar ao sonho que eu estava tendo antes que o barulho o afastasse.

Uma barraca carregada de verduras e uma bela mulher levantando várias verduras para eu cheirar.

Parecia tão real que eu quase podia inalar o cheiro pungente de terra, mas, por algum motivo, não conseguia lembrar o nome dela.

Eu a conheço.

Eu a conheço muito bem.

Meu coração bate mais rápido cada vez que a vejo. Ela está sempre em meus sonhos. Mas ultimamente - nos últimos dias, ou talvez há semanas - seu nome me escapa. Sempre está na ponta de minha língua, mas não consigo me lembrar.

O eco de passos correndo. Mais tiros, mais perto agora. Afasto tudo isso, voltando ao meu sonho.

Estou sentado em um telhado e a mulher está aconchegada ao meu lado. Seu cabelo está amarrado no alto da cabeça com um lenço vermelho.

Qual é o nome dela?

— Santa Mãe Maria, Jesus e José, — diz uma voz masculina em algum lugar perto de mim. — Canto leste. Venha para cá. Agora, Az.

Outra voz se junta logo em seguida, mas eu as bloqueio, tentando manter a visão em minha mente.

Uma voz feminina suave, dizendo algo próximo ao meu ouvido. É ela novamente. Lendo para mim. Algo sobre... vacas?

Seu nome, qual é o nome dela?

— Segure-o. Não quero que ele fique furioso pensando que sou um inimigo.

Mãos agarram minhas pernas, a sensação dissolve meu sonho, assim como eu quase o agarrei. Eu me viro, batendo na distração com meu pé. Quero meu sonho de volta!

— Jesus, porra! Eu lhe disse para segurá-lo, droga!

Algo pesado cai em cima de mim. Eu grito e dou uma cabeçada no filho da puta que colocou sua bunda no meu peito. Uma picada de agulha em minha coxa. Eu me debato, tentando tirar o homem de cima de mim.

Qual é o nome dela?

A neblina invade minha mente, tornando as vozes dos homens mais distantes.

Mãos delicadas. Dedos gentis com unhas bem cuidadas, limpando o corte em meu braço.

Tigresa. Minha tigresa.

Sim, esse é o nome dela.

Capítulo 28

Duas semanas depois

Kai

Um estalo silencioso soa quando giro a cabeça de um homem para o lado, quebrando seu pescoço. Abaixo o corpo até ao chão e, em seguida, uso meu kit de arrombamento para abrir a porta do porão. Levei quatro dias de observação cuidadosa para aprender os movimentos dos guardas, de modo que eu pudesse me livrar rapidamente de todos os seis. Se eu também tivesse que decifrar o sistema de alarme, talvez tivesse que escolher outro local, mas Felix teve a gentileza de chantagear Az para que ele cuidasse da tecnologia para mim.

Degraus de madeira levam ao corredor do andar térreo. Viro à direita e vou para a sala de estar, onde a TV está ligada, transmitindo o noticiário. Um homem está recostado no sofá, de costas para mim. Aproximo-me silenciosamente dele e pressiono o cano da minha arma na parte de trás de sua cabeça.

— Olá, capitão.

Seu corpo fica rígido por um momento, mas depois ele relaxa. — Vejo que você finalmente se libertou. Demorou bastante, Mazur.

Mantenho minha arma encostada em seu crânio enquanto pego minha segunda arma com a outra mão. — Sim, é o que parece. — Apontando para seu joelho esquerdo, disparo. Kruger grita no momento em que atiro em sua outra rótula.

Dando a volta no sofá, eu me sento na poltrona reclinável em frente a ele.

Kruger está pressionando as mãos sobre a bagunça que antes eram seus joelhos, olhando para mim com uma mistura de miséria e raiva gravada em seu rosto.

— Desculpe-me por isso, — eu digo. — Não estou exatamente em ótimas condições físicas para persegui-lo caso tente fugir.

Ele solta uma risada baixa e ligeiramente histérica. — A melhor afirmação do século. Com base em sua aparência horrível, você deve ter recebido o tratamento VIP no Mendoza's. Eles simplesmente o mataram de fome ou foi algo mais luxuoso?

— Eu diria que recebi um pacote com tudo incluído.

Kruger ri de novo, o som sai descontrolado, mas rapidamente se dissolve em um gemido de dor. Não gosto de ver ninguém sofrer. A menos que seja especificamente ordenado de outra forma, minhas mortes sempre foram rápidas e eficientes. Mas isso... ver Lennox Kruger se contorcendo em agonia me traz uma alegria imensa. E não tem nada a ver com o fato de ele ter me servido a Mendoza em uma bandeja de prata.

Cruzo os braços e encontro seu olhar ligeiramente frenético. — Foi uma armadilha?

— É claro que foi uma armação, seu filho da puta! — ele grita, com cuspe saindo da boca. — Você desistiu de mim, porra? — Ele respira apressadamente, com os olhos arregalados e a raiva pintando seu rosto de vermelho. — Por uma mulher? — As palavras estão cada vez mais difíceis de serem pronunciadas, pois ele parece perder todo o controle de suas emoções. — Eu criei você, seu bastardo! — ele grita. — Você precisava de uma lição. Mas aquele filho da puta do Mendoza não cumpriu nosso acordo de mandar você de volta.

— Não estou falando do México. — rosno em um tom uniforme enquanto a raiva crua me dilacera por dentro.

Os lábios de Kruger se alargam em um sorriso sinistro e ele se inclina para trás

como se tivesse recebido uma nova energia, esquecendo-se de seus ferimentos.

— Foi, não foi? Aquele último golpe que você me mandou completar. O grande líder italiano.

— Você é meu, Mazur. — Ele zomba. — Você não seria nada sem mim. Peguei um monte de merda insignificante e o transformei em uma magnífica obra de arte. Ninguém pode tirar minha criação! — ele se engasga com um rosnado. — Você ao menos sabia que a mulher com quem estava saindo era uma princesa da Cosa Nostra?

Não, eu não sabia. Só descobri há uma semana, quando Felix encontrou informações sobre ela para mim. Levantei minha arma e atirei no ombro esquerdo de Kruger. — Continue.

Ele me olha fixamente, com o rosto contorcido em uma máscara de dor. Gotas de suor se acumulam na linha do cabelo, e sua respiração é rápida e superficial, mas ele mantém as costas retas. Ele sempre foi um filho da mãe durão.

— Sabe, no início, pensei em simplesmente matar a sua vagabunda. Mas, então, vi um contrato para matar o pai dela. Fazer com que o amante dela matasse seu pai? O destino estava sorrindo para mim, eu não poderia deixar passar esse presente perfeito das circunstâncias. — Ele cai em uma gargalhada maníaca. — Você sabe que ela está casada e feliz agora?

A dor explode em meu peito, assim como aconteceu quando Felix me contou esse detalhe. Minha tigresa se casou. Eu sabia que isso aconteceria um dia, mas uma parte de mim ainda morreu quando ouvi isso.

— Acho que fiz um favor a ela, afinal, — continua Kruger. — A esposa de um homem poderoso e respeitado. Ela acabou muito melhor do que estaria se tivesse ficado com você.

— Eu sei.

— Já foi vê-la? Para observá-la como um canalha, como você fazia antes?

Levantando-me da poltrona reclinável, aproximo-me do homem que orquestrou tudo o que me levou a perder a única coisa que sempre quis para mim: minha tigresa. Seu marido pode ser um homem melhor do que eu, mas ninguém jamais a amará como eu a amo.

Coloco minhas mãos em volta do pescoço de Kruger, apertando sua traqueia até que seu rosto fique azul. — Tenha um bom tempo no inferno, capitão. Quando eu me juntar a você lá, vou matá-lo de novo.

Kruger ofega, lutando para respirar. Eu o aperto com mais força. Seus olhos estão arregalados, olhando para mim de seu rosto atônito, enquanto sons de asfixia saem de seus lábios. Eu saboreio seus sons como se fossem a mais bela melodia e continuo apertando, mesmo depois que seu corpo fica imóvel.

Quando saio da casa de Kruger, entro em meu carro e vou para o aeroporto. Finalmente, voltarei para minha tigresa. Eu não podia me arriscar a fazer isso antes de cuidar de Kruger, mas agora, nada vai me afastar. Ela pode não ser mais minha, mas eu ainda sou dela. E vou cuidar dela e me certificar de que esteja segura até meu último suspiro.

Capítulo 29

Dois meses depois

Kai

O sedã preto reluzente que descia a rua à minha frente começa a diminuir a velocidade, parando no sinal vermelho. Acelero mais devagar, mantendo uma distância segura, e deixo outro veículo deslizar à minha frente quando chego ao cruzamento.

Ela ficou fora até tarde esta noite.

Coloquei um rastreador GPS no carro de Nera, só por precaução, mas não estou dependendo de um maldito dispositivo no que diz respeito à segurança dela. Nos últimos dois meses, tenho vigiado minha tigresa, acompanhando cada movimento dela sempre que sai de casa.

Estou voltando a ser um perseguidor? Sim, mas isso significa que posso continuar mantendo-a segura.

Ela não sai da mansão com muita frequência, geralmente apenas uma ou duas vezes por semana. E sempre volta para casa antes da hora do jantar. Já é quase meia-noite, então deve ter acontecido algo inesperado. Será que tem algo a ver com a morte de seu marido?

Eu a observei no funeral de ontem, escondida atrás dos arbustos na parte elevada do terreno do cemitério. A posição me proporcionou uma visão imperturbável de todos os que compareceram. Aquela maldita reunião quase me fez perder a

cabeça. Mais de cem pessoas se amontoavam, e cada uma delas era uma ameaça em potencial para minha tigresa.

Por mais de uma hora, a mira de minha MK 13 se movia de uma pessoa para outra enquanto eu avaliava sua linguagem corporal e procurava por qualquer movimento brusco na direção de Nera. Um monte de pessoas de luto, a maioria armada, como era evidente pelas protuberâncias sob os paletós dos homens. Somente depois que minha tigresa finalmente entrou no carro com a irmã e saiu do cemitério é que pude respirar normalmente de novo.

Eu nem sequer vi seu rosto de relance enquanto ela estava lá. Ela o escondeu atrás de um véu preto. Ela estava chorando por ter perdido o marido? Provavelmente sim. Nera sempre se preocupou profundamente com as pessoas ao seu redor. Ela deve estar sofrendo agora. Essa constatação me faz querer desenterrar o cadáver do idiota e matá-lo eu mesmo. Não para causar mais dor a ela, mas porque ele tinha o que eu queria.

Eu nunca os vi juntos, o que é uma bênção, de certa forma. Se eu tivesse visto, não sei se teria resistido a mandar uma bala na cabeça do homem. Estou feliz que o idiota esteja morto, e esse fato me deixa doente. Nera se casou com ele, então ela deve tê-lo amado. De qualquer forma, não posso fingir que não estou feliz por ele estar morto.

O semáforo muda para verde, e o veículo de Nera vira à esquerda, indo para o norte. Eu a sigo por meia hora, mantendo uma distância de três carros entre nós, até que o sedã dela para em frente à alta cerca de ferro. Sua nova casa. Estaciono no final da rua e espero que o segurança abra o portão. Um momento depois, o carro de minha tigresa desaparece de vista.

Inclinando-me para trás em meu assento, observo a barreira de ferro voltar à posição inicial. Ela é bem lubrificada e não faz barulho ao se fechar, mas ainda ouço o barulho do metal em minha cabeça. Como acontece toda vez que ela desaparece atrás daquele grosso portão de ferro, sinto como se fosse um golpe de

faca em meu peito.

Todas as noites, desde minha chegada, imaginei arrombar aquele maldito portão com meu carro para forçar minha entrada e reivindicar o que é meu. Uma ilusão tola de um homem desesperado. Esta noite, não tenho energia nem para sonhar. No entanto, não consigo me obrigar a dar a volta no carro e ir embora. Isso é o mais perto que posso chegar dela agora, e quero ficar um pouco mais.

'Um pouco mais' acaba sendo mais de uma hora. Quando entro no apartamento que aluguei, que fica a apenas alguns quarteirões de distância, é uma e meia da manhã. Jogo minha jaqueta no encosto da cadeira da cozinha e vou até à geladeira, pegando algumas sobras para esquentar. Enquanto a tigela de macarrão com queijo gira no micro-ondas, pego meu celular e navego até um site conhecido escondido na dark web, inserindo minhas credenciais de login. As pessoas normais navegam nas mídias sociais e nos aplicativos de notícias quando precisam de uma distração; eu verifico as listas de trabalhos para golpes. Não que eu tenha tempo para assumir um trabalho no momento, considerando que meu único objetivo desde que voltei aos Estados Unidos é cuidar de Nera, mas velhos hábitos são difíceis de serem mantidos, então ainda faço isso de vez em quando. Talvez eu seja apenas sentimental.

Examino a listagem, verificando os locais e os detalhes, quando uma entrada em particular atrai minha atenção. O alvo está em Boston, e o contrato foi reivindicado hoje cedo pelos sicilianos - uma equipe de assassinos implacáveis que atacam com força e rapidez, eliminando seu alvo em menos de vinte e quatro horas. Clico no registro e a imagem em preto e branco de uma mulher começa a ser carregada.

Meu coração parou.

É a Nera.

A terra cai debaixo de meus pés.

Um filho da puta desconhecido encomendou a morte da minha tigresa.

Não paro um segundo sequer para ir ao meu quarto buscar mais armas, simplesmente saio do apartamento. O pânico inunda meu estômago enquanto corro como um maníaco pelas poucas ruas que separam meu prédio do bairro onde fica a casa de Nera. Se fosse qualquer outra pessoa que não os sicilianos, eu teria mais tempo para lidar com essa ameaça. Mas o maldito Rafael De Santi se orgulha do tempo de resposta para qualquer contrato que sua organização assuma. Eles estão indo para a matança. Hoje à noite.

Bem, não enquanto eu estiver vivo!

Minhas mãos tremem quando freio em frente ao formidável portão de ferro que barra a entrada da propriedade e saio voando do carro. A entrada ainda está fechada, graças a Deus, e eu respiro fundo pela primeira vez desde que vi aquela ordem de morte. Isso até eu perceber os fios cortados saindo da caixa de alimentação de energia fixada na lateral do portão. Os seguranças não estão à vista.

O terror me toma de novo quando agarro a haste de metal do portão de enrolar e o empurro para abrir. O obstáculo se move facilmente para a direita. Sem dúvida, as travas e o alarme que fazem parte dos circuitos do portão foram neutralizados. Os malditos bastardos já estão lá dentro. Passo pela abertura e corro pelo lado sul da cerca, direto para a mansão.

As janelas ao longo da ala leste do andar térreo estão iluminadas. As cortinas estão abertas e posso ver a forma feminina sentada atrás de uma grande escrivaninha em uma sala espaçosa. Deve ser o escritório doméstico de Nera. O ar sai de meus pulmões em uma grande lufada enquanto o alívio toma conta de mim. Ela está viva. Permito-me apenas um segundo para absorver a visão de minha tigresa e depois retomo minha missão.

Os Sicilianos sempre trabalham em equipes de quatro: dois homens nas rotas de saída supervisionam a vigilância e dirigem o movimento dentro do perímetro, um fornece fogo de cobertura ou apoio, conforme necessário, e o líder vai atrás

do alvo. Seu modo de agir típico para execuções é o estrangulamento enquanto o alvo está dormindo, portanto, o assassino designado já pode estar escondido no quarto de Nera, aguardando até que ela se deite.

Conhecer seus movimentos me dá uma vantagem, mas somente se o assassino designado não souber que estou aqui. Se ele ou seus amigos me virem, mudarão de tática. De jeito nenhum vou jogar com a vida de Nera. Se o filho da puta já estiver em posição, Nera estará segura enquanto permanecer no escritório. Isso significa que posso deixar o assassino principal para ser tratado por último, depois de me livrar dos outros três.

Avisto um dos vigias perto de um carvalho grosso, que fica de guarda perto da entrada principal. Usando as sombras como cobertura, eu me arrasto ao longo da parede da mansão até ficar bem atrás dele, conseguindo derrubá-lo rapidamente e colocando meu braço em volta de seu pescoço. Um momento depois, um pequeno estalo ecoa sobre a luta silenciosa, confirmando que fraturei sua vértebra cervical. Abaixo o corpo no chão e me dirijo para a parte de trás da casa, mais uma vez escondido na escuridão, como o demônio que a tigresa disse que eu era.

Outro siciliano está agachado perto de algum tipo de recurso de jardim, próximo à porta dos fundos da casa, com a cabeça inclinada para cima. Sigo sua linha de visão e vejo o terceiro membro da equipe escalando o cano de esgoto em direção à linha do telhado. No momento em que o escalador desaparece pela borda, ataco o homem no chão. Nós dois acabamos em uma fonte de água escorrida devido à força da minha investida. Bato com a palma da mão em sua boca e enterro minha faca em suas entranhas, até ao cabo. O homem continua se debatendo, com a mão tentando alcançar minha garganta. Enfio a lâmina mais fundo em sua carne e giro o cabo da minha Ka-Bar quando a dor explode em meu lado esquerdo.

— Morra, seu roedor maldito, — vocifero enquanto saco a faca e a enfio na

parte de baixo do queixo do cara, atingindo seu crânio. Não me preocupo em verificar o ferimento na lateral do meu tronco onde o desgraçado me cortou, apenas corro atrás do homem que conseguiu chegar ao telhado.

A pele das palmas das minhas mãos arde quando agarro a calha de metal gelado que fica no canto L da mansão. Levo menos de um minuto para chegar ao topo, mas parecem horas de tempo precioso. Tempo que não tenho para desperdiçar. Uma pulsação dolorosa logo acima do meu quadril me diz que o maldito siciliano me acertou em cheio, mas o ferimento não tem significado para mim. Rastejarei se for preciso. Ninguém vai machucar minha tigresa hoje. Nem nunca. Enquanto eu viver. Agarrando a beira, eu me arrasto por cima do topo e para o telhado.

A lua está escondida atrás das nuvens, mas alguns raios perdidos penetram, iluminando a figura vestida de preto agachada na extremidade mais distante, com a atenção voltada para o gramado abaixo. Enquanto eu estava apenas agradecendo às minhas estrelas da sorte pelo telhado plano, agora estou amaldiçoando a maldita coisa. Não há nenhum obstáculo no caminho para que eu possa me aproximar sorrateiramente do filho da puta. Sem muita escolha, pego minha arma e coloco o supressor. Quando o homem levanta a mão para o fone de ouvido, provavelmente para entrar em contato com o restante da equipe, miro na parte de trás da cabeça dele e disparo a bala. O homem se sacode para a frente e se esparrama de bruços na superfície do telhado, pendendo parcialmente para a borda.

Sinto o sangue escorrer pela minha camisa quando me aproximo do corpo para verificar se há pulso. A dor lancinante em meu lado piora quando pulo para a varanda abaixo. A varanda não muito ampla fica logo acima do escritório onde vi Nera mais cedo. A luz que vem da sala do andar térreo se apaga no momento em que dou uma olhada por cima da grade. Meu tempo acabou, mas ainda não me livrei do último assassino. Droga. Com uma arma na mão, abro a porta da varanda e entro no cômodo.

Demoro um pouco para me orientar, pois nunca entrei na casa de Nera. No entanto, eu explorei o terreno e olhei as plantas do prédio na noite em que voltei para Boston, então tenho uma ideia geral do layout. Seus quartos ficam nesse andar superior, mas estão voltados para o outro lado da propriedade. Sem tempo a perder, corro pelo cômodo cheio de pedaços de tecido e outras coisas e saio para o corredor. Há apenas uma outra porta, bem na minha frente.

— Sim, terminei por hoje, Timoteo. — O som das palavras de Nera me chega do corredor do andar de baixo, ecoando na quietude. — Os capos estarão aqui amanhã às dez horas. Por favor, certifique-se de que a sala de conferências esteja pronta.

Uma pontada de dor me atravessa, mas, desta vez, não tem nada a ver com o ferimento em meu lado. Faz mais de três anos que não ouço sua voz. Ou cheguei tão perto dela. Não mais do que algumas dezenas de metros nos separam, mas ainda parece que cada centímetro dessa distância é um quilômetro e meio. Fecho os olhos por um breve momento, apenas uma batida de coração para gravar o som melódico em minha memória, depois preparo minha arma e abro a porta de seu quarto particular.

A suíte está escura, mas depois de todo o tempo que passei confinado nas fossas do galpão sujo de Mendoza, meus olhos estão bem acostumados a enxergar com pouca luz, então levo menos de dez segundos para confirmar que minha presa não está na sala. Nem preciso fazer uma verificação completa da vizinhança. Em meu ramo de atividade, o caçador tende a desenvolver um instinto de sentir os arredores. Desde o momento em que entrei na sala, eu sabia que estava sozinho ali. Mas não por muito tempo.

A porta de vidro que dá acesso à varanda está ligeiramente entreaberta. Esse é o ponto de entrada que eu usaria. Como eliminei o homem no telhado, meu palpite é que o possível assassino tentará subir pelo nível inferior. Atravesso o piso acarpetado e me sento na poltrona reclinável posicionada perto da estante de

livros. Ela tem vista direta para o deck externo por meio das cortinas abertas.

Por um minuto, o silêncio assustador me envolve. Então, os sons abafados de saltos no piso de madeira ecoam pelo corredor que atravessei momentos antes, ficando mais próximos. O couro range quando aperto o braço da poltrona com a mão livre, enquanto uma tempestade se enfurece dentro de mim. Enfrentar minha tigresa mais uma vez nunca foi o plano. Testemunhar o ódio e a condenação nos olhos de Nera quando ela me encontrar aqui será uma tortura pior do que qualquer coisa que eu já tenha experimentado. Não me importo. Não há nada que eu não suportaria por ela. Sobrevivi a deixá-la ir. Também sobreviverei a isso. Pelo menos por tempo suficiente para ter certeza de que ela está ilesa e segura.

A porta da suíte se abre e Nera entra. Por um momento, esqueço como respirar, muito abalado pela visão dela. Sua proximidade. Minha estrela cintilante, que brilha mesmo na escuridão mais sombria. Eu a observo enquanto ela caminha até ao centro do quarto e olha ao redor como se estivesse tentando espiar os cantos sombrios. Como se ela já tivesse feito isso muitas vezes... antes.

— Faz muito tempo que não nos vemos, tigresa, — eu disse.

Nera fica totalmente imóvel.

Respiro fundo e acendo a lâmpada ao meu lado. Meu Deus, ela é ainda mais bonita do que eu me lembrava.

— Pensei que estivesse morto, — ela engasga, com uma mistura de choque e mágoa estampada no rosto.

Eu estava. Ainda estou. Morto. Estive morto a maior parte de minha vida. A única vez que me senti vivo foi durante o curto período que passei com ela. Todos os dias, antes e depois, são um maldito deserto.

— Sentiu minha falta? — Pergunto e me arrependo no instante em que as palavras saem da minha boca. Mesmo com pouca luz, posso ver seus músculos

tensos. Só estou tornando isso mais difícil para nós dois, mas parece que não consigo me controlar.

— É difícil sentir falta de um homem cujo nome eu nem sei. — A voz de Nera é quase inaudível, mas detecto o leve tremor nela. A mágoa em sua expressão está clara agora. Mas noto outra coisa. Um brilho nos cantos de seus olhos. Devo ser o filho da puta mais egoísta do mundo, pois ver suas lágrimas acende o fogo em meu peito e sinto uma pequena centelha de vida retornar à minha existência morta. Talvez ela tenha sentido minha falta. Um pouquinho.

Lutando contra a atração gravitacional de uma estrela, meus olhos se afastam do rosto de Nera e se concentram no movimento atrás dela. Uma mão, vestida com uma luva de couro preta, agarra a grade da varanda ao lado de um gancho preso na borda. O último dos assassinos finalmente decidiu aparecer.

— Também senti sua falta, tigresa, — sussurro. Levantando a arma, aponto para o homem que agora está na varanda. — Não se mova.

PARTE 2

Presente

Capítulo 30

Dias Atuais

The Leone Villa, Boston

Nera

O som de vidro quebrando e de algo grande caindo no chão explode atrás de mim. Meu coração está batendo tão rápido que parece que vai sair do peito, mas permaneço perfeitamente imóvel. Ele me disse para não me mexer e, quando se trata de minha segurança... Eu confio nele completamente.

— Esse é o último, — diz meu demônio e abaixa lentamente a arma. — Chame a segurança e diga-lhes para varrerem a propriedade e recolherem os corpos. Há um na fonte no jardim dos fundos. Um no carvalho perto da porta da frente. E outro no telhado.

— Os alarmes? — Eu pergunto.

— Comprometidos. Você precisará instalar novos.

Dou uma olhada por cima do ombro. O corpo de um homem vestido com roupas pretas e usando uma balaclava no rosto está deitado na varanda. — Mercenários?

— Sim. A equipe dos Sicilianos. — Ele coloca a arma ao lado da lâmpada de leitura na mesa lateral, gemendo no processo. — Parabéns. Sua cabeça vale dois milhões hoje em dia.

O medo se acende em algum lugar dentro de mim. Algo está errado. Corro para

o outro lado da sala e pego o abajur, virando-o na direção dele. A frente e a lateral de sua camisa estão saturadas de sangue, e parte dele está se infiltrando no estofamento da cadeira.

— Merda. — Eu me ajoelho entre suas pernas e começo a desabotoar sua camisa. — Bala?

— Uma faca. — Ele acaricia minha bochecha, inclinando minha cabeça para cima. — É bom vê-la novamente, minha tigresa.

Pressiono meus lábios para esconder o tremor, olho em seus olhos e, de repente, nem parece que já se passaram quase quatro anos desde a última vez que nos vimos. Os mesmos olhos. Ainda tão assombrados. Mas há novos segredos em suas profundezas.

Ele está vivo.

Isso é real? Estou apavorada com o fato de que tudo isso pode ser um sonho muito cruel.

Quebrando seu olhar magnético, desvio o olhar para observar as mudanças. Pequenas diferenças que ele não consegue mais esconder agora que posso vê-lo na luz. Como um dos fios que escapou de sua trança e caiu sobre seu rosto um tanto magro. Ele perdeu muito peso e seu cabelo parece estar mais curto, com as pontas chegando até à metade do esterno.

— Onde você estava todo esse tempo? — pergunto e continuo a desabotoar sua camisa.

— Não é importante.

Sacudo a cabeça e afasto as laterais da camisa de botão, revelando seu peito e estômago. Um suspiro de choque sai de meus lábios. Há um corte de quase dez centímetros acima de seu quadril, passando verticalmente sobre suas costelas. O mesmo lugar do ferimento a bala de quase cinco anos atrás.

— Precisamos colocá-lo na cama. — Tiro meu blazer e o pressiono sobre o

corte. — Consegue andar?

— Sim.

— Está bem. — Endireitando-me, tiro a arma da mesa, aciono a trava de segurança e a coloco em meu cós, atrás das costas.

Ele levanta uma sobrancelha. — Confiscando minha arma, tigresa?

— Não posso ter armas espalhadas pela minha sala de estar, — digo e estendo a mão para ele, — Venha.

Seus olhos prendem os meus enquanto ele coloca seus dedos calejados em volta do meu pulso, com o polegar pressionando o ponto de pulsação. Desde que o conheci, o olhar em seus olhos tem sido um tanto surreal, como se um demônio estivesse à espreita por trás daqueles cinzas gelados. Seus olhos são a última visão que seus alvos têm antes de deixar este mundo? Eles podem sentir medo, mas, em seu lugar, eu gostaria de ter essa visão.

— Você está perdendo muito sangue, — sussurro.

Seus olhos se fecham nos cantos. Ele leva minha mão à boca e toca seus lábios nas pontas dos meus dedos. É o mais leve dos beijos, mas parece que um ferro quente está marcando minha pele.

E eu quase desmorono.

— Sangue perdido por você é sangue bem gasto, — diz ele contra minha palma trêmula.

Um aperto semelhante ao de uma viseira aperta meu peito. Esse homem. Como ele se atreve? Depois do que tivemos. Depois de perdê-lo. E agora... Agora ele diz *isso* para mim? Palavras que fazem meu coração disparar, reacendendo aquele desejo desesperado por todas as coisas com as quais sonhei por tanto tempo. Ser dele. Tê-lo como meu. Para quebrar esse abismo entre nós, romper a barreira invisível que nos separa. Ele levou um tiro por mim, mas nunca me deixou ficar atrás de seus muros protegidos.

Tiro minha mão de sua mão. — Vamos embora.

Ele se levanta lentamente da poltrona reclinável, elevando-se sobre mim. Esqueci como ele é alto.

— Por aqui. — Envolvo seu braço na cintura e aceno com a cabeça para a porta que separa meu quarto da sala de estar e da cozinha do meu apartamento na vila.

Com a palma da mão pressionando sua mão enquanto ele pressiona minha jaqueta ao seu lado, eu o ajudo a atravessar o espaço central. Estamos na soleira do meu quarto quando seu corpo se inclina para a frente e mal consigo mantê-lo estável.

— Sua sorte com a ralé que usa facas em minha região não mudou, eu acho.

— Eles ainda me acham muito bonito, — diz ele.

Chegamos à cama em alguns passos lentos, bem a tempo porque, no momento seguinte, ele cai no colchão, inconsciente. Levanto suas pernas sobre as cobertas, uma a uma, e depois corro para a suíte da minha irmã, que fica do outro lado do corredor, ocupando o outro lado do andar superior.

— Zara! — Eu sussurro e grito enquanto sacudo seu ombro. — Acorde. Preciso de sua ajuda.

— O quê? — Ela pisca lentamente e, em seguida, semicerra os olhos para mim.

— Vamos lá. — Eu a sacudo novamente antes de dar a volta na cama para ver minha filha, dormindo do outro lado.

Quando não estou por perto na hora de dormir, Lucia não vai dormir a menos que minha irmã se acomode ao lado dela. Como as duas não cabem na pequena cama de bebê, minha filha acaba dormindo do outro lado do corredor, no quarto de Zara. Ajusto o edredom em volta de seu corpo minúsculo, depois pego a mão da minha irmã e a arrasto para a cozinha da minha suíte.

— Preciso do kit de primeiros socorros e de toalhas limpas, — digo enquanto tiro uma panela do armário e a coloco na pia para encher de água morna. — E

me traga o sabonete do banheiro. Agora, Zara.

Ela pisca para mim, depois se vira e sai correndo pela porta. Assim que a panela está cheia pela metade, pego uma toalha de cozinha limpa na gaveta e levo as duas para o meu quarto.

Remover a camisa do meu demônio será impossível, então eu a deixo e me concentro em lavar o sangue do abdômen e da lateral dele. A água fica vermelha rapidamente enquanto enxáguo o pano.

Uma respiração aguda soa atrás de mim. Eu me viro e vejo Zara olhando da porta, com um monte de toalhas nas mãos.

— É ele, — eu digo. Duas palavras, mas são suficientes.

Seus olhos se arregalam, varrendo o enorme corpo coberto de sangue deitado em minha cama, e então ela se aproxima. Ajoelhada no chão ao meu lado, ela pega uma das toalhas e a pressiona sobre o ferimento da faca.

Levamos dez minutos e três potes de água para limpar o sangue o suficiente para que eu possa me concentrar no corte em si. Com base no comprimento dele, serão necessários cerca de quinze pontos.

— Eu cuido disso a partir daqui, — eu digo e uso uma bola de algodão embebida com solução antisséptica para limpar a pele ao redor do ferimento. — Você pode voltar. Ela pode ficar com você pelo resto da noite?

Zara acena com a cabeça e se levanta, saindo do quarto. A porta se fecha atrás dela com um clique abafado um momento depois.

Quando termino de desinfetar a carne irritada, pego uma seringa e um frasco de anestésico do meu kit, pronto para enchê-lo de analgésicos, mas dedos fortes agarram meu pulso.

— Não.

Pressiono meus lábios em uma linha fina e olho para o meu demônio. — Não vou mais costurar você sem anestesia.

Ele estreita os olhos para mim, seu olhar me perscruta. O olhar é cauteloso, como se ele estivesse tentando encontrar indícios de engano. Inclino-me para a frente, diretamente em seu rosto.

— E você vai tomar uma injeção de antibiótico logo em seguida, — eu vocifero.

— Quer saber o que eu fiz com a última pessoa que veio até mim com uma seringa? — Sua voz é baixa, com um timbre perigoso. — Eu tirei a vida daquele idiota.

— Ainda bem que tenho um tranquilizante para cavalos em meu kit. — Solto minha mão e enfio o hipodérmico em seu lado, próximo ao corte.

Quando afasto a seringa e pego a agulha e a linha, ele apenas me observa em silêncio. Estou lutando para me concentrar no que tenho que fazer, sobrecarregada por poder tocá-lo novamente depois de todos esses anos. Tantas perguntas passam por minha mente - perguntas que quero gritar em seu rosto e exigir respostas.

Onde você estava? Por que não veio, pelo menos uma vez, nem que fosse só para me dizer que estava vivo? Por que me abandonou?

Eu não faço nenhuma delas. Qual é o objetivo?

Começo a primeira sutura. Mesmo com a anestesia, deve estar doendo, mas ele não emite nenhum som. Esta é provavelmente a quinta vez que o costuro, e ele não reclamou nenhuma vez. Passo por todos os pontos necessários e, se não fosse por uma leve mudança em sua respiração, eu poderia pensar que ele não sentiu nada.

— Vou pegar um pouco de água para você. Quer comer alguma coisa? — pergunto enquanto coloco um curativo grosso sobre a ferida.

— Não.

— Está bem. Eu já volto.

Quando saio do meu quarto, vou até ao balcão da cozinha para pegar meu celular

na bolsa.

— Sra. Leone? — Ernesto, meu chefe de segurança, responde no segundo toque. — Há algo errado?

— Há corpos dos quais você precisa se livrar. No telhado. Na entrada. E na porta dos fundos. — Abro a geladeira e pego a garrafa de água. — E há outro na minha varanda...

O barulho de vidro sob os pés pesados ecoa da sala de estar atrás de mim. Eu me viro bem a tempo de ver meu demônio jogar o corpo do assassino morto por cima da grade, para o gramado coberto de gelo.

— Está embaixo da minha varanda, Ernesto, — eu me corrijo.

— Corpos?

— Sim. Livre-se deles. E ligue para a empresa de alarme, traga-os aqui logo pela manhã. — Jogo o telefone no balcão e pego um copo no armário. — Vou ver se consigo encontrar algumas roupas para você.

Coloco água no copo, evitando olhar para ele. O piso de madeira range sob seus sapatos quando ele contorna a ilha que separa a sala de estar da cozinha e se posiciona atrás de mim.

Agarro a borda do balcão e fecho os olhos. Ainda estou me recuperando do fato de ele estar aqui. Sua ausência deixou um buraco aberto em meu peito, nada no mundo poderia preenchê-lo.

— Pensei que tivesse se esquecido de mim, — sussurro.

O hálito quente acariciou minha nuca, causando um arrepio na espinha.

— Mesmo quando eu estava à beira da loucura, mal vivo e incapaz de entender onde ou quem eu era, eu me lembrava de você. — Sua voz é rouca perto do meu ouvido. — Onde está minha arma? Há coisas que preciso resolver.

A dor familiar perfura meu peito. Ele está indo embora... De novo.

— Na prateleira de cima, perto da porta da frente.

Seu toque desaparece. Mantenho meus olhos focados no copo de água enquanto ouço seus passos se retirando. Alguns momentos depois, ouço a porta da frente se abrir e se fechar com um clique de partir o coração.

Ele se foi.

Capítulo 31

Nera

Os olhos de seis homens me seguem quando entro na sala de jantar formal, que há muito tempo foi transformada em um espaço para reuniões na Leone Villa, e me sento à cabeceira da longa mesa preta. Esse era o lugar de Batista até um ano atrás, quando sua saúde não lhe permitiu mais estar aqui. Meu círculo íntimo sempre soube que eu tomava as decisões pela Família, mesmo com meu marido presidindo reuniões como essa, mas quando ele ficou doente demais para comparecer, abandonamos completamente a farsa.

Recosto-me na luxuosa cadeira de couro preto e passo os olhos pelos rostos dos homens presentes. Salvo está sentado à minha direita, com o rosto rígido. Ele provavelmente está se culpando pela situação da noite passada, e tenho certeza de que Massimo também o responsabilizará assim que a notícia da tentativa de assassinato chegar ao meu meio-irmão. Terei de me certificar de que isso não aconteça, ou Massimo poderá matar Salvo no momento em que sua sentença for cumprida. Como subchefe, Salvo já está sobrecarregado com tanto trabalho, e não posso esperar que ele também supervisione pessoalmente minha segurança.

Os homens permanecem em silêncio enquanto meu olhar se move de um para o outro, parando em cada rosto por alguns instantes. Quem é o desgraçado que ordenou o golpe? Eu sabia que algo assim poderia acontecer assim que Batista morreu e eu anunciei que não deixaria o cargo. Ninguém esperava por isso. Uma mulher, oficialmente, liderando uma família da Cosa Nostra? Isso era algo inédito. Mas eu não esperava que alguém fosse tão ousado a ponto de tentar me matar em minha própria casa.

— Então, você acha que foi o Ajello? — pergunto, mesmo tendo certeza de que não foi o Don de Nova Iorque. O culpado está sentado aqui mesmo, nesta sala. Eu só não sei quem é, ainda.

Seis pares de olhos me fitam, mas ninguém diz uma palavra. Tenho certeza de que Ernesto já os informou sobre os acontecimentos de ontem à noite, inclusive sobre o número de corpos que ele teve de recolher em toda a casa. O homem, ou os homens, que ordenaram meu assassinato devem estar batendo a cabeça na parede, imaginando se alguém contou tudo e me avisou. Eles devem estar perplexos com o fato de que toda a equipe de assassinos foi neutralizada e sem saber quem poderia ter feito isso.

Talvez eles pensem que eu mesma fiz isso. Se eu não estivesse tão furiosa, riria. A imagem do meu demônio sentado naquela poltrona reclinável, coberto de sangue, depois de ter eliminado os assassinos, surge em minha mente e, bem na hora, uma dor me atinge em cheio no peito.

Não acredito que ele voltou.

Não acredito que ele foi embora.

Novamente.

Afasto o pensamento e, inclinando-me para a frente, cruzo as mãos sobre a mesa.

— Ou talvez tenham sido os albaneses, — acrescento em um tom calmo. Por enquanto, vou deixar que todos acreditem que eu acho que foi um trabalho externo.

— Dushku, — concorda Brio. — Somos parceiros dos albaneses há décadas, e você cortou relações com eles sem uma explicação adequada. Posso entender como eles veriam essa atitude como uma traição. Uma atitude que, devo acrescentar, você tomou por conta própria, sem consultar o restante de nós.

— Popov nos ofereceu taxas melhores. — Eu o encaro com o olhar. — Ou está sugerindo que eu deveria ter rejeitado a oferta dele e continuado a trabalhar com

a Dushku, mesmo que isso significasse perdas financeiras desnecessárias para a Família?

Brio cerra a mandíbula. — Claro que não.

— Então não vejo nenhum problema. Agradeço sua preocupação, mas preciso que se concentre totalmente nos cassinos. Deixe qualquer objeção sobre nosso fornecedor de armas para eu e Salvo resolvermos. — Volto-me para o subchefe. — Temos alguém infiltrado no grupo albanês?

— Dois soldados, — ele confirma. — Mas eles não são suficientemente altos na cadeia alimentar para ter acesso a esse tipo de informação. Se fosse Dushku, ele teria mantido a informação em uma base de necessidade de conhecimento. — diz Salvo. — Mas vou mandar alguém para Nova Iorque novamente. Na hipótese de ter sido Ajello, precisamos ter certeza absoluta.

Balancei a cabeça. — Não. Ajello tem mantido sua palavra e não se mete em nossos assuntos. Vamos continuar assim e nos concentrar nos albaneses por enquanto. A menos que alguém aqui tenha outra ideia?

Há alguns murmúrios silenciosos, mas ninguém oferece outras sugestões. Como esperado.

Por mais de três anos, tenho seguido as orientações de Massimo e minimizado os possíveis conflitos entre nossa família e nossos parceiros, bem como com nossos concorrentes. Posso lidar com o aspecto comercial da Família, mas não serei capaz de administrar uma guerra da máfia com outra organização criminosa. A Cosa Nostra é estritamente patriarcal. É difícil fazer com que os capos sigam as diretrizes de uma mulher, mas, desde que essas ordens tragam muito dinheiro, é possível. Mas se a guerra estourar, os capos nunca permitirão que eu tome as decisões necessárias. Sei que Massimo lidará com qualquer conflito em potencial assim que sair, e com base no que ele deu a entender, será uma tempestade de merda. Só preciso enfrentar os próximos seis meses até lá.

— Bem, agora que isso está resolvido, vamos revisar a agenda de negócios de

hoje. — Eu me viro para Brio. — Preciso dos detalhes da receita do cassino da semana passada.

Ele começa a revelar os números, começando com o nosso maior cassino, e eu disfarço minhas feições para mostrar apenas calma, enquanto o pânico se instala em minhas entranhas. Passei a noite inteira sentada ao lado de Lucia, observando minha irmã e minha filha enquanto dormiam e me perguntando como vou manter minha família segura.

Ernesto trocou a janela da minha sala de estar no andar de cima logo pela manhã e já entrou em contato com a empresa de alarme. O sistema será atualizado ainda hoje. Três dos seis homens que estavam de guarda ontem à noite foram mortos, então eu o instruí a designar pelo menos oito para cada turno de segurança a partir de agora. Isso será suficiente?

A ideia de fugir mais uma vez se forma em minha cabeça. Será que me atrevo a arriscar? Comigo fora de cena, quem quer que me queira morta pode simplesmente assumir o controle, deixando-me em paz. Ou será que enviarão assassinos atrás de mim novamente? Meu Deus, o que vou fazer?

Brio terminou de falar sobre as receitas dos cassinos e Tiziano assumiu o comando, dando informações sobre os negócios em nossos clubes de striptease. A ansiedade que me atormenta não diminui. Respiro fundo e fecho as mãos em punhos, tentando relaxar. Minha garganta parece que está sendo estrangulada, como se alguém estivesse tentando me sufocar. Anos fingindo ser alguém que não sou, fazendo inúmeras coisas horríveis apenas para que esses homens me tratassem como igual, estão me esmagando até ao âmago. Estou cansada de infligir medo aos outros apenas para impedi-los de perceber o quanto estou aterrorizada - o tempo todo - na verdade. Eles são predadores - no momento em que sentirem o cheiro do medo, estarei morta. Quanto mais tempo posso continuar assim antes de ceder? Enquanto observo os rostos sombrios dos homens sentados ao redor da mesa, um grito silencioso se acumula em meu

peito, arranhando minhas entranhas, lutando para sair. Não posso mais fazer isso!

As portas duplas de mogno do outro lado da sala de conferências se abrem e um homem entra.

Meu coração para de bater incessantemente em meu peito.

Por um breve momento, uma quietude se instala enquanto todos os presentes olham para o recém-chegado, mas então todos saltam de seus assentos, pegando suas armas.

— Sentem-se, — eu ordeno. — E guardem as armas.

Surpreende-me como minha voz soa forte e controlada, considerando a agitação que explodiu em minha mente no momento em que meus olhos pousaram no meu demônio parado na soleira da porta. Ele está vestido em um terno preto perfeitamente ajustado e, embora o restante dos homens aqui esteja em trajes semelhantes, ele, de certa forma, parece mais refinado. Seus olhos prateados se encontram com os meus e, em seguida, se deslocam sobre os homens que retornam às suas cadeiras, avaliando-os de alguma forma.

— Quem diabos é esse? — Ernesto late de seu lugar no final da mesa, que por acaso é o mais próximo da porta. — E como ele passou pelo portão sem que eu fosse informado?

O olhar do meu demônio volta para o meu enquanto ele dá um passo à frente, parando ao lado de Ernesto.

— Seu chefe de segurança?

— Sim, — respondo.

— Minhas condolências, tigresa.

O golpe de sua mão não passa de um borrão. Um grande arco vermelho de sangue salpica a mesa e os rostos dos homens sentados ao redor dela, e algumas gotas acabam em minhas mãos. Ninguém se mexe, todos estão chocados demais

com a visão do corpo de Ernesto caído na cadeira, com a garganta aberta, enquanto um rio de sangue desce pelo peito.

O que acontece com os chefões da Cosa Nostra é que eles não costumam testemunhar o massacre de pessoas diante de seus olhos. A menos que haja uma situação que exija retaliação pessoal, normalmente, são os soldados que fazem todo o trabalho sujo.

Salvo é o primeiro a recobrar os sentidos e pega a arma dentro do paletó novamente. Agarro o pulso do subchefe e sacudo a cabeça.

— Acho que devo me apresentar, — diz meu demônio enquanto agarra o cadáver de Ernesto pela gola do paletó. Ele joga o corpo para a direita, onde ele bate na parede com um baque alto e cai no chão. Seus olhos não se desviam dos meus nem por um segundo, enquanto ele se senta casualmente na cadeira agora vazia e cruza os braços sobre o peito. — Eu sou Kai Mazur. O novo chefe de segurança da Sra. Leone.

Os murmúrios furiosos rapidamente se transformam em gritos, ensurdecendo a sala, quando todos os homens falam ao mesmo tempo, exigindo saber por que não foram informados sobre a mudança ou como alguém de fora da Família foi autorizado a assumir o cargo de Ernesto. Eu os ignoro, pois suas vozes não passam de ruído branco, e me concentro no homem sentado à minha frente, na outra extremidade da longa mesa. Ele me encara de volta, com a mandíbula cerrada e os olhos ligeiramente estreitados. Isso me faz lembrar de como ele me olhou todos aqueles anos atrás, na noite em que nos conhecemos.

O estado tumultuado em que me encontro desde o início desta reunião parece um pequeno desconforto em comparação com a tempestade que está se formando dentro de mim agora. Muitas coisas estão me atingindo ao mesmo tempo. Finalmente fiquei sabendo o nome dele. E, aparentemente, ele está planejando ficar.

Quero beijá-lo. E bater nele. E mandá-lo para o inferno - tudo ao mesmo tempo.

Respiro fundo e grito: — Todos, calem a boca!

O silêncio dura apenas alguns segundos, depois a gritaria recomeça.

— Isso é um ultraje! — Brio ruge.

— Como você ousa contratar alguém sem consultar os capos primeiro? — Armando.

— Não vou tolerar um forasteiro! — Esse é Tiziano.

— Ninguém pode se safar de matar um membro da Família sem sofrer as consequências! — Brio novamente.

Minha atenção está voltada apenas para ele, Kai. Observo quando ele coloca a mão dentro do paletó. O ar se agita e meus olhos percebem um borrão de movimento. No instante seguinte, uma faca preta de tamanho considerável está cravada no meio da mesa, bem na frente de Brio, que é o mais barulhento. O silêncio volta a cair e, dessa vez, envolve a sala.

— Posso contratar quem eu quiser, — eu digo. — E não preciso de sua aprovação para escolher minha própria segurança.

Não tenho ideia do que estou fazendo. Não tenho certeza absoluta se meu demônio está falando sério sobre ficar por aqui ou por quanto tempo, mas não posso deixar que ninguém na sala chegue a essa conclusão. Algumas palavras murmuradas são ouvidas, mas ninguém me contradiz.

— E no que diz respeito a Ernesto... — continuo, mas a voz grave de Kai, do outro lado da mesa de reuniões, interrompe.

— Ernesto, — diz ele com aquela voz rouca de que tanto gosto, — é um exemplo do que acontecerá com qualquer pessoa a quem seja confiada a segurança da Sra. Leone, mas que não faça seu trabalho corretamente.

Os olhos dos chefes de equipe se movem entre a faca alojada no centro da mesa de conferência e Kai.

— Nera... — Salvo se inclina em minha direção — ...não acho que isso seja...

— Terminamos por hoje, — eu o interrompo. — Vocês estão livres para ir embora.

As cadeiras raspam no piso de madeira polida quando os homens se levantam e saem um a um. Sei que eles não deixarão isso passar tão facilmente, mas esse problema terá de esperar por outro dia. Salvo é o último a se afastar da mesa e, ao chegar à porta, ele para e me lança um olhar incisivo.

Massimo não vai gostar disso, diz seu olhar.

Ele fecha a porta depois de sair, deixando-me sozinha com o homem que partiu meu coração. Quebrou-o tão completamente que tenho quase certeza de que nunca mais conseguirei juntá-lo novamente.

Kai

— Achei que tinha ido embora.

Cada palavra dos lábios de Nera perfura meu peito como um punhal. Sei que ela está se referindo à noite passada, mas isso ainda me leva de volta àquele momento no telhado, quando ela gritou para a tempestade que se formava.

— Não fui, — respondo.

— Então, você simplesmente decidiu entrar, interromper minha reunião e matar meu chefe de segurança?

— Correto. E farei o mesmo com qualquer pessoa que seja um perigo para você. Seja diretamente ou por causa de sua incompetência.

— Eu não quero você aqui... Kai.

Outro golpe em meu peito, este mais profundo do que o anterior. Odeio meu nome, mas adoro como ela o diz. — Não faz diferença, tigresa. Vou ficar até me convencer de que você está segura.

— Não é seu trabalho me manter em segurança.

— Talvez não. Mesmo assim, vou fazer isso.

— E depois, você vai embora para sempre?

— Sim, — eu minto. Enquanto eu viver, nunca mais a deixarei. — Você mudou. O que aconteceu?

— A vida. — Ela enterra as mãos nos cabelos e olha para a superfície de madeira preta à sua frente. — A vida aconteceu.

— Algum palpite sobre quem poderia ter ordenado seu assassinato?

— Provavelmente um dos capos.

— Vou me desfazer deles hoje à noite.

A cabeça de Nera se ergue, seus olhos encontrarando os meus. — Você não vai se desfazer de mais ninguém sem minha permissão.

— Não permitirei que uma possível ameaça a você respire mais do que o necessário! — Eu grito. — Você pode imaginar meu choque quando me deparei com um contrato para um assassinato com sua foto? Ou quando vi que os Sicilianos já haviam aceitado o trabalho? Eu não conseguia respirar - muito preocupado com a sua segurança - enquanto corria por sua casa, tentando pegá-los antes que um dos bastardos pudesse chegar até você!

— Não levante sua voz para mim. Você salvou minha vida, e sou grata por isso. Mas isso não significa que você pode gritar comigo.

— Você poderia ter morrido, — eu esbravejo. — A ordem de morte contra você está encerrada agora e não haverá outra. Mas isso não significa que quem a enviou não tentará usar outros meios.

Hoje de manhã, liguei para Rafael, o chefe do grupo siciliano, e me certifiquei de que eles abandonassem o trabalho. Depois, fiz outra ligação para um cara que atua como mediador em todos os trabalhos de alto nível. Expliquei, em detalhes excruciantes, o que aconteceria com suas entranhas depois que eu terminasse com ele, a menos que ele retirasse a lista do assassinato de Nera. E estendi a ameaça a qualquer um que considerasse assumir a tarefa de matar minha tigresa. Posso não ser sociável, mas conheço a maioria das pessoas em minha linha de trabalho. E, o que é mais importante, elas me conhecem.

Nera fecha os olhos e engole, agarrando os apoios de mão de sua cadeira. Seu aperto é tão forte que os nós de seus dedos estão brancos, mas ela não parece perceber que eu posso ver através de sua bravata atual. É o primeiro sinal de inquietação que ela demonstra desde que entrei na sala. Mesmo quando cortei a garganta de seu chefe de segurança, ela mal piscou um olho. Quando voltei para Boston, há dois meses, notei imediatamente que ela parecia diferente, mas foi só

hoje que me dei conta da importância dessa mudança.

— Tudo bem, — ela sussurra e me olha fixamente. — Você pode supervisionar minha segurança e será remunerado por seus serviços. Assinaremos um contrato com duração de seis meses.

Meu corpo fica tenso, e cada uma de suas palavras queima minha alma. Ela quer me dar dinheiro em troca de mantê-la segura?

— Não vou assinar a porra de um contrato com você, tigresa, — vociferei. — E por quê seis meses?

— É quando meu meio-irmão é liberado da prisão. A partir daí, ele assumirá o controle dessa merda. — Ela se levanta e atravessa a sala até ficar bem perto de mim. — Vou informar os membros da casa e a equipe sobre a mudança no departamento de segurança. Alguém virá para acompanhá-lo até suas acomodações. Elas ficam no outro prédio.

Com essas palavras, ela passa por cima do cadáver deitado em uma poça de sangue e sai da sala.

Cerro os dentes e fixo meu olhar na faca enterrada no tampo da mesa, tentando sufocar a vontade de ir atrás de minha tigresa. De pegá-la em meus braços e abraçá-la contra o peito, como eu queria fazer na noite passada. Como sonhei em fazer todos os dias durante os três anos em que estive apodrecendo naquele maldito complexo, e durante esses últimos meses, enquanto a vigiava secretamente de novo.

Mas não vou fazer isso. Não deixarei que as mãos que mataram seu pai a toquem nunca mais. Se eu fizer isso, nunca mais poderei deixá-la ir. A friza eu posso suportar. Quebrei a promessa que fiz a ela e aceitarei as consequências disso. Até assinarei esse maldito contrato se isso facilitar as coisas para ela.

Inclinando-me para a frente, coloco meus dedos em volta do cabo da faca e retiro a lâmina.

Mas não vou dormir no outro prédio.

Capítulo 32

Nera

— Sim, você deve seguir as ordens do Sr. Mazur com relação a todos os assuntos relacionados à segurança, — digo ao telefone.

— Mas, Donna Leone... mandamos instalar esse equipamento de vigilância há três meses, — diz o mordomo do outro lado da conexão. — É de primeira linha.

— Ele explicou por que quer que o equipamento seja alterado?

— Tentei pedir, mas aquele bruto colocou uma faca em minha garganta e me avisou para substituir o equipamento pelo que ele pediu, ou ele substituiria minha cabeça. Não achei graça nenhuma.

— Ele não estava brincando, Timóteo. Faça o que ele diz. — Interrompo a ligação e me aproximo de Zara, que está de pé perto da janela, olhando para o quintal, e pergunto: — Ele ainda está fazendo 'entrevistas'?

— Sim.

Kai mandou chamar toda a equipe de segurança, todos os três turnos. Ele os fez se alinhar em uma longa fila ao lado do prédio dos alojamentos da equipe, como prisioneiros enfrentando um pelotão de fuzilamento. No início, pensei que ele poderia estar perguntando a cada homem sobre suas credenciais, habilidades especiais ou algo do gênero, mas ele simplesmente disse para ficarem parados. Vinte e seis homens, e tudo o que eles estão fazendo é ficar de costas para a parede por mais de vinte minutos.

— Que diabos ele está fazendo? — Digo em voz baixa, observando meu demônio enquanto ele espera no meio do gramado - mãos nos bolsos,

observando os seguranças.

— Não tenho certeza se essa foi uma decisão sábia, — sussurra Zara.

— Sim. — Pressiono minha testa contra a moldura da janela. — Mas é a única maneira de nos manter seguras. Além de você, ele é a única pessoa em quem confio totalmente.

— Ele a deixou, Nera. Você estava grávida da filha dele e ele simplesmente desapareceu.

— Ele não sabia.

— Se ligasse para você, mesmo que fosse só uma vez, ele teria sabido.

— Deixe-me reformular. — Soltei um suspiro. — Ele é a única pessoa a quem confio nossas vidas.

— Você vai contar a ele sobre Lucia?

— Não.

— Ele tem o direito de saber.

— Como você disse, se ele tivesse se dado ao trabalho de ligar, ele saberia.

Vou deixá-lo acreditar no que todo mundo acredita - que Lucia é filha de Batista. Com seus cabelos castanhos claros e lábios carnudos, ela parece uma versão minúscula de mim. Exceto por seus olhos.

Zara passa o braço em volta dos meus ombros. — Ele lhe disse por que foi embora sem dizer uma palavra?

— Não.

— E não tem ideia de qual poderia ser o motivo?

Fecho os olhos e mordo minha bochecha, sentindo instantaneamente o gosto metálico do sangue em minha boca.

— Não, — eu minto.

Vários tiros rápidos soam do lado de fora. Eu me arrepio e meus olhos se abrem. Abaixo, no gramado, Kai está guardando sua arma. Meu olhar se volta para a fila de seguranças, vendo três dos homens caídos no chão, com as cabeças não tão intactas como antes. Agarro a maçaneta da janela, empurrando-a para abri-la, exatamente quando Kai se aproxima dos homens.

— Estes três estavam de guarda ontem à noite quando as instalações foram comprometidas. — A voz grave de Kai chega até mim. — De agora em diante, se a porra de um esquilo invadir o perímetro sem ser neutralizado, matarei cada homem que estiver trabalhando naquele turno. Está claro?

A equipe de segurança o encara atônita, depois acena com a cabeça em uníssono.

— Estão dispensados. — Kai se vira e vai em direção à entrada da garagem. Vários carros estão espalhados pela área, e um homem caminha entre eles, inspecionando a parte de baixo de cada veículo com uma ferramenta de aparência estranha. Ele está procurando por um dispositivo explosivo?

Fico observando enquanto Kai pega a ferramenta do homem e continua a inspecionar os carros ele mesmo, dedicando seu tempo a cada veículo. É estranho pensar nele como algo diferente de ‘meu demônio’, mas gosto do nome dele.

Quando termina de inspecionar os últimos carros, ele joga o espelho no suporte de volta para o cara e vai em direção ao portão, onde o novo equipamento de vigilância está sendo instalado.

— Vou ver como está Lucia. — Deixo minha irmã bisbilhotando na janela e atravesso a grande sala de estar.

Por ser a esposa do patrão, esperava-se que eu morasse com meu marido, mas quando cheguei à casa de Batista, deixei bem claro que não tinha intenção de dividir meu espaço com ele. Na época, ele já estava com dificuldades para subir as escadas, portanto, usava principalmente o andar térreo, onde ficavam seu escritório e outras salas de negócios. Eu, portanto, fiquei com o segundo andar,

que consistia em dois conjuntos de suítes - uma para mim e outra para Zara. Ela ficou com a menor, que dá para o quintal, e eu fiquei com o espaçoso apartamento de três quartos que reformei de acordo com meu gosto.

Dirijo-me ao meu quarto, onde Lucia está descansando à tarde. Ela geralmente cochila em seu próprio quarto, mas quando cochilou em minha cama depois do almoço, não quis correr o risco de acordá-la.

Ao passar pela cozinha de conceito aberto à minha esquerda, meus olhos viram um monte de ímãs coloridos pendurados na geladeira. Lucia gosta de brincar com eles - muito -, então alguns estão lascados ou tiveram de ser colados. Faço um desvio e paro em frente ao mosaico de souvenirs. Eles parecem completamente fora de lugar na cozinha branca e contemporânea. Meus dedos passam sobre o ímã com a imagem de uma ponte, com uma longa rachadura diagonal no meio, e um sorriso triste se insinua em meus lábios. É o ímã que *ele* me trouxe. Na noite da malfadada festa, eu queria colocá-lo no lugar central, mas o ímã caiu da minha mão. Relembrando aquele momento, agora parece que foi algum tipo de presságio.

Kai

— Quero que os feeds de vigilância sejam transmitidos para a guarita, para o computador principal no escritório no térreo e para o meu laptop, — digo ao especialista em segurança que está mexendo na caixa de alarme principal na parede. — Certifique-se de que não haja atraso.

— Hum... Acho que isso não é necessário, senhor. Todas as imagens serão transmitidas para a nossa sede e temos uma equipe que as monitorará 24 horas por dia, sete dias por semana.

Dou um passo ameaçador em direção a ele e o fixo com meu olhar.

— É claro. — O homem se afasta dois passos. — Não há problema algum.

Aceno com a cabeça e me dirijo ao meu carro, estacionado na entrada da garagem a uma certa distância dos outros veículos. O estojo com meu fuzil de precisão está no banco de trás, então eu o tiro primeiro e depois abro o porta-malas. Duas grandes bolsas esportivas com minhas armas extras estão no lado direito do espaço de carga, mas decido deixá-las por enquanto e pegar apenas a bolsa com minhas roupas.

Um homem baixo com uma roupa que parecia um pinguim me abordou mais cedo, informando que meu quarto estava pronto e que eu poderia encontrá-lo no primeiro andar do prédio da equipe. Olho por cima do ombro para a estrutura em questão. Ela está localizada a quase duzentos metros da casa principal. Não está acontecendo. Sabendo que tenho outro tipo de ‘batalha’ em minhas mãos, deixo meu estojo de atirador dentro do porta-malas e me dirijo à porta da frente da Leone Villa.

No hall de entrada, uma empregada está ocupada limpando as portas de vidro que dão acesso ao escritório. Quando me vê, ela joga o pano no chão e sai dali

em disparada. Deve ter sido a sortuda que teve de limpar o sangue na sala de reuniões.

Ao subir a escada para o segundo andar, observo o ambiente ao meu redor, registrando os detalhes que deixei passar quando explorei a casa esta manhã. As paredes são revestidas de lambris. Pinturas a óleo em molduras grandes e ornamentadas. Um enorme relógio de pêndulo vintage. Um lustre de cristal e arandelas combinando nas paredes. Parece um museu. Tem até cheiro de museu. Nada nesse lugar é remotamente parecido com os quartos da minha tigresa no andar de cima. O espaço dela é todo moderno, como seu apartamento há muito tempo. Ela ainda tem as ervas de seu jardim, todas alinhadas em vasos ao longo das paredes e janelas.

Há duas portas no patamar. A da direita leva a uma unidade separada. Usei a sacada dessa unidade para entrar ontem à noite, depois de cuidar do assassino no telhado. A porta dupla à minha frente leva à suíte de Nera. Pego a maçaneta e entro.

Nera está de pé no balcão de café da manhã que separa a cozinha da área de jantar, com um misto de confusão e alarme estampado em seu rosto. Uma tigela amarela em forma de coração, parcialmente cheia de pedaços de laranjas e maçãs, está sobre o balcão de mármore diante dela. Metade de uma maçã está sobre uma tábua de corte.

— O que está fazendo aqui?

— Eu fico onde você fica. — Aceno com a cabeça para o grande sofá marrom no meio da sala de estar. — Aquilo serve.

— Não foi isso que combinamos. — Sua voz parece calma, mas há um sutil tom de pânico nela.

Aproximo-me do balcão do café da manhã e paro no lado oposto. No meio do balcão, uma planta de salsa está crescendo em um vaso de barro. O leve aroma da erva mexe com minhas narinas. — Nós concordamos que eu vou mantê-la

segura. Não posso fazer isso ficando em um prédio separado.

Quando a boca de Nera se abre para dar uma réplica indubitavelmente mordaz, seu olhar se desvia bruscamente para a esquerda. Pego minha arma e viro minha cabeça para seguir sua linha de visão. Meus olhos pousam em uma porta branca aberta do outro lado da sala, e tudo dentro de mim congela. Uma garotinha minúscula, vestindo um pijama rosa com flores brancas, está de pé na porta, segurando um ursinho de pelúcia no peito. Uma mecha de cabelo loiro escuro emaranhado - tão parecido com o do minha tigresa - obscurece parcialmente seu rosto.

— Estou com sede, mamãe, — murmura a menina e, sonolenta, esfrega os olhos com as costas da mão.

Eu me sacudo como se alguém tivesse me apunhalado diretamente no coração. Todo o ar deixa meus pulmões enquanto uma avalanche de sentimentos esmaga meu peito.

Choque.

Dor.

Traição.

Solto minha arma e dou um passo para trás, sem tirar os olhos da menina.

Desde que voltei para Boston, prometi que, desta vez, não me aproximaria mais do que o necessário para manter minha tigresa segura. Felix me informou que ela se casou, mas aquele maluco não mencionou mais nada. E nunca me ocorreu que ela e seu falecido marido tivessem uma criança.

Nera corre até sua filha e a pega no colo. A menina pousa o queixo no ombro de Nera e inclina a cabeça, seus olhos inocentes brilham enquanto ela me observa com interesse.

— Esta é Lucia. — A voz da tigresa penetra no estupor que me dominou. — Minha filha.

Agarro-me à borda da bancada do café da manhã, apertando-a com toda a minha força, e fecho os olhos. Não tenho o direito de sentir essa dor de partir o coração e essa raiva simultânea, mas ambas as emoções estão me destruindo por dentro.

— Desculpe-me, eu não sabia. — Eu me obrigo a dizer e solto a borda de mármore que estava segurando como se fosse uma tábua de salvação. É claro que ela não quer alguém como eu perto de sua filha. — Vou levar minhas coisas para os aposentos da equipe.

Pegando minha mochila, dirijo-me à porta da suíte. Minha mente está girando, mas sei que posso fazer isso funcionar. Durante o dia, farei rondas pela propriedade e ficarei fora da vista de Nera, mas de forma alguma deixarei ela e a garota sozinhas e desprotegidas na casa à noite. Pegarei o saco de dormir que guardo no porta-malas e me posicionarei do lado de fora da porta quando todos forem dormir.

Quando minha mão pousa na maçaneta, não consigo me conter e dou outra olhada nelas. Nera não se deu ao trabalho de se virar. Ela ainda está de costas para mim, segurando a menina em seu corpo. Eu encontro o olhar da criança, e ela dá uma risadinha e enterra o rosto no cabelo da mãe.

Ao ver a garota apertar os cabelos de Nera com seus punhos pequenos, um sentimento estranho floresce em meu peito. É uma combinação de dor, saudade e ciúme, mas também há felicidade. Minha tigresa agora tem alguém só para ela. Talvez, em outra vida, aquela garotinha também poderia ter sido minha.

— Ela se parece com você, tigresa, — digo suavemente e me viro para sair.

— Sim. Exceto pelos olhos, — responde Nera, com a voz rouca e trêmula. — Ela tem os olhos de seu pai. Cinza pálido, como o raiar da primeira luz no fim de uma noite sem estrelas.

Eu me viro tão rápido que minha mochila bate na moldura da porta. Um leve zumbido se instala em meus ouvidos, ficando mais alto a cada batida do coração, até que minha cabeça parece que vai explodir.

Nera ainda está no mesmo lugar de antes, mas agora está de frente para mim, enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto. — Seus olhos, demônio, — diz ela, pouco acima de um sussurro.

Suas palavras mudas são outro golpe em meu peito, forte o suficiente para me fazer cambalear para trás, batendo na porta atrás de mim. A alça da mochila escorrega do meu ombro e a bolsa cai no chão com um baque. Nem percebi que estava atravessando a sala até ficar bem na frente de minha tigresa e da menina. Minhas mãos se levantam por vontade própria - a esquerda para tocar a bochecha macia e a direita para tocar a suavidade encharcada de lágrimas que assombrou meus sonhos - quando a realidade se abate sobre mim.

O jato de sangue.

Gritos.

Morte.

Um lenço vermelho descartado no chão, aos pés de minha garota, enquanto ela segurava o corpo de seu pai em seus braços. A tonalidade vermelha vibrante da seda, uma zombaria do fio de sangue que escorria do buraco vermelho no centro de sua testa.

Meus dedos param a poucos centímetros do céu. Respiro fundo e abaixo minhas mãos, recuando um passo. Depois, mais um. Afasto-me da única coisa que sempre quis, até ao outro lado da sala. Minhas costas se apoiam na parede, e tudo o que posso fazer é observá-las.

Capítulo 33

Nera

Lucia estende a mão para o jogo de louça de brinquedo espalhado no carpete ao lado da minha cama e levanta uma xícara em miniatura para mim. — Chá para a mamãe.

Aceito a oferta e finjo beber enquanto observo Kai. Ele está agachado além da soleira da porta e não disse uma palavra para mim nas últimas quatro horas. Quando ele se afastou de nós na cozinha, fiquei com o coração partido. Ele não pediu para segurar Lucia em seus braços. Ele nem sequer a tocou. Ele simplesmente... se afastou.

Ele simplesmente ficou ali, com as costas encostadas na parede mais distante, enquanto eu dava o lanche de frutas para Lucia e, mais tarde, enquanto ela desenhava com os lápis de cor que Zara comprou para ela. Quando chegou a hora do jantar de Lucia, eu a sentei em sua cadeira alta enquanto preparava a refeição. Kai se afastou alguns passos para o lado e continuou a observá-la de longe. Seu olhar não se afastou dela nem por um segundo durante todo esse tempo. Parecia que ele estava tentando absorver nossa filha com seus olhos.

Assim como está fazendo agora.

— Azul para meninos, — exclama Lucia de repente, pega um copo de plástico azul com uma base para copos e, levantando-se, vai em direção a Kai.

Ele pisca, empalidece e seus olhos se arregalam em alarme. Lucia para na frente dele e levanta a xícara de brinquedo. Com base na expressão do rosto dele ao olhar para os braços estendidos, você pensaria que ela lhe ofereceu um dispositivo explosivo. Lentamente, ele pega o copo dela - parece ridículo em sua

mão enorme - e depois imita minha ação de fingir que está bebendo.

Lucia sorri, depois coloca a mão no topo da cabeça dele e dá uma risadinha. — Você tem cabelo de menina.

Kai fica totalmente imóvel, até mesmo sua respiração parou completamente, mas o tumulto emocional em seus olhos está completamente em desacordo com seu corpo imóvel. Nossa filha começa a acariciar a cabeça dele da mesma forma que costuma fazer com seus bichinhos de pelúcia, depois corre ao redor dele para a sala de estar, onde Zara está ajeitando as almofadas do sofá.

Desde que chegou há uma hora, minha irmã tem tentado parecer ocupada com as tarefas do meu apartamento, enquanto mantém seus olhos cautelosos sobre nós. Ela sempre foi protetora em relação a Lucia, mas estou surpresa com a falta de qualquer outra reação da parte dela. Nenhuma pergunta, nenhuma acusação, nenhuma exigência. Ela não disse uma palavra sobre encontrar Kai aqui. E não é por causa de sua antiga relutância em falar com pessoas que não conhece. Isso é diferente. Não há nada que eu reconheça nela.

— Vamos tomar um banho, — diz Zara enquanto pega Lucia no colo. — E eu vou colocá-la na cama.

Eu aceno com a cabeça. — Está bem.

Meu demônio as segue com os olhos até que elas desapareçam pela porta do banheiro, depois se levanta lentamente e vem se sentar ao meu lado na cama.

— Será que...? — Ele engole enquanto olha para a parede branca à sua frente. — Alguém sabe?

— Não. Além de minha irmã e Massimo, nosso meio-irmão, todos acreditam que ela é de Batista.

— Por quê?

— Porque era mais seguro assim.

Ele inclina a cabeça, concentrando-se em suas mãos entre os joelhos abertos.

— Preciso verificar seu ferimento, — digo.

— Está tudo bem.

— Ainda preciso verificar. — Meu ombro roça o braço dele quando me levanto, e um arrepio me percorre com esse toque acidental. — Vou pegar meu kit de primeiros socorros.

A caixa de suprimentos médicos está na cozinha e, quando dou a volta na barra do café da manhã para pegá-la, uma gargalhada soa no banheiro. Ela toca meu coração, fazendo-me sorrir. Posso imaginar Zara totalmente encharcada enquanto dá banho em Lucia.

Quando volto para o meu quarto, Kai está perto da mesa de cabeceira, olhando para os porta-retratos alinhados em cima.

— Tire sua camisa, — sussurro.

Seu maxilar endurece. — Não acho que isso seja sensato, tigresa.

— Não é nada que eu já não tenha visto antes. — Dou um passo em direção a ele e começo a trabalhar no primeiro botão.

Eu tinha uma ideia de como pareceria indiferente. Eu verificaria o corte do lado dele e terminaria com isso como se fosse uma tarefa comum. Afinal de contas, foi ele quem criou essa distância entre nós. Eu disse a mim mesma que poderia fazer isso. Poderia fingir que não há mais nada entre nós.

Errado. Sua proximidade, seu cheiro, o calor de seu corpo que parece se infiltrar no meu mesmo quando não estamos nos tocando - e com tudo isso, meus sentimentos estão ameaçando se libertar. A necessidade de me inclinar para ele e enterrar meu nariz em sua pele, de me sentir segura e amada novamente, é avassaladora.

Mal consigo abrir o primeiro botão. Meus dedos tremem e minha visão fica embaçada com lágrimas não derramadas. Respiro fundo e passo para o próximo, e depois para o seguinte, trabalhando apenas com o tato em vez de confiar em

minha visão. Assim que o último botão se solta, abro sua camisa e mantenho meus olhos fixos em seu peito, sem ousar olhar para ele.

A gaze sobre o corte está coberta de sangue seco. Com cuidado, eu a retiro e, em seguida, aplico uma camada espessa de creme antibiótico. A ferida não parece estar infectada.

— Você está tomando remédios?

— Sim.

Começo a aplicar um novo curativo. — Continue tomando-os por pelo menos mais cinco dias. Por via das dúvidas.

É muito difícil estar tão perto, com todo o meu ser desejando se aconchegar a ele. Para sentir seu calor me envolvendo. Sempre senti como se nada pudesse me tocar quando estava em seus braços. Como ele poderia me deixar?

— Achei que você me amava, — sussurro. — Acho que estava errada.

O braço de Kai se estende, envolvendo minha cintura e me esmagando em seu corpo. Posso sentir a subida e a descida de seu peito. Sua respiração - rápida e superficial. Sua outra mão chega à parte de trás da minha cabeça, com os dedos emaranhados em meu cabelo. Seu hálito quente faz formigar minha pele enquanto ele abaixa a cabeça até que sua boca fique próxima à minha orelha.

— Você estava. — O timbre rouco de sua voz reverbera em mim, até meus ossos. — Mas apenas sobre seu uso do pretérito. Eu não só *ainda* amo você. Eu vivo para você, tigresa.

Minha respiração fica presa. Envolvo-o com meus braços, abraçando-o com força.

— Cada respiração, — ele continua. — Cada batimento cardíaco. Cada gota de meu sangue é sua. Tudo isso é seu desde o momento em que nos conhecemos, há tantos anos. Se você quiser, eu arranco meu coração e o coloco a seus pés. Ele é seu e sempre será.

Não são apenas as minhas mãos que estão tremendo; todo o meu corpo é assolado por tremores. Cravo as unhas em suas costas com toda a minha força, enquanto as lágrimas escorrem sem pudor pelo meu rosto.

— Então, por que me deixou? — Era para ser um grito, mas acabou se transformando em um gemido de dor. — Por quê?

Seu abraço fica mais forte, apertando-me como se estivesse tentando fundir meu corpo ao dele. No momento seguinte, ele me levanta e me coloca em cima da cômoda. As palmas de suas mãos sobem pelos meus braços, lentamente, como se estivesse saboreando o toque, depois passam pelos meus ombros e envolvem meu rosto.

— Pergunte-me qualquer coisa, menos isso. — O olhar em seus olhos quando encontram os meus é tão cheio de tormento e tristeza. — Se eu lhe contar, você vai me odiar para sempre, tigresa. Diga a palavra, e eu lhe confessarei todos os meus pecados sombrios. Mas não esse.

Pego seu rosto com as mãos e pressiono minha testa contra a dele.

Quando meu pai foi assassinado, eu estava muito abalada para pensar em qualquer coisa. Mas, depois de algum tempo, enquanto eu estava deitada na cama, esperando em vão que meu demônio voltasse, pensar era a única coisa que eu podia fazer. Aquela ligação que ele recebeu na última vez em que estivemos juntos. A maneira como meu pai foi morto - um tiro na cabeça. E então, meu demônio desapareceu no ar. Demorei um pouco, mas acabei ligando os pontos.

— Eu já sei, — sussurro. — Sei que foi você.

Kai se sacode e começa a se afastar, mas eu envolvo minhas pernas ao redor do meio dele, mantendo-o no lugar.

— Fiquei muito zangada e magoada quando percebi que tinha sido você, — continuo. — Por um tempo, eu até o odiei. O único homem em quem eu confiava totalmente. O homem que disse que nunca me faria mal. O amor da

minha vida...

— Por favor, — ele se engasga, — não diga isso.

— O homem que matou meu pai. — Concluo com uma respiração trêmula.

Estremecimentos percorrem seu corpo, a princípio fracos, mas depois todo o seu corpo começa a tremer.

— Eu não sabia, tigresa. — Uma lágrima escorrega por sua bochecha. — Juro, eu não sabia. Quando eu vi você lá, correndo em direção a ele, e percebi o que tinha feito.... Eu queria morrer, Nera. Preferia me matar mil vezes a lhe causar a menor angústia. Mas eu não sabia. Como sou um bastardo mal alfabetizado, nem me dei ao trabalho de ler a biografia do alvo. Por favor, acredite em mim. Eu não sabia. Eu não sabia, porra.

Fecho os olhos e abaixo a cabeça, enterrando o nariz na curva de seu pescoço.

— Pegue minha arma, tigresa. Vou me ajoelhar diante de você, para que possa atirar na minha cabeça. — Sua voz soa tão quebrada que me faz doer com o peso da dor que posso ouvir nela.

— Às vezes, o destino gosta de jogar um jogo duro com nossas vidas, — digo em seu pescoço enquanto passo a palma da mão sobre sua trança. — Sei que você nunca faria algo intencionalmente para me machucar.

— Sinto muito, tigresa. — Sua mão está em minhas costas agora, pressionando-me contra seu corpo ainda trêmulo.

Eu amava meu pai. Perceber que meu demônio foi quem o matou quase me esmagou. Quase. Mas eu o perdoei. Quase tão logo compreendi a verdade. Eu o amava demais para não fazê-lo. Mesmo assim, ele foi embora. E isso me *abateu*.

Destruiu-me.

Condenou-me ao inferno.

Mas meu coração sabe.... Vou perdoar isso também.

Eu me endireito e seguro seu rosto com as palmas das mãos. Seus olhos estão vermelhos e vidrados. Perdido. Limpando a umidade de suas bochechas com os polegares, respiro fundo. — Eu o perdoei. Por meu pai. Anos atrás.

— Algumas coisas nunca podem ser perdoadas, tigresa.

— Podem. Quando você ama alguém, pode perdoar qualquer coisa.

— Isso não.

Inclino-me para ele até que meus lábios roçam os seus. — Que tal uma troca, então?

— Não tenho nada a lhe oferecer, tigresa. Apenas meu sangue, minha vida e o exército de fantasmas que me acompanha aonde quer que eu vá.

— Então, eu o terei do jeito que você é, meu demônio, — eu digo em sua boca. — E não me importo com os fantasmas.

Kai

Algo se rompe em meu peito, causando dor física. É tão forte que, por um momento, não consigo respirar. Meus olhos se fixam nos de Nera, procurando por mentiras ou enganos. Não há nenhuma. Apenas ternura. Amor. Eu não mereço isso. Não a mereço. Mas vou aceitar mesmo assim.

— Feito. — Mordo seu lábio inferior, selando o acordo. — Eu já era seu de qualquer maneira, tigresa.

Anos de espera para vê-la novamente, sonhando em tocá-la mais uma vez, sabendo que nunca teria outra chance. Saudade. Dor. Raiva. Amor. Tudo o que estava se formando dentro de mim por tanto tempo finalmente explodiu. Eu agarro as laterais de sua camisa de seda e puxo o tecido macio, arrancando-o de seu corpo e fazendo com que um pequeno grito saia dos lábios de Nera. Ela empurra minha camisa para fora dos ombros e afunda os dentes em meu pescoço, enquanto minhas mãos encontram a delicada renda preta que segura seus seios fartos. Eu a arranco também, depois deslizo minhas mãos por suas coxas, levantando sua saia.

— Bunda. Para cima, — eu vocifero.

Seus braços envolvem meu pescoço e ela mordisca meus lábios. — É tão gostoso quando você grita ordens para mim, demônio.

Engancho meus dedos no elástico de sua calcinha e a deslizo por suas pernas. Meu pau está esticando tanto a braguilha da minha calça que mal consigo abaixar o zíper.

— Sonhei em estar dentro de você novamente por anos, — digo ao lado de seu ouvido, enquanto desço as palmas das mãos pela parte inferior de suas costas para agarrar sua bunda, posicionando-me em sua entrada. — Imaginei seu

cheiro. Os pequenos sons que você fará. — Lentamente, deslizo para dentro de seu calor, um agonizante centímetro de cada vez, saboreando cada momento. — Eu me perguntei se a sensação seria a mesma. Como antes.

Um ruído tenso sai de sua garganta enquanto penetro em seu âmago molhado. Seus olhos estão fechados e suas mãos estão em meu cabelo, puxando alguns dos fios para fora de sua prisão. — E isso acontece? A sensação é a mesma?

— Melhor ainda. — Enfio até ao fim, depois agarro seu queixo, inclinando seu rosto para que olhe para mim. — Senti muito a sua falta.

Estou prestes a explodir, mas me obrigo a parar e ficar quieto, capturando seu olhar com o meu. A sensação de estar dentro dela, nossos corpos unidos da maneira mais íntima - é assim que se sente estar vivo?

— Você pode compreender a vastidão do nada em minha alma se não estiver por perto? — Eu me retiro e depois deslizo para dentro dela novamente. Pequenos tremores sacodem seu corpo e suas pálpebras tremem como as asas de uma borboleta, mas seus olhos cor de âmbar permanecem presos aos meus. — Tudo está cinza e vazio. Você é minha tábua de salvação, tigresa, porque não há vida para mim se você não estiver nela.

— Eu queria morrer, — ela diz, com a respiração ofegante, e depois ofega quando eu mergulho novamente em seu calor. — Quando pensei que nunca mais veria você, eu só queria morrer.

Uma de suas mãos desliza para baixo, agarrando meu queixo e imitando meu aperto. Nossas respirações se misturam enquanto nos olhamos com olhares inabaláveis. A dor atravessa meu couro cabeludo quando ela aperta meu cabelo com seu punho. O choque vai direto para o meu pau pulsante dentro de suas paredes em espasmo, aumentando a necessidade de liberação.

— Não se atreva a me deixar de novo, — diz ela entre dentes.

— Mais de noventa e nove milhões, — eu rosno enquanto continuo batendo

nela. — Esse é o número de segundos que passei sem você. E cada um deles foi como a morte, Nera. — Esmago minha boca na dela. — Nunca mais.

Meus olhos estão fixos nos dela enquanto eu me afasto e empurro para dentro dela novamente. E mais uma vez. E outra. A cômoda chacoalha com o nosso ritmo incessante, batendo contra a parede a cada martelada dos meus quadris. Os sons suaves de Nera se transformam em gemidos, ardentes e cada vez mais altos. Então, deslizo minha palma sobre seus lábios.

— Morda-a, tigresa.

Duas fileiras de dentes brancos afundam em minha carne. Uso minha mão livre para agarrar sua perna, abrindo-a mais. Meu pau se aprofunda a cada investida, aumentando a pressão dentro de mim. Não podemos estar mais perto do que estamos agora, mas ainda não parece suficiente. Aumento meu ritmo, batendo nela em um ritmo diabólico. Seus dentes se prendem com mais força em minha mão.

Com as luzes inundando o quarto, posso absorver cada detalhe delicado de seu belo rosto. Seus olhos brilhantes, cintilando como duas estrelas distantes. O arco perfeito de sua boca rosada. O nariz minúsculo, em forma de botão. Cada uma de suas características está gravada em minha mente e, ainda assim, não consigo parar de olhá-la.

Impulso. Meu! Outro. Outro. A cômoda balança. Minha tigresa! Minha estrela brilhante. Eu deveria recuar, ir com calma - estou sendo muito duro com ela -, mas não consigo. E se *isso* for apenas um sonho? E se eu acordar e ela não estiver aqui? Eu a penetro mais rápido. Com mais força. Mais.

Seu cabelo louro-escuro está totalmente desfeito e grudado em suas bochechas molhadas de suor. Respirações ásperas, abanando minha pele. O cheiro de nosso vigoroso ato sexual. E os sons abafados que conseguem escapar de sua garganta.

Minha. Toda minha.

O corpo de Nera começa a tremer, sua boceta pulsa em volta do meu pau. Quando ela solta sua mordida em minha mão, eu a esmago contra mim e bato minha boca na dela, engolindo seu grito enquanto ela se desfaz. Onda após onda de tremores assolam seu corpo. Eu mantenho seu olhar em cada fluxo e refluxo. Minha linda tigresa. Minha salvação. Se desfazendo por mim.

Mas uma vez não é suficiente. Preciso ver isso de novo. Agora mesmo, porra. Puxo meu pau dolorido para fora e pressiono meu polegar em seu núcleo trêmulo, massageando seu clitóris com movimentos lentos, mas firmes. Um gemido sai dos lábios de Nera enquanto ela arqueia as costas, com os olhos fechados.

Com minha mão livre, pego seu queixo, apertando levemente. — Olhe para mim.

Seus olhos se abrem, brilhando como a luz das estrelas que tentei capturar há tanto tempo.

— Preciso fazer você gozar de novo, tigresa. Vou continuar te pegando várias vezes até me convencer de que você é real - aqui em meus braços - e não um produto da minha imaginação. Preciso ver você se despedaçar sob meu toque. De novo. E mais uma vez. — Deslizo dois dedos dentro dela e me inclino para sussurrar em seu ouvido. — Vou transar com você até meu maldito pau explodir e meu cérebro finalmente aceitar que você está comigo e que não estou sonhando. Você é minha. — Eu enrolo meus dedos para cima. — Você me pegou, tigresa?

— Sim, — ela murmura.

— Ótimo. — Retiro meus dedos e levanto a mão para lamber seu suco. Então, eu a invado com meu pau latejante.

Respirações fortes. Gemidos. Arquejos. Nosso suor se mistura enquanto eu bato nela sem parar, enfiando meu pau mais fundo a cada investida. Mais. Mais. Mais uma vez. De novo. Quase perco o controle quando Nera enterra suas unhas em

meus ombros. Rompendo a pele. As gavetas da cômoda fazem barulho, e um estalo alto divide as batidas voláteis e os tapas de nossa carne nua. Essa maldita coisa vai quebrar. Agarrando Nera por baixo da bunda, eu nos desloco para a esquerda e a pressiono contra a parede, ao lado do móvel danificado.

Toda vez que eu a penetro, ela respira fundo, soltando pequenos suspiros. Meu Deus, ela é tão linda, e os sons que faz estão me deixando louco. Acelero meu ritmo, mantendo nossos olhares conectados. Sei que estou fora de controle, mas não consigo me controlar.

— Eu te amo tanto, porra, — eu grito enquanto me maravilho com a sensação de ter seu corpo tremendo em meus braços enquanto sua boceta tem espasmos ao redor do meu corpo. Um gemido baixo sai de seus lábios e, em seguida, ela se desfaz em meu abraço.

— Eu também te amo, demônio. — Sua voz está rouca.

— Ótimo, — eu rosno e encosto minha boca na dela. — Porque agora vamos nos mudar para a cama.

Nera

— Quantas pessoas você precisa que eu elimine?

Levanto minha bochecha do peito de Kai e estreito os olhos para ele. — Ninguém mais por enquanto. Por favor.

— Alguém investiu dois milhões para que você fosse morta. Vou eliminar qualquer pessoa que já tenha visto essa ordem de ataque só para garantir que o filho da puta não consiga cumpri-la.

Eu teria sorrido com sua declaração se não tivesse certeza de que ele estava falando muito sério. — Fizemos um acordo, demônio. Quando eu descobrir quem está atrás da minha cabeça, você estará livre para fazer o que quiser com ele. Mas não vai interferir na forma como estou lidando com esse negócio.

— Oh, eu encontrarei o homem que ousou machucá-la, — ele vocifera. — E quando eu o encontrar, vou me divertir com os sons de seus gritos enquanto arranco seus braços. E suas pernas. Depois, vou arrancar sua cabeça e colocá-la em um espeto para apodrecer.

— Não acho que será necessário um aviso de tal magnitude.

— Não será um aviso. Será uma garantia para todos os outros. — Ele inclina a cabeça e deposita um beijo em meu queixo. — Você vai me contar sobre ela? Sobre... nossa filha.

Eu sorrio e deito meu rosto em seu peito novamente. E então, eu lhe digo.

Conto a ele como minhas águas estouraram enquanto eu estava no meio de uma reunião com os capos. Como achei que ela era o bebê mais lindo quando a entregaram a mim pela primeira vez, mesmo que ela estivesse gritando como uma banshee. Sobre a primeira palavra de Lucia (Não!). Seus brinquedos e

músicas favoritos. Como ela mordeu Adele, uma de nossas empregadas, quando a mulher tentou tirar seu ursinho de pelúcia para lavá-la. Conto a Kai tudo o que consigo pensar até que meus lábios fiquem dormentes de tanto falar. Ele ouve em silêncio, com os braços me mantendo pressionada ao seu lado enquanto seu peito sobe e desce em rápida sucessão. Mesmo depois de eu ficar sem histórias, ele não diz uma palavra, apenas continua acariciando minhas costas com seus dedos trêmulos.

— Tenho tirado fotos dela quase todos os dias. Queria que todos os grandes e pequenos momentos fossem registrados para que eu não os esquecesse. E... e para que eu pudesse mostrá-los a você, se voltasse um dia, — sussurro na escuridão. — Vai me dizer onde esteve todo esse tempo?

— No inferno, tigresa. Em vez de ver minha filhinha nascer, eu estava no inferno. Onde é o meu lugar.

Levanto a cabeça, tentando ver seu rosto, mas está muito escuro. Colocando uma perna sobre seus quadris, subo em cima dele e pressiono as palmas das mãos sobre suas bochechas. Elas estão úmidas.

— Seu lugar é aqui, — eu digo. — Comigo. E com nossa filha. Mas eu preciso saber, Kai. Preciso saber. Sem mentiras. E sem mais segredos.

Posso ouvir as batidas de seu coração, sentir o movimento de seu peito sob mim. Respirações lentas e profundas. Suas palmas repousam na parte inferior das minhas costas, acariciando minha pele.

— Eu posso suportar muitas coisas, Nera, mas ver você com ódio nos olhos? Isso eu não podia suportar. Então, passei dias e noites seguindo você ou à espreita no telhado em frente ao seu apartamento. Observando você. Ter você tão perto, mas tão fora de alcance ao mesmo tempo, era a pior forma de tortura. Eu não quis que você me visse naquela noite. — Sua mão desliza pelas minhas costas e pelo meu cabelo. — Eu ouvi você, sabe? Quando você gritou do telhado para a escuridão.

— Eu não quis dizer isso. Estava machucada e...

— Eu sei. — Ele beija minha testa. — Você tinha todo o direito. Eu não podia me obrigar a vir até você e lhe contar a verdade. Mas minha presença silenciosa, sem explicação, estava machucando você. Eu precisava me afastar de você o máximo possível, porque tinha medo de que, se não colocasse distância suficiente entre nós, eu me arrastaria de volta para você. Só para tê-la por perto. Para poder vê-la de vez em quando. Mas minha proximidade tóxica só teria envenenado o resto de sua vida. Então, aceitei um trabalho no México.

— Era para ser uma simples missão de reconhecimento. Reunir informações sobre os últimos problemas entre os cartéis e sair sem ser visto. Mas fui vítima de uma emboscada antes mesmo de sair do campo de pouso.

Eu fecho os olhos. Nunca tive nenhuma relação com cartéis, mas já ouvi as histórias. — O que eles fizeram?

— Não importa.

— Importa para mim! — Pressiono meus lábios contra os dele. — É importante para mim, demônio.

— Tudo e qualquer coisa que eles pudessem imaginar. Não me peça para colocar essas imagens em sua cabeça, tigresa. Por favor. Apenas... não faça isso.

— Quanto tempo?

— Três anos.

Um uivo de dor sai de meus lábios. Envolvo meus braços em seu pescoço e enterro meu rosto em seu peito. Todas aquelas novas cicatrizes que vi em seu corpo fazem sentido agora. — Mas escapou?

— Não. Meus.... amigos foram me salvar. Eu não sabia que *tinha* amigos. Nunca esperei que alguém fosse me buscar. Especialmente aqueles dois idiotas. Eles quase me explodiram junto com o resto do complexo onde eu estava preso. O maldito Belov e sua obsessão por explosivos. Vou matá-lo da próxima vez que o

vir. E então, aquele filho da puta do Az me deu sedativos suficientes para matar um elefante. Vou matá-lo também, na primeira oportunidade que tiver.

— Eles salvaram sua vida. — Acaricio seu pescoço com meu nariz. — Você deveria estar lhes agradecendo.

— Eu não agradeço às pessoas.

— Eu sei. Mas talvez possa abrir uma exceção desta vez?

— Vou pensar sobre isso. — Um beijo pousa em meu cabelo. O silêncio reina por vários e longos minutos antes que ele fale novamente.

— Eu estava meio morto quando Az e Belov me tiraram de lá e me trouxeram de volta para os EUA. Demorou algumas semanas até que eu estivesse funcional o suficiente para localizar o bastardo que me incriminou e matá-lo. Meu antigo chefe. Ele sabia sobre nós e eu não queria arriscar que ele viesse atrás de você quando percebesse que eu estava de volta. — Seus dedos estão em meu cabelo, puxando-o gentilmente. — Depois disso, voltei para Boston e fiquei cuidando de você de longe. Mesmo sabendo que você não era mais minha. Não depois do que eu fiz. Achei que tinha perdido você, tigresa.

— Você nunca me perdeu. — Beijo seu queixo. Depois, sua clavícula. — Eu sempre fui só sua. Mesmo quando eu acreditava que nunca mais veria você. — Tiro os fios de cabelo de seu rosto e depois beijo sua bochecha. — Mesmo quando eu acreditava que você tinha me esquecido ou não se importava mais.

— Esquecido de você? — Ele me agarra pela cintura e nos vira, prendendo-me sob seu peso. — Como alguém poderia esquecer a única luz na escuridão miserável de sua vida? — Sua palma áspera desliza pela minha caixa torácica e quadril, depois desce. Uma longa e lenta carícia de seu dedo em minha boceta antes que ele deslize seu pau para dentro. Respirando fundo, agarro seus ombros. Ainda estou dolorida após o frenesi de nossas relações sexuais anteriores, mas isso não importa. Levanto os quadris, tomando mais dele. Precisando sentir mais dele em mim.

— Enquanto estive confinado, na maior parte do tempo eu não sabia onde estava. Ou se era dia ou noite. E, às vezes, eu nem sabia *quem* eu era. — Ele se afasta e abaixa a cabeça até que seu rosto fique a uma distância de um fio de cabelo acima do meu. — Mas, embora eu estivesse delirando, desconectado da realidade, flashes dispersos de minhas memórias continuavam invadindo minha mente. — Ele desliza de volta para dentro, afundando mais. — Um lenço vermelho. Mãos quentes, costurando minha pele. O gosto de bolo de chocolate. — Sua mão agarra meu queixo, inclinando minha cabeça para um beijo. — Voz suave, lendo algumas bobagens sobre vacas para mim, enquanto um dedo delicado se movia sob as palavras para que eu pudesse acompanhar.

— Kai... — Seu nome sai como um gemido estrangulado.

A luz da lua que passa pela janela está caindo sobre ele, banhando seu rosto robusto em um brilho pálido. Posso ver seus olhos agora, brilhando como duas chamas prateadas, queimando nos meus. Dois faróis estelares com uma força gravitacional imensurável. E eu - eu - sou sua cativa voluntária, pronta para cair. Nunca imaginei que teria alguém que olhasse para mim dessa forma.

— Você, minha tigresa, era a única coisa de que eu me lembrava. — Ele abaixa a cabeça e se enterra dentro de mim. — Era *meu tudo*.

Capítulo 34

Kai

— Estou com fome.

Eu me viro, meus olhos se concentram na dona da voz baixinha. Lucia está de pé na soleira da porta, com a cabeça inclinada para o lado enquanto me observa com interesse claro em seus olhos amplos e pálidos. Meus olhos. Meu batimento cardíaco dispara, trovejando tão forte e rápido que quase sinto cada soco na estrutura interna de minhas costelas. Nossa filha. Minha filha. A vontade de segurá-la em meus braços está me arranhando. Mas estou muito nervoso para fazer um movimento.

Ontem à noite, Nera me contou tudo sobre Lucia. E mais tarde, ela me contou como chegou a ser a chefe da Cosa Nostra em Boston. Nos últimos três anos, ela esteve presa em um maldito pesadelo e, embora não tenha dito isso com suas palavras, sei que ela se jogou de bom grado nessa merda para proteger nossa filha. Ela tinha que ser forte, e foi. Minha destemida tigresa.

Depois que Nera adormeceu, saí sorrateiramente do quarto e fui na ponta dos pés até ao quarto ao lado. Fiquei na porta e observei a pequena forma adormecida de Lucia. Não ousei me aproximar mais, apenas ouvi sua respiração enquanto ela se enrolava sob o cobertor amarelo e fofo. Então, por volta das três horas da manhã, agachei-me ao lado da cama do meu bebê e observei seu rosto de criança. Ela se parece com Nera quando está dormindo. Nunca tive uma visão tão bonita.

Minha filha.

Parecia que eu estava observando um milagre. Como algo tão perfeito e inocente poderia vir de mim? Será que eu a mancharia se a tocasse? Eu a mancharia com

meus pecados?

Sua pequena mão estava apoiada em um travesseiro, e eu queria estendê-la e pegá-la com a minha. Esse desejo era tão forte que tive de me agarrar à estrutura da cama para que minhas mãos não fossem até ela voluntariamente. Quando finalmente me obriguei a sair, não consegui ficar longe nem por quinze minutos. Voltei e passei o resto da noite observando Lucia dormir. Ao amanhecer, voltei para o quarto de Nera, temendo que minha filha ficasse assustada se acordasse e me visse ao seu lado.

— Estou com fome, Rapunzelzinho. — Outro pequeno sussurro, mas mais determinado agora do que antes.

Eu pisco os olhos. Rapunzelzinho? Deve ser o cabelo. Acabei de tomar banho e não o trancei como normalmente faço. Lucia torce seu nariz minúsculo para mim e se vira, fugindo. Eu corro atrás dela.

O carpete de pelúcia abafa o som de seus pés pequenos enquanto ela entra apressada na cozinha e para ao lado da cadeira alta posicionada no balcão do café da manhã. Ela olha para mim e levanta a mão, segurando um ursinho de pelúcia. Ela está me oferecendo seu brinquedo?

— Para cima, — diz ela, balançando nas pontas dos pés.

Não entendo o que ela está perguntando e me sinto um completo idiota.

— Estou com fome. Levante.

Meus olhos se movem entre a cadeira alta e minha filha. Minhas mãos tremem quando me inclino para segurá-la pela cintura e levantá-la. Nunca peguei uma criança no colo e tenho pavor de deixá-la cair ou machucá-la sem querer de alguma forma. O mais cuidadosamente possível, coloco Lucia na cadeira e dou uma olhada frenética para a porta de Nera. E agora? Devo ir acordá-la? Ou devo... *Ai.*

— Quero comer, Rapunzelzinho. — Lucia sorri para mim enquanto puxa meu

cabelo.

— Está bem. O que você quer comer?

— Biscoitos! — Seu sorriso se alarga. — E ketchup.

— Hum... Essas duas coisas não combinam. E não acho que haja valor nutricional suficiente nos biscoitos. Quero dizer, eles não são bons para bebês.

Lucia franze as sobrancelhas para mim, seus olhos se estreitam em fendas enrugadas.

— Eu não sou um bebê. — Outro puxão em meu cabelo. — Sou uma menina.

— Sim, bem.... Um... Você quer ovos mexidos? — pergunto. É uma das poucas coisas que sei cozinhar.

— Não.

— Salsichas?

Ela balança a cabeça, com nojo estampado em seu rosto bonito. — Que nojo.

— Um sanduíche?

— Eu quero biscoitos, Rapunzelzinho. E ketchup. E picles.

Olho novamente para a porta fechada de Nera, mas não há ajuda. — Ok. Vou dar uma olhada.

Encontro uma caixa cheia de biscoitos de mel em um dos armários e pego o ketchup e um pote de picles na geladeira. Alguns pratos pequenos com personagens de desenhos animados estão secando na prateleira ao lado da pia. Pego um deles e coloco alguns biscoitos nele, pousando-o e ao ketchup na frente de Lucia no balcão do café da manhã. O pote de picles eu deixo na lateral do balcão.

Lucia abre a garrafa de ketchup e espreme pelo menos metade do conteúdo sobre os biscoitos. Depois, ela pega uma das bolachas da bagunça e começa a mordiscá-la. Eu me sento do outro lado do balcão do café da manhã e fico

olhando para a minha filhinha. Sua cadeira está coberta de manchas vermelhas, assim como a parte de cima de seu pijama. O ketchup está espalhado por todo o seu rosto. Tigresa vai me matar.

Pego uma toalha de papel no suporte à minha esquerda e começo a limpar o desastre ao redor de Lucia enquanto ela acompanha todos os meus movimentos com seus olhos curiosos. Quando termino de limpar a cadeira, arranco mais algumas folhas de papel-toalha para limpar seu rosto. Minha mão está na metade do caminho até ela quando me detenho. A textura da toalha parece muito dura para sua pele macia. Sem uma alternativa melhor, largo as folhas e, muito lentamente, estendo minha mão, com a intenção de limpar a mancha de ketchup de sua bochecha com apenas o polegar.

Lucia fica parada. Eu também paro. O pânico explode em meu sistema.

Eu a assustei.

— Me desculpe, eu... — Começo a me afastar, enquanto uma dor, mais aguda do que qualquer outra que já senti, penetra em meu peito.

— Você esqueceu meus picles, — resmunga Lucia, pegando minha mão com as suas. Ela segura meu dedo indicador e meu dedo mindinho, puxando-os em direção ao seu rosto. Meu coração para de bater quando ela pressiona minha mão sobre sua boca, esfregando o rosto na minha palma como se fosse uma toalha para limpar as manchas de ketchup. Quando termina, ela parece pior do que antes, com manchas vermelhas em todo o nariz e algumas até na testa.

— A mamãe não gosta que eu faça isso, — ela declara e me mostra um sorriso cheio de dentes. — Eu gosto muito.

Engulo e olho para baixo, onde ela ainda está agarrada a mim. Tão pequenos. Como seus dedos podem ser tão pequenos? Mexo meu polegar e acaricio seu punho minúsculo.

Minha filha.

Gentilmente, viro minha mão para pegar uma das dela na minha, acariciando os dedinhos agora pegajosos.

— Quer brincar de cabeleireiro?

Sem tirar os olhos do precioso tesouro em minha palma, inclino-me e beijo as pontas cobertas de ketchup. E aceno com a cabeça.

Nera

Estou flutuando naquele vazio incorpóreo entre a vigília e o sono até que uma leve corrente de ar invade o quarto por onde a porta da varanda foi deixada ligeiramente entreaberta. Um calafrio percorre minha carne exposta. Ao piscar o sono, por um momento, minha mente fica felizmente em branco, mas então os eventos de ontem caem sobre mim de uma só vez.

Eu me viro e dou uma olhada no outro lado da cama. Os lençóis estão amassados, mas Kai não está lá. O pânico me agarra com seu punho gelado e, por alguns segundos, a única coisa que consigo fazer é olhar para a marca no travesseiro. Um momento depois, estou saindo de debaixo das cobertas e correndo pelo meu quarto. Abro a porta, quase esmagando-a contra a parede adjacente, e corro para dentro dela, mas paro na soleira.

Kai está sentado no chão em frente ao sofá, com as costas apoiadas na borda almofadada. Um de seus braços está levantado em um ângulo estranho, segurando uma cesta de vime redonda cheia de elásticos, presilhas e outros acessórios de cabelo de Lucia. Minha filha está empoleirada atrás dele, na mesma borda do sofá, mordiscando o lábio inferior com seus lindos dentes de bebê enquanto tenta prender uma flor de seda rosa enorme no topo da cabeça do pai. Enquanto isso, a maior parte do cabelo de Kai - com exceção de um rabo de cavalo fino e desajeitadamente amarrado, pendurado em uma bagunça distorcida na parte de trás - caiu livremente sobre seu rosto. Meu pobre coração se agita ao ver meu demônio, absolutamente imóvel, enquanto seus olhos arregalados, espiando através das mechas, estão vagando loucamente pela sala.

— Eu os encontrei na cozinha há uma hora, — disse Zara ao meu lado. Eu nem tinha notado sua presença, muito fascinada pela visão na sala de estar. —

Aparentemente, Lucia acordou e foi para o seu quarto. Como você ainda estava dormindo, ela pediu a ele que lhe desse o café da manhã.

Pressiono minha mão sobre meu coração e engulo. — O que ele fez?

— Encontrei uma caixa de biscoitos, ketchup e um pote de picles. Espero que ele não tenha dado a ela tudo isso ao mesmo tempo. — Ela inclina a cabeça para o homem em questão. — Acho que ele não tem convivido muito com crianças. Olhe para o rosto dele. Parece completamente apavorado.

— Sim. — Eu pisco as lágrimas que ameaçam se derramar. — Eu lhe disse a verdade ontem à noite.

— Por quê?

— Sem mentiras. Somente segredos. — Eu sorrio, depois elaboro depois que Zara me dá um olhar confuso. — Essa tem sido nossa característica desde o início. Mas agora não é mais. Não há mais segredos.

Zara acena com a cabeça. — Você vai ver Massimo hoje?

— Amanhã. Vou me reunir com os investidores no cassino Bay View depois do almoço. — Eu olho para ela. — Você ainda não quer me contar o que está acontecendo entre vocês dois?

— Desde que eu tinha três anos, a única vez que vi Massimo foi no funeral de nosso pai. Além de fotos antigas, eu nem sabia como era nosso meio-irmão antes disso. O que poderia haver entre nós, Nera? — Sua voz está seca e ligeiramente trêmula. — Tenho que terminar aquele terninho para Dania hoje à noite. Você voltará para o jantar?

— Sim. — Envolvo um braço em torno de sua cintura, abraçando-a. — Obrigada por me ajudar a cuidar da minha filha.

— Sempre. — Ela me abraça em retribuição e se dirige à mesa de jantar, sua atenção sendo imediatamente atraída para a página de seu caderno de desenho.

Apoio meu ombro no batente da porta, observando meu demônio entregar a

Lucia uma escova de cabelo da Disney Princess. Seus olhos encontram os meus e se fixam enquanto nossa filha levanta uma mecha de seu longo cabelo e começa a penteá-lo para trás.

Capítulo 35

Nera

— O que está acontecendo? — Pergunto quando seis enormes SUVs fazem uma inversão de marcha na entrada da garagem e estacionam em uma linha perfeita, lado a lado.

— Os Sicilianos estão atrasados, — diz Kai e passa o braço em volta da minha cintura, puxando-me para perto.

As portas de todos os SUVs, com exceção de um, se abrem simultaneamente. Homens com roupas táticas pretas saem dos veículos e se alinham ao lado uns dos outros na beira da estrada. Há vinte deles, e cada homem carrega várias armas presas ao corpo.

— Sicilianos? — Estou boquiaberta com o pequeno exército na minha entrada. — Os mesmos sicilianos que tentaram me matar?

— Sim. Um erro que nunca esquecerei.

A porta do motorista do SUV principal se abre e um homem alto e musculoso sai. Ele está vestindo um terno cinza-metálico de três peças com uma camisa preta por baixo e uma gravata preta. O siciliano olha em volta e vem em nossa direção, com as mãos nos bolsos da calça. Óculos escuros de aviador escondem seus olhos, mas o acessório não consegue esconder que algo não está certo em seu rosto. A pele de seu queixo e de suas bochechas parece de alguma forma estragada, o que dificulta a identificação de sua idade, mas tudo o mais sobre ele me diz que é jovem. Provavelmente com vinte e poucos anos. Ele não parece estar carregando nenhuma arma, mas o olhar de Kai está fixo nele, como se esse homem fosse a maior ameaça e não um pelotão de mercenários armados.

— Está atrasado, Rafael, — Kai grita.

— Minhas desculpas, — diz o recém-chegado. — Você pediu vinte homens. Tive que retirar uma equipe de um trabalho programado para esta tarde. Isso exigiu o ajuste de algumas logísticas.

— Desistindo de um trabalho?

— Claro que não. Eu mesmo cuidarei desse contrato. — O cara tira os óculos escuros e se vira para mim. Eu mal consigo evitar recuar. O rosto dele é uma bagunça de cicatrizes e pele machucada, como se um animal selvagem o tivesse atacado. Ele me sonda com seu olhar penetrante, com olhos que parecem ser sua única característica intacta. — Sinto muito pelo mal-entendido que ocorreu duas noites atrás. Não tínhamos ideia de que o contrato que aceitamos envolvia a garota de Mazur.

Antes que eu possa responder, a luz reflete em uma lâmina prateada. Respiro fundo, olhando para a faca de aparência perversa que Kai está segurando contra o pescoço do homem. O sangue jorra no local em que a ponta cortou o homem, e uma gota fina desliza lentamente pelo aço frio. O siciliano nem sequer pisca. Ele apenas olha para Kai e levanta uma sobrancelha.

— Você não fica olhando para a minha mulher, Rafael. — A voz do meu demônio é baixa, mas carregada de ameaça. — Entendeu isso?

— Anotado.

Kai abaixa lentamente sua faca. — Eu lhe enviei as plantas da casa e da propriedade. É melhor que faça seu trabalho direito, ou eu massacrarei cada um de seus homens e depois irei atrás de você.

— Sua família está segura em nossas mãos. — O siciliano recoloca os óculos escuros e meus olhos se fixam na infinidade de cicatrizes em relevo que cruzam sua pele, desde os pulsos até às pontas dos dedos. Acenando com a cabeça para os homens armados que estão em sentido, Rafael volta para o carro.

Os homens se dispersam. Cinco correm para a casa, assumindo posições de guarda nas esquinas e na porta da frente. Dois vão para os alojamentos dos funcionários, um prédio de dois andares à esquerda. E os demais correm em direções diferentes pelo gramado, indo em direção aos muros do perímetro.

O líder, Rafael, dá outra olhada ao redor, depois pega o volante e parte.

— O que aconteceu com seu rosto? — Eu sussurro.

— Não faço ideia. Nossos caminhos se cruzaram algumas vezes ao longo dos anos. Conheci Rafael enquanto fazia um trabalho para o sindicato Camorra há cerca de uma década, talvez um pouco menos que isso. Ele ainda era um garoto, talvez dezoito anos, e seu rosto era normal. Quando o encontrei novamente, alguns anos depois, ele estava assim, — diz Kai e me leva até seu carro.

— Então, quer me explicar por que você tem os homens dele espalhados pela casa?

— Não vou correr riscos com a vida de minhas garotas. Os idiotas que você tem como segurança não conseguiriam guardar uma maldita biblioteca.

— Então, em vez disso, você contratou a equipe de assassinos?

Ele abre a porta do carro para mim. — Exatamente.

— E quanto custou? — pergunto enquanto deslizo para o banco do passageiro. — Os sicilianos são caros.

— Um pouco mais do que o contrato original para o golpe.

Eu o sigo com os olhos enquanto ele dá a volta no capô e se acomoda no banco do motorista. A quantidade de dinheiro necessária para contratar um pequeno exército particular desse calibre deve ser insana. Ele mencionou que a recompensa por minha cabeça era de dois milhões, então ele deve ter desembolsado pelo menos dois milhões e meio por isso. Talvez uns três. É uma taxa absurda, mesmo para os padrões da máfia. — Você pagou três milhões ou conseguiu persuadi-los a aceitar apenas um aumento de um ponto cinco?

Com um movimento rápido, seus dedos agarram meu queixo. Ele se inclina, alinhando seu rosto com o meu.

— A segurança de você e da minha filha não tem preço, — ele sussurra, depois encosta a boca na minha. — Deixe para lá, Nera.

— Sem mentiras. — Pego seu lábio inferior entre meus dentes e o mordo. Com força. — E sem mais segredos.

Seus olhos se arregalam perigosamente. Ele deposita mais um beijo rápido em minha boca e liga o carro. — Zero, tigresa. O Rafael aceitou um novo contrato, com proteção, acrescida de um zero.

Observo seu perfil enquanto ele dirige o carro pela entrada da garagem. Ele nunca mentiu para mim antes, mas sei que os sicilianos não trabalhariam de graça. Estamos quase no portão quando finalmente me dou conta. Um zero foi acrescentado ao preço original. Vinte milhões.

— Fale-me sobre seus subordinados, — diz Kai ao fazer uma curva. — Comece com o loiro. O que estava chapado na reunião.

— Armando? — Meus olhos se arregalam de surpresa. — Ele é o responsável pelos soldados que cobram as dívidas. Seu pai é um de nossos investidores e insistiu que Batista tornasse seu filho um capo. Eu não sabia que Armando estava usando drogas.

— Olhos lacrimejantes. Nariz escorrendo. Seu terno estava dois números acima do tamanho. Ele deve ter perdido muito peso recentemente. E estava mexendo nas mangas, puxando-as para baixo, provavelmente para esconder os arranhões. Ele é viciado em heroína. Há marcas de agulhas entre seus dedos, o que significa que ele usa há anos.

— Não notei nenhuma dessas coisas.

— Talvez eu não consiga ler palavras escritas muito bem, mas sou hábil em ler pessoas, — diz Kai. — A dependência de drogas exige dinheiro. Um viciado

recorreria a qualquer meio para conseguir dinheiro se não tivesse bolsos fundos. Se o papai querido insistiu em um emprego, talvez ele tenha se cansado de ver o filhinho gastando os trocados que ele mesmo não ganhava. Portanto, tenho certeza de que o loirinho já está recebendo uma parte das dívidas que cobra. Mas será que ele teria algo a ganhar com sua morte, mesmo que de alguma forma tivesse o suficiente para pagar a recompensa?

— Me matar não abrirá magicamente o banco da máfia, então não acho que o motivo seja dinheiro. Quem quer que tenha ordenado meu assassinato, o fez por causa de um princípio. Nenhuma mulher ocupou uma posição de liderança na Cosa Nostra até mim. — Inclino a cabeça para trás e suspiro. — Provavelmente é um dos membros mais antigos. Eles se mantêm fiéis às suas tradições. Brio - ele é o de óculos escuros - era a voz mais alta que se opunha a que eu assumisse esse cargo. Ele gerencia nossas operações no cassino, o que gera muita renda. Ou talvez o cara das finanças, Primo. Ele cuida da lavagem de dinheiro e dos investimentos. Ele estava sentado à esquerda de Ernesto. Ambos poderiam facilmente pagar os honorários dos sicilianos.

— E o cara que estava sentado à sua direita?

— Salvo, o melhor amigo do meu meio-irmão. Ele tem me ajudado desde que Massimo me empurrou para essa tempestade de merda. Não é ele.

— Eu não gostei do jeito que ele estava olhando para você. — Kai para na luz da rua e pega meu queixo entre os dedos. — Eu não compartilho, Nera. Nem mesmo no sentido platônico. É melhor você se certificar de que ele esteja fora da minha vista se quiser que ele continue respirando.

— Nunca houve nada entre Salvo e eu. Não posso ter certeza, porque ele nunca mencionou isso, mas acho que ele está apaixonado por minha irmã.

— Não me importo. Da próxima vez que eu o vir olhando para você, ele estará morto. — Kai captura meus lábios com os dele.

* * *

Entro no lobby do nosso maior cassino de luxo e respiro fundo. O teto é alto e há pelo menos mil metros quadrados de espaço quase vazio, mas ainda sinto como se as paredes estivessem se fechando sobre mim. A reunião com nossos investidores pode não ser tão estressante quanto a reunião com os capos, mas, mesmo depois de quase quatro anos, ainda me causa ansiedade. São muitos números. Muitos detalhes para lembrar. Sempre tenho medo de esquecer ou perder alguma coisa.

A imagem é tudo em nosso mundo. Se eu perder a aparência de ser a vadia calculista e capaz que me esforcei tanto para ser, eles deixarão de me apoiar. Sem o apoio de nossos investidores, os capos se unirão e me derrubarão do cargo mais alto. Se isso acontecer, serei uma presa para os lobos, e temo que nem mesmo meu demônio e um exército de mercenários serão capazes de manter a mim e a Lucia em segurança. Há meses que ando no fio da navalha entre a compostura e a loucura, mas agora, sentindo a presença de Kai enquanto ele caminha a um passo atrás, não parece tão terrível.

Um homem em um terno vistoso dobra a esquina, vindo em minha direção. A bile sobe pela minha garganta enquanto observo a aproximação de Lotario, com um grande sorriso sujo estampado em seu rosto. Esqueci que estamos no final do mês e que todos os gerentes do cassino estarão presentes na reunião de hoje. Incluindo meu ex nojento.

— Nera. — Lotario se apressa para atravessar o corredor em minha direção, com a mão estendida. — Estávamos esperando por você.

Ele está quase em cima de mim, com seu membro a apenas alguns centímetros de distância, quando o braço de Kai passa por cima de meu ombro. O cano de sua arma pressiona a ponte do nariz de Lotario.

— Para. Trás.

— Nera? — Loratio fica imóvel, com os olhos cruzados, olhando para a arma. — O que está acontecendo?

Kai puxa a arma e dá uma pancada nas costas de Lotario com tanta força que o homem acaba esparramado no chão de ladrilhos polidos a vários metros de distância.

— É Donna Leone para você, — diz Kai, e então dispara sua arma. Fragmentos de ardósia explodem do local próximo à mão de Lotario. — Chegue mais perto dela do que três metros, e isso será sua massa encefálica.

Lotario se arrasta um pouco para trás, depois se levanta e começa a tirar o pó da calça. Seus dedos estão tremendo.

— Acho que não conhece meu novo chefe de segurança, Lotario. Leve-o a sério. — Sorrio e continuo atravessando o saguão em direção à sala de reuniões. Kai vem ao meu lado e passa o braço em volta da minha cintura.

Lotario corre atrás de nós, mantendo-se próximo a uma parede à nossa esquerda.

— Hum.... O que aconteceu com Ernesto? — ele pergunta enquanto seus olhos saltam do rosto de Kai para a mão pousada em meu quadril.

— Kai decidiu que Ernesto não era adequado para seu cargo. Por isso, ele o dispensou. Permanentemente. — Espero até que Lotario esteja fora do alcance dos ouvidos, puxo a manga de Kai e sussurro: — '*Para você, é Donna Leone'?*

— Eu gosto do som disso. — Ele olha para mim, com os lábios repuxados em um pequeno sorriso. — Você também estava guardando segredos. Naquela época. Princesa da Cosa Nostra, nada menos.

— Você nunca perguntou, demônio.

O rosto de Kai entristece. — Eu sei.

O salão de conferências onde as reuniões são realizadas fica no final da pista de

jogos, e posso sentir uma miríade de olhos em mim durante todo o tempo em que cruzo a distância. Grandes luzes pendentes douradas brilham sobre as mesas cobertas de feltro verde. O padrão amarelo arrojado no carpete combina com as decorações em relevo dourado no teto, fazendo-me sentir como se estivesse presa em um labirinto estranho e talvez não conseguisse escapar. Ainda é cedo, e o cassino ainda não está aberto, mas há dezenas de funcionários circulando, limpando e preparando tudo para os clientes que estão prestes a chegar, enquanto me olham secretamente. Venho aqui pelo menos uma vez por semana, mas é a primeira vez que estou aqui não como representante de Batista, mas como líder oficial da Família em Boston. Não há janelas no prédio e, apesar de o espaço ser enorme, sinto como se não houvesse ar suficiente.

Paro diante das portas duplas de carvalho com painéis de vidro fosco no meio e tento reprimir um tremor. O desejo de dar meia-volta e fugir é irresistível. Minha pausa deve ter sido um batimento cardíaco longo demais, e o aperto de Kai em minha cintura se intensifica.

— Basta dar a ordem, — diz ele. — E eu matarei todos que estiverem lá dentro.

Olho para cima e encontro o olhar do meu demônio. Ele parece relaxado, como se estivéssemos curtindo a noite, mas o olhar em seus olhos é de pura ameaça, e posso dizer que sua oferta é absolutamente séria.

Certa vez, quando ainda estávamos no ensino médio, Dania e eu dormimos juntas e passamos horas deitadas em minha cama conversando sobre garotos. Lembro-me dela dizendo que o cara dos seus sonhos seria atencioso e legal, alguém que a mimaria com presentes e resolveria todos os seus problemas para ela. Parecia ideal para meus ouvidos de adolescente. E quando olho fixamente para os olhos duros de Kai, percebo que, afinal, encontrei o homem dos meus sonhos. Só que ele é tão atencioso quanto um furacão que passa pela costa, destruindo tudo em seu caminho. Uma força selvagem e imparável, que poderia facilmente resolver todos os meus problemas, mas que prefere me deixar lidar

com minhas próprias merdas porque eu pedi a ele que o fizesse.

— Acho que isso não será necessário. — Sorrio e entro na sala.

* * *

Duas horas e meia.

Levanto os olhos da impressão das receitas e fixo meu olhar no de Kai. Ele está apoiado na parede perto da porta, no lado oposto da sala de reuniões. Os gerentes do cassino, sentados no lado esquerdo da longa mesa de conferência, estão discutindo sobre a superfície de madeira escura com os investidores à direita, que estão exigindo vários cortes no orçamento. Um dos investidores começa a gritar que não colocará mais capital em um negócio que está apresentando uma queda na receita. Posso estar sentada na cabeceira da mesa, mas parece que estou presa bem no meio, sendo bombardeada pelos dois lados.

A ansiedade que eu vinha sentindo desde antes mesmo de colocar os pés lá dentro se multiplicou várias vezes, mas consegui mantê-la reprimida. Controlada. Desapegada. Composta. Isso é tudo o que eu permiti que esses abutres vissem, porque essa é a pessoa que eu preciso ser aqui dentro. Mas, neste momento, sinto que vou explodir pelas costuras, com medo de desmoronar na frente deles. Não quero estar no comando desse circo. Nunca quis estar no comando de nada. Só quero que tudo isso acabe, para que eu possa me soltar e ter meu colapso sozinha.

— Já chega, — eu grito. Minha voz pode parecer firme, mas a maneira como estou me sentindo é completamente contrária a esse estado. — Já terminamos aqui.

— O quê? — Lotario se levanta de seu assento na ponta da mesa. — Tenho trabalhadores que virão amanhã para atualizar o piso e as luminárias. Essas

ninharias que você atribuiu não cobrem nem 10% dos custos.

— Então, acho que você precisa reduzir suas despesas, — eu digo.

Lotario continua discutindo, exigindo fundos adicionais. Mais homens se juntaram à gritaria, com suas vozes abrindo buracos em meu cérebro. Engulo e meus olhos encontram Kai novamente, ainda apoiado no mesmo lugar. Nossos olhares se cruzam e, apenas por um breve segundo, deixo que ele veja o pânico que estou sentindo. Ele se afasta da parede e enfia a mão na jaqueta, sacando a arma. Ele levanta a mão em direção ao teto e o som de um tiro explode no espaço confinado. O lustre dourado ornamentado, uma versão menor dos que estão pendurados no saguão, cai sobre o tampo da mesa.

Um silêncio absoluto se abate sobre a sala. Os investidores e gerentes de cassino olham para Kai de boca aberta.

— A reunião acabou, — diz ele despreocupadamente e cruza os braços sobre o peito, deixando a arma na mão como um sutil ponto de exclamação em sua declaração.

— O que...? Como ele...? — Lotario gagueja, com os olhos grudados nos cristais estilhaçados que são lançados à sua frente. — Nera, isso realmente não é...

Bang!

A cadeira de Lotario se inclina para trás e, em seguida, tomba, com seu corpo batendo no chão.

— Alguém mais deseja acrescentar algo? — Meu demônio arrasta os olhos sobre os homens. — Não? Então, por favor, desejem um bom dia a Donna Leone e vão embora.

Nada acontece por alguns segundos, e então todos pegam seus telefones e organizadores da mesa. Várias vozes dizendo: — Tenha um bom dia, Donna Leone, — ecoam sobre o barulho apressado.

— Pegue o cadáver. — Kai faz um gesto para o homem de terno cinza-claro que

está colocando seus papéis em uma pasta.

A remoção do corpo de Lotario acaba sendo um trabalho para duas pessoas, uma para segurar os braços e a outra as pernas. Quando o último homem deixa a sala e as portas duplas de carvalho se fecham com um clique suave, Kai se vira e as tranca.

— Isso foi interessante, — diz ele ao atravessar a sala em minha direção. — Acho que posso vir a gostar das besteiras burocráticas.

Recosto-me na cadeira de couro e fecho os olhos. — Acho que concordamos que você vai parar de matar meu pessoal sem discutir comigo antes.

— Ele foi desrespeitoso. Não foi necessária nenhuma discussão. — Sinto a cadeira balançando e depois sua respiração em meu rosto. — Por que você estava preocupada? Você acha que um desses idiotas foi o responsável pelo ataque?

— Não. Esses caras só estão interessados em dinheiro. Enquanto ele estiver fluindo, eles não correrão o risco de criar tumultos. — Mantenho meus olhos fechados e inalo seu perfume. — Eu só.... Não quero ter o controle de tudo o tempo todo. Não quero tomar todas as decisões. Às vezes, eu só quero me soltar e, pelo menos uma vez, deixar que outra pessoa esteja no comando.

Um leve toque se instala na lateral do meu rosto, dedos ásperos e calejados traçam os contornos do meu queixo. Abro os olhos e encontro meu demônio inclinado sobre mim, com a cabeça inclinada e um brilho perigoso nos olhos.

— Tem certeza de que é isso que você quer, tigresa? — Sua voz soa mais grave do que o normal. Mais rouca. Exatamente como um demônio faria ao atrair um mortal para o pecado.

— Sim, — sussurro. Tenho certeza de que ele não está se oferecendo para revisar as declarações de renda para mim. — Mas só se eu confiar nessa pessoa completamente.

— Mm-hmm... — Seus dedos deslizam pelo meu pescoço e clavícula e param logo acima do botão da minha camisa. — Há vigilância por vídeo ou áudio aqui?

Minha respiração se intensifica. — Somente vídeo. A câmera montada acima da porta.

Um canto de sua boca se levanta. — Perfeito.

Kai olha para cima, por cima do ombro, e pega sua jaqueta com a mão livre. Ele continua acariciando meu decote com um leve toque enquanto aponta sua arma para a câmera.

Bang!

— Agora, podemos começar. — Ele coloca a arma no coldre e, agarrando-me pela cintura, me levanta sobre a mesa. — Deite-se.

O ar sai de mim em baforadas rasas enquanto me estico na superfície. Suas palmas grossas deslizam por minhas coxas. Lânguidas. Provocantes.

— Você sempre usa saias nas reuniões?

Seu toque é como fogo em minha pele. — Não.

— De agora em diante, você vai. Menos obstáculos em meu caminho. — Ele pega o elástico da minha calcinha e começa a puxá-la para baixo. — E sem calcinha.

— Está bem.

Observo quando ele aproxima minha tanga preta do nariz e inala. — Adoro seu cheiro, tigresa.

Inspiro profundamente mais uma vez antes de ele a colocar no bolso. Suas mãos voltam às minhas coxas, empurrando minha saia para cima. Quando a coloca em volta da minha cintura, ele segura as bochechas da minha bunda e se inclina para a frente.

— Pernas em meus ombros, Nera, — ele sussurra enquanto levanta minha

bunda. — E nem um som.

Agarro a borda da mesa e a aperto, colocando minhas pernas sobre seus ombros. Os olhos de Kai nunca deixam os meus enquanto ele inclina a cabeça e lambe minha boceta. Com o primeiro contato quente de sua língua molhada, um arrepio percorre minha espinha.

— Adoro seu sabor. — Outro golpe em minha boceta, mais firme e deliberado e provoca meu clitóris. Dolorosamente lento.

— Mais rápido, — eu imploro.

— Eu lhe disse para ficar em silêncio. — Ele pega meu clitóris entre os lábios e o chupa.

Meus olhos reviram. Um gemido ameaça escapar, então pressiono os lábios e aperto a borda da mesa com toda a minha força. A umidade se acumula entre minhas pernas quando a boca de Kai libera meu clitóris.

— Abra mais suas pernas. Agora, tigresa.

Não há um momento de hesitação em seguir essa ordem. Um arrepio percorre minha espinha quando faço o que ele manda. É uma sensação muito boa. Estou acostumada a estar no controle há tanto tempo, e abrir mão disso me faz sentir livre novamente. Um instante depois, a língua de Kai percorre minha fenda, lambendo meus sucos, e então ele agarra meu clitóris mais uma vez. Posso sentir a nitidez de seus dentes roçando em minha carne sensível, e essa sensação por si só quase me leva ao limite. Seus lábios se fecham sobre meu feixe de nervos, a sucção se torna dura e necessitada, enquanto a ponta de sua língua massageia meu clitóris. Eu ofego e arqueio as costas, sentindo o orgasmo tomar conta de mim, mas sua boca desaparece de repente.

— Não tão rápido, tigresa. — Um beijo pousa na parte interna de minha coxa direita. Depois, na esquerda. — Você só pode gozar quando eu lhe der permissão.

— Por quê? — Eu murmuro.

— Você está segurando as rédeas desse seu império criminoso idiota. — Uma longa lambida em minha boceta. — E, embora eu gostasse de matar cada um de seus subordinados e extinguir todas as ameaças em potencial, respeito sua necessidade de levar isso até ao fim. Mas na cama... — uma leve mordida em meu clitóris — ...sou eu quem está no comando.

Quase gozo só com suas palavras. Minhas coxas tremem como se eu estivesse com febre enquanto ele abaixa minhas pernas com cuidado e começa a abrir o zíper de sua calça. Mordo a parte interna da bochecha, imaginando se ele vai me comer rápido ou devagar. Quando se trata do meu demônio, nunca sei o que esperar. Ele libera seu enorme pau, e só de vê-lo, meu núcleo entra em espasmo. Ele se agarra atrás de meus joelhos, puxando-me em direção à borda da mesa.

— O que combinamos, Nera? — A ponta de seu pau cutuca minha entrada, provocando minha boceta com sua grossura.

— Eu não gozarei até que você me dê permissão.

Um sorriso malicioso se desenha em seus lábios. — Boa menina.

Devagar. Ele vai me tomar devagar dessa vez. Inspiro, enchendo gradualmente meus pulmões de ar enquanto ele desliza para dentro de mim. A pressão em meu núcleo aumenta a cada movimento minúsculo, levando-me de volta ao precipício.

Kai se retira e começa a empurrar dentro de mim novamente. Ainda mais sem pressa do que antes. É pura loucura.

— Mais rápido, demônio, — eu engasgo.

— Silêncio. — Ele desliza a palma da mão pela minha coxa, depois pela minha barriga, até chegar ao meu pescoço, envolvendo os dedos em minha garganta. — Os únicos sons que podem sair de seus lábios agora são seus gemidos. — Ele recua, depois mergulha com força, fazendo-me gritar de êxtase.

Ele coloca a mão atrás do meu pescoço, levantando meu corpo desossado. Seu pau grosso ainda está totalmente alojado em mim.

— Gemidos. — Ele encosta seus lábios nos meus. — E gritos.

Nossos olhares permanecem fixos enquanto ele bate em mim, cada estocada forte me fazendo engasgar com a respiração. Entre nossa respiração ofegante e as batidas de nossas carnes, estou vagamente ciente do ranger das pernas da mesa arrastando-se sobre o piso de madeira, fornecendo a melodia para o ritmo de suas investidas. A única coisa que posso fazer é enrolar meus braços em volta de seu pescoço e me segurar como se não houvesse amanhã.

— Por favor, — choramingo.

— Silêncio, tigresa. — Ele desce as mãos pelas minhas costas, sob a minha bunda, apertando-a.

Meu corpo inteiro começa a tremer, zumbindo com a necessidade de liberação. Todas as minhas células são um fio incandescente, amarrado com muita força e pronto para entrar em combustão. Posso sentir o lampejo da faísca que desencadeará o inferno, quando ele se retira de repente.

Agarro os fios amarrados de sua trança. Essa dor no meu âmago está me deixando delirante. Mas Kai apenas inclina a cabeça para o lado, observando-me. Um brilho perverso em seus olhos combina com um sorriso satisfeito em seu rosto enquanto ele passa a mão pelo meu abdômen até ao meio das minhas pernas.

— Eu imaginei fazer isso com você naquela boate. Enquanto você estava dançando com aquele idiota, eu queria que fosse eu. — Ele desliza dois dedos dentro de mim. — Eu não conseguia lidar com isso, tigresa. Eu sabia que não tinha o direito de pensar em você como *minha* naquele momento, muito menos de colocar minhas mãos sujas de sangue em você, mas você era. Minha. E eu queria quebrar o pescoço estreito dele por ter ousado tocar em você. — Seu polegar massageia meu clitóris em círculos lentos e apertados, e cada vez que ele

o pressiona, fico mais perto de cair do penhasco. — Eu fantasiei sobre transar com você com a minha mão e depois com o meu pau bem ali no meio da multidão, fazendo com que todos os filhos da puta da vizinhança soubessem que você era minha.

A pressão dentro de mim continua aumentando, mais e mais a cada respiração. Kai belisca meu clitóris e retira a mão, apenas para substituí-la por seu pau.

— Você era minha naquela época, assim como é agora, quando finalmente estou livre para tocá-la, mas ainda preciso que todos saibam disso, tigresa. Quero que eles vejam você derreter em minhas mãos e imaginem seu rosto fervoroso enquanto você grita em êxtase quando eu a encho com meu pau. — Sua boca passa sobre minha orelha, a ponta de sua língua lambendo meu pescoço. — Aquela câmera que eu atingi? Acho que errei, querida.

Meus olhos se abrem. As imagens dessa câmera são transmitidas diretamente para a empresa de vigilância que cuida da segurança de todos os nossos cassinos. E um dos capos é o proprietário da empresa. Em algumas horas, toda a Cosa Nostra verá a filmagem.

— Qual é a sensação de saber que todos os seus subordinados estão assistindo enquanto eu a fodo na frente dos olhos deles, Nera?

Mantenho seu olhar fixo enquanto luto para inspirar ar suficiente, tentando conter o clímax, mas perdendo a guerra. Minhas unhas cravam na pele de seu pescoço enquanto ele desliza para dentro e para fora de minha boceta gotejante, cada investida me levando ainda mais ao esquecimento.

— Parece que sou só sua.

— Só minha, — Kai ruge e me penetra com tanta força que minha mente fica em branco. — Agora, você tem permissão para gozar.

Estrelas brancas explodem diante de meus olhos enquanto eu grito e estremeço em seu abraço. Minha visão fica embaçada, obscurecendo tudo, exceto os olhos

prateados que olham para os meus, mantendo-me escravizada em seu fogo superaquecido enquanto o orgasmo mais incrível sacode meu corpo.

Kai se encaixa dentro de mim e segura meu queixo com os dedos, inclinando minha cabeça para cima.

— Tão corajosa e bonita. E só minha, — ele rosna e explode em mim.

Capítulo 36

Kai

— Kai. — Uma leve carícia na parte de trás da minha cabeça enquanto Nera acaricia o comprimento da minha trança. — Precisamos ir.

— Está bem, — eu digo, sem desviar o olhar do corpo adormecido de Lucia.

Depois de receber uma mensagem de seu meio-irmão, Nera foi para seu quarto se arrumar. Aparentemente, ele precisa que ela se encontre com alguém hoje. Lucia ficou comigo, brincando no carpete aos meus pés. Dez minutos atrás, ela se levantou de repente, subiu no meu colo e adormeceu em meus braços. Não gosto da ideia de deixá-la aqui, sem que eu esteja por perto para cuidar dela, mas minha tigresa disse que essa reunião é importante.

Levanto-me e carrego minha filha para o quarto, enquanto Nera se apressa para abrir a porta. O vestido preto justo que ela está usando abraça suas curvas e a faz parecer ainda mais séria do que o normal. Ela parece pronta para matar exércitos.

A cama de Lucia fica embaixo da janela, coberta com um cobertor colorido que tem desenhos de biscoitos em forma de casas. Eu o encomendei na semana passada, junto com um monte de outras coisas - um ursinho de pelúcia que é

várias vezes o tamanho de Lucia, uma casa de bonecas, um grande conjunto de animais de fazenda e um avestruz de plástico idiota que fica em um pequeno vaso sanitário e caga pequenas bolas cor-de-rosa no vaso.

Afasto o cobertor e cuidadosamente deito Lucia na cama, depois a cubro, colocando a borda sob o queixo da minha filha.

— Ela ficará bem, — diz Nera quando não saio do lugar. — Zara estará com ela o tempo todo. E seu exército de assassinos está cercando a casa.

— Já se passaram três semanas. Pedi a alguém que verificasse os registros de GPS de todos os seus capos e monitorasse suas contas bancárias, mas não encontramos nada suspeito. Os homens que contratei para seguir seu grupo também não relataram nada comprometedor. — Envolvo seu braço na cintura e a puxo contra meu peito. — Ainda acho que você deveria me deixar matar todos eles.

— Não. Nós temos um acordo.

— Você é difícil de negociar, tigresa. — Eu a levanto e a carrego para fora da sala. — Você acha que Lucia gosta do avestruz cagão?

Nera ri e me beija. — Ela adora. Mas você não precisava comprar tudo isso para ela. Já há muitos brinquedos espalhados por aí.

— Eu não me importo.

— Você a estragará.

— Crianças são feitas para serem mimadas. — Paro no meio da sala de estar e deixo Nera deslizar pela minha frente até ao chão. — Perdi três anos de sua vida. Entendo que os presentes nunca poderão compensar isso, mas preciso que você me deixe fazê-lo. Eu... quero que ela me ame. Por favor.

Nera levanta a mão e acaricia minha bochecha. — Lucia já ama você, querido. Mas não porque você compra brinquedos para ela.

— Então, por quê?

Um pequeno sorriso se desenha em seus lábios. — Você mesmo deveria perguntar isso a ela, e ela explicará.

— Mas ela é uma criança.

— Exatamente. As crianças têm uma maneira de ver a alma de uma pessoa. Pergunte a ela e você verá.

Engulo e desvio o olhar rapidamente, desejando a Deus que minha filha nunca tenha nem mesmo o menor vislumbre de minha alma. — Preciso pegar minhas armas. Com quem você vai se encontrar e onde?

— Nova Iorque. — Ela estremece. — Massimo conseguiu que eu me encontrasse com Salvatore Ajello. O Don da família de Nova Iorque. Um avião particular está esperando por nós.

— Seu meio-irmão é bastante engenhoso, considerando que está preso em uma penitenciária de segurança máxima, — eu digo. — Por que ele precisa que você se encontre com aquele italiano sociopata?

— Você conhece Ajello?

— Você ficaria surpresa com a quantidade de fofocas que acontecem na clandestinidade. Um golpe foi organizado contra ele há vários anos. Ouvi dizer que o cara que aceitou o contrato foi devolvido em dois sacos para cadáveres.

— Sim, Ajello adora enviar partes do corpo como respostas. Da última vez, recebi uma cabeça decepada.

Paro na soleira da porta e me viro. — O quê?

— Ele pegou o homem que enviei para espioná-lo. Ajello enviou de volta a cabeça do homem, embrulhada em um papel vermelho elegante. Depois disso, concordamos em parar de espionar um ao outro.

— O idiota doente lhe enviou uma maldita cabeça?

— Foi uma vingança. Eu mandei Salvo jogar o corpo de outro espião em frente

ao prédio de Ajello alguns meses antes. — Ela junta as mãos à sua frente, olhando para o chão. — Houve mais dois antes disso. Espiões. Eu mesma os matei. Tive que fazer isso. Se não o fizesse, teria sido rotulada como fraca e despedaçada.

Fico olhando para minha tigresa, sem palavras. Não há bravura real em fazer algo de que não se tem medo. Ela foi jogada em uma cova de leões, sozinha e provavelmente com muito medo, e ainda assim conseguiu sair, deixando todos os filhos da puta na poeira atrás dela. Atravessando a distância entre nós em dois passos largos, paro na frente dela e pego seu rosto com as palmas das mãos.

— Você não se sentirá mal por manter a si mesma e a sua família seguras, — sussurro. — Entendeu, tigresa?

— Está bem. — Seu lábio inferior treme.

— Ótimo. — Eu me inclino para que nossos rostos fiquem a poucos centímetros de distância. — Nunca vou me perdoar por não ter estado ao seu lado. Mas agora estou aqui e, daqui para a frente, ninguém vai sequer olhar para você de forma errada. Quem quer que se atreva, conhecerá imediatamente seu criador. E se você decidir que prefere ficar com esse seu império criminoso esquisito, vou acabar com o seu meio-irmão ardiloso assim que ele sair de trás das grades, para que ele não possa tirá-lo de você.

— Eu não quero, — ela sussurra. — Eu nunca quis isso. Só quero que eu, Lucia e Zara fiquemos longe de tudo isso. E eu quero você. Comigo. Sempre.

— Você me tem, tigresa. Sempre. — Eu a agarro pela cintura e a levo para o quarto. A porra do italiano terá de esperar.

* * *

— E a reunião com os capos que você tem esta tarde? — Mantenho a

porta do carro aberta e olho para as belas pernas da minha garota. Os saltos vermelhos altíssimos que ela está usando são realmente excitantes.

— Foi só com Armando e Brio. Liguei para eles e cancelei, — diz Nera e dá uma olhada por cima do ombro para o carro que parou atrás do meu. Dois de seus ‘seguranças’ saem. Coloco uma mão em seu quadril, mantendo-a por perto, e vou em direção ao pequeno avião que está esperando na pista do aeródromo particular de onde vamos sair. Os homens de Nera seguem alguns passos atrás.

— Estou me sentindo ofendido, — resmungo.

— Por quê?

— Você acha que eu não consigo mantê-la segura sozinha?

— Eles são apenas para exibição. Ajello espera que eu traga segurança. As aparências são importantes.

— Mm-hmm. Seu traje também é para manter a aparência? — Aceno para sua minissaia cinza justa e uma blusa de seda vermelha decotada, visível sob o casaco.

— Não. Era a única combinação do meu armário que estava passada. — O canto de seus lábios se curva para cima. — Já que você me arrancou o vestido que eu planejava usar nessa reunião.

Meu pau endurece ao ver suas pernas bem torneadas enquanto ela sobe as escadas para a aeronave à minha frente. Eu preferiria muito mais arrancar suas roupas novamente e comê-la aqui e agora, na frente de sua segurança idiota. Mas posso me manter sob controle por mais algumas horas. Talvez.

Há quatro assentos individuais na parte traseira do avião e dois sofás nas laterais da seção dianteira da cabine. Nera se dirige a um dos sofás e começa a desabotoar o casaco. Os dois seguranças ocupam os assentos na parte de trás. O som do ding soa e o sinal do cinto de segurança se acende. O capitão faz seu discurso e o comissário de bordo segura a porta antes da decolagem. Os motores

ganham vida quando o avião começa a taxiar até à pista de decolagem.

Estou colocando o casaco de Nera no compartimento superior quando seu suspiro quase inaudível chega até mim. Meus olhos imediatamente se voltam para ela. Os dela estão fechados e ela está segurando a bolsa com tanta força que suas unhas estão deixando marcas no couro preto. Obviamente, ela ainda tem medo de voar. Mas prefere manter tudo isso em segredo a mostrar fraqueza na frente de seus homens.

Eu me viro e fixo meu olhar nos seguranças.

— Para o banheiro. — Aceno com a cabeça para a pequena porta nos fundos. — Vocês dois. Agora.

Eles olham para mim, claramente confusos.

— Preciso me repetir?

Eles se levantam de seus assentos e correm para o banheiro. O primeiro agarra a maçaneta e depois olha para mim. — Quanto tempo temos que ficar aqui?

— Até que eu vá buscá-lo! Entre!

— Os passageiros não têm permissão para usar o banheiro durante a decolagem, senhor, — diz o comissário de bordo de seu assento próximo à porta do avião.

— Não me diga? — Levanto uma sobrancelha e pego em minha jaqueta uma das facas de arremesso embainhadas no lado esquerdo do meu coldre de ombro. — Que tal agora?

Atiro a lâmina. Há um som oco quando sua ponta se enterra na almofada de couro do assento do comissário de bordo, bem no meio das pernas do homem. O homem se sacode, seus olhos se arregalam enquanto ele me encara.

— Para o banheiro. Agora.

Ele acena histericamente com a cabeça, tira o cinto de segurança e entra no banheiro. Quando o trinco se fecha atrás dele, olho para Nera, que está sentada

imóvel, com as mãos agarradas à alça da bolsa. Eu me sento ao lado dela, agarro-a pelo meio e a puxo para o meu colo. Seus olhos estão fechados e sua respiração é rápida e superficial - é claro como o dia o quanto ela está aterrorizada.

— Está tudo bem, tigresa. — Passei as costas da mão em sua bochecha. — Todos eles se foram.

Nera solta um longo suspiro e envolve seus braços em meu pescoço. O cheiro de seu xampu enche minhas narinas quando ela enterra o rosto em meu ombro. Seu corpo está tremendo muito, então eu a puxo ainda mais para perto e acaricio suas costas.

— Poderíamos ter ido de carro para Nova Iorque, — digo em seu cabelo. — Como você fez para seu encontro com aquele sérvio.

— Você estava lá? — Suas palavras abafadas se misturam ao rugido dos motores do avião.

— Sim. Como eu disse, eu a segui em todos os lugares que você foi desde o minuto em que coloquei os pés em Boston. Eu só queria mantê-la segura.

— Eu senti você. De vez em quando, eu sentia aquele formigamento agradável na nuca. Sempre senti isso quando você estava por perto. — Ela se endireita lentamente, seus olhos encontrando os meus. — Pensei que estava perdendo a cabeça.

— Foi a coisa mais difícil que já tive de fazer. Não poder tê-la em meus braços, tê-la ao meu lado. — Eu a beijo. — Mas agora eu tenho você. Você está segura. Prometo.

Nera

Olho fixamente para os olhos de Kai e me pergunto como é possível que eles sejam tão calorosos e tão sinistros ao mesmo tempo. Exatamente como ele. Um anjo da guarda e um demônio. Um homem que continua a me salvar repetidas vezes, mas que também semeia a morte por onde passa. Um assassino de sangue frio. Um salvador. O amor da minha vida. E o único homem neste mundo que tem minha confiança completa.

Soltei o cabelo que estava agarrando, mas mantive meus olhos fixos nos dele enquanto descia as palmas das mãos pelo seu peito. A protuberância em sua calça tem pressionado minha boceta o tempo todo. Ele endurece ainda mais quando desabotoo o botão em sua cintura e começo a puxar o zíper para baixo.

— Minha mente acredita em sua promessa, mas meu corpo e meus nervos ainda estão dominados pelo medo irracional, — eu digo. — Preciso sentir você dentro de mim, demônio.

Suas mãos deslizam pelas minhas costas, por cima da minha saia que ficou apertada no meio, até chegar à minha bunda nua. Não estou usando roupas íntimas, como combinamos. Seu hálito quente acaricia meu rosto, seu olhar fixo no meu enquanto envolvo seus dedos em seu pau e o puxo para fora. O avião se inclina repentinamente e eu agarro os ombros de Kai, inclinando-me para a frente até ficar posicionada logo acima de seu pau. Nossa viagem fica turbulenta e um sinal no teto se acende com um ‘ding’.

— Por favor, permaneçam sentados e apertem os cintos de segurança. — *A voz do piloto vem do alto-falante.* — Estamos passando por uma turbulência severa, mas devemos atravessá-la em alguns minutos.

Respiro fundo e me abaixo sobre o pau de Kai. O avião começa a tremer. O

pânico explode em meu peito, mas continuo me afundando em seu pau duro e, a cada centímetro que desliza dentro de mim, um pouco do medo diminui. Ele aperta minha bunda com uma força que me faz ofegar, seu peito se agita enquanto seus dedos penetram em minha pele. Com um movimento rápido, ele me joga em cima dele, enchendo-me até ao fim.

Meu corpo inteiro treme a cada investida poderosa, deixando-me sem fôlego e tonta. Ele me levanta e me derruba de novo. E mais uma vez. E outra. Cada investida envia ondas de prazer que percorrem meu corpo, fazendo-me estremecer e gemer incontrolavelmente. Desesperadamente, eu me agarro a ele, com minhas unhas cravadas em suas costas enquanto ondas de prazer me atingem.

Kai nem sequer pisca, enquanto seus olhos se fixam nos meus. O ronco baixo do avião e nossa respiração ofegante são os únicos sons em nosso mundo. Não há palavras. E não precisamos de nenhuma. Nunca precisamos expressar nossos pensamentos, meu demônio e eu. Posso ler o olhar nos olhos dele, assim como ele faz com os meus.

Você está segura. *Seus olhos dizem.*

Eu sei. Minha própria resposta.

Meu corpo entra em convulsão quando seu pau inflexível me penetra por baixo, mais rápido e mais fundo a cada investida. A turbulência ao nosso redor está aumentando, mas não tenho mais medo. Ele disse que estou segura. O compartimento superior à nossa frente se abre e algo cai no chão. Enfio meus dedos no cabelo de Kai e bato minha boca na dele.

— Eu te amo, — sussurro em seus lábios enquanto tudo ao nosso redor treme e se agita.

— Eu vivo para você, minha tigresa. — Sua voz - crua e gutural - é áspera quando desliza por mim.

Agarrando seu cabelo com os punhos, eu gozo, ofegando enquanto me desfaço. Enquanto isso, mais compartimentos de bagagem se abrem e coisas chovem ao nosso redor.

* * *

Há homens assustadores neste mundo. Mas comparados a Salvatore Ajello, todos eles parecem patinhos fofos.

Não é por causa de sua aparência. O Don de Nova Iorque parece qualquer outro homem de negócios rico - um terno caro obviamente feito sob medida, nenhuma joia além de um relógio e uma grossa aliança de casamento na mão direita e cabelos escuros salpicados de grisalho penteados para trás em um estilo despretensioso. Não há armas à vista, mas tenho certeza de que ele tem uma arma com ele. E não há guarda-costas por perto. Mesmo assim, só o fato de estar sentado à mesa com ele já me dá arrepios. Não entendo por que Massimo quer fazer negócios com esse homem.

— Então? O que você acha? — Pergunto casualmente.

Apesar de estarmos em um restaurante de luxo com mais de cinquenta pessoas jantando ao redor, fico esperando que ele jogue um braço decepado ou talvez uma cabeça em cima da nossa mesa.

— Não posso dizer que esteja interessado, Nera.

Levanto meu copo e tomo um gole de minha limonada. — Por quê? Estamos prontos para investir dez milhões ao longo do primeiro ano. O dobro desse valor no segundo ano.

— Você está lidando com a Dushku, — ele diz como se isso fosse motivo suficiente. Não sei por que Ajello faria objeções a uma colaboração certamente próspera apenas por causa de nossos laços com o sindicato albanês, mas

Massimo obviamente está ciente.

— Eu cortei todos os laços com a Dushku meses atrás. Não estamos mais fazendo nenhum negócio com eles.

Ajello levanta uma sobrancelha. — Algum motivo específico para isso?

— Agora temos um novo fornecedor. — Dou de ombros, com a intenção de deixar as coisas assim. Ajello não precisa saber que Massimo é quem está mexendo os pauzinhos ou que ele ordenou que eu me separasse da Dushku.

— Interessante. Então, onde conseguirá as armas e a munição no futuro?

— De Drago Popov.

Uma faísca perigosa se acende nos olhos de Ajello. — Um momento, por favor.

Ele coloca a mão dentro do paletó do terno. Meus olhos se voltam para Kai, onde ele está do outro lado do restaurante, colocando a mão atrás das costas.

Não. Eu falo e balanço a cabeça.

— Diga ao seu cão de guarda para relaxar, — diz Ajello de improviso, enquanto pega seu telefone e o coloca no ouvido. — Se eu quisesse matá-la, você já estaria morta.

Fico olhando para ele. Será que o homem tem olhos na parte de trás da cabeça?

— Sienna, — diz Ajello ao telefone. — Parece que você esqueceu de mencionar que seu marido está fazendo negócios com a facção de Boston agora.

Uma voz feminina aguda explode do outro lado da linha. Não consigo captar o que ela diz, mas ela parece bastante animada - até que, de repente, para de falar.

— Já lhe disse o que penso sobre seus esquemas de espionagem, Ajello! — Uma voz masculina e grossa ecoa do alto-falante do telefone. O homem está gritando tão alto que consigo ouvir cada palavra. — Se tiver alguma pergunta para mim, sabe onde me encontrar. Ligue para minha esposa novamente e eu arrancarei seus dedos e os enfiarei em sua bunda. Talvez assim você descubra quais botões

apertar!

A linha fica muda. Pisco em confusão, olhando para Ajello enquanto ele guarda o telefone. Ele tem um sorriso quase imperceptível no rosto.

— Parece que está confirmado, — ele diz. — Desejo-lhe sorte ao fazer negócios com o grupo de Popov, Nera. Você vai precisar dela.

— Por quê?

— Um bando de selvagens loucos, cada um deles. Mas eles são os melhores no que fazem. Infelizmente. — Ele se levanta de sua cadeira. — Já que Massimo deixou os albaneses fora de cena, fico feliz em discutir negócios. Diga a seu meio-irmão que espero uma ligação dele quando sair e tomar as rédeas.

Fico olhando para suas costas em retirada. Como diabos ele sabe disso? O telefone de Ajello toca enquanto ele ainda está ao alcance da voz, e eu ouço sua resposta.

— Não, Milene. Não vamos comprar outro gato. Dois são mais do que suficientes... Não, também não vamos comprar um hamster... Eu sei que eles são pequenos. Mesmo assim é um *não*, cara mia... Sim, sou uma pessoa muito ruim. Também amo você.

Capítulo 37

Nera

— Pare, — grita Kai, parado na porta do avião, olhando para a pista de decolagem.

Parei imediatamente, esbarrando em suas costas. — O que há de errado?

— Não tenho certeza, mas tenho um mau pressentimento. — Ele saca sua arma. — Palhaço A. Vá pegar meu carro.

— Por favor, não chame meus seguranças de 'palhaços', — resmungo enquanto ele entrega a chave do carro ao homem em questão.

— Tire seu casaco e entregue-o ao Palhaço B. Vista a jaqueta dele.

Sigo sua ordem e rapidamente troco meu casaco com o segurança. Ele é um pouco mais baixo, mas ainda assim parece engraçado com meu casaco vermelho três vezes menor que o normal.

Kai se vira para o piloto que está parado na soleira da cabine de comando e encosta sua arma na testa do homem. — Ligue para a torre. Diga a eles para desligarem as luzes da pista e tudo o mais que estiver próximo daqui. Agora. E corte a energia do avião também.

O piloto acena com a cabeça e volta ao seu assento para falar com o controle de tráfego aéreo pelo rádio. Se esse fosse um aeroporto normal, nada disso poderia acontecer. Mas acho que os aeroportos privados estão acostumados a receber pedidos estranhos, pois as luzes da pista se apagam um minuto depois, seguidas por todas as outras luzes da área.

O carro de Kai para ao lado da escada de embarque embutida na porta do jato. O

guarda de segurança sai do lado do motorista, dá a volta no veículo para abrir a porta do passageiro de trás e aguarda. Na escuridão absoluta que caiu como uma mortalha, o interior iluminado e os faróis do carro brilham tanto quanto um farol na costa.

— Palhaço B, puxe o capuz e desça as escadas. — Kai bate com a ponta de sua arma nas costas do homem. — Devagar.

Minha frequência cardíaca triplica enquanto mantenho meus olhos fixos em meu chamariz enquanto ele desce as escadas. Ele está na metade do caminho para a pista quando um tiro explode na noite. O homem se sacode para trás e cai no chão.

Kai dá um passo à frente e começa a atirar em algum lugar à esquerda. Os tiros que chegam ricocheteiam em todas as superfícies próximas. O outro guarda tenta se proteger atrás do carro, mas também cai na calçada.

— Tigresa, você precisa entrar no carro. Fique abaixada.

Eu me agacho e desço as escadas correndo. Kai continua a fazer chover balas enquanto desce os degraus, um de cada vez, atrás de mim.

— Vá para a traseira! — ele grita por cima dos tiros. — No chão!

Entro no carro e fecho a porta com força. Kai dá a volta no capô, ainda com a arma em punho. No instante em que está ao volante, ele acelera.

— Debaixo do banco de trás, — ele diz por cima do barulho dos pneus enquanto gira o volante para dar meia-volta.

Agarro a borda do banco traseiro e o levanto, dobrando-o para abrir o compartimento oculto. Três revólveres. Uma espingarda. Algum tipo de rifle curto. Duas outras metralhadoras que não reconheço. Facas. Granadas. Uma Uzi.

— AK-47, — diz ele. — Jogue-a no banco do passageiro.

Fico boquiaberta com a variedade de armas, sem ter ideia do que é uma AK-47. — Qual delas é?

— Alça pequena e marrom. Carregador grande e curvo.

O rifle curto. Pego a arma e me viro para deixá-la no banco do passageiro. Quando olho pelo para-brisa, percebo um sedã escuro dirigindo a alguns metros à nossa frente. E estamos nos aproximando dele. Rápido.

— Por que estamos perseguindo as pessoas que acabaram de atirar em nós?

— Para que possamos matá-los, querida. Abaixe-se.

Eu grito e me encolho no assoalho do carro, com as mãos cobrindo a cabeça. No momento seguinte, há um violento puxão e um som estrondoso quando os dois veículos se chocam e param repentinamente. Abaixando-me o máximo que posso atrás do assento do motorista, respiro fundo enquanto tiros automáticos explodem acima de mim.

Devo ajudar?

Sou uma péssima atiradora.

Não importa.

Levantando o assento traseiro novamente, pego a primeira arma que consigo colocar em minhas mãos. Ela é muito mais pesada do que eu esperava. Verifico o carregador - cheio - e puxo a maçaneta da porta. Usando a porta aberta como cobertura, eu me endireito e levanto a arma com as duas mãos.

O sedã escuro parou de lado, com o lado esquerdo bastante amassado. Um homem está caído de bruços no chão ao lado da porta do motorista, imóvel. Kai está arrastando o segundo atirador para fora pela porta do passageiro da frente. Não há mais ninguém na parte de trás do carro; parece que meu apoio não é necessário.

Abaixo a arma e me aproximo do motorista. Ele parece bem morto, considerando o pedaço que falta na parte de trás de seu crânio. Uma gosma avermelhada está espalhada por todo o seu pescoço e costas. Parece sangue e massa encefálica. Engolindo bile e me esforçando para não vomitar, eu o viro

para dar uma olhada em seu rosto.

É um dos seguranças do cassino Bay View. Tenho quase certeza de que vi esse bastardo toda semana nos últimos seis meses, pelo menos.

Um lamento angustiado rompe a quietude. Eu me levanto e corro em volta do carro. Kai prendeu sua presa no chão e está tentando quebrar o braço do homem. O outro braço do atirador está mole e caído em um ângulo estranho.

Crack.

Eu me encolho quando o homem grita. Com seu rosto virado para longe de mim, não consigo ver sua aparência.

— Tigresa. Você pode abrir meu porta-malas e ver se há espaço suficiente? — Kai pergunta em tom de conversa enquanto se vira para agarrar a perna do homem.

— Espaço suficiente para quê?

Crack.

— Para embalar nosso amigo, — ele diz por cima dos gritos de lamento do homem e agarra a outra perna.

— Humm.... Isso é necessário?

— Sim. — *Crack.* Uma intensidade maior de gritos. — Não tenho uma corda para amarrá-lo. Não posso arriscar que ele fuja depois de ter tentado matar você. Pretendo interrogá-lo quando voltarmos.

— Não tenho certeza de que ele ficará vivo por tanto tempo.

— Ele vai. — Kai solta o membro quebrado e ele cai no chão, depois agarra o homem pela parte de trás do paletó, virando-o. — Eu me certifiquei de danificar apenas suas articulações. Nada de fraturas expostas. Estou guardando essas para o nosso bate-papo.

Olho para o atirador. Não há luz suficiente para ver claramente suas feições,

então me aproximo um pouco mais e suspiro. — Armando?

Um gemido de dor é a única resposta que recebo antes que os olhos de Armando se arregalem e ele perca a consciência.

— O porta-malas, tigresa.

Aceno com a cabeça e corro em direção ao carro de Kai.

Duas sacolas traseiras - do tamanho de um equipamento de ginástica comum - estão ocupando o espaço do porta-malas, mas quando pego a primeira para movê-la, mal consigo deslocá-la. Abro o zíper para dar uma olhada no interior e fico boquiaberta. Ela está cheia de caixas de munição. A segunda bolsa tem mais munição, além de várias armas de vários calibres.

— Ah, eu me esqueci disso, — diz Kai ao meu lado. — Vou colocá-las no banco de trás.

Ele ajusta seu controle sobre Armando inconsciente, apoiando o corpo mole sob seu braço esquerdo, e move as malas. Ao liberar espaço na área de carga, Kai joga meu capo no vazio como se ele não passasse de um boneco de pano, ajusta os membros quebrados e fecha o porta-malas.

— Não acredito que tenha sido Armando, — digo, olhando para o porta-malas fechado. — Se fosse Brio ou Primo, eu teria entendido. Eles ficavam dizendo que ter uma mulher liderando a Família é uma vergonha para a Cosa Nostra.

— Bem, parece que eles estão felizes com sua liderança, não importa o que estejam dizendo. No entanto, ainda vou puni-los por falarem merda com você. — Ele segura minha bochecha com a palma da mão e sorri. — Tem certeza absoluta de que quer deixar seu meio-irmão assumir o comando?

— Sim. E você não tocará em Brio ou em Primo.

O sorriso de Kai se alarga. — Tudo bem, não vou tocar neles.

Seu cabelo se soltou em algum momento durante a escaramuça e está caindo ao acaso ao redor do rosto. O brilho azulado está banhando suas feições robustas e

os reflexos das gotas de chuva que escorregam pelo seu queixo. Eu nem percebi que começou a chover. Ou que a torre de controle deve ter acendido as luzes do aeródromo.

Ele salvou minha vida.

Novamente.

— Então... — Eu me engasgo. — Isso significa que acabou?

— Saberemos com certeza quando eu o interrogar. Mas, provavelmente, sim. Se houvesse mais alguém envolvido, eles não teriam enviado um drogado para fazer o trabalho. — Ele puxa meus lábios entre os dentes. — Mesmo assim, vou me certificar de que a segurança na propriedade seja ainda mais rígida esta noite, por precaução. Você e Lucia estarão seguras.

Agarro a parte da frente da camisa de Kai e pulo em seus braços. Nossas bocas se chocam em uma tempestade de mordidas e beijos. Suas mãos agarram minha bunda, colocando-me sobre a tampa do porta-malas, e eu grito quando minha pele nua entra em contato com a superfície fria e escorregadia.

— Acho que isso terá de esperar. Não gostaria que essa sua linda boceta pegasse um resfriado agora. — Ele pega meu lábio inferior entre os seus, chupando-o enquanto me levanta de volta em seus braços. Alguns passos e ele me coloca no banco do passageiro, depois tira o paletó do terno e o coloca sobre mim. — Melhor?

— Sim, — eu sussurro.

Kai dá a volta no carro para sentar-se ao volante. Os pneus guincham quando ele dá ré e carrega no pedal do acelerador, dirigindo em direção à rodovia.

Apenas duas pessoas indo para casa depois do trabalho.

Com um hóspede no porta-malas choramingando por causa de seus membros quebrados.

* * *

— Por favor, mostre ao Sr. Mazur o porão, — digo a Timoteo quando ele abre a porta.

O olhar do mordomo desliza por trás de mim e seus olhos se arregalam quando param em Kai, que está de pé com o corpo de Armando jogado sobre o ombro como se fosse um saco de batatas.

— Com certeza, — diz o mordomo. — Por favor, siga-me, senhor.

Kai acena com a cabeça, depois inclina a cabeça para sussurrar em meu ouvido.

— Vou deixar Armando lá embaixo para se refrescar um pouco e depois subirei para terminar o que começamos. — Ele coloca a mão no meu quadril, depois a desliza pelo meu estômago e desce até pressioná-la na minha boceta. Eu mal consigo segurar um gemido.

Sigo Kai com meus olhos enquanto ele atravessa o corredor em direção à porta do porão que o mordomo está segurando aberta. A cabeça e os braços deformados de Armando estão balançando para a esquerda e para a direita nas costas do meu demônio. No instante em que a porta do subnível se fecha, subo as escadas correndo.

Quando entro na sala de estar, Zara salta do sofá, seus olhos percorrem loucamente meu cabelo emaranhado, a blusa meio amassada e a jaqueta encharcada de Kai até parar em meus sapatos enlameados. — Nera? O que aconteceu com você?

— Fomos emboscados quando aterrissamos e tentamos sair do avião. — Varro alguns dos fios que caem sobre meu rosto.

— O quê?! Como? — Ela corre para o outro lado da sala. — Você está bem?

— Sim, estou bem. Vou dar uma olhada em Lucia antes que Kai suba. O que lhe

deu no jantar?

— Ensopado de legumes. Nera! Quem atacou você?

— Foi o Armando. Kai está com ele em uma das salas subterrâneas, mas ele cuidará dele mais tarde. Eu lhe contarei tudo pela manhã. Hum.... Obrigada por cuidar da Lucia, mas preciso muito que você vá embora agora. — Agarro sua cintura e a empurro levemente em direção à porta. — Boa noite.

Zara para na porta, olhando para mim por cima do ombro. — Você está bem?

— Sim. Só estou esperando Kai. Ele deve chegar a qualquer momento. Temos que terminar uma discussão anterior.

Minha irmã pisca. — Discussão? — ela pergunta, mas então seus olhos se arregalam e a cor se insinua em suas bochechas. — Oh. Hum... Vou embora agora.

Assim que ela sai pela porta, deixo meu telefone e minha bolsa na mesa de jantar e vou para o quarto de Lucia. Ela está dormindo com um tigre de pelúcia que Kai comprou para ela debaixo do braço. Sento-me na beirada da cama e estendo a mão para acariciar levemente o queixo da minha filha.

— Tudo vai ficar bem agora, — sussurro. — Seu pai prometeu que se certificaria de que estaríamos seguras. E ele manteve essa promessa.

Uma respiração aguda vem de trás de mim. Eu me viro e encontro Kai na soleira da porta, segurando o batente com mão de ferro. Seu rosto está pálido como uma folha de papel.

— Ela poderia ter ouvido você. Você deveria ser mais cuidadosa.

— De qualquer forma, vamos contar a ela em breve. Ela merece saber. — Eu me levanto e diminuo a distância entre nós. — *Você* merece que ela saiba a verdade.

— Nunca. — Ele observa nossa filha, com a mandíbula rígida.

Pego seu queixo entre as palmas das mãos, inclinando sua cabeça para baixo,

fazendo-o olhar para mim. — Por quê?

— O que vai dizer a ela que o pai dela é? — ele pergunta com os dentes cerrados. Seu tom é amargo, mas cada palavra está repleta de dor e tristeza. — Um assassino de aluguel? Um vilão que matou o avô dela? Alguém que não consegue nem se lembrar do próprio nome?

— Não, querido. — Eu me levanto na ponta dos pés e beijo sua mandíbula. — Vou lhe dizer que o pai dela é Kai Mazur. O homem que está cuidando de mim há anos, mantendo-me segura. Que levou um tiro por mim. O homem que quase não dorme há semanas porque está nos protegendo. Que passou horas simplesmente observando-a dormir, em vez de descansar ele mesmo. Nosso anjo da guarda. O amor da minha vida. — Inclino sua cabeça para baixo até que nossos lábios se toquem. — O homem que ama ela e a mãe dela mais do que qualquer outra coisa. Assim como nós o amamos. É isso que direi à nossa filha.

— Nera.. — ele sussurra em minha boca.

— Kai. Deixe que eu... deixe que *nós* o amemos. Por favor.

Uma respiração pesada e dolorosa sai de seus pulmões. Ele fecha os olhos e encosta sua testa na minha. — É o sonho que eu estava sonhando, mas nunca ousei esperar que se tornasse realidade. Pessoas como eu não podem ter tais ambições, tigresa.

— Bem, vamos viver nossos sonhos de agora em diante. — Eu o beijo. — E todo o resto pode ir para o inferno.

Meu telefone começa a tocar em algum lugar. Pego a mão de Kai e o puxo comigo enquanto me apresso em direção ao som. Só quero desligar a maldita coisa, mas quando meus olhos caem na tela piscando, meu corpo fica rígido.

— É Ajello, — eu estremeci. — Ele quase nunca liga. Preciso atender.

— Quer que eu mate aquele psicopata para você?

— Não. Eu só... — murmuro, olhando para o nome na tela. — Não estou em um

estado mental adequado para falar com ele agora, mas preciso fazê-lo.

— Então, acho que devo ajudá-la com isso. — Ele pega o telefone de minha mão. — Você ainda não colocou sua roupa de baixo, não é, tigresa?

— Não. Por quê?

Um pequeno sorriso se insinua nos lábios do meu demônio. Ele coloca o telefone na mesa de jantar e liga o alto-falante.

Kai

— Espero que não seja um momento inconveniente, Nera. — A voz de Ajello entra na linha.

Mantenho meus olhos fixos em minha tigresa enquanto desabotoo o botão de sua saia e, em seguida, arranco a peça de roupa dela.

— De modo algum, — diz ela com voz calma enquanto me observa abrir o zíper da calça. — O que posso fazer por você, Sr. Ajello?

Envolvendo meu braço ao redor da cintura de Nera, eu a levanto sobre a mesa. Ela abre a boca para dizer algo mais, mas coloco meu dedo em seus lábios e balanço a cabeça. Em seguida, enterro meu pau nela em um único impulso poderoso.

— Ouvi dizer que teve alguns problemas durante seu retorno. Está tudo bem?

Espero que ela respire fundo e, em seguida, bato nela novamente. O telefone desliza para o meio da mesa.

— Muito bem. — Nera passa o braço em volta do meu pescoço e molha os lábios. Ela parece o pecado personificado, com as bochechas coradas e a boceta engolindo meu pau. — E como conseguiu essa informação, Sr. Ajello?

— Tenho minhas fontes.

Segurando seus pulsos, levo suas mãos até à borda da mesa.

— Segure firme, — sussurro.

Nera agarra a superfície de madeira. Minha mão direita está em sua nuca, enquanto a outra segura sua deliciosa bunda.

— Achei que tínhamos um acordo sobre espionar um ao outro. — Ela arqueia as

costas quando eu a penetro novamente.

— Tenho pessoas monitorando determinados locais. Incluindo aeroportos privados.

— Por que não estou surpresa? — Um gemido abafado sai da boca de Nera quando acelero meu ritmo. Seus lábios tremem e sua respiração fica presa. — Esse é o motivo de sua ligação?

— Não. Preciso que passe uma mensagem para seu meio-irmão.

— Estou ouvindo.

Pego o queixo de Nera entre meus dedos e agarro seus lábios com os meus. Ela tem gosto de chuva, vento e sol. Como a própria vida. Posso sentir que ela está começando a gozar enquanto seu núcleo treme ao redor do meu pau. Com uma última mordiscada em seus lábios, eu me retiro e a coloco cuidadosamente sobre a mesa. O olhar que ela me dá é uma mistura de frustração e confusão. Segurando seu olhar, alargo suas pernas e mergulho em direção ao seu centro.

— Nem um som, — eu digo e enterro meu rosto em sua boceta doce, chupando com força seu clitóris.

— Diga a Massimo que ele está me devendo... — Perdi o resto das palavras do italiano.

Arrepios percorrem todo o corpo de Nera. Solto seu clitóris e deslizo minha língua em sua abertura o mais fundo que posso.

— ...Ele saberá para quê. Um dia, eu vou cobrar, — acrescenta Ajello.

Nera já estava tremendo em êxtase quando me endireitei e deslizei meu pau até onde minha língua estava. Cubro seus lábios com a palma da mão e entro com força total.

A linha telefônica é desconectada.

E Nera grita em minha mão.

Capítulo 38

Kai

As cortinas da janela francesa estão puxadas para os lados, o que me permite ver os homens de Rafael andando pelo jardim da frente enquanto os primeiros raios de sol despontam no horizonte. Acaricio o braço fino de Nera, começando pelo ombro e descendo até à palma da mão. Com cuidado para não acordá-la, levanto sua mão até aos lábios e beijo a ponta de seus dedos. Quando estou abaixando a mão dela de volta para o meu peito, meus olhos se fixam em seu dedo anelar.

Desde o momento em que ela me permitiu voltar à sua vida, o desejo de tê-la marcada como minha tem me atormentado dia e noite. Não acredito em cerimônias. Não preciso assinar um pedaço de papel estúpido entregue a mim por um funcionário sem nome para reivindicá-la como minha. Ou que um senhor com roupas engraçadas a proclame como tal. Se algum homem ousar se aproximar da minha tigresa para roubá-la de mim, eu simplesmente quebrarei seu pescoço. Mas mesmo assim... Acaricio seu dedo anelar mais uma vez, depois saio da cama e pego meu celular na mesa de cabeceira. Quando me dirijo ao banheiro, fechando a porta silenciosamente atrás de mim, encontro o número de Felix no meu aplicativo de voz para texto.

06:34 Kai: Preciso que você faça algo por mim.

Um minuto depois, chega um arquivo de áudio. Portanto, ele não se esqueceu de meu pequeno problema com a leitura.

06:35 Félix: Estou dormindo!!!

06:36 Kai: É urgente.

06:36 Félix: Você está faminto, desidratado e morrendo em algum lixão de novo? Porque se não estiver, pode esperar pra caramba.

06:38 Kai: Não. Eu preciso de um padre. Quero me casar.

Alguns minutos se passaram sem resposta, e então:

06:40 Felix: Envie-me sua localização e fique quieto. São os mexicanos de novo? Vou pedir para Sergei tirá-lo de lá. Quando foi a última vez que eles o drogaram?

06:41 Kai: Não estou drogado. Encontre um padre e entregue-o até ao final do dia, ou vou estripar você bem devagar na próxima vez que o vir.

Eu lhe envio o endereço quando volto para a cama e jogo o telefone de volta na mesa de cabeceira.

Nera se mexe e levanta a cabeça do travesseiro ao meu lado. — Que horas são?

— Quase sete. — Eu a pego de volta em meus braços, afasto uma mecha de cabelo louro-escuro que caiu sobre seu rosto e beijo seu nariz.

— Você acha que foi sensato deixar Armando no porão durante a noite?

— Se você está preocupada com o vinho que está lá embaixo, não se preocupe. Ele não pode beber com os braços quebrados.

— Não estou preocupada com o vinho. E se ele entrasse em choque e morresse?

— Ele não morreria por causa de alguns ossos quebrados. Bem, pelo menos não imediatamente. Vou interrogá-lo depois do café da manhã. Precisamos saber se mais alguém estava envolvido.

Nera me abraça com mais força e enterra o nariz na curva do meu pescoço. — Mal posso esperar pelo dia em que Massimo sairá e poderemos deixar esse hospício para trás.

— Mas você faz uma Donna magnífica, tigresa. Eu poderia...

— Não quero que você mate meu meio-irmão, Kai. Mas, obrigada por se oferecer. — Ela suspira. — Eu só quero todos nós - você, eu, Lucia e Zara - longe de tudo isso. Uma casa grande. Um quintal enorme. Com um monte de animais para a Lucia brincar.

— E sem vizinhos por perto.

Nera ri em meu pescoço. — E sem vizinhos.

— Quanto tempo falta para seu meio-irmão ser libertado?

— Mais cinco meses.

A porta do quarto se abre com um rangido.

Levanto a cabeça e olho com pavor para Lucia, de pé na soleira da porta, segurando sua pelúcia de tigre em uma mão e uma escova de cabelo na outra. Ela vê a mim e a Nera deitados juntos na cama, seus olhos saltam de mim para a mãe dela. E então, ela encontra meu olhar com um olhar ousado.

— Tigresa? — Eu sussurro. — O que devemos fazer?

— Por que você chama a mamãe de 'tigresa'? — A pequena voz de Lucia quebra o silêncio no quarto.

— Hum... bem... — Olho de relance para Nera, na esperança de obter ajuda, mas ela apenas ri para a mão. — É um apelido.

— Por que você a chama com um apelido?

— Porque... Eu a amo.

Lucia enruga o nariz como se estivesse pensando nisso.

— Eu também quero apelido, — ela exige, depois corre pelo carpete para subir na cama. Meu coração dispara como um trem desgovernado quando a vejo engatinhar e se aconchegar entre nós.

— Ok. — Eu mal consigo responder. — Que tal *tygrysek*? Significa bebê tigre.

— Eu gosto. — Ela pega um punhado do meu cabelo e começa a escová-lo. —

Eu tenho um nome bonito, mamãe. O Rapunzelzinho também gosta de mim.

Meus pulmões se contraem com tanta força que não consigo respirar. A mão de Nera agarra a minha, apertando-a.

— Sim. — Eu mal consigo falar. — Eu te amo muito, Lucia.

— Eu sei. — Ela olha para mim, diretamente em meus olhos. — Dói, mas você me deixa pentear seu cabelo bonito. Claro que você me ama.

O calor irrompe dentro de mim, queimando tão quente quanto uma estrela em explosão. Quase derreto com o ataque de sentimentos que me invade. Estendo a mão e acaricio cuidadosamente a bochecha macia de Lucia com as costas da minha mão. Não sei se ela algum dia entenderá a profundidade do meu amor incondicional pelos meus dois filhotes de tigre.

— Eu a amarei até que a última gota de sangue corra em minhas veias, *tygrysek*, — sussurro.

— Que nojo. — Ela faz uma cara de nojo. — Eu não quero sangue. Quero café da manhã. Posso comer biscoitos e ketchup de novo?

— Não, — diz Nera ao meu lado e esfrega os olhos com a mão. Ela ficou em silêncio durante toda a conversa. — Mas podemos mostrar a Kai como fazer mingau de aveia com frutas para você.

— Está bem. Mingau de aveia é gostoso. — Lucia dá de ombros, tira o elástico de seu rabo de cavalo e tenta colocá-lo em meu cabelo. — Da última vez que a mamãe me fez mingau de aveia, tivemos muitos *boomers*[8] e muita chuva, o que deixou a mamãe triste. Mas ela me contou um segredo. Ela disse que meu pai se perdeu há muito tempo na tempestade. Mas que um dia ele vai nos encontrar. Você é meu papai, Rapunzelzinho?

Sinto como se alguém tivesse jogado uma maldita montanha em cima de mim; seu peso recai sobre meu peito. Não consigo me mexer. Não consigo nem respirar. Abro a boca para dizer algo, mas nenhum som sai de meus lábios.

— Sim, — diz Nera, com a voz embargada. — Ele finalmente nos encontrou.

— Oh. Ótimo. — Lucia acena com a cabeça de maneira séria, depois puxa meu cabelo com um puxão rápido. — Não se perca de novo.

Fecho os olhos e beijo o topo de sua cabeça. — Nunca mais. Prometo.

Capítulo 39

Nera

— Precisamos remarcar a reunião de hoje, — diz a voz de Brio ao telefone. Ele parece muito estranho. — Não estou me sentindo bem.

— Tudo bem, — eu digo. — Vou pedir a Primo que venha aqui para que possamos revisar os números deste mês.

— Receio que Primo também esteja indisposto. Ele ainda está no hospital. Os médicos estão tentando remover os restos de cola de borracha do esôfago dele.

— O quê?

Um ataque de tosse toma conta de Brio antes que ele possa responder. — Nós dois sentimos muito por ter desrespeitado a senhora. Por favor, garanta ao Sr. Mazur que isso não acontecerá novamente. — Ele finalmente sibila as palavras.

Dou uma olhada para a cozinha, onde Lucia está sentada no balcão. Kai está de pé atrás dela, trançando seu cabelo. Ela queria que seu cabelo fosse feito como o dele e não me deixou fazer isso.

— Eu o avisarei, Brio. — Interrompo a ligação e me aproximo do meu demônio. — Onde você foi depois do café da manhã?

— Comprar flores para você.

Meus olhos se voltam para o buquê de tulipas vermelhas sobre a mesa de jantar. — E isso foi tudo?

— Talvez eu tenha tido uma pequena tarefa para fazer no caminho de volta. — Kai dá de ombros.

— Isso envolveu meus capos?

— Eu não coloquei um dedo neles, tigresa. Só pedi que abrissem bem a boca suja.

— Kai... — começo, mas meu telefone toca novamente. Uma chamada da portaria.

— Dois homens estão no portão, pedindo para entrar, Sra. Leone, — o guarda me disse. — Eles dizem que são amigos do Sr. Mazur e que têm uma entrega para ele. Tentei ligar para o Sr. Mazur, mas ele não está atendendo.

— É o guarda do portão. — Olho para Kai. — Você está esperando uma entrega?

— Sim. — Ele pega o telefone da minha mão, coloca-o entre a orelha e o ombro e volta a trançar o cabelo de Lucia. — Um cara grande e loiro? Assobiando uma música extremamente irritante?

— Sim, — responde o guarda. — E outro homem. De cabelos escuros. Parecendo muito descontente.

— Deixe-os passar.

— Seus amigos? — Eu pergunto.

— Sim. — Ele passa o braço em volta da cintura de Lucia e a coloca em seu quadril. — Vamos ver se eles trouxeram o pacote que eu pedi.

— Um pacote? — Pergunto enquanto sigo Kai pelas escadas. Lucia está segurando a camisa dele e tentando prender um de seus prendedores de cabelo azuis com um lindo laço no topo da cabeça dele. A longa trança de Kai balança de um lado para o outro em suas costas enquanto ele desce para o andar principal, a ponta da trança está amarrada pelo elástico rosa de Lucia. — E o que tem no pacote?

— Um padre.

Franzo as sobrancelhas. Um padre? Mas não há tempo para pedir uma

explicação, porque Kai já está abrindo a porta da frente. Eu o sigo até ao lado de fora, dando uma olhada nos dois homens na entrada da garagem.

Um deles está apoiado no capô de um SUV batido com os braços cruzados sobre o peito. Ele está vestido com uma calça cargo cinza-escura e uma camiseta preta. Cada centímetro visível de sua pele, exceto o rosto e o pescoço, está coberto de tinta. Seu cabelo é de um tom pálido de loiro.

O outro homem está vestindo um terno preto sob medida que se ajusta à sua grande estrutura como uma luva. Seu rosto está com uma expressão sombria enquanto ele tamborila os dedos no teto de seu sedã preto.

— Eu não esperava por você, — diz Kai, olhando para o cara carrancudo.

— Albert chantageou Az para que ele me ajudasse, — diz o loiro. — Ele deve muitos favores ao velho morcego.

— Quem é Albert? — pergunta Kai.

— É o Felix. Não pergunte, — responde o moreno, Az, enquanto clica no pequeno controle remoto em sua mão. — Podemos acabar logo com isso? Tenho outras coisas para fazer em Boston.

Ele se dirige ao carro e se inclina sobre o porta-malas. Sons estranhos surgem do interior do veículo.

— Silêncio, — ele diz, e então puxa um homem do espaço de carga.

As mãos do homem estão amarradas à sua frente e há uma mordaça em sua boca. Ele se contorce no aperto de Az enquanto é arrastado e depois depositado alguns metros diante de Kai. — Essa é a minha contribuição.

— Eu tenho dois! — O homem loiro sorri e abre a porta traseira de seu SUV. — E esses estão até vestidos para a ocasião.

Ele puxa um homem em uma longa túnica preta, amarrado e amordaçado também, e depois outro em circunstâncias semelhantes, mas esse está vestido com uma veste branca adornada com intrincados detalhes dourados.

— Você não foi específico em seu pedido. — O loiro feliz sorri como uma criança no Natal enquanto puxa os dois homens em nossa direção. — Então, consegui para vocês um ortodoxo e um católico. O de Az é protestante. Agora você tem um de cada. Faça sua escolha.

— Puta que pariu. — Kai suspira ao meu lado e aperta a ponte de seu nariz. — Isso não é um padre, Belov.

— O quê?

— Este aqui... — Kai gesticulou para o primeiro cara que saiu do SUV de túnica preta... — Ele é um maldito JUIZ!

— Ah? Então ele não pode realizar um casamento? Que merda. Eu vou dispensá-lo e lhe arranjar um novo.

— Um casamento? — Pergunto, confusa. — Que casamento?

— Esta é a noiva? — Belov aponta seu dedo para mim. — Ela parece ser uma boa pessoa. O que diabos a fez querer se casar com um filho da puta como você?

— Kai? O que está acontecendo? — Eu pergunto.

Ele olha para mim, seus olhos se fixam nos meus. — Nós vamos nos casar.

Meus pulmões param de receber ar. Olho fixamente para o meu demônio e meu coração incha até dobrar e depois triplicar de tamanho. — Vamos?

— Você nem sequer perguntou à pobre coitada se ela quer se casar com você? — desafia o amigo loiro.

— Cale a boca, Belov, — Kai vocifera, seu olhar nunca deixando o meu. — Você é minha razão de viver, tigresa. E, nesta vida, não preciso de uma assinatura ou de uma cerimônia para confirmar que você é minha. Você é. E eu sou seu, em cada célula do meu corpo. Até meu último suspiro. E mesmo quando eu morrer, em qualquer vida após a morte que me aguarde. — Ele segura minha bochecha com a palma da mão e inclina a cabeça de modo que nossos narizes quase se tocam. — Mas eu quero fazer isso direito.

— Então você teve três padres sequestrados? — Eu me engasgo, tentando conter as lágrimas.

— Apenas dois, aparentemente. E um juiz. Quer se casar comigo, tigresa?

Enfio meus dedos em seu cabelo e o beijo de volta. — Todos os dias da minha vida.

— Mamãe. Papai, — diz Lucia, abraçada a Kai. — Posso comer biscoitos e ketchup no almoço?

— Sim, — sussurramos Kai e eu nos lábios um do outro.

— Você tem uma filha? E a deixa comer biscoitos no almoço? — A voz do amigo feliz nos interrompe. — Isso não é nada saudável.

— Vou contar até três, Belov, — diz Kai enquanto continua atacando minha boca. — Se você ainda estiver aí quando eu terminar, vou estrangulá-lo.

— Filho da puta ingrato, — murmura Belov. — Da próxima vez que precisar de uma boa seleção de padres, chame outra pessoa. E que porra é essa de merda em seu cabelo?

Kai

O homem esguio em uma longa túnica preta olha ao redor do espaçoso escritório, seus olhos voam freneticamente pelo local como se estivesse procurando uma saída. Ele finalmente percebe que não há escapatória e que não há ninguém por perto para ajudá-lo, então volta seu olhar para mim.

— Eu nunca realizei uma cerimônia de casamento antes, — ele gagueja, puxando a gola da camisa que veste por baixo.

— Então, é melhor que você seja incrível em improvisar, — eu digo e puxo minha garota para perto de mim. — Qual deles você prefere que seja o primeiro, querida? Ortodoxo, protestante ou o juiz.

— Hum... Não tenho preferência. — Nera se levanta na ponta dos pés e sussurra em meu ouvido. — Talvez você deva desamarrá-los primeiro. Eles parecem um pouco assustados.

Olho para os três homens que estão do outro lado da mesa da sala de reuniões. O juiz ainda está puxando o colarinho e suas mãos estão tremendo. O sacerdote ortodoxo - um homem mais velho em uma túnica branca - tem as costas retas e está tentando fingir compostura, mas o suor está escorrendo de sua testa aos montes. E então, com o cabelo bagunçado e os óculos desalinhados no nariz, o padre protestante de vinte e poucos anos parece estar pronto para vomitar. Seu rosto está tão pálido que parece verde.

— Eles vão se virar como estão por mais alguns minutos, — eu digo e aceno para os três homens. — Vamos pedir que os três façam isso juntos, ao mesmo tempo.

— Ao mesmo tempo? — engasga-se o cara de cara verde. — Mas... temos rituais diferentes. Os votos são diferentes. E quanto a...

— Eu sou a porra de um juiz! — grita o homem de roupa preta, jogando as mãos amarradas para o alto. — Vou colocar todos vocês, lunáticos, na cadeia!

— Adoro casamentos, — diz Sergei à minha direita. — Eu deveria ter trazido lanches.

— Belov, — eu aviso, mas o idiota continua a divagar enquanto o juiz continua a gritar sobre algemas e sentenças de prisão perpétua. Eu não deveria ter deixado o russo maluco ficar, mas ele insistiu que eu precisava de um padrinho.

— Sabe, eu só tive um padre em meu casamento, — diz ele. — Três o tornam muito mais alegre. Quando vocês terminarem aqui, vou levá-los a Chicago para que eles casem a mim e a minha esposa novamente. Angelina vai adorar...

Do outro lado da mesa, o juiz ainda está gritando ameaças, apontando o dedo para mim. O padre ortodoxo está agitado ao lado dele, com os olhos voltados para o teto, murmurando uma oração enquanto tenta desamarrar suas mãos. Entre eles, o cara de cara verde está hiperventilando; mais um minuto e ele vai desmaiar. Alguns dos homens de Rafael estão apontando suas armas semiautomáticas para os clérigos e o juiz, gritando para que se acalmem.

— ...Talvez eu consiga encontrar um padre católico de verdade no caminho para casa? Se não conseguir, o juiz terá de me atender, — continua Sergei. — Você acha que minha esposa notaria a diferença?

Tiro a arma do cós da minha calça. Coloquei-a lá depois que levei Lucia para o quarto de Zara, deixando minha filhinha longe da maldita conversa de merda incessante de Belov. *Será que a esposa dele notaria a diferença se eu atirasse nesse idiota?* Respiro fundo.

A lâmpada do teto aqui é muito menor do que a do lustre do cassino, mas serve ao seu propósito. Aponto para o ponto em que a corrente se conecta ao teto e disparo. Um estrondo alto explode dentro da sala. Quase que instantaneamente, a luminária cai no chão, bem entre os homens de Rafael e nossos convidados involuntários.

— Vocês três vão começar a cerimônia agora. Você... — aponto a arma para o sacerdote ortodoxo — ...será o primeiro.

Ele acena rapidamente com a cabeça.

Mudo minha mira para o protestante. — Você vai repetir depois dele.

O cara de cara verde engole e acena com a cabeça também.

— E o senhor... — aponto duas vezes minha arma para o juiz — ...se certificará de segui-los rapidamente. Estou sendo claro?

Todos os três acenam com a cabeça como se fossem um daqueles bonecos com a cabeça segura por uma mola.

— Ótimo. — Coloco a arma sobre a mesa e me viro, pegando a mão de Nera com a minha.

— *Bem-aventurado é todo aquele que teme ao Senhor...*

Olho fixamente nos olhos de minha tigresa enquanto o primeiro padre fala, seguido por seu colega protestante e depois pelo juiz, mas ignoro as palavras que estão sendo ditas. As palavras não passam de estrelas distantes - seu brilho é ofuscado por coisas muito mais brilhantes. Não me importo com as palavras nem com a cerimônia. A única coisa que importa é esse amor enorme e indescritível que sinto pela mulher à minha frente e o olhar em seus olhos que diz que ela sente o mesmo.

— *...Bendito seja o Reino do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo...* hum... — O padre limpa a garganta. — ...Preciso da Bíblia para essa parte.

Sem quebrar nosso olhar fixo, empurro a arma que deixei sobre a mesa em direção ao padre. — Essa é a minha Bíblia. Prossiga.

— Hum... sim. Então... *E do Filho, e do Espírito Santo, agora e sempre, e até aos séculos dos séculos...*

— Você não pode nos casar com uma arma, — sussurra Nera enquanto o padre

se volta para o leste, levantando a arma da mesma forma que faria com a Sagrada Escritura.

— Não sei muito sobre votos matrimoniais, tigresa, mas sei que eles mencionam amar, valorizar e manter seu parceiro seguro. Nos bons e nos maus momentos. Não vou jurá-lo sobre um monte de papéis velhos. Eu lhe darei meu juramento sobre a arma que tirará a vida de qualquer um que pense em fazer mal a você ou à nossa filha. — Levanto sua mão até meus lábios e beijo as pontas de seus dedos. — Eu sou seu. E você é minha.

— Sou sua, — ela sussurra de volta, com os olhos brilhando. — E você é meu, Kai.

— *...uni-os, porque por Ti a mulher é unida ao marido. Unam-nos...*

Pegando o bolso de minha calça, retiro um par de anéis de ouro branco. Comprei-os esta manhã enquanto meu amigo florista estava despolinizando as tulipas.

— Você poderia ser minha esposa, tigresa?

— Sempre, demônio.

Coloco a menor das duas alianças em seu dedo e observo, sem fôlego, enquanto ela coloca a outra no meu. Em seguida, agarro minha esposa pela cintura e bato minha boca na dela.

— *Amém*, — dizem as três vozes em uníssono.

Palmas barulhentas enchem a sala, mas são subitamente interrompidas pelo som de algo grande batendo no chão.

— Porra, Mazur, — Sergei exclama. — Seu padre número três acabou de desmaiar!

Nera

— Ele está realmente levando-os com ele? — pergunto, observando o amigo de cabelos loiros de Kai tentando enfiar o pobre juiz no porta-malas de seu SUV. Os dois padres estão sentados amarrados e amordaçados no banco de trás.

— Parece que sim, — responde Kai.

Belov fecha o porta-malas e, assobiando alegremente, pega o volante. Duas rápidas buzinadas e ele dá partida, indo em direção ao portão. Kai aperta sua mão em minha cintura. — Devemos ir consumar o casamento imediatamente ou checar nosso prisioneiro primeiro?

Que merda. Eu me esqueci completamente de Armando. — Talvez devêssemos...

Não consigo terminar a frase porque Kai me empurra para trás e saca sua arma. Olhando ao redor dele, percebo um carro preto e elegante avançando pela nossa entrada.

— Quem diabos deixou aquele veículo passar pelo portão? — Kai grita.

O carro para a uns doze metros dos degraus de pedra. A porta do motorista se abre e um homem sai. Demoro um pouco para reconhecê-lo sem o uniforme da prisão. Ele está usando um elegante terno cinza e uma camisa branca perfeitamente passada por baixo, exatamente como estava na noite em que a polícia o levou para fora de nossa casa. Mas essa é a única semelhança com aquele homem de vinte anos de idade de tanto tempo atrás.

— Olá, mana. — Massimo me fixa com seu olhar.

— Está tudo bem. — Peguei o pulso de Kai e abaixei sua mão. Somente quando ele guardou a arma é que voltei a encarar meu meio-irmão. — Massimo, eu não esperava ver você fora por mais alguns meses.

— Eu também não. Mas parece que alguém importante mexeu uns pauzinhos e conseguiu que eu fosse liberado mais cedo. — Massimo sobe as escadas e para na nossa frente. — Espero que não se importe.

— Acho que vou comemorar este dia como meu segundo aniversário, — eu digo. — Eu cumpri minha parte do acordo. Você vai cumprir a sua?

Um brilho ameaçador brilha nos olhos de Massimo enquanto ele me sonda com seu olhar implacável. Em seguida, ele muda seu foco para Kai. Ele olha para o meu demônio como se estivesse avaliando o nível de ameaça potencial e sua atenção recai sobre nossas mãos unidas. As sobrancelhas de Massimo se erguem levemente.

— Sim, — ele diz quando seus olhos encontram os meus novamente. — Você está isenta de quaisquer outras obrigações com a Cosa Nostra. Vou me certificar de que todos na Família sejam informados.

— Não é bom o suficiente, Massimo. Quero uma declaração por escrito de que não sou mais considerada parte da família. E quero a assinatura de todos os capos no final.

— Você quer que a Cosa Nostra a renegue oficialmente? Isso nunca foi feito, Nera. Não em Boston, pelo menos.

— Não me importo. Você me prometeu liberdade total. Não vou me contentar com nada menos que isso.

Massimo cruza os braços no peito - a ação ameaça romper as costuras do paletó do terno por causa dos bíceps protuberantes - e estreita os olhos para mim. Ele não gosta de minhas condições, mas não se atreverá a quebrar sua palavra.

— Tudo bem, — ele diz.

O fardo que tem me esmagado nos últimos quatro anos se dissolve e desaparece com minha próxima respiração. Finalmente estou livre.

— Você vai ficar aqui ou voltar para a casa de Nuncio? — ele pergunta.

— Não vou ficar aqui nem um segundo a mais do que o necessário. E você pode ficar com a casa do meu pai, se quiser. — Aperto a mão de Kai. — Minha família tem planos diferentes.

— Tudo bem. Vou transferir a quantia referente ao valor da casa para sua conta. Pode me dizer para onde irá?

— Talvez, — eu digo. Não será fácil perdoá-lo pelo que ele me obrigou a fazer.

— Muito bem. Vamos ver Armando agora e encerrar tudo. Pelo que ouvi, você estava muito ocupada para interrogá-lo.

Não me preocupo em perguntar como ele sabe sobre Armando. Mesmo preso, Massimo sempre teve uma maneira de estar bem ciente de tudo. Eu me viro para entrar, mas a mão de Kai escorrega da minha. Olho por cima do ombro e vejo Kai em pé na frente de Massimo, com a mão enrolada na garganta de meu meio-irmão.

— A única razão pela qual você não está sangrando nesse limiar é porque, por uma razão que não consigo entender, minha esposa ainda se importa com você. Mesmo depois de tudo que ela teve de suportar enquanto você estava preso. — Sua voz é baixa e ameaçadora. — Tome cuidado, porque se isso mudar, eu vou encontrá-lo e arrancar sua garganta.

Os cantos dos lábios de Massimo se curvam para cima.

— Vejo que você escolheu o homem certo, irmã. Acho que não precisarei mais me preocupar com você. — Ele pega o pulso de Kai e afasta sua mão. — Vamos ver Armando.

Quando chegamos ao porão, o cheiro de urina e outros fluidos corporais me atinge como um martelo. Pressiono a palma da mão sobre a boca e o nariz e dou uma olhada por trás das costas de Kai. O capo está deitado de lado, com os membros em ângulos não naturais em relação ao corpo. Seus olhos estão abertos, mas vazios, olhando para o nada. O que parece ser espuma branca está espalhado

ao redor de sua boca e deslizou para o chão ao redor de sua cabeça.

— Morto? — Eu pergunto.

— Sim. — Kai se agacha ao lado do corpo e pressiona a palma da mão no rosto branco e fantasmagórico de Armando. — Frio. Considerando a temperatura desta sala e o fato de que o rigor mortis ainda está presente, ele foi morto durante a noite. — Ele inclina a cabeça de Armando para cima, observando a espuma ao redor de sua boca. — Envenenamento. Cianeto, provavelmente.

— Não foi você? — Massimo pergunta enquanto se aproxima de Kai.

— A morte por ingestão de cianeto não é muito agradável, mas é muito mais rápida do que o que eu tinha planejado para o filho da puta. Alguém entrou sorrateiramente ontem à noite e o matou para que ele não falasse. — Kai se levanta e encara meu meio-irmão. — Partiremos em uma hora. Essa merda agora é sua, e você vai resolver isso bem rápido. Se eu perceber um mínimo resmungo de que alguém da Cosa Nostra mencionou o nome da minha esposa, de alguma forma, você estará morto.

— Este é um assunto de família, — vocifera Massimo, com os olhos voltados para o corpo. — Assim que for anunciado que Nera não é mais membro e que eu assumi o controle, quem quer que a quisesse fora de cena mudará sua atenção para mim.

— Perfeito. — Kai pega minha mão. — Vamos arrumar as coisas de Lucia e as suas, querida.

* * *

— Podemos ter patos em nossa nova casa? — Lucia chilreia em meus braços.

— Sim, — diz Kai enquanto coloca a última mala no porta-malas. Quero deixar esse lugar horrível o mais rápido possível, por isso só coloquei na mala as minhas roupas e as de Lucia e alguns brinquedos. Alguém pode nos enviar o resto de nossas coisas mais tarde.

— E os porcos? Eu adoro porcos!

Meu demônio me lança um olhar preocupado. Eu apenas sorrio e dou de ombros.

— Se for preciso, — ele diz e se aproxima para tirar Lucia de mim. — Onde está sua irmã?

— Ela provavelmente ainda está fazendo as malas, — eu digo, virando-me para olhar a porta da frente no momento em que Zara sai. Massimo está logo atrás dela, carregando suas malas. — Está pronta para ir, Zara?

— Sim, — ela diz, mas não faz nenhum movimento para se aproximar de nós. Seus olhos estão voltados para baixo, para o chão a seus pés.

Massimo a contorna e desce os degraus de pedra, mas em vez de levar as coisas da minha irmã para o carro de Kai, ele se aproxima do seu próprio veículo e abre o porta-malas.

— O que está acontecendo? — Pergunto, olhando para minha irmã e meu meio-irmão, que agora está segurando a porta do passageiro aberta.

— Zahara, — diz Massimo em uma voz suave, tão incomum para ele.

Zara olha para cima, encontrando sua expressão enigmática. Por quase um minuto inteiro, eles se olham fixamente, tendo uma conversa particular com os olhos, antes que minha irmã finalmente se volte para mim. Sua expressão é cautelosa e uma sensação de desconforto se apodera de mim enquanto tento decifrar o motivo da culpa que está estampada em seu rosto.

— Sinto muito, Nera, — diz ela. — Mas decidi ir embora com Massimo.

O quê?

Choque. Confusão. Descrença.

— Eu não entendo. — Ainda estou tentando processar suas palavras enquanto elas pairam no ar.

Zara desce lentamente os degraus e se coloca diante de mim. Ela inclina a cabeça para o lado, com um pequeno sorriso nos lábios.

— Estou muito feliz por você, Nera. Você finalmente encontrou sua paz e alegria. — Ela me envolve com os braços, enterra o nariz em meus cabelos e sussurra. — Agora, vou tentar encontrar a minha também.

— Mas... Zara...

Ela dá um passo para trás, soltando-me de seu abraço. — Tenho que ir agora, mas ligarei para você amanhã. Ok?

— Tudo bem, — digo, olhando para as costas da minha irmã enquanto ela caminha em direção ao carro de Massimo e entra nele.

Nosso meio-irmão desliza para o banco do motorista. O cascalho estala sob os pneus do veículo quando ele dá ré e acelera na direção do portão. Dez segundos depois, o carro desaparece de vista.

Eles se foram.

Minha irmã acabou de sair com nosso meio-irmão, que ela nem conhece. Ela mal tinha quatro anos quando ele foi preso.

Que diabos está acontecendo?

Epílogo

Um mês depois

Nera

Meus pulsos se esticam contra o tecido escarlate liso, preso firmemente à coluna da cama, enquanto as mãos ásperas de Kai deslizam sobre meu peito nu. Sinto cada cume e calo em suas palmas enquanto elas exploram meu corpo, acariciando cada centímetro de minha pele.

— Eu a amarrei muito apertado? — ele pergunta enquanto se inclina para lamber meu mamilo.

Balanço a cabeça. Quando trouxe o lenço e pedi que ele amarrasse minhas mãos, ele disse não. Foram dez minutos de persuasão, que envolveram minha língua e seu pau, até que ele cedeu.

— Tenho que admitir, — diz ele enquanto continua a exploração, seus dedos traçando padrões delicados ao longo do meu abdômen. — Adoro ver você amarrada à nossa cama. À minha mercê.

Suas mãos se movem para baixo, acariciando a curva do meu quadril, deixando um rastro de calor. Eu ofego quando seus dedos mergulham entre minhas coxas, provocando-me. Minha respiração fica presa na garganta à medida que a expectativa aumenta. Cada toque, cada carícia suave, acende um fogo dentro de mim que só ele pode saciar.

— Você é tão linda, tigresa, — diz ele enquanto introduz dois dedos em mim. —

Especialmente quando fica excitada só com o meu dedo.

Ele me observa atentamente, com os olhos cheios de fome. A cada toque de seu polegar em meu clitóris, ele me leva ainda mais ao limite. Ele se aprofunda, incendiando meu corpo com um calor escaldante que ameaça me consumir por completo. Ele me conhece tão bem, capaz de me desvendar com o mais leve toque de seus dedos. Arqueio as costas, oferecendo-me completamente a ele, desejando mais de seu toque, enquanto os lençóis de cetim sob nós farfalham a cada movimento.

— Por favor, — ofego.

Ele sorri e retira a mão, deixando-me vazia e ansiosa. Um gemido abafado escapa de meus lábios com a perda, mas antes que eu possa pronunciar uma única palavra, ele rapidamente me vira de barriga para baixo. As amarras de seda ao redor de meus pulsos se apertam, mantendo-me firmemente no lugar.

Por trás, ele se posiciona entre as minhas pernas, de modo que sua dureza pressiona contra a umidade que cobre minhas coxas. Sinto seu hálito quente em minha nuca.

— Minha. — Com um impulso vigoroso, ele mergulha profundamente dentro de mim, enchendo-me completamente. Um grito escapa de meus lábios, abafado pelo travesseiro macio sob meu rosto.

Ele agarra meus quadris com mais força, com os dedos cravados na minha carne, enquanto me penetra sem parar. A cada investida poderosa, ele atinge um ponto profundo dentro de mim que provoca ondas de prazer que se espalham por todo o meu ser. Eu me agarro a ele, desesperada pela liberação, meu corpo tremendo de ansiedade. As investidas de Kai se tornam mais urgentes. Ele me reivindica como sua, marcando-me com cada investida forte de seu pau. Sua mão se aproxima e encontra o caminho para o meu clitóris latejante, seus dedos habilmente provocando e acariciando ao mesmo tempo que suas investidas febris. A dupla sensação me domina, levando-me ao limite da sanidade.

Minhas unhas cravam no tecido embaixo de mim enquanto eu gemo, ao mesmo tempo em que ele explode dentro de mim.

O peito de Kai sobe e desce contra minhas costas, nossos corpos pressionados juntos em um emaranhado de membros. Ele desamarra meus pulsos e caímos sobre os lençóis de cetim. O cheiro de suor e sexo paira no ar.

— Você acha que Lucia nos ouviu? — Eu ofego.

— Depois de uma manhã inteira perseguindo os patinhos, ela estará dormindo por pelo menos mais uma hora. Não se preocupe. Temos tempo para outra rodada. — Ele abraça meu corpo com o seu e me beija. — Mas tenho que lhe perguntar uma coisa primeiro.

— O quê? — Murmuro em seus lábios.

— Você quer se casar comigo?

Eu me inclino para trás e arqueio uma sobrancelha. — Nós já somos casados.

— Tenho quase certeza de que nossa cerimônia não foi tecnicamente legal.

— Achei que você não se importava com papéis e palavras.

— Eu também achava isso. — Ele pega meu queixo entre os dedos. Há muita ternura em seu olhar quando ele se conecta com o meu. — Mas não consigo lidar com a ideia de você não ser minha de todas as formas possíveis. Incluindo as bobagens legais. Então, você aceita? Casar comigo? De novo?

Eu ri. — Sim.

— Ótimo. — Ele me puxa para outro beijo, depois nos rola até que eu esteja sobre ele. — Hora da quarta rodada... Você ouviu isso?

— Não. O quê?

— Um carro acabou de parar. — Kai pula da cama e se dirige à sua arma que está na prateleira, onde Lucia não pode vê-la ou alcançá-la, e então sai para a varanda.

— Jesus Cristo, Mazur! Coloque algo sobre você, seu exibicionista de merda. — A voz masculina vem do lado de fora.

— Eu lhe disse - amanhã! — Kai sussurra por cima da grade. — Você não pode fazer o que lhe foi dito pelo menos uma vez, Belov?

— Desculpe, estou ocupado amanhã. Teremos que casá-lo novamente hoje!

Enrolo o lençol ao meu redor e corro para a varanda. O amigo de Kai, o loiro alegre, está parado na entrada da garagem, segurando um homem amarrado no ombro.

— Está vendo? — ele diz e dá um tapinha nas costas do rapaz. — Já tenho seu oficial de casamento pronto.

— Por que ele está amarrado? — Kai pergunta entre os dentes. — Eu lhe disse que quero um casamento de verdade, seu idiota.

— Oh, não se preocupe. Eu me certifiquei de que, desta vez, seu traseiro socialmente desajeitado realmente se casará de acordo com as regras. O juiz de paz, as testemunhas, os convidados - eu tenho tudo o que você precisa.

— Que convidados? — Kai responde. — Eu não convidei ninguém.

— Eu sei. Mas, como eu disse, também tenho tudo o que você precisa para isso. — Belov sorri e coloca dois dedos entre os lábios, fazendo um assobio alto.

Ao longe, o barulho de um veículo ganha vida e, um minuto depois, um grande ônibus azul contorna lentamente a curva e para atrás do SUV de Sergei. Pelo menos trinta pessoas visivelmente alarmadas e com roupas elegantes estão sentadas lá dentro.

— Seus convidados. — O amigo de Kai faz uma reverência teatral, fazendo um sinal com a mão em direção ao ônibus.

— Querido? — Eu cutuco Kai com meu cotovelo. — Isso é o que eu acho que é?

— Sim. Aquele maníaco sequestrou o casamento inteiro de alguém para nós. —

Ele se vira e me pega em seus braços. — Sinto muito. Eu realmente queria fazer tudo certo desta vez. Podemos mandar aquele idiota embora e fazer um casamento normal ainda esta semana.

Passei meus dedos pelos longos cabelos negros que caem sobre seu rosto. O homem dos meus sonhos. Meu demônio. O amor da minha vida. — Seria uma pena deixar passar uma oportunidade tão boa. Especialmente considerando o grande esforço que seu amigo fez para nos trazer convidados e tudo mais. — Sorrio e encosto meus lábios nos dele.

— Tudo bem, — ele murmura em minha boca. — Mas ainda vamos fazer um casamento legal de verdade na próxima semana.

— A terceira vez é de vez? — Eu ri.

— Sim, aquele imbecil lá embaixo se casou com sua esposa novamente, usando nossos padres e o juiz. De jeito nenhum vou deixar que o maldito Belov tenha mais casamentos do que nós, tigresa.

Fim

O que vem a seguir?

Por favor, não fiquem bravos comigo. Sei que muitos leitores estão aguardando ansiosamente a história de Arturo e Tara, e ela está chegando. Em breve. ☺ Ela será lançada como o livro nº 11 da série Perfectly Imperfect no final de 2024. No entanto, o próximo livro contará com Massimo e Zara.

Eu nunca planejei esse casal, mas desde o momento em que esses dois se encontraram ‘na página’ no funeral de Nuncio, a história deles invadiu minha mente, implorando para ser escrita. Ela apresentará um romance proibido (ou seja, com irmãos adotivos) e com diferença de idade. O título desse próximo livro é *Sweet Prison (Doce prisão)*.

Além disso, como muitos dos meus leitores têm pedido um spin-off com os filhos dos personagens de Perfectly Imperfect, tenho o prazer de anunciar que a série de **segunda** geração - ***Mafia Legacy*** - está em andamento! Sou muito grata por todo o amor e apoio que vocês demonstraram por minhas histórias, e essa é a minha maneira de dizer ‘Obrigada’. O primeiro livro da série Mafia Legacy tem o título de *Beautiful Beast* e será lançado neste verão. *Beautiful Beast* é uma releitura livre do conto de fadas *A Bela e a Fera*. Essa história para dormir, no entanto, incluirá um sequestro e um romance com diferença de idade entre Vasilisa Petrova (filha de Roman e Nina de ***Painted Scars***) e Rafael De Santi (o siciliano, que aparece em *Darkest Sins*).

Notas

[←1]

Esclarecimento. New York (original) se traduz para Nova Iorque. No entanto, existe um hábito de se usar ‘Nova York’ uma mistura de nome metade traduzido e metade original. Nas nossas traduções tentamos optar por usar o nome traduzido de forma correta: Nova Iorque.

[←2]

Aqui refere-se à certeza de que vai perder a sua liberdade, só não sabe quando.

[←3]

Mandioquinha-salsa, pastinaca, batata-aipo, o nome difere de região para região.

[←4]

Adesivos para suturas cutâneas.

[←5]

“The Ruminant Digestive System.” Extension at the University of Minnesota. Acessado em 15 de Dezembro de 2023. Authors: James Linn, Donald Otterby, W. Terry Howard, Randy Shaver, Michael Hutjens, and Lee Kilmer , (copiado do livro da autora nota introdutória)

[←6]

Notas de cem dólares.

[←7]

Pequenina.

[←8]

Ela quer referir-se ao retumbar dos trovões.